



TOMÁS DE KEMPIS

IMITAÇÃO
DE CRISTO



PAULUS

TOMÁS DE KEMPIS

IMITAÇÃO DE CRISTO



SUMÁRIO

Capa

Rosto

Introdução

Datação e autoria

A Devotio moderna

Destinatário da Imitação

Quem tem medo da Imitação?

Estrutura e espiritualidade

Obra esquecida?

Livro I - A VIDA ESPIRITUAL

Capítulo 1 – A imitação de Cristo e o desprezo do mundo e de todas as suas vaidades

Capítulo 2 – O humilde conhecimento de si próprio

Capítulo 3 – A doutrina da verdade

Capítulo 4 – A prudência no agir

Capítulo 5 – A leitura das Santas Escrituras

Capítulo 6 – Os afetos desordenados

Capítulo 7 – A vã esperança e a altivez das quais se há de fugir

Capítulo 8 – A excessiva familiaridade que se há de evitar

Capítulo 9 – A obediência e a sujeição

Capítulo 10 – A superfluidade de palavras, algo a evitar-se

Capítulo 11 – A paz a procurar-se e o zelo em progredir

Capítulo 12 – A utilidade da adversidade

Capítulo 13 – As tentações, a que se há de resistir

Capítulo 14 – O juízo temerário, que se há de evitar

Capítulo 15 – As obras feitas por caridade

Capítulo 16 – O sofrimento dos defeitos de outros

Capítulo 17 – A vida monástica

Capítulo 18 – Os exemplos dos santos Padres

Capítulo 19 – Os exercícios do bom religioso

Capítulo 20 – O amor da solidão e do silêncio

Capítulo 21 – A compunção do coração

Capítulo 22 – A condição da miséria humana

Capítulo 23 – A meditação da morte

Capítulo 24 – O juízo e as penas dos pecadores

Capítulo 25 – A fervorosa emenda de toda a nossa vida

Livro II - A VIDA INTERIOR

- Capítulo 1 – O convívio interior
- Capítulo 2 – A humilde submissão
- Capítulo 3 – O homem bom e pacífico
- Capítulo 4 – A mente pura e a intenção simples
- Capítulo 5 – A consideração de si mesmo
- Capítulo 6 – A alegria da boa consciência
- Capítulo 7 – O amor de Jesus sobre todas as coisas
- Capítulo 8 – A familiar amizade de Jesus
- Capítulo 9 – A privação de toda consolação
- Capítulo 10 – A gratidão pela graça de Deus
- Capítulo 11 – O pequeno número dos que amam a cruz
- Capítulo 12 – O régio caminho da santa cruz

Livro III - A CONSOLAÇÃO INTERIOR

- Capítulo 1 – O colóquio interior de Cristo com a alma fiel
- Capítulo 2 – O que a Verdade fala interiormente sem o rumor das palavras
- Capítulo 3 – As palavras de Deus hão de ouvir-se com humildade e muitos não as consideram devidamente
- Capítulo 4 – Há de se viver na humildade e na verdade diante de Deus
- Capítulo 5 – O admirável afeto do amor divino
- Capítulo 6 – A prova do verdadeiro amador
- Capítulo 7 – Há de se ocultar a graça sob a custódia da humildade
- Capítulo 8 – A vil estimação de si mesmo aos olhos de Deus
- Capítulo 9 – Há de se referir tudo a Deus como a seu último fim
- Capítulo 10 – Doce é servir a Deus, desprezando-se o mundo
- Capítulo 11 – Os desejos do coração hão de ser examinados e moderados
- Capítulo 12 – A formação da paciência e o combate contra as concupiscências
- Capítulo 13 – A obediência de um súdito humilde a exemplo de Jesus Cristo
- Capítulo 14 – Hão de considerar-se os ocultos juízos de Deus para não nos orgulharmos das virtudes
- Capítulo 15 – Como se há de conduzir alguém e de falar em toda coisa que desejar
- Capítulo 16 – O verdadeiro consolo há de procurar-se somente em Deus
- Capítulo 17 – Toda solicitude deve pôr-se em Deus
- Capítulo 18 – Hão de suportar-se com serenidade de ânimo as misérias temporais, a exemplo de Cristo

Capítulo 19 – A tolerância ante as injúrias e quem se designa como verdadeiro paciente

Capítulo 20 – A confissão da própria debilidade e as misérias desta vida

Capítulo 21 – Em Deus se há de descansar, por sobre todos os bens e dons

Capítulo 22 – A lembrança dos múltiplos benefícios de Deus

Capítulo 23 – Quatro realidades que suscitam grande paz

Capítulo 24 – Evitar a curiosa inquirição da vida alheia

Capítulo 25 – Em que consiste a sólida paz do coração e o verdadeiro aproveitamento

Capítulo 26 – A eminência da mente livre, que a súplice oração merece mais do que a leitura

Capítulo 27 – O amor-próprio impede grandemente que se chegue ao Sumo Bem

Capítulo 28 – Contra as línguas dos detratores

Capítulo 29 – De que modo deve ser invocado Deus ao sobrevir a tribulação

Capítulo 30 – O divino auxílio, que se há de pedir, e a confiança em recuperar a graça

Capítulo 31 – A negligência ante toda criatura para que se possa encontrar o Criador

Capítulo 32 – A abnegação de si mesmo e a abdicação de todo desejo

Capítulo 33 – A instabilidade do coração e a intenção final que a Deus se há de dirigir

Capítulo 34 – Para quem O ama, Deus é mais saboroso do que tudo e dentre tudo

Capítulo 35 – Não há segurança ante a tentação nesta vida

Capítulo 36 – Contra os vãos juízos dos homens

Capítulo 37 – A pura e íntegra renúncia de si para obter a liberdade de coração

Capítulo 38 – A boa maneira de conduzir-se nas realidades exteriores e o recurso a Deus nos perigos

Capítulo 39 – Não se importune o homem em seus afazeres

Capítulo 40 – O homem não tem de si mesmo nada de bom e em nada há de gloriar-se

Capítulo 41 – O desprezo de toda honra temporal

Capítulo 42 – A paz não há de depender dos homens

Capítulo 43 – Contra a ciência vã e mundana

Capítulo 44 – Não se hão de arrastar as coisas exteriores

Capítulo 45 – Não se há de dar crédito a todos e como se cai facilmente por palavras

Capítulo 46 – A confiança que se há de ter em Deus quando irrompem os dardos das palavras

Capítulo 47 – Todas as penas se hão de tolerar pela vida eterna

Capítulo 48 – O dia da eternidade e as angústias desta vida

Capítulo 49 – O desejo da vida eterna e quantos prêmios se prometeram aos que lutam

Capítulo 50 – Como o homem desolado deve entregar-se nas mãos de Deus

Capítulo 51 – A obras humildes se há de dedicar o homem quando não é capaz das elevadas

Capítulo 52 – O homem não se estime digno de consolação, mas sim de flagelos

Capítulo 53 – A graça não se une aos que gostam do que é terreno

Capítulo 54 – Os diversos movimentos da natureza e da graça

Capítulo 55 – A corrupção da natureza e a eficácia da graça divina

Capítulo 56 – Devemos negar-nos a nós mesmos e imitar a Cristo pela cruz

Capítulo 57 – Não se abata demais o homem quando resvala em alguns defeitos

Capítulo 58 – Não se hão de perscrutar as realidades mais altas, nem os ocultos juízos de Deus

Capítulo 59 – Toda esperança e confiança hão de pôr-se em Deus somente

Livro IV - EXORTAÇÃO DEVOTA À SAGRADA COMUNHÃO DO CORPO DE CRISTO

Proêmio

Capítulo 1 – Com quanta devoção se há de receber o Cristo

Capítulo 2 – A grande caridade e a bondade de Deus manifestam-se ao homem no Sacramento

Capítulo 3 – É útil comungar com frequência

Capítulo 4 – Muitos bens se concedem aos que comungam devotamente

Capítulo 5 – A dignidade do Sacramento e o estado sacerdotal

Capítulo 6 – Interrogação sobre um exercício preparatório antes da comunhão

Capítulo 7 – O exame da própria consciência e o propósito de emenda

Capítulo 8 – A oblação de Cristo na cruz e a própria resignação

Capítulo 9 – Devemos oferecer-nos a Deus com tudo o que é nosso e por todos orar

Capítulo 10 – Não se deve deixar facilmente a sagrada comunhão

Capítulo 11 – O Corpo de Cristo e a Sagrada Escritura são necessários à alma fiel

Capítulo 12 – Com grande diligência se deve preparar quem vai receber o Cristo na comunhão

Capítulo 13 – A alma devota deve almejar de todo o coração unir-se a Cristo no Sacramento

Capítulo 14 – O ardente desejo de alguns devotos pelo Corpo de Cristo

Capítulo 15 – A graça da devoção adquire-se com a humildade e a abnegação de si mesmo

Capítulo 16 – Devemos manifestar a Cristo as nossas necessidades e suplicar-Lhe Sua graça

Capítulo 17 – O amor ardente e o veemente desejo de receber a Cristo

Capítulo 18 – Não seja o homem um curioso perscrutador do Sacramento, mas humilde imitador de Cristo, sujeitando seu parecer à sagrada fé

Ficha catalográfica

Notas

INTRODUÇÃO

Heres Drian de O. Freitas

Se hoje o sucesso de uma obra é indicado pela quantidade de suas edições e traduções, até o início da era moderna era-o por sua reprodução manuscrita. Quanto à *Imitação de Cristo* – doravante *Imitação* –, afirma-se, praticamente em toda introdução à obra e comentário a seu respeito, que é um dos textos mais lidos e reproduzidos da literatura cristã. Manuscritos, edições e traduções testemunham seu sucesso. A bibliografia reporta mais de 800 manuscritos, traduções foram feitas logo depois da publicação do original latino, e suas edições, em latim e em vernáculo, multiplicaram-se com o advento da imprensa.^[1]

“Obra-prima da ascese e da mística cristã”,^[2] o texto da *Imitação* tocou o coração de uma miríade de leitores em seu mais de meio milênio de existência: influenciou santos, como Teresa d’Ávila, Tomás Morus, Carlos Borromeo, Inácio de Loyola, Dimitri de Rostov, Teresa de Lisieux, Dom Bosco e outros; considerado precursor da Reforma Protestante,^[3] foi saboreado por papas, como Pio XI, João XXIII, João Paulo I, apreciado por eruditos não ligados a ambientes eclesiásticos, como Augusto Comte e Voltaire, lido por muçulmanos^[4] e hindus,^[5] e citado em romances.^[6] Com razão, o livro que o leitor tem em mãos é um clássico. E mesmo que não seja um compêndio de doutrina cristã, contém o núcleo do que é o cristianismo: seguimento humilde de Cristo. Contudo, também é verdade que a obra, além de joia da espiritualidade cristã, é objeto de um plurissecular debate, nem sempre tranquilo, quanto a seu verdadeiro autor.

Datação e autoria

Sabe-se que o primeiro livro da *Imitação*^[7] – que não nasce como a conhecemos hoje – já circulava em 1424, ano de que é datado o

mais antigo manuscrito com esse livro, e os livros 2, 3 e 4 estavam concluídos em 1427,^[8] ano de que é datado o mais antigo manuscrito com os quatro livros. Pode-se, portanto, a partir de critérios codicológicos, datá-lo, no conjunto de seus quatro livros, entre 1424-1427. Contudo, como o mais antigo manuscrito da *Imitação* não é o manuscrito original do autor, tende-se a, cautelosamente, retrair sua datação a, se não a antes, 1420-1427.

Quanto à autoria, ainda que, em geral, concorde-se que a *Imitação* seja obra de um só autor,^[9] ao longo de sua transmissão manuscrita, foram-lhe atribuídos mais de quarenta autores diferentes. Assim, um dos indicadores de seu sucesso inicial, a grande quantidade de manuscritos,^[10] tornou-se fonte problemática para a determinação do autor, de modo que se identifica a complexa tradição manuscrita com a complexa questão autoral: tanto em sua circulação como livros independentes quanto como unidade codicológica, há manuscritos em que o texto circulou como anônimo e há outros em que a atribuição da paternidade da obra, feita pelos próprios copistas, é muito variável. Além de muitos outros, já foram considerados autores da *Imitação* João Escoto Erígena, São Bernardo de Claraval, o Papa Inocêncio III, Tomás Gallo, Davi de Augsburgo, São Boaventura, Ubertino de Casal, Pedro de Corbario, Ludolfo de Saxônia, Henrique Eger, Walter Hilton.

No início do século XVII, teve início uma disputa acerca do verdadeiro autor da *Imitação*. Uma polêmica que, ora mais ora menos inflamada – e não raramente carregada de sentimentos nacionalistas –, chegou a ser motivo de processos judiciais em Paris.^[11] A disputa chegou até nossos dias, mas atualmente se encontra reduzida a três personagens:^[12] Giovanni Gersen,^[13] Jean Gerson^[14] e Tomás Kempis.^[15]

Giovanni Gersen seria um abade (1220-1250) beneditino de Verceli.^[16] Quase trinta manuscritos atribuem a ele a autoria da *Imitação*. O problema para essa atribuição parece estar na dificuldade de demonstração da historicidade do personagem, apoiada em documentação não muito consistente. Além disso, considerando-se o sucesso da obra – a menos que se tratasse de uma

composição extemporânea e, por isso, esquecida, o que soa estranho –, é incomum a ausência, por quase dois séculos, de manuscritos. Talvez Gersen seja grafia errônea de Gerson.^[17]

Alguns manuscritos trazem Jean Charlier Gerson (1363-1429) como autor da *Imitação*. Gerson foi chanceler da Universidade de Paris e gozava de boa fama como autor espiritual. Mas a *Imitação* não consta na lista de suas obras autênticas – nem na que ele mesmo fez nem na que fez seu irmão – e seu estilo parece não condizer com o destas últimas. Além disso, por que um autor renomado publicaria um texto que faria circular inicialmente como anônimo?

Tomás Hemerken (1379/1380-1469/ 1471), a quem grande número de manuscritos atribui a paternidade da obra, é conhecido pelo nome da cidade onde nasceu, Kempen – *Kempis*, na forma latina – (hoje na Alemanha). Estudou com os Irmãos da Vida Comum, em Deventer (Holanda), e tornou-se cônego no priorado de Agnietenberg (monte Santa Agnes, ou Inês, perto da cidade de Zwolle, pertencente à Congregação de Windesheim). Aí fez seus votos (1406), foi ordenado sacerdote (1413/1414) e foi mestre de noviços, copista e escritor.^[18]

Os estudos históricos de J. Huijben e P. Debongnie e os codicológicos de L. M. J. Délaissé – que se dedicou a um manuscrito autógrafo datado de 1441^[19] – convencem muitos imitacionistas quanto à paternidade kempista da obra. Contudo, permanece sem esclarecimento satisfatório a razão de o texto ter circulado anonimamente antes do autógrafo: por que Kempis assumiria a autoria da obra somente num manuscrito com os quatro livros e cerca de vinte anos depois da primeira publicação do já difuso livro 1? Além disso, as edições críticas posteriores – e, por conseguinte, grande número das edições de nossos dias – não seguem a ordem dos livros adotada no autógrafo de Tomás: 1, 2, 4, 3.^[20] Há, portanto, ainda, questões a serem esclarecidas.^[21] Mesmo assim, dois dados aparentemente certos sobre o autor são extraíveis da própria obra: em colóquio com Deus, ele nos diz que é monge (III,10) e sacerdote (celebra a eucaristia: III, 3; sente o Senhor dizer-lhe que deve celebrá-la fielmente: IV, 5; e pede a Ele que lhe

conceda celebrá-la dignamente: IV, 11).^[22] Não podemos, até o momento, ir além.

Talvez o melhor que possamos fazer seja deixar aos pesquisadores a investigação acerca do autor da *Imitação*, e acolher um conselho que ele mesmo – independentemente de quem seja – nos dá: “Não te sirva de obstáculo a autoridade do escritor, [...] mas o amor da pura verdade atraia-te a ler. Não procures saber quem disse tal coisa, mas presta atenção ao que se diz” (*Imitação* I, 5), neste caso, a esta joia legada pela *Devotio moderna*.

A Devotio moderna

Iniciado por um bem educado e erudito leigo de família abastada, Geert Groote (1340-1384),^[23] de Deventer (Holanda), no final do séc. XIV, o movimento espiritual chamado *Devotio moderna*^[24] – devoção moderna, contemporânea, atual – floresceu nos Países Baixos, na Alemanha e alhures.

Ainda que tivesse benefícios eclesiásticos, Groote não levava uma vida muito virtuosa. Por volta de 1374, converte-se, abandona seus benefícios, retira-se numa cartuxa em Munnikhuizen e decide abraçar uma vida ascética, de pobreza e verdadeira devoção. Em 1377, passa um tempo com o místico e escritor Jan van Ruysbroek (1293/1294-1381),^[25] para conhecer sua concepção da vida monástica. Ordenado diácono, recebe permissão para pregar na diocese de Utrecht e, de volta a Deventer, na casa de Florens Radwijns († 1400), seu amigo e discípulo, dá início aos Irmãos da Vida Comum,^[26] grupo de leigos – homens e mulheres – e sacerdotes seculares, cujo fim último era abandonar o mundo, dedicar-se somente a Deus, preparar-se para a vida eterna. Os Irmãos da Vida Comum distinguiram-se das demais ordens regulares pelo fato de não terem votos oficiais e suas comunidades não terem, inicialmente, a organização dos mosteiros de então.

Florens Radwijns, após a morte de Groote – devido à peste negra –, dá continuidade à obra iniciada por este último e estabelece a “Congregação dos Cônegos Regulares de Windesheim”, sob a Regra de Santo Agostinho. Irmãos e Cônegos levavam uma vida de estilo

mais contemplativo, em comunidades centradas na oração e na piedade individuais, na ascese interior. Essas comunidades tornaram-se influentes centros de promoção de reforma monástica e de forte espiritualidade, difundidas por seu próprio modo de vida, como também, principalmente, por antologias – conhecidas como *Rapiaria* ou *Collectaria* – das Escrituras e de textos espirituais vários, bem como por obras de seus próprios membros, normalmente em vernáculo. Suas comunidades parecem ter tido *bons scriptoria*^[27] e escolas.

A promoção da reforma monástica, e do meio eclesiástico em geral, era intencional e clara – e necessária –, pois, não só naquela região,^[28] instituições eclesiásticas manifestavam decadência moral. A pobreza do movimento, de poucas posses e em comum, e a simplicidade de seus edifícios, bem como sua pregação, opunham-se à riqueza de mosteiros, abadias, conventos, dioceses... Seu modo de vida atraía leigos e sacerdotes seculares, normalmente pobres e de modesta ou nenhuma erudição, para os quais a produção literária – direta ou fruto de pregações – do movimento era bastante apropriada, não por adequação editorial, mas por ser, conforme seu estilo de vida, acessível a qualquer pessoa.

O acento na vida interior, na piedade e na devoção pessoal, numa recolhida relação de intimidade, portanto, entre a alma e Deus, determinavam sua vida litúrgica e, preferencialmente, excluía elementos paralitúrgicos, como procissões e peregrinações,^[29] o que explica suas poucas e simples celebrações corais. Assim, o movimento – intencionalmente – instruía e plasmava a vida cristã de gente simples, que de teologia sabia pouco, mas das discrepâncias entre a moral cristã e a do dia a dia, particularmente a do clero, sabia muito. Por isso o movimento procurou, desde o início, descobrir e incentivar procedimentos práticos e eficazes para realizar seu objetivo. O melhor deles, e mais característico, foi a proposta da ascese de tipo psicológico interior, com análise e introspecção. Daí uma espiritualidade mais “afetiva”, extremamente mais acessível que uma fundada em especulações teológicas. Por fim, uma oração pessoal como diálogo interior com Deus. Não se

privilegiavam – aliás, o movimento desconfiava e destacou-se dos – estados de experiência mística mais extática e mais especulativa, mas estados interiores comuns, como a desolação, a contrição, a consolação.

O contexto histórico, caracterizado fundamentalmente por uma inquietação generalizada,^[30] em que surgiu a *Devotio moderna* deve ter contribuído para o desenvolvimento de suas propostas como espiritualidade da intimidade; uma espiritualidade comum, acessível, afetiva, efetiva – a espiritualidade da *Imitação* –; mas não por isso uma espiritualidade datada, menos ascética ou menos mística.

Tem-se especulado bastante a respeito das razões do declínio do movimento (séc. XVI/XVII), para o qual, entre outros motivos, pode ter contribuído não pouco a oposição de autoridades eclesiásticas. Contudo, um de seus mais belos frutos permanece na *Imitação*.

Destinatário da *Imitação*

Escrita para o contemporâneo da *Devotio moderna*, a *Imitação* parece destinada a ascetas ou aspirantes à vida ascética. Parece. O conteúdo da obra quadra perfeitamente com o da espiritualidade de que é fruto e com seus objetivos, mas supera seu contexto histórico e seu destinatário imediato, tornando-se acessível e útil a todo cristão, ao ser humano capaz de e disposto a compreender o cristianismo naquilo que lhe é nuclear: o seguimento de Jesus Cristo. Assim, a obra não se destina exclusivamente a ascetas ou aspirantes à vida ascética, se com isso entendermos monges ou leigos devotados, em senso técnico, à vida religiosa. A obra mesma o indica.

É certo que há referências inegáveis à vida monástica esparsas pelo texto (por exemplo, I, 17-18), que deve ter circulado amplamente entre as comunidades dos Irmãos da Vida Comum, bem como entre ordens regulares. Contudo, o próprio texto supõe um leitor não membro de uma comunidade monástica ordinária, oficialmente estabelecida, e destina-se também a alguém que vive no mundo, mas

que deve pautar sua vida na vida e nos costumes de Cristo, que não é valor exclusivo para monges. Nesse sentido, notem-se as passagens da segunda pessoa à terceira do singular, e vice-versa, em I, 25, e de como, aí, passa-se, igualmente, das considerações sobre o religioso consagrado ao ser humano em geral.

Assim, o constante uso da primeira pessoa ao longo de toda a obra – embora talvez possa dizer algo sobre o autor e seu possível ambiente – diz muito mais sobre o leitor, sobre o cristão e sua espiritualidade, o seguimento de Cristo. Por isso, as palavras de contrição e arrependimento não têm um fim de informação biográfica, mas de exortação, suscitando uma experiência possível a todo e qualquer leitor, que pode, igualmente, considerar-se interlocutor de Jesus Cristo nos livros 3 e 4; todo e qualquer cristão pode experimentar o diálogo íntimo com o Mestre, que é seguido, e pôr-se como seu imitador.

Quem tem medo da *Imitação*?

Recentemente, Maxime Decout publicou o livro que, traduzido, empresta seu título a esta seção: *Qui a peur de l'imitation?*^[31] Decout se dedica a examinar a questão do “grau de consciência da literatura diante do que ela frequentemente é (prática mimética) e do que ela gostaria de ser (originalidade sem precedente)”.^[32] Questão de teoria literária – sob a qual também a *Imitação* poderia ser estudada – ou de estética geral que ocupa todas as artes, mas que não se restringe a essas. Embora o homem contemporâneo pareça manifestar ojeriza à imitação e exagerado anseio pela originalidade sem precedente, ele é um ser mimético, e imita, muito comumente, de modo inconsciente. A exemplaridade posta à imitação vai além da esfera educativa inicial.

Platão, particularmente em relação à poesia, lida com o conceito de imitação – que lhe é anterior –^[33] e reflete a respeito, mas para imitação da virtude,^[34] condenando uma imitação não racional, porque a imitação pode dizer respeito não só à educação, mas também à verdade, à ética.^[35] Seu discípulo, Aristóteles, em diálogo com o mestre, igualmente tratando da poesia, ao falar de sua

origem, diz que o ser humano tem uma natureza imitativa, também relacionando-a a razão e ação reta.^[36] Mais tarde, e fundamentalmente em matéria de arte, o Renascimento não teme imitar os clássicos, responsáveis não só pelos modelos imitados pelos renascentistas, mas também pela base teórica da literatura ocidental mais de dois mil anos depois, particularmente no século XX. Talvez tenha sido o Iluminismo – e o Romantismo, com a ênfase no sentimento, em vez de na sensação individual – a “romper” com os modelos clássicos e propor “inovação”. Em todo caso, no séc. XX, também neurocientistas e psicólogos,^[37] educadores e linguistas,^[38] enfim, estudiosos de várias disciplinas – e estudos interdisciplinares – passam a considerar a relação mais ampla do ser humano com a imitação, ou o lugar da imitação na constituição do sujeito, do indivíduo e da sociedade.^[39]

Nos anos 1990, neurofisiologistas descobriram os neurônios-espelho, que, localizados por todo o sistema nervoso, permitem aos humanos não só imitar ações, mas também dar-lhes significado, perceber intenções, estabelecer relações, provar empatia.^[40] Realidades aprendidas por imitação. Até mesmo experiências emotivas coletivas parecem ter a ver com imitação^[41] e, como toda imitação, dependem, naturalmente, dos referenciais imitáveis de que se dispõe.^[42] Assim, é possível que, em esfera alguma da vida, sejamos tão originais inovadores ou inventores quanto – consciente ou inconscientemente – imitadores; ainda que não o quiséssemos admitir e nos puséssemos a buscar elementos probantes para o contrário. Admitindo-se isso – talvez premissa necessária não só para a compreensão da *Imitação*, mas também para vivê-la –, por que não estender o discurso à vida religiosa? Com efeito, já nas Escrituras o cristão é chamado à imitação de um modelo específico.

Em 2Ts 3,7.9, depois de exortar os fiéis de Tessalônica a perseverar nos ensinamentos recebidos e pedir-lhes orações, Paulo ordena que se afastem de quem leva uma vida desordenada, distinta da tradição recebida (2Ts 3,6), propondo-lhes, assim, indiretamente, dois modelos: o da tradição recebida e o que diverge dessa tradição, um a ser tomado, outro a ser recusado. Por isso ele pode dizer, no

versículo seguinte: “Bem sabeis como deveis imitar-nos”. Imitar (μιμεῖσθαι) Paulo, aqui, talvez não seja tanto uma ordem, mas uma necessidade. De fato, o verbo impessoal δεῖν (δεῖ no indicativo presente usado por Paulo) – normalmente traduzido em dever, o que não está errado – também se pode traduzir em *é necessário, é apropriado*, particularmente se se tem presente a prévia exortação a perseverar no ensinamento recebido.

O contexto (3,6-15) não lida especificamente com o ensinamento que os tessalonicenses receberam, mas apresenta dois comportamentos distintos: um ordenado, em que todos trabalham, outro desordenado, em que há quem não queira trabalhar. Nessa circunstância específica, Paulo sabe que seu comportamento, não sendo um peso entre eles (3,8), é coerente com o ensinamento transmitido, no contexto mais amplo de toda a carta, e pode, pois, ser dado como exemplo a ser imitado (3,9: τύπον εἰς τὸ μιμεῖσθαι ἡμας).

De modo semelhante, em contexto de ordem e desordem, de comportamentos não coerentes com a fé recebida, o Apóstolo exorta os coríntios a serem seus imitadores (“μιμηταί μου γίνεσθε”; 1Cor 4,16; 11,1). Pode fazê-lo, pois suas normas de vida estão fundadas em Cristo (cf. 1Cor 4,16-17) e, em vista da salvação do maior número (cf. 1Cor 10,33), imitá-lo é imitar Cristo (1Cor 11,1: “καθὼς κἀγὼ Χριστοῦ”).

Imitando Paulo e o Senhor (1Ts 1,6), o cristão torna-se imitável (1Ts 1,7; cf. Hb 6,12).^[43] É o que parece pressupor também a exortação de Fl 3,17, onde Paulo pede – com um cognato de imitação pouco distinto no campo semântico: συμμιμηταί (alguém que acompanha na imitação de outro) – que a comunidade dos filipenses imite-o e observe aqueles que se portam conforme seu exemplo (τύπον). Nessa passagem, em contexto mais doutrinal, o outro modelo é posto em contraste com o da cruz de Cristo (3,18). Os versículos 19 e 20 apresentam os fins correspondentes aos modelos seguidos: salvação e perdição.

A imitação, portanto, proposta nos textos paulinos^[44] não se destina a ordenar a comunidade, mas tem na ordem da

comunidade a consequência de uma atitude conforme os ensinamentos de Cristo, conforme Cristo, conforme Deus. Pois os fiéis, imitadores de Deus (μιμηταὶ τοῦ θεοῦ; Ef 4,32-5,1), tornam-se tais imitando sua bondade, sua compaixão, seu perdão; imitando seu bem, enfim (cf. 3Jo 1,11).^[45] Obviamente, então, a imitação aqui não é repetição de feitos, gestos, palavras de Jesus: do modelo que é ele, seus feitos, gestos, palavras, deriva uma atitude consequente; atitudes não condizentes com o modelo seguem outros modelos, que o cristão deveria recusar. Afinal, da imitação ou do imitador ao modelo, o fiel imita o Apóstolo, que imita Cristo, Deus, o modelo que, de fato, é imitado. Daqui à sacramentalidade da Igreja é um passo.

Quem vê um cristão deveria ver nele um imitador de Deus, deveria ver Cristo e imitá-lo. Diversos outros modelos, em circunstâncias específicas da vida e em contraste com o ensinamento recebido, serão apresentados para imitação, com, em si, o extremamente fácil risco de inconsciente queda no relativismo, não só cultural, mas também religioso, teológico, soteriológico. Nisso, a responsabilidade do cristão – para consigo mesmo e para com o próximo – não é pouca, mesmo que o mundo não nos veja perfeitos. Nesta vida, o pecado pesa e impede a estabilidade na santidade, entendida como imitação *do* santo, mas não deve impedir-nos do empenho no progresso em nosso consciente seguimento de Cristo. Ao olhar para o modelo, podemos identificar nosso grau de proximidade, ou de distância, dele, que garante a unicidade de cada ser humano. Não é preciso, portanto, que se busque ser novidade sem precedente. O cristão, o cristianismo, não pode prescindir de seu *único* modelo, e não deve temer imitá-lo. Afinal, que é o cristianismo, que é ser cristão? Qualquer resposta teologicamente válida passa, necessariamente, mais cedo ou mais tarde, de um modo ou de outro, pela imitação de Cristo.

Estrutura e espiritualidade

Concorda-se, em geral, que estilo e uso da língua – léxico, sintaxe, fraseologia –, terminologia e ensinamento, concepção da doutrina e

da dinâmica da vida espiritual apontam para obra de um só autor, [46] mas a *Imitação* parece não ter sido concebida como uma obra individual dividida em quatro livros. Segundo a tradição manuscrita, cada livro circulou, inicialmente, de modo independente – como se cada um fosse uma obra em si, com seu respectivo título –, até que, em determinado momento, foram colocados juntos, numa unidade codicológica, isto é, com a obra inteira em um só códice, como se seus quatro livros compusessem uma obra individual, que tomou título das palavras iniciais daquele que é seu livro I. [47]

Mesmo assim, antes de chegar à configuração em que a temos hoje, a obra circulou em configurações variadas e em meio a outros textos da *Devotio moderna*. Nem mesmo a unidade codicológica do autógrafo de Kempis parece ter dado à *Imitação* autonomia como obra individual, o que pode ter acontecido, de fato, somente a partir da publicação de suas traduções. [48] Por isso os livros da obra podem não ter a linearidade que parecem ter.

De fato, quem considera a obra como unidade codicológica desde o início vê em seus três primeiros livros uma estrutura correspondente às vias purgativa, iluminativa e unitiva, respectivamente, [49] nos livros 1, 2 e 3 – com a união mística eucarística no livro 4. Aqui, não hierárquica, mas progressivamente, para se chegar ao livro II, seria necessário ter percorrido o livro I, e assim por diante. Se essa hipótese está correta, consideraria Tomás – que edita a obra em 1441 e é o mais cotado para a paternidade da obra – a eucaristia o ponto da via unitiva ao colocar o livro IV no lugar do III em seu autógrafo? [50]

Outro elemento a se considerar, quanto à sua estrutura, são certas repetições ao longo da obra, comuns à linguagem didascálico-parenética oral, com variação de temas, frases curtas e capítulos breves, que levam a pensar que não só cada livro, mas mesmo cada capítulo podem ter sido frutos ou de colóquios edificantes, ou de lições ou pregações para o progresso no seguimento de Cristo, ou ainda uma coletânea que englobe os precedentes. [51]

O primeiro livro é um convite a conformar-se a Cristo, na

verdade, objetivo geral da obra, desprezar o mundo temporal, rejeitar as vaidades – do mundo e da ciência – que separam de Deus. Para isso, é preciso voltar-se para dentro de si mesmo e purificar o coração, concentrando-se nas verdades da fé, não nas da razão. Deixar o mundo, purificar-se e abraçar a humildade e ser fiel a Deus dão acesso à vida interior – objeto do livro II –, preparam para o encontro com Cristo, de modo paciente, submisso, com coração puro. No livro II, tendo-se convertido, tendo passado a reta intenção, atingido o conhecimento de si, enfim, a “conquista” de si, o cristão encontra-se preparado para o diálogo do livro III.

O diálogo, nova forma introduzida pelo autor nos livros III e IV, é mais apropriado para indicar o amor e a paz experimentados pelo coração de quem é abraçado por Jesus Cristo. O discípulo fiel não deixa de passar por dificuldades e tentações, mas também não deixa que essas sejam obstáculo em sua ascensão rumo a uma experiência transformativa de amor. A inevitável culpabilidade do discípulo nesta vida não o impede de confiar-se a seu Mestre. Antes, sua corrupção é matéria suficiente para evocar, e invocar com amor humilde, a graça na solidão – passagem obrigatória para um real e íntimo contato com Deus. Esse contato torna-se mais intenso no livro IV.

Aí, em maior intimidade com Deus no sacramento, o ser humano, para tornar-se o humano em íntima união com Deus, torna-se menos ele mesmo para ser mais ele mesmo em Cristo. A eucaristia é onde a imitação atinge seu ponto alto, onde o amante imita o amado.^[52]

A obra é, óbvia e naturalmente, centrada em Cristo, mesmo sem apresentar uma biografia dele ou deter-se em pontos específicos da sua vida. Ainda que em sua Paixão e em suas chagas – como em excelente espaço contemplativo – é recomendado que o fiel repouse (cf. II, 1); são suas virtudes, sua humildade e sua humanidade divina que se propõem para imitação; é com ele que se há de pôr o fiel em íntimo colóquio (livros III e IV);^[53] e nisso, a *Imitação* é perfeitamente coerente com uma longa tradição ocidental e escriturística.

As palavras iniciais (I, 1), que dão título à obra, pressupõem ter sempre a vida de Cristo diante de si para que seja meditada, imitada, seguida. Assim, o texto de Jo 8,12 estabelece o que é a imitação: seguimento. Seguimento de um modelo específico. Seguimento que parte de um convite do Cristo constante nas Escrituras. O autor assinala, portanto, não só a espiritualidade cristocêntrica, em torno da qual gravitam o texto e a vida do cristão, mas também que essa espiritualidade seja bíblica,^[54] pois é por onde o Cristo – Palavra-Verdade que permanece – é conhecido para ser seguido, imitado (cf., por exemplo, I, 1 e 5). A Escritura, então, não existe para ser mero objeto de investigação teológica (cf., por exemplo, I, 2). Por isso, está ao alcance de todos e qualquer um (cf., por exemplo, I, 3; III, 1-4; III, 31). Além disso, a proposta da vida de Cristo como modelo a ser imitado não pressupõe a repetição idêntica – imitação aqui não corresponde a cópia – de seus feitos, gestos, palavras, mas consciência de seu modo de vida. A presença constante, porém, do modelo a ser meditado e imitado não deve permanecer fora, mas ser acolhida interiormente.

De fato, a meditação constante permite plasmar o modelo a ser imitado no próprio interior de quem medita. Isso explica por que a interioridade perpassa os quatro livros da obra.^[55] Além disso, só assim, o interior, de fato, determina as obras exteriores, que não são rejeitadas – pelo contrário, elas também contribuem para a formação interior (cf., por exemplo, I, 19), mas poderiam ser praticadas sem real envolvimento interno – algo a que a *Devotio moderna* opunha-se, bem como se oporia qualquer espiritualidade real. Embora, então, a experiência pessoal interior de intimidade com o Cristo seja acentuada, relativizando certas obras coletivas – particularmente as pomposas –, a *Imitação* não exclui a importância das obras, mas as torna fruto e consequência de uma experiência de seguimento do Mestre no amor. Experiência nem sempre estável.

À interioridade – e mesmo à união com o Cristo eucarístico – acompanha a necessidade de uma verdadeira contrição pelos pecados: o sacramento da confissão não é um rito mágico automático (cf. I, 22; III, 52; IV, 7; IV, 9). Mesmo crendo no

purgatório, nos sufrágios pelos mortos, não se posterga a preocupação pela própria salvação, indicada pela contrição interior presente, atual (cf., por exemplo, I, 23), que não se subtrai ao sofrimento, mas o abraça como redentor,^[56] imitando o Cristo obediente ao Pai na acolhida da dor da Paixão.

Admitindo-se que o livro IV, conforme a edição crítica seguida para esta tradução, seja o último da obra, é plausível supor que seja seu corolário. O percurso interior de seguimento de Cristo em intimidade com ele tem seu ponto alto na eucaristia, que também renova o fiel (cf. IV, 3).

Contrariamente a quanto possa parecer, a silenciosa contemplação exige muito maior preparo que muitos outros elementos externos. A silenciosa contemplação caracteriza não só a reverência à eucaristia, mas também a atenção a uma presença e, nascida da interioridade, demonstra a participação consciente em um encontro íntimo, espiritualmente preparada de modo cuidadoso, tanto pelo fiel quanto pelo presidente da celebração.^[57] Aí, se esse é o destino do leitor, é onde ele é totalmente renovado, onde o mundo interior é transformado em seguimento. Seguimento que sai do encontro eucarístico – é inevitável – e volta ao mundo. Pressupor a conclusão da leitura da obra não permite pressupor o alcance de uma união eucarística com o Cristo. E a efetiva realização dessa união não permite pressupor sua estabilidade e constância. A imitação de Cristo é exercício de uma vida.

É nesse sentido que deve ser lido o combate com o mundo anunciado logo no primeiro livro. Quem segue o Cristo não se põe em combate com o mundo externo: todas as vaidades estão dentro do fiel. É aí que se combate, no interior está com quem se combate: o próprio eu vaidoso, que pode orgulhar-se de qualquer coisa, mesmo do bem. A repetida insistência na humildade não é casual. O exercício da verdadeira humildade é profundamente ascético. Por isso a obra pode parecer negativa quanto ao mundo e quanto ao próprio ser humano. Todavia, tem-se o contrário, pois a *Imitação* aponta para a possibilidade de restauração do homem na entrega obediente e humilde, imitando o Cristo, a Deus; e a essa restauração

se chega com o empenho e a graça de imitá-lo. Sã doutrina da Igreja.

Obra esquecida?

Considerada por Fontanelle como “o mais belo livro produzido por mãos humanas, já que daí não saíram os Evangelhos”,^[58] e dito ser “o livro devocional mais influente na história do Ocidente cristão”,^[59] à *Imitação* não faltam elogios, que se repetem a cada nova edição ou impressão ou comentário ao texto, e que auxiliam a garantir sua presença em bibliotecas e catálogos de clássicos de editoras cristãs e leigas. Mas o espírito da obra parece ter-se tornado *démodé* ultimamente.

Nos anos 1970^[60] indicavam-se três causas – sociológica, eclesiológica, psicológica – para que a *Imitação* deixasse de estar entre as preferidas do público religioso; e talvez continue assim, pois estas três foram retomadas recentemente.^[61]

Psicologicamente, trata-se de uma redução equívoca: considerar a imitação como própria de quem não atingiu a consciência de si, a liberdade e a maturidade; quando a neurociência mostra exatamente o contrário. E isso valeria também para quem avalia psicologicamente a vida espiritual; uma avaliação em que a imitação é própria de uma catequese e/ou experiência inicial de Deus, uma experiência que progride, passando por etapas, até entrar livremente no mistério pascal, onde se supõe que nenhuma imitação seja necessária. Para o cristão, só existe a liberdade da entrada no mistério pascal mediante o seguimento consciente, a imitação de Cristo, onde o indivíduo encontra a plenitude de sua identidade, diante de si, de Deus, da sociedade. Mas essa liberdade só é possível com a purificação do mundo interior, frequentemente cheio de vaidades e da ilusão da liberdade sem o modelo de seguimento, centrado no eu.

Sociologicamente, além disso, o individualismo – mesmo se almejado como novidade sem precedente – permite, muito facilmente, que, pelo contrário, o indivíduo seja neutralizado na massificação que padroniza comportamentos – a imitação

inconsciente do mundo. Nesse “terreno”, uma interpretação unicamente cientificista da vida, do mundo, proporcionada pela democratização de meios de comunicação e facilitado acesso à informação, inevitavelmente leva à dessacralização.

O sacro é substituído pela confiança cega na eficiência da técnica, considerada capaz de tudo – e se ainda não o é *hoje*, com certeza o será num amanhã, pensa-se. O sacro é, em última análise, substituído pelo ser humano, que controla a técnica. Mas um humano que, desejoso de unicidade, paradoxalmente, perde-se nos referenciais imitados, que o promovem como executor de suas vontades, quaisquer e por contraditórias que sejam. O ser humano é reduzido a vontade momentânea; a vontade torna-se a referência do eu. Aí, a dimensão contemplativa da vida é perdida, bem como é perdida a dimensão da vida para além da história do indivíduo – e a própria ideia de história.

Eclesiologicamente, muito facilmente a espiritualidade da *Imitação* pode parecer sem sentido num ambiente em que a natureza da Igreja é compreendida, quase exclusivamente, em sua dimensão de missionária evangelizadora, de anunciadora da justiça, onde a contemplação também pode desaparecer em favor de urgentes necessidades pastorais. Mas não é impossível que perca sentido também numa comunidade em que o rito, quase exclusivamente, prevaleça sobre qualquer experiência de encontro íntimo com e de imitação de Cristo além do próprio rito. A dimensão eclesiológica depende, então, de a compreensão da natureza da igreja ser, ou não, reduzida, restringida equivocadamente a qualquer de suas dimensões.

Assim, o que a Igreja experimenta coletivamente é reflexo daquilo que o cristão experimenta em si e reproduz na sociedade, absorvendo-o inconscientemente do mundo e nutrindo-o daquilo que absorve. Mas não se pertence à Igreja de Cristo como se pertence a um grêmio social. Por isso, a *Imitação de Cristo* sempre terá lugar e seu espírito sempre será necessário – se o cristão não quiser passar por mero membro de um clube –, pois é obra que absorve e nutre aquilo que o cristianismo é: seguimento consciente de seu único modelo.

LIVRO I
A VIDA ESPIRITUAL

CAPÍTULO I

A IMITAÇÃO DE CRISTO E O DESPREZO DO MUNDO E DE TODAS AS SUAS VAIDADES

Quem me segue não caminha em trevas (cf. Jo 8,12), diz o Senhor. Essas são palavras de Cristo, com as quais somos admoestados a imitar Sua vida e Seus costumes, se queremos ser de verdade iluminados e libertados de toda a cegueira de coração (cf. Mc 3,5; Ef 4,18). Esteja, portanto, o nosso maior empenho em meditar a vida de Jesus. Sua doutrina excede a de todos os santos; e quem tiver espírito,^[1] aí encontrará um maná escondido (cf. Ap 2,17).

Mas ocorre que muitos, a partir de uma frequente escuta do Evangelho, sentem um desejo pequeno, porque não têm o espírito de Cristo (cf. Rm 8,9). Convém, por outro lado, que quem quer entender as palavras de Cristo de um modo pleno e saboroso se empenhe em conformar a Ele toda a sua vida. De que te serve discutir coisas profundas acerca da Trindade se careces de humildade e, por isso, à Trindade desagradas? Palavras profundas, na verdade, não fazem o santo e o justo, mas uma vida virtuosa torna alguém caro a Deus.

Desejo eu sentir a compunção mais do que saber a sua definição. Se conhecesses toda a Bíblia e os ditos de todos os filósofos, de que te serviria tudo isso sem a caridade (cf. 1Cor 12,31-13,13) e a graça? Vaidade das vaidades e tudo é vaidade, à exceção de amar a Deus e só a Ele servir (Ecl 1,2; cf. Dt 6,13). Esta é a sabedoria suprema: pelo desprezo do mundo, tender aos reinos celestes.

Vaidade é, pois, buscar riquezas percedouras e nelas esperar (cf. Ecl 5,9). Vaidade também é ambicionar honrarias e elevar-se para o alto. Vaidade é seguir os desejos da carne (cf. Gl 5,16) e desejar aquilo por cuja causa cumpre ser gravemente punido mais tarde. Vaidade é desejar vida longa e preocupar-se pouco com uma vida boa. Vaidade é dar atenção apenas à vida presente e não prever o que há de vir. Vaidade é amar o que com toda a celeridade passa e não apressar-se em chegar lá, onde permanece o gozo sempiterno.

[Recorda-te frequentemente daquele provérbio, segundo o qual

não se sacia o olho com a visão, nem o ouvido se farta com a audição (cf. Ecl 1,8).]^[2] Empenha-te, portanto, em abstrair teu coração do amor das realidades visíveis e em transportar-te às invisíveis. Pois os que seguem a própria sensualidade mancham a consciência e perdem a graça de Deus.

CAPÍTULO 2

O HUMILDE CONHECIMENTO DE SI PRÓPRIO

Todo homem deseja naturalmente conhecer (cf. Ecl 1,13).^[3] Mas o conhecimento, sem o temor de Deus, alcança o quê? É melhor, sem dúvida, um camponês humilde que serve a Deus, do que um filósofo soberbo que, tendo negligenciado a si próprio, considera o curso do céu (cf. Eclo 19,21). Quem conhece bem a si mesmo torna-se vil a seus próprios olhos e não se deleita com louvores humanos. Se eu conhecesse tudo o que há no mundo e não estivesse na caridade (cf. 1Cor 13,2), em que me ajudaria isso diante de Deus, que me há de julgar pela conduta? Não te inquietes pelo nímio desejo de aprender, porque grande distração se encontra aí.

Os conhecedores querem, de bom grado, aparecer como doutos e ser chamados de sábios (cf. Eclo 7,5). Muitas coisas há cujo conhecimento em pouco ou nada aproveita à alma. E muito insipiente é quem atenta mais para algumas coisas do que para as que são úteis à sua salvação. As muitas palavras não saciam a alma, mas uma vida boa refrigera a mente, e a consciência pura grande confiança deposita em Deus. Quanto mais e melhor conheces, tanto mais gravemente hás de ser julgado depois, a menos que tenhas vivido santamente.

Não te exaltes por arte ou por ciência alguma; teme antes, pelo contrário, em razão do conhecimento que te foi dado. Se te parece que muito conheces e muito bem o entendes, hás de saber, todavia, que muitas mais são as coisas que ignoras. Não te ensoberbeças (Rm 11,20; cf. 12,3), mas confessa, antes, tua ignorância. Por que te queres ter em mais do que alguém, quando muitos há que são mais doutos e mais peritos na lei do que tu? Se quiseses conhecer e aprender com utilidade alguma coisa, ama ser ignorado e tido em conta de nada. É esta uma altíssima e utilíssima lição: o verdadeiro conhecimento e o desprezo de si próprio.

Nada reter de si e pensar sempre bem e elevadamente de outros grande sabedoria é e perfeição. Se vires que alguém peca abertamente, ou perpetra algumas ações graves, não te debes,

todavia, estimar melhor. Todos somos frágeis, mas a ninguém terás tu por mais frágil do que a ti mesmo.

CAPÍTULO 3

A DOUTRINA DA VERDADE

Feliz aquele a quem a verdade por si mesma ensina, não por figuras e por palavras que passam, mas como em si é (cf. Nm 12,8). Nossa opinião e nosso sentimento enganam-nos amiúde e pouco é o que percebem. De que serve a grande sutileza acerca de coisas ocultas e obscuras, em relação às quais não seremos arguidos no juízo por as termos ignorado? Grande insipiência é, tendo negligenciado o que é útil e necessário, aplicar-nos a assuntos curiosos e perigosos. Tendo olhos, não vemos (cf. Jr 5,21). E que nos importa tratar de gêneros e de espécies?^[4] Aquele a quem fala o Verbo eterno vê-se livre de muitas conjecturas.

Desse Verbo único, tudo [procede] e tudo nos fala do Único; Ele é o Princípio que também nos fala (cf. Jo 1,3; 8,25). Ninguém entende ou julga retamente sem Ele. Aquele para quem tudo é o Único, que tudo refere ao Único e a tudo no Único vê, pode viver estavelmente e permanecer pacificamente em Deus. Ó Deus Verdade, faze-me um só contigo em caridade perpétua (cf. Jo 14,6; Jr 31,3)! Entedia-me amiúde ler e escutar muitas coisas; está em Ti tudo o que quero e desejo. Calem-se todos os doutores, silenciem as criaturas todas na tua presença! Fala-me Tu somente!

Quanto mais unificado estiver alguém e interiormente entretido, tanto mais numerosas e mais profundas coisas há de entender sem trabalho, pois recebe do alto a luz do entendimento. O espírito puro, simples e estável não se dissipa em muitas ocupações, porque realiza todas as coisas para a honra de Deus e se esforça para viver tranquilamente em si mesmo, [livre] de toda busca de si. O que mais te impede e perturba do que a tua não mortificada afeição do coração?

O homem bom e devoto dispõe primeiro interiormente as suas obras, que deve realizar exteriormente, e estas não o arrastam aos desejos de uma inclinação viciosa, mas ele próprio as submete ao arbítrio da reta razão. Quem sustenta mais forte certame do que aquele que se esforça para vencer-se a si próprio (cf. Sb 10,12)? E

esta deveria ser a nossa ocupação, a saber, vencer-se a si próprio, tornar-se a cada dia mais forte do que se é e progredir ainda mais. Toda perfeição nesta vida traz anexa a si alguma imperfeição, e qualquer especulação nossa não carece de certa obscuridade. O humilde conhecimento de ti mesmo é senda mais certa para Deus do que a inquirição de uma ciência profunda.

Não se há de culpar a ciência nem a notícia acerca de qualquer coisa que, em si considerada, é boa e ordenada por Deus; mas [a elas] hão de preferir-se sempre uma consciência e uma vida boas. Haja vista que muitos, no entanto, se aplicam mais a conhecer do que a viver bem, erram estes amiúde, em consequência, e produzem pouco ou quase nenhum fruto. Oh, se empregassem tão grande diligência em extirpar vícios e semear virtudes como [o fazem] em mover questões, não se produziriam tantos males e escândalos em meio ao povo, nem tanta dissolução nos cenóbios! Certamente, quando chegar o dia do juízo, não se nos perguntará o que lemos, mas o que fizemos; nem quão bem discursamos, mas quão piedosamente vivemos.

Dize-me, onde é que estão agora todos aqueles senhores e mestres que bem conheceste enquanto ainda viviam e floresciam nos estudos? Suas prebendas já outros as possuem, e não sei se neles ainda pensam. Durante sua vida, pareciam ser alguma coisa, e faz-se agora silêncio a respeito deles. Oh, quão rapidamente passa a glória do mundo (cf. 1Jo 2,17)! Quem dera estivesse a vida deles de acordo com sua ciência! Nesse caso, teriam eles estudado e lido bem. Quão muitos são os que perecem por uma vã ciência neste século, [e] que pouco se preocupam com o serviço de Deus! E porquanto escolhem ser grandes, mais do que ser humildes, extraviaram-se em seus pensamentos (Rm 1,21).

Verdadeiramente grande é quem aos próprios olhos é pequeno e tem na conta de nada todo fastígio de honra. Verdadeiramente prudente é quem julga como esterco todas as realidades terrenas, a fim de ganhar Cristo (cf. Fl 3,8). E verdadeiramente bem douto é quem faz a vontade de Deus e renuncia à sua vontade.

CAPÍTULO 4

A PRUDÊNCIA NO AGIR

Não se há de dar crédito a qualquer palavra, nem a qualquer inspiração, mas devem-se ponderar as coisas de modo cauto e paciente, segundo Deus (cf. Eclo 19,16; 1Jo 4,1). Oh, pena! É frequente que se creia mais facilmente no mal do que no bem a respeito de outrem, e que se [o] diga; tão fracos somos!

Os varões perfeitos, no entanto, não creem facilmente em todo aquele que lhes conta [algo], pois conhecem a humana fragilidade, antes, fraqueza, proclive ao mal e bastante instável nas palavras (cf. Gn 8,21; Eclo 14,1; 19,16). Grande sabedoria é não precipitar-se no agir, nem firmar-se pertinazmente nas impressões dos sentidos. Tampouco tem relação com ela o dar crédito a quaisquer palavras dos homens, nem o derramar em seguida aquilo que se ouviu ou em que se acreditou nos ouvidos de outros (cf. Eclo 19,10).

Aconselha-te com o varão sábio e rico de conceitos, e procura ser instruído pelos melhores, antes que seguir as tuas descobertas (cf. Eclo 9,21; Tb 4,18). Uma vida boa torna o homem sábio segundo Deus e experimentado em muitas coisas (cf. Eclo 34,9). Quanto mais humilde for alguém aos próprios olhos, e mais sujeito a Deus, tanto mais sábio e pacato será em tudo.

CAPÍTULO 5

A LEITURA DAS SANTAS ESCRITURAS

A verdade há de buscar-se nas Santas Escrituras, não a eloquência. Toda a Sagrada Escritura deve ser lida com aquele Espírito Santo com que foi feita (cf. 2Pd 1,21).^[5] Devemos procurar nas Escrituras a utilidade, antes que a sutileza do discurso (cf. 2Tm 3,16). Devemos ler livros tão devotos e simples como [lemos] os sublimes e profundos.

Não te sirva de obstáculo a autoridade do escritor, caso se trate de pequena ou grande literatura, mas o amor da pura verdade atraia-te a ler. Não procures saber quem disse tal coisa, mas presta atenção ao que se diz. Os homens passam, mas a verdade do Senhor permanece para sempre (Sl 116,2).^[6] Sem acepção de pessoas, falamos Deus de vários modos (cf. Cl 3,25; Hb 1,1). Nossa curiosidade serve-nos amiúde de empecilho na leitura das Escrituras, ao querermos entender e discutir [uma passagem] em que simplesmente se há de passar adiante.

Se quiseses haurir proveito, lê humilde, simples e fielmente, e jamais queiras ter o renome da ciência. Interroga de bom grado e ouve, calado, as palavras dos santos; e não te aborreçam os provérbios dos antigos: não são, com efeito, proferidos sem motivo (cf. Eclo 32,9; 8,9).

CAPÍTULO 6

OS AFETOS DESORDENADOS

Toda vez que o homem apetece algo desordenadamente, torna-se de imediato inquieto em si mesmo. O soberbo e o avaro nunca descansam; o pobre e o humilde de espírito vivem em meio a muita paz (cf. Mt 5,3; Sl 36,11). O homem que ainda não morreu perfeitamente em si mesmo vê-se depressa tentado e vencido em palavras pequenas e vis.

Quem é fraco no espírito e, de certo modo, ainda carnal, inclinado às realidades sensíveis, com dificuldade pode abstrair-se totalmente dos desejos terrenos. E por isso experimenta frequentemente tristeza ao livrar-se [deles]. Caso alguém lhe faça resistência, com facilidade também [o] despreza. Se, por outro lado, tiver conseguido o que deseja, sente-se logo pesado pelo remorso da consciência, pois foi atrás de sua paixão, que em nada ajuda a [conseguir] a paz que procurou (cf. Lc 19,42).

É resistindo, pois, às paixões que se encontra a verdadeira paz do coração, e não prestando-lhes serviço. Não há paz, portanto, no coração do homem carnal, no homem dado às exterioridades, mas sim no espiritual fervoroso.

CAPÍTULO 7

A VÃ ESPERANÇA E A ALTIVEZ DAS QUAIS SE HÁ DE FUGIR

Insensato é quem põe sua esperança nos homens ou nas criaturas (cf. Jr 17,5). Não te envergonhes de servir a outros por amor de nosso Senhor Jesus Cristo, nem de parecer pobre neste mundo (cf. 2Cor 4,5; 1Cor 1,2). Não te apoies sobre ti mesmo, mas coloca tua esperança em Deus (cf. Pr 3,5). Faze o que está em teu poder, e Deus prestará assistência à tua boa vontade.

Não confies em tua ciência, nem na astúcia de qualquer vivente; mas, antes, na graça de Deus, que ajuda os humildes e humilha os que presumem de si (cf. Tg 4,6). Não te glories nas riquezas, se [te] acompanharem, nem nos amigos, por serem poderosos, mas em Deus, que tudo dá e deseja dar-Se a Si próprio sobre todas as coisas (cf. Jr 9,22).

Não te exaltes pelo porte ou pela beleza do corpo, que se corrompe e enfeia até pela mais leve enfermidade. Não te comprazas em ti mesmo por tua habilidade ou teu engenho, para não desagrades a Deus, de quem procede tudo quanto naturalmente temos de bom (cf. 1Cor 4,7). Não te consideres melhor que os outros, para que não sejas talvez tido por pior na presença de Deus, que conhece o que há no homem (cf. Jo 2,25).

Não te ensoberbeças pelas obras boas, pois os juízos de Deus se estabelecem diferentemente dos que provêm dos homens, e a Ele amiúde desagrada o que aos homens apraz. Se tiveres algo de bom, crê em melhores coisas acerca de outros, para conservares a humildade. Não é prejudicial que te submetas a todos; prejudica muitíssimo, pelo contrário, que pelo menos a um só te anteponhas. Paz contínua [está] com o humilde, mas, no coração do soberbo, frequente inveja e indignação (cf. Pr 13,10).

CAPÍTULO 8

A EXCESSIVA FAMILIARIDADE QUE SE HÁ DE EVITAR

Não abras teu coração a qualquer homem, mas trata de teu problema com quem é sábio e temente a Deus (cf. Eclo 8,22; 9,21; Pr 25,9). Sê reservado ante jovens e estranhos. Não sejas lisonjeiro com os ricos, e ante os poderosos não compares de bom grado (cf. Pr 25,6). Associa-te aos humildes e simples, aos devotos e morigerados, e trata [com eles] do que concerne à edificação (cf. Eclo 37,15; Rm 14,19).

Não tenhas familiaridade com alguma mulher, mas encomenda a Deus todas as boas mulheres em comum. Deseja ser familiar tão somente a Deus e a Seus anjos, e escapa do conhecimento dos homens. A caridade há de ter-se para com todos, mas a familiaridade não convém.

Ocorre, por vezes, que uma pessoa desconhecida luza por sua fama, mas que, por sua presença, ela ofusque os olhos dos que a veem. Pensamos às vezes agradar aos outros por nossa convivência, mas começamos, antes, a desagradar-lhes, ao considerarem em nós a improbidade dos costumes.

CAPÍTULO 9

A OBEDIÊNCIA E A SUJEIÇÃO

Mui grande coisa é manter-se em estado de obediência, viver sob um prelado e não conforme o próprio alvitre (cf. 1Pd 2,13). Muito mais seguro é permanecer em estado de sujeição do que em posição de autoridade.

Muitos estão sob a obediência mais por necessidade do que por caridade, e estes encontram sofrimento, murmuram por pouca coisa e não adquirem a liberdade, a menos que se submetam de todo o coração por causa de Deus. Corre daqui para ali e não encontrarás descanso, a não ser na humilde sujeição sob o governo de um prelado. A imaginação de [outros] lugares e a mudança a muitos têm enganado.

É verdade que cada um age de bom grado segundo o próprio parecer e mais se inclina aos que pensam como ele. Mas, se Cristo está entre nós, é de mister que abandonemos até mesmo, de vez em quando, o nosso parecer pelo bem da paz (cf. Rm 8,10; Mt 18,20). Quem é tão sábio que possa conhecer plenamente todas as coisas? Não confies demais, portanto, em teu parecer, mas ouve também de boa vontade o parecer dos outros (cf. Pr 12,15).

Se o teu pensamento é bom e, deixando-o de lado por causa de Deus, segues outro, progredirás por isso ainda mais. Tenho ouvido, de fato, com frequência, ser mais seguro ouvir e tomar um conselho do que dá-lo. Pode também ocorrer que o pensamento de cada um seja bom, mas não querer aquiescer a outros, quando a razão ou a causa o pede, é sinal de soberba ou de pertinácia.

CAPÍTULO 10

A SUPERFLUIDADE DE PALAVRAS, ALGO A EVITAR-SE

Cuida-te, quanto puderes, do tumulto dos homens. Muito estorva, com efeito, o trato dos assuntos seculares, por mais que se levem a cabo com uma intenção simples. Bem depressa, de fato, somos manchados pela vaidade e acabamos cativos.

Quisera ter-me calado várias vezes e não ter estado entre os homens. Mas, por que falamos com tanta frequência e conversamos uns com os outros, quando raramente, no entanto, voltamos ao silêncio sem uma lesão na consciência (cf. Pr 10,19; Eclo 20,8)?

O motivo de tão amiúde falarmos é que, pelas muitas interlocuções, procuramos consolar-nos mutuamente, no afã de aliviar um coração afadigado por diversos pensamentos. E agrada-nos falar e pensar muito à vontade acerca daquilo que amamos ou desejamos, ou do que sentimos ser-nos contrário. Mas, oh pena, frequentemente [o fazemos] de forma inane e vã. Pois essa consolação exterior não causa pouco detrimento à consolação interior e divina.

Deve-se vigiar, portanto, e orar, para que o tempo não passe ociosamente (cf. Mt 26,41; Eclo 4,23). Se for lícito falar e convier fazê-lo, fala de temas edificantes (cf. Ef 4,29). Um mau costume e a negligência com relação ao nosso progresso são muitas vezes a causa de que não guardemos nossa boca.

Ajuda não pouco, no entanto, com vistas ao progresso espiritual, um devoto colóquio^[7] sobre realidades espirituais, mormente quando ocorre entre pessoas que se associam em Deus, num mesmo ânimo e espírito.

CAPÍTULO 11

A PAZ A PROCURAR-SE E O ZELO EM PROGREDIR

Muita paz podemos ter se não nos quisermos ocupar com as palavras e os atos de outros, que não dizem respeito ao nosso cuidado. Como pode permanecer em paz por longo tempo quem se intromete em cuidados alheios, busca facilidades fora e pouco ou raramente se recolhe dentro de si? Bem-aventurados os simples, porque terão muita paz.

Por que alguns dos santos foram tão perfeitos e contemplativos? Porque se aplicaram em mortificar-se absolutamente de todos os desejos terrenos e, por isso, puderam unir-se a Deus com todas as entranhas do coração e ter, assim, tempo livre para si. Ocupamo-nos demais com nossas paixões e dedicamos muita atenção a realidades transitórias.

É raro, com efeito, que vençamos perfeitamente um único vício e não nos dedicamos ao progresso cotidiano, por isso permanecemos frios e tíbios. Se estivéssemos perfeitamente atentos a nós mesmos, sem deixar-nos envolver minimamente com o que é externo, poderíamos então saborear as realidades divinas e algo experimentar da celeste contemplação. O maior impedimento [para isso] consiste todo ele em que não somos livres das paixões e das concupiscências, nem nos esforçamos para trilhar o caminho perfeito dos santos (cf. Hb 9,8).

Quando ocorre ainda um pouco de adversidade, abatemo-nos rápido demais e voltamo-nos às consolações humanas. Se nos esforçássemos, quais fortes varões, para manter-nos na batalha, veríamos sem dúvida o auxílio do Senhor [vindo] do céu sobre nós. Está disposto, pois, a ajudar os que combatem e esperam na Sua graça Aquele que nos proporciona ocasiões para vencermos.

Se colocamos o progresso da religião tão somente nas observâncias exteriores, a nossa devoção terá depressa um fim. Mas ponhamos o machado à raiz [da árvore], para que, purificados das paixões, possuamos um espírito pacificado (cf. Mt 3,10). Se a cada ano extirpássemos um único vício, depressa nos tornaríamos varões

perfeitos.

Mas percebemos amiúde o contrário, ou seja, deparamos com que fomos melhores e mais puros no início da conversão do que depois de muitos anos de profissão. Nosso fervor e aproveitamento deveriam crescer todos os dias, mas agora parece grande coisa que alguém consiga reter uma parte do primeiro fervor.

Se empregássemos uma pequena violência no princípio, poderíamos fazer frente a todas as coisas com facilidade e alegria. Custoso é deixar costumes de lado, e mais custoso ainda é proceder contra a vontade. Mas se não vences o que é pequeno e fácil, quando superarás o que for mais difícil? Resiste à tua inclinação no princípio e abandona o mau costume, para que não te conduza aos poucos, talvez, a maior dificuldade (cf. Eclo 19,1).

Oh, se soubesses quanta paz tu procurarias e quanta alegria darias aos outros tendo tu uma vida boa, creio que mais solícito serias no progresso espiritual.

CAPÍTULO 12

A UTILIDADE DA ADVERSIDADE

É bom para nós que tenhamos, de vez em quando, adversidades, penas e contrariedades, pois tais coisas frequentemente chamam o homem a voltar-se ao coração, para que reconheça que vive no exílio e não ponha sua esperança em coisa alguma do mundo. É bom que sofram, vez por outra, contradições e que se pense mal ou equivocadamente a nosso respeito, conquanto procedamos bem e com boa intenção.

Essas coisas amiúde aproveitam à humildade e defendem-nos da vanglória. Com efeito, procuramos então mais acertadamente a Deus, qual testemunha interior, quando somos vilipendiados por fora pelos homens e não se faz de nós um bom juízo. Em Deus deveria o homem apoiar-se totalmente, e não lhe seria necessário procurar muitas consolações.

Quando um homem de boa vontade é atri-bulado, tentado ou afligido por maus pensamentos, compreende então que Deus, sem O qual atesta que absolutamente nada pode, lhe é mais necessário (cf. Jo 15,5; Rm 7,18; 1Cor 12,3). Geme [ele, então] e ora pelas misérias que padece. Fica então entediado por viver durante tão longo tempo, deseja que a morte venha, a fim de que possa dissolver-se e estar com Cristo (cf. 2Cor 1,8; Fl 1,23). Percebe bem em tal caso, igualmente, que a segurança e a plena paz não podem encontrar-se no mundo.

CAPÍTULO 13

AS TENTAÇÕES, A QUE SE HÁ DE RESISTIR

Durante o tempo em que vivemos no mundo, não podemos estar sem tribulação ou tentação. Daí que em Jó esteja escrito: “Uma tentação é a vida do homem sobre a terra” (Jó 7,1; LXX). Por isso, cada um deveria ser solícito com relação às próprias tentações e vigiar nas orações, de modo que o diabo – que jamais cochila, mas rodeia procurando a quem devorar (cf. 1Pd 4,7; 5,8) – não encontrasse ocasião de enganá-lo.

Ninguém é tão santo e tão perfeito que não tenha alguma vez tentações, e não podemos carecer delas totalmente. As tentações são, no entanto, muito úteis aos homens, por mais que sejam molestas e penosas, pois nelas se humilha o homem, purifica-se e instrui-se. Todos os santos passaram por muitas tribulações e tentações, e progrediram (cf. At 14,22). E os que não quiseram suportá-las tornaram-se réprobos e perderam-se.^[8]

Não existe ordem tão santa nem local tão escondido em que não se façam presentes as tentações e as adversidades. O homem não está totalmente isento de tentações enquanto viver, pois em nós está a causa pela qual somos tentados. Pelo fato de termos nascido na concupiscência, quando uma tribulação ou tentação se afasta, sobrevém outra, e sempre temos algo que sofrer. Perdemos, com efeito, o bem da felicidade (cf. Tg 1,14; 4,1).

Muitos procuram fugir das tentações e nelas incidem ainda mais gravemente. Não podemos vencer apenas pela fuga, mas é pela paciência e pela verdadeira humildade que nos tornamos mais fortes do que todos os inimigos. Quem se desvia [da tentação] tão somente no âmbito externo e não [lhe] extirpa a raiz, avança pouco; antes, mais rapidamente voltarão a ele as tentações e o maltratarão de um modo pior.

Aos poucos e por meio de uma paciência acompanhada pela resignação, com a ajuda de Deus, hás de superá-las mais satisfatoriamente do que por tua própria dureza e rigor (cf. Cl 1,11). Toma frequentemente conselho durante a tentação e não

trates com dureza quem é tentado, mas oferece-lhe consolação, como desejarias que se fizesse contigo (cf. Gl 6,1).

O princípio de todas as más tentações é a inconstância do espírito e uma pequena confiança em Deus; pois, tal como o navio sem leme é pelas ondas impelido daqui para ali, assim também o homem remisso e que deixa de lado seu propósito é tentado de várias formas. O fogo prova o ferro; a tentação, o homem justo (cf. Eclo 31,31; 27,6). Desconhecemos amiúde o que está em nosso poder, mas a tentação revela o que somos.

Deve-se vigiar, no entanto e principalmente, quando do início da tentação, pois é então mais facilmente vencido o inimigo caso não se lhe permita entrar de forma alguma pela porta do espírito, mas se lhe faça oposição fora do umbral, assim que bater (cf. Ef 4,27). Donde veio que alguém^[9] tenha dito: “Resiste no princípio, tarde chega o remédio”.

De fato, ocorre primeiro à mente um simples pensamento; em seguida, uma forte imaginação; depois, o deleite, o movimento desordenado e o consentimento.^[10] E assim, pouco a pouco, o maligno inimigo entra de todo, na medida em que não se lhe faz resistência no início. E quanto por mais tempo alguém permanecer indolente em resistir, tanto mais fraco se vai tornando a cada dia, ao passo que o inimigo mais poderoso se faz contra ele.

Alguns padecem tentações mais graves no princípio de sua conversão; outros, no fim; outros ainda sentem-se mal quase durante a vida inteira. Há alguns que são tentados bem levemente, conforme a sabedoria e a equidade da divina disposição, que considera o estado e os méritos dos homens, e tudo ordena antecipadamente com vistas à salvação dos Seus eleitos.

Por isso, não devemos desesperar quando somos tentados, mas suplicar tanto mais fervorosamente a Deus, que, por certo, segundo o dito de São Paulo, “produzirá, juntamente com a tentação, o nosso bom êxito, para que a possamos suportar” (1Cor 10,13), a fim de que Se digne ajudar-nos em toda e qualquer tribulação. Humilhemos, pois, as nossas almas sob a mão de Deus em toda e qualquer tentação e tribulação, pois Ele salvará e exaltará os

humildes de espírito (cf. 1Pd 5,6; Sl 33,19; Lc 1,52).

Nas tentações e tribulações, é o homem provado acerca de quanto progrediu; e aí maior se mostra o mérito e melhor se revela a virtude. E não é grande coisa que o homem seja devoto e fervoroso quando não sente dificuldade; mas, se pacientemente se mantém em tempo de adversidade, haverá esperança de grande adiantamento.

Alguns se guardam das grandes tentações e frequentemente são vencidos nas pequenas de todos os dias, para que, humilhados, jamais se fiem de si próprios nas coisas grandes os que se mostram fracos em tão pequenas.

CAPÍTULO 14

O JUÍZO TEMERÁRIO, QUE SE HÁ DE EVITAR

Volta os olhos para ti mesmo e cuida-te de julgar os atos de outros. Quando julga os outros, em vão se esforça o homem, amiúde erra e facilmente peca. Quando a si mesmo julga e examina, pelo contrário, sempre trabalha com fruto (cf. Rm 14,4.10).

Tal como nos parece a coisa ao coração, assim julgamos com frequência a seu respeito.^[11] Em razão de um amor particular, com efeito, corrompemos facilmente um juízo verdadeiro. Se Deus fosse sempre a pura intenção do nosso desejo, não nos veríamos tão facilmente perturbados por causa da resistência da nossa maneira de pensar. Mas algo se oculta sempre dentro de nós, ou ainda concorre de fora, que igualmente nos atrai.

Muitos há que ocultamente se buscam a si mesmos nas coisas que fazem, e não o sabem. Parece que estão em boa paz quando as coisas se fazem de acordo com o seu querer. Se, no entanto, algo diferente do que desejam se faz, rapidamente se inquietam e põem-se tristes. Em razão da diversidade de pareceres e de opiniões, originam-se com grande frequência dissensões entre amigos e concidadãos, entre pessoas religiosas e devotas.

Um costume antigo dificilmente se abandona e ninguém é conduzido de bom grado para além do próprio modo de ver (cf. Sb 14,16). Se te apoiares mais na tua razão ou destreza do que no poder sujeitador de Jesus Cristo (cf. Fl 3,21; 1Cor 15,27), rara e tardiamente serás iluminado, pois Deus quer que a Ele nos submetamos perfeitamente e passemos além de toda e qualquer razão por meio de um inflamado amor.

CAPÍTULO 15

AS OBRAS FEITAS POR CARIDADE

Por nenhuma coisa do mundo e por amor de homem algum se há de fazer algo mau. Em razão, porém, da utilidade de um necessitado, uma boa obra há de ser às vezes interrompida ou até trocada por outra melhor. Por tal fato, pois, a obra boa não se destrói, mas vê-se mudada para melhor.

Sem caridade, uma obra exterior em nada aproveita (cf. 1Cor 13,3). Tudo o que se faz, porém, pela caridade, por pequeno e até desprezível que seja, é completamente frutuoso. Pois Deus considera mais a motivação com que age alguém do que a quantidade de coisas que faz.^[12] Muito faz quem muito ama. Muito faz quem faz bem o que faz. Faz bem quem serve mais à comunidade do que à própria vontade. Muitas vezes parece haver caridade e há mais carnalidade, pois a inclinação carnal, a vontade própria, a esperança de retribuição e a afeição da vontade raramente querem abandonar-nos.

Quem tem uma caridade verdadeira e perfeita não busca a si mesmo em coisa alguma, mas deseja tão somente que em tudo se realize a glória de Deus (cf. 1Cor 13,5). A ninguém inveja tampouco quem não ama alegria particular alguma (cf. *ibid.*, 4), nem quer regozijar-se em si mesmo, mas deseja tornar-se feliz em Deus, por sobre todos os bens. A ninguém atribui algo de bom, mas refere totalmente todas as coisas a Deus, de quem tudo procede e em quem todos os santos descansam por fim com fruição. Oh, quem tivesse uma centelha da verdadeira caridade perceberia de imediato que todas as realidades terrenas estão cheias de vaidade (cf. Ecl 3,19).

CAPÍTULO 16

O SOFRIMENTO DOS DEFEITOS DE OUTROS

O que o homem não consegue emendar, salvo rarissimamente, em si mesmo ou nos outros, deve tolerar com paciência, até que Deus ordene de outra forma. Pensa que talvez seja melhor assim, para tua provação e paciência, sem o que não se hão de ter em muita conta os nossos méritos. Deves, todavia, suplicar, ante tais impedimentos, que Deus Se digne ajudar-te a fim de [os] poderes suportar.

Se alguém, depois de admoestado uma ou duas vezes, não aquiesce, não entres em disputa com ele, mas confia tudo a Deus, que bem sabe transformar o mal em bem, para que seja feita a Sua vontade e [se manifeste] a Sua honra nos Seus servos.^[13] Aplica-te a ser paciente em tolerar os defeitos dos outros e quaisquer debilidades, porque também tu muitas coisas tens que convém sejam por outros toleradas. Se não podes fazer-te tal como queres, como poderás manter outra pessoa em conformidade com o teu beneplácito?

Vemos de bom grado que os outros se aperfeiçoem, mas não emendamos, por outro lado, nossos próprios defeitos. Queremos que os outros se corrijam com rigor e não queremos corrigir-nos a nós mesmos. Desagrada-nos a ampla licença de que outros dispõem e não queremos, contudo, que se nos negue o que pedimos. Queremos restringir os outros por meio de estatutos e nós mesmos não toleramos ser minimamente coibidos. Mostra-se assim, portanto, de modo claro quão raramente consideramos os próximos tal como a nós mesmos.

Se todos fossem perfeitos, o que teríamos então de sofrer por Deus da parte dos outros? Ora, Deus dispôs de tal modo, porém, que aprendamos a carregar uns aos outros os nossos fardos, pois ninguém há sem defeito, ninguém sem fardo, ninguém que se baste a si mesmo, ninguém que seja sábio o bastante por si mesmo, mas cumpre que mutuamente nos suportemos, que mutuamente nos consolemos, e igualmente nos ajudemos e admoestemos (cf. Gl 6,2; Pr 3,7; Cl 3,13; 1Ts 5,11).

Na ocasião da adversidade, por outro lado, vê-se mais claramente quantas virtudes terá adquirido cada um. As ocasiões, com efeito, não tornam o homem frágil, mas mostram-no tal qual é.

CAPÍTULO 17

A VIDA MONÁSTICA

Convém que aprendas a sujeitar-te a ti mesmo em muitas coisas, se queres manter a paz e a concórdia com os outros. Não é pouca coisa habitar nos mosteiros ou numa comunidade, e neles viver sem querela, perseverando fiel até a morte (cf. Fl 3,6; Ap 2,10). Bem-aventurado é quem ali viveu bem e chegou felizmente a bom termo.

Se quiseses permanecer firme e progredir devidamente, hás de ter-te por exilado e peregrino sobre a terra (cf. Hb 11,13). Cumpre que te faças estulto por Cristo se quiseses levar uma vida religiosa (cf. 1Cor 4,10). O hábito e a tonsura pouco fazem, mas a mudança de costumes e a íntegra mortificação das paixões constituem um verdadeiro religioso. Quem procura outra coisa que não seja unicamente a Deus e a salvação da própria alma não encontrará senão tribulação e dor (cf. Sl 114,3).

Não pode igualmente permanecer em paz por muito tempo quem não se esforça para ser [de todos] o menor e a todos sujeito (cf. 1Pd 2,13). Vieste para servir, não para reinar. Hás de saber que foste chamado a padecer e a trabalhar, não a folgar ou a tagarelar. Aqui se provam, portanto, os homens tal como o ouro na fornalha (cf. Sb 3,6). Aqui, ninguém pode permanecer firme a menos que, por Deus, se queira humilhar de todo o coração.

CAPÍTULO 18

OS EXEMPLOS DOS SANTOS PADRES^[14]

Contempla os vívidos exemplos dos santos Padres, nos quais refulgiu a verdadeira perfeição, e verás quão pouco é, e verdadeiramente nada, o que nós fazemos.^[15] Ai! O que é a nossa vida se for a eles comparada?

Os santos e amigos de Cristo serviram ao Senhor em fome e sede, em frio e nudez, em trabalho e fadiga, em vigílias e jejuns, em orações e santas meditações, em perseguições e muitos opróbrios (cf. 2Cor 11,27; 12,10). Oh, quantas e quão graves tribulações padeceram os apóstolos, os mártires, os confessores, as virgens e todos os outros que quiseram seguir os passos de Cristo (cf. Hb 11,36-38)! Pois odiaram suas almas neste mundo para as possuírem na vida eterna (cf. Jo 12,25).

Oh, que vida mais estrita e austera levaram os santos Padres no deserto; que tentações mais longas e graves sofreram; quão frequentemente atormentados foram pelo inimigo; que orações mais constantes e fervorosas ofereceram a Deus; que abstinências mais rígidas praticaram; quão grande zelo e fervor tiveram com vistas a seu progresso espiritual; que guerra mais forte empreenderam para domar [seus] vícios; que intenção mais pura e reta tiveram com relação a Deus!

Durante o dia, trabalhavam e, à noite, passavam longo tempo em oração; ainda que não deixassem minimamente a oração mental enquanto trabalhavam. Gastavam todo o tempo de forma proveitosa. Toda hora parecia curta para dedicar-se a Deus e, ante a grande doçura da contemplação, entregava-se ao esquecimento até mesmo a necessidade da refeição corporal.

Renunciavam a todas as riquezas, dignidades, honrarias, a todos os amigos e parentes, nada que fosse do mundo desejavam eles ter. Mal tomavam o que era necessário à vida, deploravam ter de servir ao corpo, até em caso de necessidade. Eram pobres, portanto, em coisas terrenas, mas muito ricos em graça e em virtudes. Passavam privações externas, mas eram sustentados interiormente pela graça

e pela divina consolação.

Eram alheios ao mundo, mas próximos a Deus e amigos íntimos Seus (cf. Jo 17,16). A seus próprios olhos, pareciam como se nada fossem e, aos olhos do mundo, eram desprezados, mas eram, aos olhos de Deus, preciosos e escolhidos. Permaneciam firmes numa humildade verdadeira, viviam em simples obediência, caminhavam em caridade e paciência e, por isso, progrediam a cada dia e grande graça obtinham junto de Deus (cf. Ef 5,2). Foram dados como exemplo a todos os religiosos; e mais nos devem [eles] estimular a que bem progridamos, do que o contingente dos túbios a que relaxemos.

Oh, quão grande foi o fervor de todos os religiosos no princípio de sua santa instituição! Oh, quão grande [foi] a devoção da oração, quão grande a emulação da virtude, quão grande disciplina vigorou, quanta reverência, quanta obediência em todos floresceu sob a regra! Atestam ainda os vestígios que deixaram terem sido eles varões verdadeiramente santos e perfeitos, que, pelejando tão destemidamente, calcaram o mundo aos pés.

Já agora, por certo, grande se considera alguém se não for um transgressor, se puder tolerar com paciência o que lhe acontece. Oh, tepidez e negligência do nosso estado, pois tão rapidamente declinamos do prístino fervor e já nos entediamos de viver, em consequência da lassidão e da tibieza. Oxalá o aproveitamento das virtudes não dormisse por completo em ti, que tão frequentemente viste muitos exemplos de devotos!

CAPÍTULO 19

OS EXERCÍCIOS DO BOM RELIGIOSO

A vida do bom religioso deve resplandecer em todas as virtudes, de modo que seja ele interiormente tal como exteriormente é visto pelos homens. E muito mais há de ser interiormente do que o que exteriormente se vê, pois é Deus quem nos vê e a quem devemos principalmente reverenciar onde quer que estejamos, caminhando puros como anjos na Sua presença (cf. Pr 24,12; Jó 8,6).

Devemos renovar todos os dias o nosso propósito e excitar-nos ao fervor, como se tivéssemos vindo hoje pela primeira vez à conversão, e dizer: “Ajuda-me, Senhor Deus, no bom propósito e no teu santo serviço, e dá-me agora que comece hoje [a viver] perfeitamente, pois nada é quanto até aqui tenho feito” (cf. 2Cr 14,11). Conforme o nosso propósito é o curso do nosso progresso; e muita diligência se faz necessária a quem quer progredir bem. Ora, se falha amiúde quem concebe fortemente um propósito, o que fará aquele que raramente ou de modo menos fixo a algo se propõe? De diversas maneiras, por outro lado, acontece a deserção do nosso propósito, e mal passa uma leve omissão dos exercícios sem algum prejuízo.

O propósito dos justos fundamenta-se mais na graça de Deus, n’O qual sempre confiam em tudo aquilo que empreendem, do que na própria paciência. Pois o homem propõe, mas Deus dispõe; e não está em poder do homem o seu próprio caminho (cf. Pr 16,9; Jr 10,23). Se, por razão de piedade ou propósito de utilidade fraterna, o acostumado exercício, vez por outra, se omitir, poderá recuperar-se facilmente mais tarde. Se, porém, se abandona com facilidade, pelo tédio do espírito ou por negligência, é coisa bastante culpável que como algo nocivo se percebe.

Empenhemo-nos quanto possamos e ainda cairemos levemente em muitas ocasiões (cf. Ecl 7,20). Sempre, no entanto, se há de ter como propósito algo determinado e se hão de propor, sobretudo, aquelas coisas que mais nos são de impedimento. Todas as nossas realidades exteriores e interiores hão de ser perscrutadas igualmente e ordenadas, pois ambas as esferas são úteis ao próprio progresso. Se

não consegues recolher-te continuamente, que o faças sequer de vez em quando ou pelo menos uma vez ao dia, a saber, de manhã ou à tarde.

Pela manhã, propõe; de tarde, examina teus costumes e como hoje te portaste em palavras, obras e pensamentos, pois em tais coisas, quicá, muito amiúde ofendeste a Deus e ao próximo.^[16] Arma-te como varão forte contra as maldades diabólicas, refreia a gula e conterás mais facilmente toda inclinação da carne (cf. Jó 38,3; Ef 6,11). Nunca estejas de todo ocioso, mas sim a ler, ou a escrever, ou a orar, ou a meditar, ou a trabalhar em algo de útil para a comunidade.^[17]

Os exercícios corporais hão de ser praticados, no entanto, com discrição, e não se hão de tomar igualmente por todos.^[18] Os [exercícios] que não forem comuns não se hão de mostrar externamente, pois o que é privado com mais segurança se pratica à parte. Cuidado, porém, para não seres preguiçoso em relação ao que é comum, e mais inclinado ao particular. Mas, uma vez cumprido íntegra e fielmente o que se deve fazer e o que foi mandado, se ainda resta tempo, volta-te a ti mesmo, conforme desejar a tua devoção.

Não podem todos praticar um único exercício, mas serve mais um exercício a este, outro àquele, e os diversos exercícios agradam, também, de acordo com a adequação aos tempos, pois uns adquirem mais sentido nas festas, enquanto outros nos dias de semana. Temos necessidade de uns no tempo das tentações, e de outros no tempo da paz e do repouso. Agrada-nos pensar em uns quando nos contristamos, e noutros quando estamos alegres no Senhor. Quando das festas principais, hão de renovar-se os bons exercícios e mais fervorosamente se hão de implorar os sufrágios dos santos.

De uma festa para outra, devemos fazer algum propósito, como se estivéssemos então para migrar do mundo e para chegar à festa eterna. E por isso, devemos preparar-nos solicitamente nos tempos devotos, mais devotamente viver e mais estritamente guardar toda observância, como havendo de receber em breve, da parte de Deus,

o prêmio pelo nosso trabalho.

E, se tal momento for adiado, creiamos que não estamos ainda bem preparados, que indignos somos da tão grande glória que se revelará em nós no tempo estabelecido, e empenhemo-nos em preparar-nos melhor para nossa partida (cf. Rm 8,18). Bem-aventurado o servo, diz o evangelista Lucas, que o Senhor, quando vier, encontrar vigilante (cf. Lc 12,43). “Em verdade vos digo: constituí-lo-á sobre todos os seus bens” (*ibid.*, 44).

CAPÍTULO 20

O AMOR DA SOLIDÃO E DO SILÊNCIO

Procura tempo conveniente para te dedicares a ti mesmo. Pensa frequentemente nos benefícios de Deus. Deixa de lado as coisas curiosas; lê, antes, com profundidade, matérias tais que deem mais compunção do que ocupação. Se te apartares das supérfluas conversações e das curiosas circunlocações, bem como de ouvir novidades e rumores, tempo suficiente e adequado encontrarás para te dedicares às boas meditações.

Os maiores dentre os santos evitavam, quando podiam, as companhias humanas e escolhiam viver para Deus em retiro. Disse alguém:^[19] “Toda vez que entre os homens estive, [daí] um homem menor voltei”. Mui frequentemente experimentamos isso quando por algum tempo nos entregamos a conversações. É, pois, mais fácil calar do que não se exceder na palavra. É mais fácil ocultar-se em casa do que poder guardar-se suficientemente fora dela. Convém, portanto, que quem pretende chegar às realidades interiores e espirituais se afaste da turba com Jesus (cf. Jo 5,13).

Ninguém aparece [em público] com segurança, a não ser quem de bom grado se esconde. Ninguém fala com segurança, a não ser quem de bom grado se cala. Ninguém preside com segurança, a não ser quem de bom grado se submete. Ninguém ordena com segurança, a não ser quem de bom grado obedece. Ninguém se regozija com segurança, a não ser quem conta com o testemunho de uma boa consciência (cf. 2Cor 1,12). A segurança dos santos, no entanto, mostrou-se sempre repleta do temor de Deus. Nem foram eles menos solícitos e humildes em si, pelo fato de terem resplandecido em grandes virtudes e em graça. A segurança dos perversos, por outro lado, origina-se da soberba e da presunção e, no fim, transforma-se em desespero para eles.

Nunca te prometas segurança nesta vida, conquanto pareças um bom cenobita ou um bom eremita. Os melhores segundo a estimação dos homens incorreram amiúde em mais perigos por causa de sua excessiva confiança [em si]. Daí que muito mais útil seja

o não carecerem por completo de tentações, mas que estas mui frequentemente lhes deem combate, para que não fiquem por demais seguros de si; não aconteça, talvez, virem a elevar-se na soberba e a inclinar-se ainda, mui ao sabor de seu capricho, para as consolações externas.

Oh, quem nunca procurasse uma alegria passageira, quem nunca se ocupasse com o mundo, quão boa consciência guardaria! Oh, quem extirpasse toda vã solicitude ou pelo menos pensasse em realidades salutare e divinas, depondo em Deus toda a sua esperança, quão grande paz e repouso possuiria (cf. Sl 77,7)!

Ninguém é digno da celeste consolação, a menos que se tenha exercitado diligentemente na santa compunção. Se quiseses compungir-te até o coração, entra no teu quarto e lança fora o tumulto do mundo, como está escrito: “Em vossos leitos, compungivos” (cf. Is 26,20; Sl 4,5). Encontrarás na cela o que fora mui amiúde perderás. A cela prolongada faz-se doce, e mal guardada produz tédio. Se, no princípio da tua conversão, aí habitares e a guardares bem, ela será, mais tarde, dileta amiga e consolo agradabilíssimo para ti.

No silêncio e no repouso, progride a alma devota e aprende os segredos das Escrituras (cf. Eclo 39,3). Aí encontra as torrentes de lágrimas com as quais se há de lavar e purificar a cada noite, de modo a tornar-se tanto mais íntima ao seu Criador, quanto mais apartadamente vive de todo tumulto secular (cf. Sl 6,7). Deus Se aproximará, portanto, com os Seus santos anjos, de quem se aparta de conhecidos e de amigos. É melhor manter-se escondido e ter cuidado para consigo (cf. At 27,3) do que, negligenciando-se a si mesmo, realizar prodígios. É louvável para um homem religioso que raramente saia, que fuja de ser visto e não queira ver os homens. Por que queres ver o que não [te] é permitido ter? “O mundo passa e a sua concupiscência” (1Jo 2,17).

Os desejos da sensualidade arrastam a passatempos, mas, quando a hora tiver passado, o que isso traz senão o peso da consciência e a dispersão do coração? Uma alegre partida conduz com frequência a um regresso triste, e a alegre vigília noturna produz uma triste manhã. Assim, todo regozijo carnal entra brandamente, mas, no

fim, atormenta e destrói (cf. Pr 23,31-32).

O que podes ver alhures que aqui não vejas? Eis o céu, a terra e todos os elementos, e destes tudo foi feito. O que podes ver algures que por longo tempo permaneça debaixo do sol (cf. Ecl 2,11)? Talvez acredites saciar-te, mas não o conseguirás. Se visses todas as coisas presentes, o que seria isso senão uma visão vã? Eleva teus olhos a Deus nas alturas e roga pelos teus pecados e negligências (cf. Is 40,26). Deixa aos vãos as coisas vãs; tu, porém, atenta para as que Deus te ordenou (cf. Eclo 3,22).

Fecha a porta sobre ti e chama a ti o teu dileto Jesus (cf. Is 26,20; Mt 6,6). Permanece com Ele na cela, porque não acharás alhures tanta paz. Se não tivesses saído [dali] nem ouvido o que quer que fosse de rumores, terias permanecido melhor, em boa paz. Pelo fato de te deleitares vez por outra em ouvir novidades, convém que suportes, em consequência, a perturbação do coração.

CAPÍTULO 21

A COMPUNÇÃO DO CORAÇÃO

Se em algo quiseses progredir, conserva-te no temor de Deus e não sejas livre demais, mas coíbe todos os teus sentidos sob a disciplina e não te entregues a uma inconveniente alegria (cf. Pr 23,17). Dá-te à compunção do coração e encontrarás a devoção. A compunção franqueia o acesso a muitos bens que a dissolução costuma perder rapidamente.

É admirável que alguma vez possa alegrar-se perfeitamente nesta vida o homem que a tem por seu exílio e considera os muitos perigos da sua alma. Por causa da ligeireza do coração e da negligência de nossos defeitos, não sentimos as dores da nossa alma, mas amiúde tagarelamos inutilmente quando, com razão, deveríamos chorar. Não há verdadeira liberdade nem boa consciência senão no temor de Deus (cf. Hb 13,18).

Feliz quem pode lançar de si todo impedimento da distração e reconduzir-se à unidade da santa compunção. Feliz quem exclui de si tudo o que pode manchar ou tornar pesada a sua consciência. Combate virilmente; um costume com outro costume se vence. Se tu souberes deixar os homens, estes convenientemente te deixarão fazer as tuas obras. Não atraias para ti as ocupações de outros, nem te intrometas em questões de gente mais importante. Que tenhas os olhos voltados sempre para ti em primeiro lugar e admoestes especialmente a ti mesmo, antes que a todos os que te são caros.

Se não gozas do favor dos homens, não te entristeças por isso; pese-te, porém, que não te portes suficientemente bem e de modo austero, como conviria que vivesse um servo de Deus e devoto religioso. É amiúde mais útil e mais seguro que o homem não tenha muitas consolações nesta vida, mormente segundo a carne (cf. Rm 8,4). Por não termos, contudo, as divinas [consolações] ou mui raramente nos sentirmos devotos, culpados somos, já que não procuramos a compunção do coração e não lançamos de nós consolações que são vãs e exteriores.

Reconhece que és indigno da consolação divina; e mais digno,

porém, de muita tribulação. Quando o homem está perfeitamente compungido, o mundo mostra-se então, para ele, pesado e amargo. O homem bom encontra suficiente matéria para condoer-se e chorar. Pois, quer se considere a si mesmo, quer pondere acerca do próximo, sabe que ninguém vive aqui sem tribulação. E quanto mais estritamente se considera, tanto mais se penaliza.

Matérias de uma justa dor e de interna compunção são nossos pecados e vícios, nos quais jazemos envolvidos de tal modo, que raramente conseguimos contemplar as celestes realidades. Se meditasses sobre a tua morte mais frequentemente do que sobre a duração da tua vida, não há dúvida de que mais frequentemente te emendarias. Se em teu coração considerasses também as penas futuras do inferno ou do purgatório, creio que de bom grado tolerarias a dor e o trabalho, e não temerias rigor algum (cf. Eclo 7,40).

Mas porque tais [pensamentos] não passam ao coração e ainda amamos lisonjas, permanecemos, pois, frios e muito preguiçosos. Frequentemente é a penúria do espírito [a razão] pela qual o mísero corpo com tanta facilidade se queixe. Roga, portanto, ao Senhor com humildade, para que te dê um espírito de compunção e diga com o profeta: “Nutre-me, Senhor, com o pão das lágrimas e faze-me beber um copioso pranto” (cf. Sl 79,6).

CAPÍTULO 22

A CONDIÇÃO DA MISÉRIA HUMANA

Miserável serás em qualquer lugar onde estiveres e para onde quer que te voltes, a menos que te voltes todo para Deus. Por que te perturbas por não te suceder o que queres e desejas? Quem é que tudo tem segundo a própria vontade? Nem eu, nem tu, nem homem algum sobre a terra. Ninguém está no mundo sem alguma tribulação ou angústia, conquanto seja rei ou papa. Quem é que se encontra em melhor situação? Certamente quem consegue padecer algo por Deus.

Muitos débeis e enfermos (cf. 1Cor 11,30) dizem: “Eis que tem aquele uma boa vida, quão rico e quão importante, quão poderoso e quão elevado [é]”. Mas presta atenção nos bens celestes e verás que todas essas são coisas temporais, bem mais incertas, porém, e muito onerosas, porque jamais se possuem sem solicitude e temor. A felicidade do homem não é ter bens temporais em abundância, mas basta-lhe a mediania (cf. Pr 30,8).

É verdadeiramente uma miséria viver sobre a terra (cf. Ecl 2,17). Quanto mais espiritual o homem quiser ser, tanto mais amarga se lhe fará a vida presente, pois perceberá melhor e mais claramente verá os efeitos da humana corrupção. É verdadeiramente, pois, uma grande miséria comer, beber, estar em vigília, dormir, descansar, trabalhar e prover às outras necessidades da natureza, e uma aflição para o homem devoto, que de bom grado se desligaria [disso] e livre seria de todo pecado. Muito onerado, com efeito, é o homem interior pelas necessidades corporais neste mundo. Daí que rogue o profeta devotamente a fim de poder ver-se livre delas, dizendo: “De minhas necessidades, livra-me, Senhor” (cf. Sl 24,17).

Mas aí dos que não reconhecem sua miséria e sua vida corruptível! Pois alguns com ela de tal maneira se abraçam – posto que, trabalhando ou mendigando, mal tenham o necessário – que, se pudessem viver aqui para sempre, em nada se ocupariam do Reino de Deus. Ó insanos e infíéis de coração, que tão profundamente jazem na terra, a ponto de não gostarem senão do que é carnal (cf.

Rm 8,5)! Mas os miseráveis ainda hão de perceber contundentemente, no fim, quão vil e quão pouca coisa era tudo o que amaram.

Os santos de Deus, por outro lado, e os devotos amigos de Cristo não deram atenção às realidades que agradaram à carne, nem às que floresceram neste tempo, mas toda a sua esperança e [sua] vontade anelavam os bens eternos. Todo o seu desejo se transportava às realidades permanentes e invisíveis, para que não fossem arrastados às inferiores pelo amor do que é visível.

Não percas, irmão, a confiança de progredir em direção às realidades espirituais; pois tens ainda tempo e oportunidade (cf. Hb 10,35). Por que queres adiar o teu propósito? Levanta-te, começa de uma vez e dize: é agora o tempo de agir, é agora o tempo de lutar, é agora o tempo oportuno de emendar-me. Quando te sentes mal e és atribulado, então é tempo de merecer.

Convém que passes pelo fogo e pela água, antes de chegares ao descanso (cf. Sl 65,12). Se não fizeres violência contra ti, não superarás o vício. Enquanto levamos este corpo frágil, não podemos estar sem pecado, nem viver sem tédio e dor.^[20] De bom grado teríamos repouso de toda miséria, mas já que perdemos pelo pecado a inocência, vimo-nos privados, igualmente, da verdadeira felicidade. Convém, por isso, que tenhamos paciência e esperemos a misericórdia de Deus até que passe esta iniquidade e seja a mortalidade absorvida pela vida (cf. 2Cor 5,4).

Oh, quão grande é a fragilidade humana, que sempre está inclinada para os vícios (cf. Gn 8,21)! Confessas hoje os teus pecados e cometes amanhã, novamente, o que confessaste. Agora fazes o propósito de cuidar-te e, depois de uma hora, procedes de tal maneira como se nada tivesses proposto. Com razão, pois, podemos humilhar-nos a nós mesmos e jamais pensar de nós algo de grande, visto que tão frágeis e instáveis somos. Pode rapidamente perder-se, também, por negligência, o que com muito trabalho e dificuldade enfim se adquiriu pela graça.

O que ainda será de nós no fim, se tão cedo somos túbios? Ai de nós, se assim queremos procurar descanso, como se já houvesse paz

e segurança, quando ainda não aparece um traço de verdadeira santidade em nossa vida (cf. 1Ts 5,3)! Boa falta nos faria que fôssemos ainda formados, quais bons noviços, nos melhores costumes, se é que houvesse esperança de emenda futura e de maior progresso espiritual.

CAPÍTULO 23

A MEDITAÇÃO DA MORTE

Mui depressa será contigo tal fato: vê como portar-te de outra maneira. Hoje existe um homem, amanhã já não aparece (cf. 1Mc 2,63). Quando, porém, tiver sido arrebatado aos olhos, passará com celeridade também da mente. Ó embotamento e dureza do coração humano, que tão somente medita no que é presente e não prevê, de preferência, as coisas futuras! Em todo gesto e pensamento, hás de portar-te como se de imediato estivesses para morrer. Se tivesses uma boa consciência, não temerias muito a morte.

Melhor é cuidar-se dos pecados do que fugir da morte. Se não estás preparado hoje, como amanhã estarás? O amanhã é dia incerto, e por que sabes que terás um amanhã? De que serve viver por longo tempo quando pouco nos emendamos? Ah, uma vida longa nem sempre emenda; antes, muitas vezes aumenta mais a culpa. Oxalá, por um só dia, tivéssemos vivido bem neste mundo! Muitos contam anos de conversão; frequentemente, porém, pequeno é o fruto de [sua] emenda. Se temeroso é morrer; talvez mais perigoso seja viver por longo tempo.

Bem-aventurado quem ante os olhos sempre tem a hora de sua morte e todos os dias se prepara para morrer. Se viste alguém morrer, pensa que passarás tu pelo mesmo caminho. Quando for de manhã, pensa que não hás de chegar à tarde. Ao declinar da tarde, por sua vez, não te atrevas a prometer-te a manhã (cf. Mt 26,20). Que sempre preparado estejas, portanto, e vivas como tal, para que a morte nunca te encontre desprevenido.

Muitos morrem subitamente e de improviso; pois, na hora em que não se pensa, virá o Filho do homem (Lc 12,40; Mt 24,44). Quando vier aquela hora extrema, começarás a fazer juízo bem diferente de toda a tua vida passada e muito te afligirás por teres sido tão negligente e remisso. Quão feliz e prudente é quem se esforça agora em vida para viver de tal modo como deseja ser encontrado à hora da morte! Darão, com efeito, grande confiança ao morrer o perfeito desprezo do mundo, o fervoroso desejo de progredir nas virtudes, o

amor à disciplina, o esforço da penitência, a prontidão da obediência, a renúncia de si e a tolerância de qualquer adversidade por amor de Cristo.

Muitas obras boas podes tu realizar enquanto tens saúde, mas, uma vez enfermo, não sei o que poderás [fazer]. Poucos se corrigem pela enfermidade, assim como quem muito peregrina raramente se santifica. Não confies em amigos nem em próximos, tampouco adies para tempos futuros a tua salvação, pois os homens se esquecerão de ti mais rapidamente do que pensas (cf. Eclo 5,8). É melhor providenciar agora, com tempo suficiente, e enviar à tua frente algo de bom do que esperar pelo auxílio de outros. Se não fores solícito agora em teu próprio favor, quem será solícito por ti no futuro?

O tempo é agora precioso por demais, mas – oh, lástima! – gastas de forma inútil esse tempo em que podes adquirir méritos para viver eternamente! Virá o momento em que desejarás um só dia ou uma única hora para emendar-te, e não sei se o obterás. Eia, caríssimo, de quão grande perigo te poderias libertar, de quão grande temor arrebatá-lo, se estivesses agora sempre temeroso e desconfiado da morte! Empenha-te, pois, em viver de tal maneira que, na hora da morte, possas antes regozijar-te que temer. Aprende agora a morrer para o mundo, para que então comeces a viver com Cristo (cf. Rm 6,8). Aprende agora a desprezar todas as coisas, para que então possas dirigir-te livremente para Cristo. Castiga o teu corpo pela penitência, para que possas ter então uma confiança certa (cf. 1Cor 9,27).

Ah, estulto, por que pensas que hás de viver por muito tempo, quando não tens um só dia garantido? Quantos há que se enganaram e separados foram do corpo quando menos o esperavam! Quantas vezes ouviste que diziam: este morreu pela espada, afogou-se aquele, despencou-se outro do alto e quebrou o pescoço, paralisou-se aquele ao comer, aqueloutro encontrou seu fim enquanto se divertia, um morreu pelo fogo, outro pelo ferro, um pela peste, outro por latrocínio? E, assim, a morte é o fim de todos, e a vida dos homens qual uma sombra passa depressa (cf. Sl 143,4; Jó 14,2).

Quem se lembrará de ti depois da morte e quem rogará por ti?

Põe-te a agir; faze agora, caríssimo, o que puderes fazer por ti mesmo, pois não sabes quando morrerás (cf. Mt 25,13). Desconheces também o que te acontecerá depois da morte. Enquanto tiveres tempo, ajunta riquezas imortais (cf. Gl 6,10). Em nada penses a não ser na tua salvação. Não te ocupes senão do que é de Deus. Faze, agora, amigos para ti, venerando os santos e imitando os seus atos, para que, quando vieres a faltar nesta vida, eles te recebam nos eternos tabernáculos (cf. Lc 16,9).

Guarda-te como peregrino e hóspede sobre a terra, a quem nada dos negócios da terra diz respeito (cf. 1Pd 2,11). Guarda o coração livre e elevado para Deus, pois não tens “aqui cidade permanente” (Hb 13,14). Para lá dirige teus gemidos e tuas cotidianas preces, para que teu espírito mereça, depois da morte, passar ditosamente ao Senhor.

CAPÍTULO 24

O JUÍZO E AS PENAS DOS PECADORES

Em todas as coisas, tem em conta o fim e como hás de comparecer ante o severo Juiz, a quem nada está oculto e que não Se deixa aplacar por presentes nem aceita escusas, mas julgará o que for justo (cf. Rm 14,10; Eclo 39,24).

Ó misérrimo e insensato, o que responderás ao Deus que conhece todos os teus males, tu que, por agora, tens medo até do rosto de um homem irado (cf. Jó 31,14)? Por que não te prevines para o dia do juízo, quando ninguém poderá escusar-se ou defender-se por outrem, mas cada um, oferecendo [as costas], carregará por si mesmo o próprio fardo (cf. Gl 6,5)?

Agora, teu trabalho é frutuoso, teu pranto aceitável, teu gemido se faz ouvir e tua dor é satisfatória e purificadora. Grande e salutar purgatório tem o homem paciente, que, ao receber uma injúria, mais se aflige pela malícia do outro do que pela própria injúria que sofreu, que reza de bom grado por aqueles que o entristecem e perdoa as culpas de coração, que não demora em pedir perdão a outrem, que mais facilmente se compadece do que se ira, que faz amiúde violência a si próprio e se esforça para subjugar sua carne de todo ao espírito.

É melhor purgar agora os pecados e extirpar os vícios, do que deixá-los para purgar no futuro. Na verdade, enganamo-nos a nós mesmos pelo amor desordenado que temos à carne. Que outra coisa devorará aquele fogo senão os teus pecados? Quanto mais te poupas agora e segues em pós da carne, tanto mais duramente chorarás depois, e mais lenha reservas para ser queimada. Naquelas coisas em que o homem pecou, será ele mais gravemente punido (cf. Sb 11,16).

Os acediosos serão ali espicaçados com agulhões ardentes; e os gulosos por ingente fome e sede serão excruciados. Ali, os luxuriosos e amantes de prazeres serão banhados em escaldante pez e fétido enxofre, e como cães furiosos hão de ulular cheios de ódio por causa da dor (cf. Ap 21,8). Não haverá vício algum que não

tenha então o seu próprio tormento. Os soberbos se encherão ali de toda a confusão, e os avaros por misérrima penúria serão oprimidos. Uma só hora em pena será ali mais pesada do que cem anos transcorridos aqui em amaríssima penitência. Repouso algum, consolação alguma haverá ali para os condenados; aqui, no entanto, vez por outra se descansa do trabalho e desfruta-se dos confortos dos amigos.

Sê agora solícito e lamenta-te pelos teus pecados, para que, no dia do juízo, estejas seguro, em bem próxima companhia dos bem-aventurados. Com efeito, os justos estarão, então, em grande constância diante dos que os angustiam e desprezaram (cf. Sb 5,1). Há de julgar, então, quem agora se submete humildemente a juízos de homens (cf. Mt 19,28; 1Cor 6,2). Grande confiança terá, então, o pobre e humilde, mas o soberbo se apavorará por todos os lados. Então se verá ter sido sábio neste mundo quem aprendeu a ser estulto e desprezado por Cristo (cf. 1Cor 4,10).

Então agradará toda tribulação que se tiver pacientemente suportado, e “toda iniquidade fechará sua boca” (Sl 106,42). Então se regozijará todo devoto, e se angustiará todo ímpio. Mais exultará então a carne que foi afligida do que se, nutrida entre delícias, sempre tivesse desfrutado. Então resplandecerá o hábito vil, e se obscurecerá a veste delicada. Mais se louvará então o domicílio pobrezinho do que o dourado palácio. Mais ajudará então a constante paciência do que toda a potência do mundo (cf. Pr 16,32).

Mais se exaltará então a simples obediência do que toda a secular astúcia. Mais alegria dará então a pura e simples boa consciência do que a douda filosofia. Mais peso terá então o desprezo das riquezas do que todo o tesouro dos filhos da terra. Mais te consolarás então pela devota oração do que pela requintada ingestão. Mais te alegrarás então pelo silêncio guardado do que por longa conversação. Mais força terão então as santas obras do que muitas belas palavras. Mais força terá então a vida estrita, a penitência árdua, do que todo o deleite terreno. Aprende agora a padecer um pouco para que, então, consigas libertar-te de mais pesados [padecimentos].

Experimenta primeiro aqui o que podes padecer depois. Se agora

não és capaz de aguentar tão pouco, como poderás suportar os eternos tormentos? Se agora um padecimento pequeno tão impaciente te torna, que há de fazer, então, a geena? Eis que, de fato, não podes ter duas alegrias, deleitar-te aqui no mundo e, depois, reinar com Cristo. Se até o dia de hoje tivesses vivido sempre entre honrarias e prazeres, em que tudo isso te teria servido se já, num instante, coubesse morrer? Tudo é, pois, vaidade, a não ser amar a Deus e só a Ele servir (cf. Ecl 1,2).

Quem ama a Deus de todo o coração não teme a morte, nem o suplício, nem o juízo, nem o inferno, porque o perfeito amor franqueia um seguro acesso a Deus (cf. 1Jo 4,18). Não é admirável, por outro lado, que aquele a quem o pecar ainda deleita tema a morte e o juízo. É bom, contudo, que, se o amor ainda não te afasta do mal, pelo menos o temor da geena te constranja [a fazê-lo]. Quem, na verdade, pospõe o temor de Deus não conseguirá manter-se de pé por longo tempo, mas muito depressa virá a dar nos laços do diabo.

CAPÍTULO 25

A FERVOROSA EMENDA DE TODA A NOSSA VIDA

Sê vigilante e diligente no serviço de Deus e pensa com frequência no fim para que vieste e no motivo por que deixaste o século (cf. Ap 3,2). Por acaso não [vieste] com o fim de viveres para Deus, e de te tornares espiritual? Que te afervores, pois, pela perfeição, porque em breve receberás a recompensa dos teus trabalhos, nem então haverá mais temor ou dor nos teus confins (cf. 1Cor 3,8).

Trabalharás um pouco agora, mas um grande repouso, aliás, perpétua alegria encontrarás (cf. Eclo 51,35). Se tiveres permanecido fiel e fervoroso em teu proceder, Deus será, sem dúvida, fiel e generoso em retribuir (cf. Mt 25,21). Deves conservar a boa esperança de que chegarás à palma, mas não convém adquirir segurança [disso] para que não te entorpeças, nem te tornes soberbo.

Quando alguém amiúde flutuava, com efeito, cheio de ansiedade, entre o medo e a esperança, tendo-se prostrado certa vez em oração na igreja, tomado pela angústia, diante de um altar, revolveu dentro de si tais pensamentos, dizendo: “Oh, se eu soubesse que ainda haveria de perseverar!”. Imediatamente ouviu dentro de si a divina resposta: “O que dizes? Se o soubesses, o que gostarias de fazer?”. Faze agora o que gostarias de fazer e bem seguro estarás. E no mesmo instante, consolado e confortado, confiou-se à divina vontade e aquela ansiosa flutuação cessou. E não quis investigar curiosamente para vir a conhecer como seriam para ela as realidades futuras, mas empenhou-se mais em indagar qual seria a vontade de Deus, benigna e perfeita para começar e levar à perfeição toda e qualquer obra (cf. Eclo 2,19; Rm 12,2; Fl 1,6; 2Tm 3,17).

“Espera no Senhor e faze o bem”, diz o profeta, “habita a terra e serás apascentado em meio às suas riquezas” (Sl 36,3). Uma só causa é o que a muitos retrai do progresso e de uma fervorosa emenda: o horror da dificuldade ou o trabalho do combate. Progridem nas virtudes, muito mais que outros, os que se empenham em vencer

aquelas realidades que lhes são mais penosas e contrárias. Pois o homem tanto mais progride e graça maior merece, quanto mais se vence a si mesmo e se mortifica em seu espírito. Mas nem todos têm igualmente muito que vencer e em que morrer. Um diligente contendor, porém, em melhores condições estará de progredir, ainda que tenha mais paixões do que outro bem morigerado, porém menos fervoroso na aquisição das virtudes.

Duas coisas favorecem especialmente uma grande emenda, a saber, afastar-se alguém com violência daquilo a que a natureza viciosamente se inclina e trabalhar sem descanso, fervorosamente, pelo bem de que mais carece. E que mais te empenhes também em evitar e vencer aquelas realidades que mais frequentemente te desagradam nos outros. Em toda parte, tomarás ocasião para teu aproveitamento, de sorte que, se vires bons exemplos ou os ouvires, te inflames no desejo de imitá-los. Se algo, porém, tiveres considerado repreensível, guarda-te de fazeres o mesmo ou, se alguma vez o fizeste, que procures emendar-te sem mais demora. Como o teu olho a outros considera, assim também por outros és observado.

Quão agradável e doce é ver irmãos fervorosos e devotos, bem morigerados e disciplinados! Quão triste é, e penoso, ver os que perambulam desordenadamente e não se ocupam daquilo a que foram chamados (cf. 2Ts 3,6)! Quão nocivo é negligenciar o propósito da própria vocação e inclinar o pensamento ao que não lhe foi confiado! Lembra-te do propósito assumido e põe diante de ti a imagem do Crucificado. Bem podes envergonhar-te, uma vez considerada a vida de Jesus Cristo, porque ainda não te empenhaste o bastante em conformar-te a Ele, conquanto por longo tempo já estejas no caminho de Deus.

O religioso que se exercita atenta e devotamente na santíssima vida e paixão do Senhor aí encontrará, em abundância, tudo o que lhe é útil e necessário, não sendo preciso que procure algo melhor fora de Jesus. Oh, se Jesus crucificado viesse ao nosso coração, quão rápida e suficientemente doutos seríamos!

O fervente religioso suporta bem todas as coisas e acata o que lhe é mandado. O religioso negligente e túbio tem tribulação sobre

tribulação e sofre angústia de toda parte, porque carece da consolação interior e lhe é proibido procurar a exterior. O religioso que vive fora da disciplina a grave ruína se expõe. Quem procura o que é mais fácil e descuidado sempre estará em angústia, porque uma coisa ou outra sempre lhe desagradará.

Como fazem tantos outros religiosos, que bastante limitados estão pela disciplina claustral? Raramente saem, vivem retirados, mui pobremente comem e grosseiramente se vestem. Trabalham muito, pouco falam, continuamente velam, levantam-se cedo e prolongam as orações, frequentemente leem e guardam-se em toda a disciplina. Presta atenção aos cartuxos^[21] e aos cistercienses,^[22] bem como aos monges e às monjas de diversa religião,^[23] em como se levantam toda a noite para salmodiar a Deus. E, por isso, vergonhoso é que te adormentes em obra tão santa e sintas preguiça, quando tão grande multidão de religiosos começa a louvar a Deus.

Oh, se nada mais se nos incumbisse fazer, a não ser louvar o Senhor, nosso Deus, de todo coração e com a boca! Oh, se nunca tivesses necessidade de comer, nem de beber, nem de dormir, mas sempre pudesses louvar a Deus e empregar o tempo tão somente em ocupações espirituais! Serias então muito mais feliz do que agora, quando serves à carne por qualquer necessidade. Oxalá não houvesse tais necessidades, mas apenas as refeições espirituais da alma, as quais – ai de nós! – bem raramente degustamos!

Quando o homem chega ao ponto em que não procura a consolação em criatura alguma, Deus começa então, em primeiro lugar, a ter sabor para ele de modo perfeito. Estará [o homem] contente também, então, com tudo o que lhe acontecer, e não se alegrará com a grandeza, nem se contristará com a pequenez, pondo-se íntegra e confiantemente em [mãos de] Deus, que é para ele tudo em todos e para quem nada há, por certo, que pereça ou morra, mas tudo vive e serve sem cessar à Sua vontade (cf. Cl 3,11; Sl 118,91).

Lembra-te sempre do fim e de que o tempo perdido não volta. Sem solicitude e diligência, jamais adquirirás as virtudes. Se começares a entibiar-te, começarás a ir mal. Se, porém, te

entregares ao fervor, grande paz acharás e mais leve encontrarás o trabalho por causa da graça de Deus e do amor à virtude. O homem fervoroso e diligente está preparado para tudo. Resistir aos vícios e às paixões é trabalho maior do que suar em meio a fadigas corporais. Quem não evita os pequenos defeitos cairá aos poucos nos maiores (cf. Eclo 19,1). Sempre te alegrarás à tarde se empregares frutuosamente o dia. Vela sobre ti; haja o que houver com os outros, a ti mesmo não negligencies. Tanto mais progredirás, quanto mais violência fizeres a ti mesmo. Amém.

LIVRO II
A VIDA INTERIOR

CAPÍTULO I

O CONVÍVIO INTERIOR

“O Reino de Deus está dentro de vós”, diz o Senhor (Lc 17,21). Converte-te ao Senhor de todo o teu coração e abandona este mísero mundo, e tua alma encontrará repouso (cf. Jl 2,12; Mt 11,29). Aprende a desprezar as realidades externas e a entregar-te às internas, e verás vir o Reino de Deus dentro de ti. O Reino de Deus é, pois, paz e alegria no Espírito Santo, coisa que aos ímpios não se dá (cf. Rm 14,17).

Cristo virá a ti mostrando-te a Sua consolação, se para Ele tiveres preparado no teu interior digna mansão. Toda a Sua glória e encanto vêm de dentro, e Ele aí Se compraz (cf. Sl 44,14). Frequente é a Sua visita ao homem interior, doce conversação, agradável consolação, muita paz, familiaridade assaz estupenda. Eia, alma fiel, para tal Esposo prepara o teu coração, de modo que Se digne de vir e de habitar em ti (cf. 1Sm 7,3). Assim, pois, Ele diz: “Se alguém me ama, guardará a minha palavra..., e nós viremos a ele, e nele faremos morada” (Jo 14,23). Dá lugar, então, a Cristo e nega a entrada a todos os outros.

Quanto tiveres a Cristo, rico serás e isso te basta. Ele próprio será teu provedor e fiel procurador em todas as coisas, de modo que não tenhas de esperar nos homens. Os homens, com efeito, mudam depressa e rapidamente fraquejam. Cristo, porém, permanece para sempre e está firmemente de pé a teu lado até o fim (cf. Jó 14,2; Jo 12,34). Não se há de depositar grande confiança num homem frágil e mortal, por mais útil que seja e amado, nem muita tristeza se deve sentir pelo fato de que nos contrarie ou contradiga.

Os que hoje estão contigo podem contrariar-te amanhã e vice-versa, porque mudam frequentemente de direção como a brisa. Põe toda a tua confiança no Senhor, e que Ele seja teu temor e teu amor (cf. Pr 3,5). Ele responderá por ti e o fará bem, como for melhor (cf. Is 38,14). Não tens aqui uma cidade permanente e, onde quer que estejas, estrangeiro serás e peregrino, e não terás repouso sequer uma vez, a menos que estejas intimamente unido a Cristo (cf. Hb

13,14; Sl 38,13). O que olhas aqui à tua volta com atenção, não sendo este o lugar do teu repouso (cf. At 7,49)?

Nas celestes realidades há de estar tua morada, e todas as coisas [neste mundo] hão de olhar-se como que de passagem (cf. 2Cor 5,2). Todas as coisas passam, e tu com elas igualmente (cf. Sb 5,9). Guarda-te de apegar-te [a elas], para não seres seduzido e pereceres. Junto ao Altíssimo esteja o teu pensamento, e a Cristo se dirija sem interrupção a tua prece (cf. Sb 5,15; 1Ts 5,17). Se não sabes entregar-te à especulação de realidades altas e celestes, descansa na Paixão de Cristo e habita de bom grado nas Suas sagradas feridas. Se devotamente te refugiares, pois, nas feridas e nos formosos estigmas de Jesus, sentirás grande consolação na tribulação, muita atenção não prestarás nos desprezos dos homens e facilmente tolerarás as palavras dos detratores.

O Senhor Jesus Cristo foi também no mundo desprezado pelos homens e, quando estava na maior necessidade, abandonado entre opróbrios por amigos e conhecidos (cf. Is 53,3; Lc 23,49). O Senhor Jesus quis padecer e ser desprezado, e tu ousas queixar-te de algo? Cristo teve adversários e contraditores, e tu queres ter a todos como amigos e benfeitores? Como será coroada a tua paciência se nada de adverso te ocorrer? Se não queres padecer contrariedade alguma, como serás amigo de Cristo? Sofre com Cristo e por Cristo, se com Cristo queres reinar (cf. 2Tm 2,12).

Se tivesses entrado uma só vez na intimidade de Jesus e saboreado um pouco do Seu ardente amor, não te preocuparias então com tua própria comodidade ou incomodidade; antes, mais te regozijarias pelo opróbrio infligido, pois o amor de Jesus faz com que o homem a si mesmo se despreze (cf. At 5,41). Quem ama Jesus e é verdadeiro [homem] interior, livre de afetos desordenados, pode converter-se livremente a Deus e elevar-se em espírito sobre si mesmo, repousando aprazivelmente.

Aquele a quem as coisas todas se consideram como são, não como se dizem nem como se estimam, é verdadeiramente um sábio, instruído mais por Deus que pelos homens. Quem sabe caminhar [recolhido] dentro de si e considerar em pouco as coisas do exterior não requer lugares nem espera tempos para ter devotos exercícios.

O homem interior depressa se recolhe e jamais se derrama totalmente nas realidades exteriores. Não lhe servem de obstáculo o trabalho externo, nem a ocupação temporariamente necessária, mas tal como as coisas acontecem, assim a elas se acomoda.

Quem se encontra bem-disposto e ordenado em seu interior não se preocupa com os feitos admiráveis e perversos dos homens. Tanto mais se vê um homem impedido ou distraído, quanto mais atrai as coisas a si. Se retamente vivesses diante de ti e bem purificado estivesse, tudo sucederia para teu bem e teu proveito. Por isso, desagradam-te amiúde muitas coisas e amiúde te perturbam, pois ainda não morreste perfeitamente para ti nem te separaste de todas as realidades terrenas. Nada mancha nem embarga tanto o coração do homem como o amor impuro às criaturas. Se rejeitares consolar-te exteriormente, poderás contemplar as celestes realidades e rejubilar-te interiormente muitas vezes.

CAPÍTULO 2

A HUMILDE SUBMISSÃO

Não tenhas por grande coisa que alguém se posicione contra ti ou a teu favor, mas age de modo a procurares que Deus esteja contigo em tudo o que fazes. Que tenhas uma boa consciência, e Deus certamente te há de defender. Pois a perversidade de quem quer que seja não poderá prejudicar aquele a quem Ele quiser ajudar.

Se tu souberes calar e padecer, verás sem dúvida o auxílio do Senhor (cf. 2Cr 20,17). [Deus] conhece o tempo e o modo de libertar-te e, por isso, deves confiar-te inteiramente a Ele. É próprio de Deus ajudar e de toda a confusão libertar (cf. 2Cr 25,8). Frequentemente, para que maior humildade se guarde, é de proveito que outros conheçam os nossos defeitos e os repreendam. Quando um homem se humilha em razão de seus defeitos, aplaca facilmente os outros e satisfaz sem maior dificuldade os que contra ele se iravam (cf. Pr 15,1).

Deus protege e liberta o humilde. Ao humilde ama e consola. Inclina-Se ao homem humilde. Concede ao humilde uma grande graça e, depois do seu abatimento, eleva-o à glória (cf. 2Cor 7,6; 1Pd 5,5). Ele revela Seus segredos ao humilde, atraindo-o suavemente e convidando-o a Si (cf. Mt 11,25). Uma vez recebida a afronta e a confusão, o humilde fica suficientemente em paz, pois firma seus pés em Deus, e não no mundo. Não julgues teres progredido em algo, a menos que te sintas inferior a todos.

CAPÍTULO 3

O HOMEM BOM E PACÍFICO

Põe-te primeiro em paz e, então, poderás pacificar os outros. Um homem pacífico é mais proveitoso do que um bem douto. O homem pela paixão dominado até o bem interpreta como mal, e facilmente crê no mal. O bom homem pacífico converte tudo em bem.

Quem está em boa paz, de ninguém suspeita. Quem, por outro lado, descontente vive e inquieto, é agitado por suspeitas várias; não descansa ele próprio nem permite que descansem os outros. Diz muitas vezes o que não deve dizer e omite com frequência o que mais lhe conviria fazer. Considera o que têm de fazer os outros e negligencia o que deve fazer ele próprio. Zela tu, portanto, em primeiro lugar, sobre ti mesmo; então poderás zelar também de um modo justo pelo teu próximo.

Bem sabes tu escusar e tolerar os teus atos, e não queres receber escusas dos alheios. Justo serias tu se te acusasses e escusasses o teu irmão (cf. Pr 18,17). Se quiseses ser suportado, suporta o outro (cf. Gl 6,2). Vê quão longe estás ainda da verdadeira caridade e da humildade, que não sabe indignar-se nem irar-se contra quem quer que seja, a não ser tão somente contra si mesma.

Não é grande coisa conviver com gente boa e mansa. Isso, de fato, a todos naturalmente agrada, pois cada um conserva a paz de bom grado e ama mais os que são do seu mesmo parecer. Mas grande graça é que possamos viver em paz com gente dura e perversa, ou indisciplinada, ou que nos contraria, empresa por demais louvável e virilmente conquistada. Há aqueles, porém, que a si próprios se conservam em paz e têm paz também com os outros. E há os que não têm paz, nem deixam os outros em paz. Para os outros, tornam-se pesados; mais pesados, no entanto, sempre são para si mesmos.

Há ainda os que se mantêm em paz e se empenham em levar os outros à paz. E, contudo, nesta mísera vida, toda a nossa paz há de pôr-se antes no humilde sofrimento do que em não sentir contrariedades (cf. Lc 21,19). Quem melhor souber padecer, maior paz há de ter. Este se torna vencedor de si mesmo e senhor do

mundo, amigo de Cristo e herdeiro do céu.

CAPÍTULO 4

A MENTE PURA E A INTENÇÃO SIMPLES

Com duas asas, levanta-se o homem das realidades terrenas, a saber, a simplicidade e a pureza. A simplicidade deve estar na intenção; a pureza, na afeição. A simplicidade tem a Deus por fim; a pureza O apreende e degusta.

Obra alguma te servirá de empecilho se estiveres livre por dentro de todo e qualquer afeto desordenado. Se nada almejares e procurares além do que agrada a Deus e da utilidade do próximo, gozarás da liberdade interior. Se teu coração fosse reto, toda criatura seria [para ti] um espelho de vida e um livro da santa doutrina. Não há criatura tão pequena e vil que não manifeste a bondade de Deus (cf. Eclo 39,21).

Se tu fosses bom e puro em teu interior, então verias e compreenderias bem todas as coisas, sem qualquer impedimento. O coração puro penetra o céu e o inferno (cf. Mt 5,8). Tal como é cada um dentro de si, assim julga externamente.^[1] Se há alegria no mundo, possui-a, por certo, o homem de coração puro. E se há nalguma parte tribulação e angústia, conhece-as melhor a má consciência (cf. Rm 2,9).

Tal como o ferro lançado ao fogo perde a ferrugem e faz-se todo incandescente, assim o homem que se volta inteiramente para Deus despoja-se do torpor, transformando-se em novo homem. Quando o homem começa a entibiar-se, teme então um pequeno trabalho e acolhe a consolação que lhe vem de fora. Mas quando começa a vencer-se de modo perfeito e caminha virilmente na senda de Deus, tem então em menos conta as realidades que antes lhe pareciam pesadas.

CAPÍTULO 5

A CONSIDERAÇÃO DE SI MESMO

Não podemos confiar demais em nós mesmos, pois amiúde nos falta a graça. Há em nós uma luz pequena e, por negligência, depressa a perdemos. Muitas vezes, não percebemos quão cegos somos dentro de nós.

Frequentemente agimos mal e, pior ainda, nos escusamos, somos movidos algumas vezes pela paixão e pensamos tratar-se de zelo. Reprendemos pequenas faltas nos outros, enquanto passamos ao largo das nossas, que são maiores. Ficamos bem depressa muito sentidos e consideramos o que temos de aguentar da parte de outros, mas não percebemos quanto precisam aguentar os outros da nossa parte. Quem considerasse bem e retamente suas próprias ações não teria o que julgar severamente a respeito de outrem.

O homem interior a todos os cuidados antepõe o cuidado de si próprio. E quem com diligência atenta para si mesmo facilmente se cala ao tratar-se de outrem. Nunca serás interior e devoto se não silenciares acerca dos outros nem dirigires especialmente o olhar para ti mesmo. Se prestares atenção totalmente em ti mesmo e em Deus, pouco te inquietará o que perceberes fora.

Onde estás, quando não estás presente a ti mesmo? E quando tiveres percorrido todos os caminhos, em que terás progredido, negligenciando-te a ti mesmo? Se deves conservar a paz e a verdadeira unidade [interior], é preciso, ainda, que deixes de lado tudo o mais e ante os olhos tenhas somente a ti. Muito progredirás, por conseguinte, se livre te conservares de todo cuidado temporal. Muito para trás ficarás, no entanto, se tiveres em conta algo temporal.

Nada seja elevado para ti, nada grande, nada agradável, nada digno de aceitação, a não ser unicamente Deus ou o que a Deus se referir. Estima como coisa de todo vã qualquer consolação que provém de alguma criatura. A alma que ama a Deus despreza tudo o que abaixo de Deus se encontra. Somente o Deus eterno e imenso, que tudo enche, é o conforto da alma e a verdadeira alegria da

mente (cf. Jr 23,24).

CAPÍTULO 6

A ALEGRIA DA BOA CONSCIÊNCIA

A glória do bom homem é testemunho de uma consciência boa (cf. 2Cor 1,12). Conserva uma boa consciência e sempre terás alegria. A boa consciência pode suportar muitas coisas e bastante alegre se encontra em meio às adversidades. A consciência má sempre é tímida e inquieta (cf. Sb 17,10).

Suavemente repousarás se o teu coração não te repreender (cf. Pr 3,24; 1Jo 3,21). Não te alegres, a não ser quando tiveres agido bem. Nunca têm os maus uma alegria verdadeira, nem experimentam paz interior, porque “não existe paz para os ímpios, diz o Senhor” (Is 48,22). E se estes disserem: “Em paz estamos, não nos sobrevirão os males. E quem ousaria prejudicar-nos?”, não acredites neles, pois a ira de Deus levanta-se de repente e a nada se reduzirão as obras deles, e os pensamentos deles perecerão (cf. 1Ts 5,3; Sl 145,4).

Gloriar-se nas tribulações não é coisa difícil para quem ama, pois gloriar-se de tal sorte é gloriar-se na cruz do Senhor (cf. Rm 5,3; Gl 6,14). Breve glória é a que se dá e se recebe da parte dos homens. A tristeza acompanha sempre a glória do mundo. A glória dos bons em sua consciência está, não na boca dos homens. A alegria dos justos provém de Deus e em Deus está, e seu regozijo provém da verdade (cf. 1Cor 13,6).^[2]

Quem deseja a glória eterna e verdadeira não se preocupa com a temporal. E quem procura a glória temporal, ou não a despreza em seu espírito, manifesta amar pouco a celeste. Grande tranquilidade de coração tem aquele que não se preocupa com louvor nem com vitupérios. Facilmente há de estar contente e em paz aquele cuja consciência for pura.

Mais santo não és se recebes louvor, nem mais vil se és vituperado. [O que és, isso és; e não podes dizer que és melhor do que, sendo Deus testemunha, de fato és.]^[3] Se prestares atenção ao que és dentro de ti, não te preocuparás com o que, de fora, os homens falarem a teu respeito. O homem vê o rosto, mas Deus vê o coração (cf. 1Sm 16,7). O homem considera as obras, Deus avalia a intenção.

É indício duma alma humilde o agir sempre bem e em pouca conta se ter. É indício de grande pureza e de confiança interior o não querer consolar-se com criatura alguma. Quem não anda atrás de testemunho externo algum em seu favor mostra com clareza que totalmente a Deus se confiou. “Pois merece aprovação não aquele que se recomenda a si mesmo” – diz o bem-aventurado Paulo –, “mas aquele que Deus recomenda” (2Cor 10,18). Caminhar com Deus dentro de si e fora não prender-se por afeição alguma: eis o estado do homem interior.

CAPÍTULO 7

O AMOR DE JESUS SOBRE TODAS AS COISAS

Bem-aventurado quem entende o que significa amar Jesus e desprezar-se a si mesmo por Deus. Convém abandonar qualquer outro amigo pelo Amigo, pois Jesus quer ser amado sozinho sobre todas as coisas. O amor da criatura é falaz e instável, o amor de Jesus é feliz e constante. Quem à criatura se adere cairá com o que é caduco; quem se abraça a Jesus estará firme n'Ele.

Ama e mantém como amigo teu Aquele que, quando se afastarem todos, não te abandonará nem permitirá que pereças no fim. De todos hás de separar-te alguma vez, queiras ou não queiras. Mantém-te junto a Jesus, quer vivendo, quer morrendo, e confia-te à fidelidade d'Aquele único que pode ajudar-te quando todos falharem.

Teu Amado é de tal natureza que não quer admitir [amor] alheio, mas deseja ter somente Ele o teu coração e sentar-Se aí qual rei no próprio trono. Se soubesses esvaziar-te de toda criatura, Jesus habitaria contigo de bom grado. Descobrirás teres perdido quase totalmente o que tiveres depositado nos homens, à margem de Jesus.

Não confies nem te apoies num cálam agitado pelo vento, porque toda carne é feno e toda a sua glória como a flor do feno cairá (cf. Is 36,6; Mt 11,7; Is 40,6-7). Depressa te enganarás se olhares somente para a aparência externa dos homens. Mas se procurares o teu consolo e proveito nos outros, sofrerás muitas vezes um prejuízo.

Se em tudo a Jesus procurares, encontrarás, certamente, Jesus. Se procurares, porém, a ti mesmo, encontrarás a ti mesmo também, mas em detrimento teu. Mais nocivo é o homem a si próprio, se não procura Jesus, do que o são todos os seus adversários e o mundo inteiro.

CAPÍTULO 8

A FAMILIAR AMIZADE DE JESUS

Quando Jesus está presente, tudo é bom e coisa alguma parece difícil. Quando, porém, Jesus não está, tudo é dificultoso. Quando Jesus não fala interiormente, qualquer consolação é vil. Se, porém, Jesus fala uma só palavra, grande consolação se experimenta. Porventura não se levantou subitamente Maria Madalena^[4] do lugar em que esteve a chorar quando Marta lhe disse: “O Mestre está aí e te chama” (Jo 11,28)? Ditosa a hora em que Jesus chama das lágrimas ao gáudio do espírito!

Quão árido e duro ficas sem Jesus! Quão insipiente e vão, se almejas algo fora de Jesus! Acaso não é isso um prejuízo maior do que se perdesse o mundo todo? O que o mundo tem para dar sem Jesus? Estar sem Jesus é um pesado inferno; e estar com Jesus, um doce paraíso. Se Jesus estiver contigo, inimigo algum poderá fazer-te mal. Quem encontra Jesus, encontra um bom tesouro; antes, encontra um bem acima de qualquer outro bem (cf. Eclo 6,14). E quem perde Jesus, perde muitíssimo e mais do que o mundo todo.

Paupérrimo é quem vive sem Jesus; riquíssimo é quem está bem com Jesus. Grande arte é saber conviver com Jesus, e grande prudência saber conservar [a amizade de] Jesus. Sê humilde e pacífico, e Jesus estará contigo. Que sejas devoto e sossegado, e permanecerá Jesus contigo.

Depressa podes fazer Jesus fugir e perder a Sua graça se às realidades exteriores quiseses voltar-te. E, se O tiveres levado a fugir e O tiveres perdido, junto a quem então te refugiarás e que amigo, em tal caso, buscarás (cf. Jo 6,68)? Sem um amigo não podes viver por longo tempo, e se Jesus não for para ti o amigo acima de todos os outros, muito triste e desolado estarás (cf. Ecl 4,10). Ages insensatamente, portanto, se nalgum outro confias e te alegras. Mais se há de escolher ter o mundo inteiro por contrário do que Jesus ofendido. Dentre todos os [que te são] caros, portanto, seja Jesus o amado especial.

Amados sejam os homens por Jesus, mas Jesus o seja por Si

mesmo.^[5] Só Jesus Cristo há de ser singularmente amado, pois é o único que Se descobre bom e fiel ante todos os amigos. Por Ele e n'Ele, tanto os amigos como os inimigos te sejam caros; e por todos eles se há de suplicar-Lhe, a fim de que todos O conheçam e O amem. Nunca desejes ser singularmente louvado e amado, pois isso é próprio de Deus somente, Aquele que não tem quem seja semelhante a Si (cf. Jr 10,6). E não queiras que alguém se ocupe contigo em seu coração, nem te ocupes tu com o amor de alguém, mas esteja Jesus em ti e em cada homem bom.

Sê interiormente puro e livre, sem embaraço de criatura alguma. Cumpre que estejas desnudo e apresentes a Jesus um coração puro, se queres descansar e ver quão suave é o Senhor (cf. Sl 33,9). E, na verdade, a isso não chegarás se não tiveres sido preparado e interiormente atraído pela Sua graça, de sorte que, uma vez expulsas [de ti] e despedidas todas as coisas, sozinho te unas com Deus. Quando, pois, a graça de Deus vem ao homem, faz-se ele poderoso então para tudo (cf. Fl 4,13). E quando ela o deixa, ficará ele então pobre e fraco, como que relegado tão somente aos castigos.

Em tais situações, não deve desfalecer nem desesperar, mas permanecer de pé com serenidade segundo a vontade de Deus e sofrer até o fim tudo o que lhe sobrevier em louvor a Jesus Cristo. Porque, depois do inverno, vem o verão; depois da noite, torna o dia e depois da tempestade, grande bonança.

CAPÍTULO 9

A PRIVAÇÃO DE TODA CONSOLAÇÃO

Não é difícil desprezar a humana consolação quando a divina se faz presente. Grande coisa é, e sobremaneira grande, que se possa carecer tanto da consolação humana quanto da divina, querer sofrer de bom grado, por amor a Deus, o exílio do coração e em coisa alguma buscar-se a si mesmo, nem olhar para o próprio merecimento.

O que tens de mais se estás alegre e devoto quando se faz presente a graça? É aquele momento desejável para todos. Bem suavemente galopa aquele a quem a graça de Deus carrega. E o que há de admirável se não sente o peso quem é carregado pelo Onipotente e conduzido pelo supremo Condutor (cf. Dt 1,30; 31,6)? De bom grado recebemos alguma coisa a título de consolação, e dificilmente se despoja o homem de si mesmo.

São Lourenço venceu o século, em companhia do sumo sacerdote, porque desprezou tudo aquilo que no mundo parecia deleitável e suportava serenamente que Sisto, o sumo sacerdote de Deus, a quem ele muito amava, fosse separado também, por amor a Cristo, do seu convívio.^[6] O amor do Criador superou, assim, o amor do homem e, em vez da humana consolação, ele escolheu de preferência o divino beneplácito. Desse modo, aprende também tu a deixar, por amor a Deus, um amigo íntimo e dileto. E não sintas como algo penoso que tenhas sido deixado por um amigo, sabendo que todos nós, por fim, nos havemos de separar uns dos outros.

É preciso que o homem combata muito e por muito tempo em si mesmo, antes que aprenda a superar de todo a si mesmo e a impelir plenamente todo o seu afeto para Deus. Quando o homem se apoia sobre si mesmo, facilmente desliza para as humanas consolações. Mas o verdadeiro amador de Cristo e esforçado buscador das virtudes não resvala sobre aquelas consolações, nem anda atrás de tais doçuras sensíveis, antes, porém, de fortes tentações^[7] e exercícios, e de penosos trabalhos suportar por Cristo.

Quando, portanto, a consolação espiritual é dada por Deus,

recebe-a com ação de graças, compreende tratar-se de um dom de Deus, não de merecimento teu, e não te ensoberbeças. Não te regozijes demais nem presumas futilmente de ti, mas sê, antes, mais humilde em consequência do dom, mais cauteloso também e mais timorato em todas as tuas ações, porque aquele momento passará e virá a tentação. Quando [te] for tirada a consolação, não te desesperes imediatamente, mas espera, com humildade e paciência, a visita celeste, pois Deus é poderoso para restituir-te maior graça e consolação.^[8]

Isso não é novo nem estranho para os que têm experiência no caminho de Deus, pois houve muitas vezes, nos grandes santos e nos antigos profetas, o compasso de uma alternância tal. Por isso alguém, já em presença da graça, dizia: “Disse eu em minha abundância, ‘jamais serei abalado’” (Sl 29,7). Uma vez, porém, que a graça se ausenta, acrescenta aquele que o tiver experimentado em si, dizendo: “Escondeste a tua face de mim, e fiquei aterrado” (*ibid.*, 8).

Em meio a essas coisas, porém, jamais desespera, mas roga ao Senhor com mais insistência e diz: “A ti, Senhor, clamarei, a meu Deus implorarei misericórdia” (*ibid.*, 9). E por fim, recolhe o fruto da sua oração, atestando que foi ouvido e dizendo: “Ouviu-me o Senhor e teve piedade de mim, o Senhor tornou-Se meu auxiliador” (*ibid.*, 11). Mas auxiliou-me em quê? “Converteste”, diz, “o meu pranto em regozijo e me cingiste de alegria” (*ibid.*, 12).

E se assim Ele agiu com os grandes santos, não é motivo de desespero para nós, fracos e pobres, que nos encontremos por vezes em frieza, por vezes em fervor. Pois o Espírito vem e retira-Se segundo o beneplácito da Sua vontade (cf. Jo 3,8). Daí que o bem-aventurado Jó diga: “Tu o visitas ao raiar da manhã e o provas de repente” (cf. Jó 7,18).

Em que posso, então, esperar, ou em que devo confiar, a não ser apenas na grande misericórdia do Senhor, apenas na esperança da graça celeste? Quer se façam presentes homens bons, quer irmãos devotos e amigos fiéis, quer disponha eu de livros santos ou de belos tratados, quer de suaves cantos e hinos, tudo isso ajuda pouco, e

pouco sabor tem quando me encontro ao desamparo da graça e relegado à minha própria pobreza. Melhor remédio não existe então do que a paciência e o desprendimento de mim mesmo na vontade de Deus.

Nunca encontrei religioso algum que não tenha tido por vezes uma subtração da graça, ou não tenha sentido uma diminuição do fervor. Santo algum foi tão elevadamente arrebatado ou iluminado, que antes ou depois disso não tenha sido tentado. Não é digno, pois, da elevada contemplação de Deus quem por Deus não foi exercitado em alguma tribulação. A tribulação precedente, com efeito, costuma ser sinal de uma consolação que lhe sucede, pois aos provados por tentações se promete uma celeste consolação: “Ao vencedor, diz, darei a comer da árvore da vida” (Ap 2,7).

Dá-se também a consolação divina para que o homem seja mais forte para suportar as adversidades. A tentação vem depois, também, para que o homem não se eleve em consequência do bem [recebido]. O diabo não dorme, nem a carne está morta ainda. Não deixes, por isso, de preparar-te para o combate, pois, tanto à direita como à esquerda, há inimigos que jamais descansam.

CAPÍTULO 10

A GRATIDÃO PELA GRAÇA DE DEUS

Por que buscas o repouso, tendo nascido tu para o trabalho, e^[9] mais para a paciência do que para a consolação, mais para carregar a cruz do que para a alegria? Quem é que, mesmo dentre os seculares, não receberia de bom grado a consolação e a alegria espiritual se sempre as pudesse obter? As consolações espirituais excedem, com efeito, todas as delícias do mundo e os prazeres da carne. Pois todas as delícias mundanas ou são vergonhosas ou vãs. Somente as delícias espirituais, por outro lado, são alegres e honestas, geradas pelas virtudes e infundidas por Deus nas mentes puras. Mas ninguém consegue desfrutar sempre dessas divinas consolações à medida do seu afeto, pois a fase da tentação não cessa por muito tempo.

Uma falsa liberdade de espírito e uma grande confiança em si mesmo muito contrariam a visita que vem do alto. Deus age bem ao dar a graça da consolação, mas o homem procede mal ao não retribuí-la a Deus, no mesmo instante, com uma ação de graças. E por isso os dons da graça não podem fluir em nós, visto que somos ingratos ao seu Autor e não os entornamos de novo em sua fontal origem. Pois a graça sempre é devida a quem dignamente dá ou rende graças. E ao soberbo será tirado o que ao humilde se costuma dar.

Não quero uma consolação que me arrebate a compunção, nem almejo contemplação que conduza à elação. Pois nem tudo o que é elevado é santo, nem todo desejo é puro, nem tudo o que é doce é bom, nem tudo o que nos é caro agrada a Deus. Aceito de bom grado a graça em virtude da qual mais humilde me possa ver e timorato, e mais preparado me faça para renunciar-me a mim mesmo.

Quem foi doutrinado pelo dom da graça e instruído pelo golpe de sua perda não ousará atribuir seja lá o que for de bom a si mesmo, mas, antes, há de confessar-se pobre e nu. Dá a Deus tudo o que é de Deus e a ti atribui o que é teu, isto é, dá graças a Deus pela graça,

mas pensa que só a ti é devida a culpa e, pela culpa, merecida pena (cf. Mt 22,21). Põe-te sempre no mais baixo lugar, e o mais alto te será dado (cf. Pr 25,6-7; Lc 14,10). Pois o mais alto sem o mais baixo não se mantém.

Os maiores santos aos olhos de Deus são os que, para si mesmos, se têm por menores, e quanto mais gloriosos, tanto mais humildes são em si. Cheios de verdade e de glória celeste, não desejosos de vanglória, fundados e consolidados em Deus, não podem ser soberbos de modo algum. E os que a Deus atribuem tudo o que de bom receberam não andam atrás de receber glória uns dos outros, mas querem a glória que vem de Deus, desejam que Deus seja louvado sobre todas as coisas, em si e em todos os santos, e sempre para Ele se inclinam (cf. Jo 5,44; 1Ts 2,6).

Sê, portanto, agradecido no mínimo e digno serás de receber maiores dons. Tem por grande coisa o que é mínimo, e o que é desprezível por dom espiritual. Se se considerar a dignidade do Doador, dom algum parecerá pequeno, dádiva alguma vil; pequeno não é, com efeito, o que é dado pelo supremo Deus (cf. Tg 1,17). Ainda que tenha doado penas e flagelos, isso deve ser grato, pois Ele sempre faz pela nossa salvação tudo o que permite que nos ocorra.

Quem deseja conservar a graça de Deus, seja agradecido pela graça de Deus que lhe foi dada, paciente em vista da que lhe foi tirada. Ore para que se lhe restitua, seja cauto e humilde para que não a perca.

CAPÍTULO 11

O PEQUENO NÚMERO DOS QUE AMAM A CRUZ

Jesus, de fato, conta com muitos que amam o Seu Reino celeste, mas com poucos que carregam a Sua cruz (cf. Lc 14,27). [Conta com muitos que desejam consolação, mas com poucos que desejam tribulação.]^[10] Encontra vários companheiros de mesa, mas poucos de abstinência (cf. Eclo 6,10).

Todos querem regozijar-se com Cristo, mas poucos desejam suportar por Ele alguma coisa. Muitos seguem Jesus até a fração do pão, mas poucos até beber o cálice da Paixão (cf. Lc 24,35; Mt 20,22). Muitos veneram os Seus milagres, mas poucos seguem as ignomínias da cruz. Muitos amam Jesus enquanto não ocorrem adversidades. Muitos O louvam e bendizem enquanto d'Ele recebem algumas consolações. Se, no entanto, Jesus Se tiver escondido e os tiver deixado por um momento, caem em lamentações e em grande prostração.

Os que, por outro lado, amam Jesus por Jesus e não por alguma consolação própria, amam-n'O e bendizem-n'O na tribulação e na angústia do coração, assim como na consolação mais elevada. E se Ele jamais lhes quisesse dar uma consolação, louvá-l'O-iam, contudo, e sempre teriam vontade de dar-Lhe graças. Oh, de quanto é capaz o puro amor de Jesus, não misturado a qualquer interesse ou amor-próprio!

Porventura não se hão de chamar mercenários os que sempre andam em busca de consolações? Não demonstram amar mais a si mesmos do que a Jesus os que sempre pensam em seus próprios interesses e vantagens?

Onde se encontra alguém que queira servir a Deus gratuitamente? Raramente se encontra alguém tão espiritual que de tudo esteja despojado. Quem encontrará, pois, o verdadeiro pobre em espírito, desapegado de toda criatura (cf. Mt 5,3)? Seu valor vem de longe, dos remotos confins (cf. Pr 31,10). Se o homem der todos os seus bens, nada ainda será (cf. Ct 8,7). E se grande penitência fizer, ainda será pouco. E se toda a ciência apreender, ainda estará longe. E se

tiver grande virtude e uma devoção assaz ardente, muito ainda lhe faltará. A saber, a única coisa que lhe é sumamente necessária (cf. Lc 10,42).

O que é tal coisa? Que, tendo deixado tudo, renuncie a si mesmo, despoje-se totalmente de si e nada de amor privado retenha (cf. Mt 16,24). Quando tiver feito tudo o que sabe dever fazer, persuada-se de que nada fez. Não tenha em muito que possa vir a ser estimado grande, mas confesse de verdade que é um servo inútil. Assim diz a Verdade: “Quando tiverdes feito tudo o que vos foi ordenado, dizei ainda: ‘Somos servos inúteis’” (Lc 17,20). Então poderá ser, verdadeiramente, pobre e despojado de espírito, e dizer com o profeta: “Estou só e pobre sou” (Sl 24,16). Ninguém é mais ditoso do que esse; ninguém mais livre, ninguém mais poderoso do que quem sabe abandonar a si e a tudo, e pôr-se no último lugar.

CAPÍTULO 12

O RÉGIO CAMINHO DA SANTA CRUZ

Para muitos, parece dura esta palavra: “Renuncia-te a ti mesmo, toma tua cruz e segue Jesus” (cf. Jo 6,60; Mt 16,24). Muito mais duro será, porém, ouvir aquela palavra final: “Retirai-vos de mim, malditos! Ide para o fogo eterno!” (Mt 25,41). Os que agora, por sua vez, ouvem de bom grado a palavra da cruz e a seguem não temerão então ouvir a sentença da eterna condenação (cf. 1Cor 1,18; Sl 111,7).

Esse sinal da cruz estará no céu quando o Senhor vier para julgar (cf. Mt 24,30). Naquele momento, todos os servos da cruz, que em vida se conformaram ao Crucificado, hão de aproximar-se do Cristo Juiz com grande confiança. Ora, por que temes tomar a cruz por meio da qual se vai ao Reino?

Na cruz está a salvação; na cruz, a vida; na cruz, a proteção contra os inimigos. Na cruz, dá-se a infusão da superna suavidade; na cruz, o robustecimento da mente; na cruz, o regozijo do espírito. Na cruz está o sumo poder; na cruz, a perfeição da santidade. Não há salvação para a alma nem esperança de vida eterna, a não ser na cruz. Toma, pois, a cruz e segue Jesus, e para a vida eterna irás. Ele foi à frente, carregando para Si a cruz e, na cruz, morreu por ti, para que tu leves também a cruz e almejes na cruz morrer. Pois, se tiveres morrido com Ele na cruz, também com Ele hás de viver (cf. Rm 6,6-8), e se companheiro tiveres sido da pena, companheiro serás também da glória (cf. 2Cor 1,7).

Eis que tudo está pendente da cruz, e não há outro caminho para a vida e para a verdadeira paz interior, a não ser o caminho da Santa Cruz e da cotidiana mortificação. Caminha por onde quiseses, procura o que quiseses, e não encontrarás acima estrada mais elevada, nem abaixo mais segura, a não ser o caminho da Santa Cruz. Dispõe e ordena tudo de acordo com o teu querer e parecer, e não encontrarás senão que sempre devas padecer alguma coisa, ou espontaneamente ou contrariado, e, assim, sempre encontrarás a cruz. Ou sentirás, com efeito, uma dor no corpo, ou suportarás na

alma a tribulação do espírito.

Ora serás abandonado por Deus, ora serás provado pelo próximo e, o que é mais grave, serás amiúde pesado a ti mesmo (cf. Jó 7,20). E não poderás, contudo, libertar-te nem aliviar-te com algum remédio ou consolo, mas convém que suportes [tal situação] enquanto Deus assim o quiser. Deus quer, pois, que aprendas a padecer a tribulação sem consolação, e que te submetas totalmente a Ele e mais humilde te faças em consequência da tribulação. Ninguém sente tão a peito a Paixão de Cristo como aquele a quem cabe padecer semelhantes coisas. Pois a cruz sempre está preparada e em toda parte te espera.

Não poderás fugir aonde quer que corras, pois aonde quer que te dirijas, carregas a ti mesmo contigo e sempre a ti mesmo encontrarás. Volta-te para cima, volta-te para baixo, volta-te para fora e para dentro, e em toda parte encontrarás a cruz; e necessário é que em todo lugar mantenhas a paciência, se quiseses ter paz interior e merecer a coroa eterna (cf. Lc 21,19; Hb 10,36). Se lebares a cruz de bom grado, ela te levará e conduzirá ao fim desejado, ou seja, aquele no qual se dará o fim do padecer. Se a lebares de má vontade, criarás um peso para ti e mais te agravarás a ti mesmo; no entanto, convém que a suportes.

Se te afastares de uma cruz, encontrarás outra sem dúvida, e provavelmente mais pesada. Crês tu que podes evadir o que mortal algum pôde preterir? Qual dos santos esteve no mundo sem cruz e sem tribulação? Com efeito, nem mesmo nosso Senhor Jesus Cristo, enquanto viveu, passou uma única hora sem a dor da Paixão. Convinha, pois, que Cristo padecesse e ressurgisse dos mortos, e entrasse, assim, na Sua glória (cf. Lc 24,46 e 26). E como é que buscas tu outro caminho que não seja aquele régio, o caminho da Santa Cruz? Toda a vida de Cristo foi cruz e martírio, e tu procuras descanso e regozijo para ti?

Erras, erras mesmo, se procuras outra coisa que não seja padecer tribulações, porque toda esta vida mortal está cheia de misérias e rodeada de cruces (cf. Jó 14,1). E quanto mais profundamente progredir alguém no espírito, tanto mais pesadas cruces com frequência encontrará, porque a pena do seu exílio cresce ainda

mais em virtude do amor. Mas este que, com tão múltiplas penas, se aflige não fica sem o alívio da consolação, porque sente o grande fruto que lhe vai crescendo por padecer ele a sua cruz (cf. 2Cor 8,2). Pois, à medida que a ela se submete de livre vontade, todo o peso da tribulação se converte em confiança na divina consolação. E quanto mais se aterroriza a carne pela tribulação, tanto mais se robustece o espírito pela consolação interior.

E vê-se, às vezes, de tal maneira confortado pelo desejo da tribulação e da adversidade, devido ao amor por conformar-se à cruz de Cristo, que não quer passar sem dor ou tribulação, já que tanto mais agradável se faz a Deus, quanto maiores e mais pesados [padecimentos] pode por Ele suportar (cf. Tb 12,13, antiga Vulgata). E isso não é poder do homem, mas graça de Cristo, que tão grandes coisas pode e faz numa frágil carne, a ponto de levá-la a perseguir e a amar, com esse fervor do espírito, aquilo de que, naturalmente, sempre tem horror e foge.

Não é conforme à índole do homem que carregue a cruz, que ame a cruz, que castigue o corpo e o reduza à escravidão, que fuja de honrarias, que suporte afrontas de bom grado, que a si mesmo se despreze e deseje ser desprezado, que sofra certas adversidades acompanhadas de prejuízos e nada de prosperidade deseje neste mundo (cf. 1Cor 9,27). Se olhares para ti, nada disso poderás por ti mesmo. Mas, se confiares no Senhor, ser-te-á dada a fortaleza do céu e ao teu poderio se submeterão o mundo e a carne. Nem mesmo temerás o diabo inimigo, se tiveres sido armado pela fé e assinalado pela cruz de Jesus.

Dispõe-te, portanto, qual servo fiel e bom de Cristo, a levar virilmente a cruz do teu Senhor, que, movido por amor, foi crucificado por ti. Prepara-te a tolerar muitas adversidades e incômodos vários nesta vida miserável, porque, assim, Ele estará contigo onde estiveres e a Ele encontrarás, de verdade, onde te esconderes. Convém que tu estejas assim [preparado], e não há remédio para evadir a tribulação dos males e a dor, senão que os padeças (cf. Sl 106,39). Bebe afetuosamente o cálice do Senhor, se é que desejas ser amigo d'Ele e ter com Ele parte (cf. Mt 20,23; Jo 13,8). Confia a Deus as consolações; que com elas Ele faça o que

mais Lhe aprouver.

Tu, porém, dispõe-te a suportar as tribulações e tem-nas em conta de consolações da maior valia; porque “os sofrimentos deste tempo não têm proporção alguma com a glória futura, que nos deve ser manifestada” (Rm 8,18), nem com merecê-la, ainda que os pudesses suportar a todos sozinho. Quando tiveres chegado ao estado em que a tribulação te for doce e saborosa por Cristo, hás de pensar então quão bem estarás, por teres encontrado o paraíso na terra.

Enquanto o padecer te for pesado e dele procurares fugir, mal estarás e por toda parte hão de seguir-te tribulações. Se te dispuseres ao que deves fazer, ou seja, a padecer e a morrer, logo estarás melhor e encontrarás a paz. Conquanto tenhas sido arrebatado ao terceiro céu com Paulo, nem por isso estás isento de padecer algum mal (cf. 2Cor 12,2). “Eu lhe mostrarei” – diz Jesus – “tudo quanto terá de padecer pelo meu nome” (At 9,16). Resta-te, pois, que padeças, se é que te agrada amar a Cristo e a Ele servir perpetuamente.

Oxalá fosses digno de sofrer alguma coisa pelo nome de Jesus. Quão grande glória te caberia! Quanta exultação haveria para todos os santos de Deus, quanta edificação para o próximo (cf. At 5,41)! Pois todos recomendam a paciência, ainda que poucos queiram padecer. Com razão deverias padecer um pouco por Cristo, haja vista que muitos padecem coisas mais graves pelo mundo. Tem por certo que te convém levar a vida morrendo.^[11] E quanto mais cada um morre para si mesmo, tanto mais começa a viver para Deus.

Ninguém é capaz de compreender as celestes realidades, a menos que se submeta a suportar as adversidades por Cristo. Nada é mais agradável a Deus, nada mais salutar para ti neste mundo, do que padecer de bom grado por Cristo. E se tivesses de escolher, mais deverias desejar padecer adversidades por Cristo do que ser recreado com muitas consolações, porque serias mais semelhante a Cristo e mais conforme a todos os santos. Pois o nosso mérito e o aproveitamento do nosso estado não radicam em muitas suavidades e consolações, mas, antes, em sobrelevar grandes incômodos e tribulações.

Se, por certo, houvesse algo melhor e mais útil para a salvação dos homens do que padecer, Cristo o teria mostrado, sem dúvida, com a palavra e o exemplo. Com efeito, tanto aos discípulos que O seguiam como a todos os que desejavam segui-l'O, Ele dirige claramente uma exortação a carregar a cruz, dizendo: “Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me” (Mt 16,24; Lc 9,23). Uma vez, pois, que tudo isso foi bem lido e meditado, seja esta a conclusão final: “Necessário é que entremos no Reino de Deus por meio de muitas tribulações” (At 14,21, antiga Vulgata). Amém.

LIVRO III
A CONSOLAÇÃO INTERIOR

CAPÍTULO I

O COLÓQUIO INTERIOR DE CRISTO COM A ALMA FIEL

“Escutarei o que fala dentro em mim o meu Senhor” (Sl 84,9). Ditosa a alma que ouve o Senhor a falar em si e recebe da Sua boca uma palavra de consolação.

Ditosos os ouvidos que acolhem as inspirações do divino sussurro e nada percebem dos sussurros do mundo (cf. Jó 4,12, antiga Vulgata). Ditosos, sem dúvida, os ouvidos que escutam não a voz que ressoa por fora, mas a Verdade que fala e ensina por dentro. Ditosos os olhos que, fechados ao que vem de fora, estão atentos, contudo, às realidades interiores. Ditosos os que penetram as realidades interiores e se empenham em preparar-se cada vez mais, por meio dos cotidianos exercícios, para compreender os segredos celestes. Ditosos os que almejam dispor de tempo para Deus e se desembaraçam de todo impedimento do século.

Presta atenção nisso tudo, ó minh'alma, e fecha as portas dos teus sentidos, para que possas ouvir o que o Senhor Deus fala em ti (cf. Sl 84,9). Isto diz o teu Amado: “Eu sou a tua salvação”, a tua paz, a tua vida (cf. Sl 34,3). Conserva-te junto a mim e encontrarás a paz. Deixa de lado tudo o que é transitório e procura as eternas realidades. O que são todas as coisas temporais, senão sedutoras? E em que te ajudam todas as criaturas, se tiveres sido abandonada pelo Criador? Tendo renunciado, pois, a todas elas, entrega-te comprazida e fiel ao teu Criador, para que tenhas condições de alcançar a verdadeira bem-aventurança.

CAPÍTULO 2

O QUE A VERDADE FALA INTERIORMENTE SEM O RUMOR DAS PALAVRAS

“Fala, Senhor, que teu servo escuta” (1Sm 3,9). “Sou teu servo, dá-me entendimento para que eu conheça as tuas prescrições” (Sl 118,125). “Inclina o meu coração às palavras da tua boca, flua como orvalho a tua palavra” (Sl 118,36; Dt 32,2).

Outrora diziam a Moisés os filhos de Israel: “Fala-nos tu, e ouviremos; mas não nos fale Deus, para que não suceda, talvez, que morramos” (Ex 20,19). Não é assim, Senhor, não é assim que eu rogo, mas suplico, antes, com o profeta Samuel, humilde e afetuosamente: “Fala, Senhor, que teu servo escuta” (1Sm 3,9).

Não me fale Moisés, nem algum dos profetas, mas fala-me, de preferência, tu mesmo, Senhor Deus, inspirador e iluminador de todos os profetas, pois tu sozinho, sem eles, podes instruir-me perfeitamente. Eles, porém, sem ti, em nada ajudarão. Podem, certamente, fazer ressoar palavras, mas não conferem espírito. Belissimamente falam, mas, se te calas, não inflamam o coração.

Oferecem letras, mas tu lhes abres o sentido (cf. Lc 24,45). Proferem mistérios, mas tu abres o entendimento das coisas significadas. Publicam mandamentos, mas tu ajudas a cumpri-los (cf. Fl 2,13). Mostram o caminho, mas tu dás ânimo para caminhar. Eles agem tão somente de fora, mas tu instruis e iluminas os corações (cf. Eclo 2,10). Regam eles por fora, mas tu dás a fecundidade (cf. 1Cor 3,7). Clamam eles com palavras, mas tu concedes ao ouvido entendimento (cf. Jó 32,8).

Não me fale, pois, Moisés, mas tu, Senhor meu Deus, eterna Verdade, para que não suceda que, talvez, eu morra e fique sem fruto, se tiver sido admoestado tão somente por fora, mas não inflamado por dentro; e não me sirva de condenação a palavra ouvida e não praticada, conhecida e não amada, crida e não observada (cf. Tg 1,22). “Fala, pois, Senhor, que teu servo escuta: tu tens, com efeito, palavras de vida eterna” (1Sm 3,9; Jo 6,68). Fala-me para dar alguma consolação à minh'alma e emenda a toda a minha vida, bem como para a tua glória e perpétua honra (cf. 1Pd

1,7).

CAPÍTULO 3

AS PALAVRAS DE DEUS HÃO DE OUVIR-SE COM HUMILDADE E MUITOS NÃO AS CONSIDERAM DEVIDAMENTE

“Ouve, filho meu, as minhas palavras” (Pr 4,10). Minhas palavras são suavíssimas, excedendo a ciência dos filósofos e sábios deste mundo. “Minhas palavras são espírito e vida” (Jo 6,63), e não se devem considerar com juízo humano. Não se hão de interpretar segundo uma complacência vã, mas devem ser ouvidas em silêncio e acolhidas com toda a humildade e grande afeto. E eu disse: “Feliz o homem a quem tiveres ensinado, Senhor, e instruído em tua lei, para lhe dar a paz no dia do infortúnio e não ficar desolado na terra” (Sl 93,12-13).

Eu – diz o Senhor – instruí profetas desde o início e até hoje não cesso de falar a todos; mas muitos estão surdos à minha voz, mudos e rebeldes. Muitos há que ouvem o mundo com mais agrado do que a Deus. Mais facilmente seguem o apetite da própria carne do que o que agrada a Deus. O mundo promete coisas temporais e pequenas, mas com grande avidez se lhe serve. Eu prometo realidades sublimes e eternas, e os corações dos mortais se entorpecem. Quem é que com tanto cuidado me serve e obedece em tudo, assim como ao mundo e a seus senhores se serve?

“Envergonha-te, Sídon, diz o mar” (Is 23,4). E se procuras a causa, ouve por que. Por um pequeno benefício, longa estrada se percorre; e pela vida eterna, mal se levanta ou se move uma só vez, por parte de muitos, o pé da terra. Procura-se uma recompensa vil; por uma só moeda, vergonhosamente se litiga; e por uma realidade vã e promessa pequena, não se tem medo de aguentar, dia e noite, a fadiga. Mas, oh, dor! Pelo imutável bem, por uma inestimável recompensa, pela suprema honra e por uma infindável glória, tem-se preguiça de passar, nem que seja um pouco, pela fadiga.

Envergonha-te, então, servo preguiçoso e cheio de queixas, pois se acham aqueles mais preparados para a perdição, do que tu para a vida. Mais se regozijam eles para a vaidade, do que tu para a verdade. Frustram-se eles algumas vezes, no entanto, com sua

esperança; mas a minha promessa a ninguém engana, nem despede de mãos vazias a quem me reconhece (cf. Jó 41,1; Sl 73,19; Lc 1,53).

O que prometi darei, o que disse cumprirei, mas desde que se tenha permanecido fiel até o fim na caridade (cf. Mt 10,22; 1Tm 2,15). Sou remunerador de todos os bens e forte examinador de todos os devotos. Escreve minhas palavras em teu coração e considera-as diligentemente, pois muito necessárias hão de ser no tempo da tentação (cf. Dt 6,6; Lc 8,13). O que não entendes [agora] quando lês, conhecerás no dia da visitação. De duas maneiras costumo visitar os meus eleitos, a saber, pela tentação e pela consolação. E leio-lhes cotidianamente duas lições: uma increpando-lhes os vícios, outra exortando aos crescimentos das virtudes. Quem possui minhas palavras e as despreza, tem quem o julgue no último dia (cf. Jo 12,48).

Oração para implorar a graça da devoção

Senhor, meu Deus, todo o meu bem és tu.

E quem sou eu para que ouses falar-te?

Eu sou o mais pobre dos teus servos

e teu abjeto vermezinho,

muito mais pobre e desprezível

do que sei e ousa dizer.

Lembra-te, contudo, Senhor,

de que nada sou,

nada posso e nada tenho

(cf. 2Cor 12,11; Ecl 3,10; Jo 15,5).

Só tu és bom, justo e santo.

Tu podes tudo, concedes tudo,

cumulas tudo, abandonando

o pecador sozinho

e de mãos vazias (cf. Lc 18,19; 2Mc 1,24-25; 1Sm 2,2; Jó 42,2; 1Tm 6,17; Jr 23,24).

Lembra-te de tuas misericórdias, Senhor,

e enche o meu coração com a tua graça,

tu que não queres [que]

fique a tua obra vazia (Sl 24,6; Sb 14,5).

Como posso aguentar-me nesta mísera vida
se não me confortares
com a tua misericórdia
e com a tua graça?
Não afastes de mim a tua face,
não tardes em visitar-me,
não retires de mim a tua consolação,
para que minh'alma não se faça
qual terra árida para ti (cf. Tb 4,7; Sl 142,6).
Ensina-me, Senhor,
a fazer a tua vontade (Sl 142,10).
Ensina-me a viver digna e humildemente
na tua presença,
porque és tu a minha sabedoria,
tu que me conheces de verdade
e me conhecestes antes que o mundo
fosse feito e antes que eu nascesse
no mundo (Jo 17,5).

CAPÍTULO 4

HÁ DE SE VIVER NA HUMILDADE E NA VERDADE DIANTE DE DEUS

Filho, caminha na verdade diante de mim, e procura-me sempre na simplicidade do teu coração (cf. 1Rs 2,4; Sb 1,1). Quem caminha na verdade diante de mim será resguardado das investidas vãs, e a verdade o libertará dos sedutores e das detrações dos iníquos (cf. Jo 8,32; Sb 10,12). Se a verdade te libertar, serás verdadeiramente livre e não te preocuparás com as vãs palavras dos homens (cf. Jo 8,36).

Senhor, verdade é o que dizes. Assim, peço-te, seja feito comigo. Que a tua própria verdade me ensine, que ela me guarde e me conserve até [que eu chegue] ao salutar desenlace (cf. Sl 24,5). Que ela me liberte de todo afeto mau e desordenado, e caminharei contigo em grande liberdade de coração.

Eu te ensinarei – diz a Verdade – o que é reto e agradável diante de mim (cf. 1Jo 3,22). Pensa em teus pecados com grande desgosto, e lembra-te [deles], e nunca tenhas a ti mesmo em conta de algo por causa das boas obras. És pecador, na verdade, sujeito a muitas paixões e envolvido por elas. Por ti mesmo, sempre te inclinas ao nada, depressa resvalas, facilmente te vês perturbado, depressa desfaleces. Nada tens de que te possas gloriar, mas muito com que envilecer-te, porque és muito mais débil do que podes compreender (cf. 1Cor 4,7).

Nada, portanto, te pareça grande dentre todas as coisas que fazes, nada considerável, nada precioso, nada admirável. Nada te apareça como digno de reputação, nada elevado, nada verdadeiramente louvável e desejável, a não ser o que é eterno. Seja do teu agrado, sobre todas as coisas, a eterna Verdade. Desagrade-te, sobre todas as coisas, a tua máxima vileza. A nada temas tanto, de nada fujas tanto como de teus vícios e pecados, que mais devem desagradar-te do que quaisquer prejuízos materiais.

Alguns há que não caminham sinceramente diante de mim, mas, conduzidos por certa curiosidade ou arrogância, querem conhecer os meus segredos e entender os altos mistérios de Deus, negligenciando-se a si próprios e sua salvação (cf. Tb 3,5). Esses

resvalam amiúde em grandes tentações e pecados em decorrência de sua jactância, de sua soberba e curiosidade, pondo-me eu contra eles. Teme os juízos de Deus, atemoriza-te ante a ira do Onipotente (cf. 2Mc 7,38). Não esquadrinhes, pois, as obras do Altíssimo, mas perscruta as tuas iniquidades, em quantas situações delinquiste e quantos bens negligenciaste (Eclo 11,4).

Alguns põem sua devoção tão somente nos livros, outros a põem em imagens, outros, enfim, em sinais externos e figuras. Levam-me alguns na boca, mas levam-me pouco no coração (cf. Is 29,13). Há outros que, iluminados em seu entendimento e purificados no afeto, almejam sempre as realidades eternas, penosamente ouvem algo acerca do que é terreno e servem com pesar às necessidades da natureza; e estes sentem que o Espírito da verdade fala neles (cf. Mt 10,20); [o Espírito] que os ensina a desprezar as realidades terrenas e a amar as celestes, a negligenciar o mundo e a desejar o céu durante todo o dia e toda a noite.^[1]

CAPÍTULO 5

O ADMIRÁVEL AFETO DO AMOR DIVINO

Bendigo-te, Pai celeste, Pai do meu Senhor Jesus Cristo, que te dignaste lembrar-te de mim, que sou pobre. Ó Pai das misericórdias e Deus de toda a consolação, dou graças a ti, que com a consolação recreias por vezes a mim, indigno que sou de toda e qualquer consolação (2Cor 1,3). Bendigo-te sempre e glorifico-te com o teu Filho Unigênito e o Espírito Santo Paráclito por todos os séculos dos séculos. Amém.

Eia, Senhor meu Deus, santo amador, quando vieres ao meu coração, exultarão todas as minhas entranhas (cf. Pr 23,16; Sl 83,3). Tu és a minha glória, a exultação do meu coração; tu, minha esperança e meu refúgio no dia da tribulação (cf. Sl 3,4; 118,111; 90,9; 31,7; Jr 16,19). Mas, porque sou ainda débil no amor e imperfeito na virtude, tenho necessidade, por isso, de ser confortado e consolado.

Visita-me, portanto, mais amiúde e instrui-me com tuas doutrinas (cf. Jó 33,16, antiga Vulgata). Livra-me das paixões perversas e más, e cura o meu coração de todas as afeições desordenadas, para que, interiormente curado e bem purificado, eu me torne apto para amar, forte para padecer, firme para perseverar.

Grande coisa é o amor, um bem absolutamente grande que, sozinho, faz com que o oneroso se torne leve e suporta, com ânimo constante, tudo o que é inconstante. Pois carrega um peso sem peso, e tudo o que é amargo torna doce e saboroso. O nobre amor de Jesus impele a obrar coisas grandes e estimula a desejar sempre o que há de mais perfeito. O amor quer estar no alto, e não ficar retido por quaisquer realidades mais baixas. O amor quer ser livre e a toda mundana afeição alheio, para que sua visão interior não se veja impedida, nem tenha de suportar embaraços por procurar algum benefício temporal, tampouco sucumba ante um prejuízo.

Nada é mais doce que o amor, nada mais forte, nada mais elevado, nada mais amplo, nada mais delicioso, nada mais pleno, nada melhor do que ele no céu e na terra, porque o amor nasceu de Deus

e não pode repousar a não ser em Deus, acima de todas as criaturas. Quem ama voa, corre, alegra-se, acha-se livre e não se detém. Dá tudo por todos e tudo possui em todos, porque repousa no Único que é sobre tudo o mais elevado, de quem flui e procede todo o bem. Não olha para os dons; mas para quem os doa, acima de todos os bens, se volta.

Muitas vezes, o amor desconhece medida, afervora-se sobre tudo o que é bom.^[2] O amor não sente peso, não considera trabalhos, empenha-se mais do que pode, não alega como pretexto a impossibilidade, pois pensa que tudo lhe é permitido e possível. Pode tudo, por isso, e realiza muitas coisas, levando-as a efeito. Quando se cansa, porém, aquele que ama e se deita, o amor vigia, e quando dorme, [o amor] sonha; cansado, não descansa; angustiado, não se aflige; atemorizado, não se perturba; mas, qual chama vivaz e ardente faísca, irrompe para o alto e abre com segurança uma passagem (cf. Ct 5,2). Se alguém ama, conhece o que clama esta voz. Grande clamor nos ouvidos de Deus é o afeto ardente da alma, que diz: Deus, meu Deus, amor meu, tu és todo meu e eu sou teu (cf. Ct 2,16).

Dilata-me no amor, para que aprenda a degustar as interiores delícias do coração, [aprenda] quão suave é amar e, no amor, a derreter-me e a nadar. Seja eu possuído pelo amor, elevando-me acima de mim por um nímio fervor e assombro. Cante eu o cântico do amor e te siga para o alto, Amado meu (cf. Is 5,1).^[3] Minh'alma desfalece em teu louvor, rejubilando-se pelo amor (cf. Sl 83,3). Que eu te ame mais do que a mim, e não a mim, a não ser por causa de ti; e, em ti, ame a todos os que verdadeiramente te amam, tal como manda a lei do amor que resplandece de ti.

O amor é veloz, sincero, piedoso, prudente, paciente, viril, e nunca se busca a si mesmo. Quando, pois, alguém procura a si mesmo, então decai do amor. O amor é circunspecto, humilde e reto, não é frouxo, não é leviano, nem se volta a coisas vãs; é sóbrio, firme, casto, tranquilo e, com respeito a todos os sentidos, resguardado. O amor é submisso e obedece aos prelados, mas tem-se a si mesmo na conta de vil e desprezível; é devoto e grato a Deus,

confia e sempre espera n'Ele, mesmo quando Deus não Se faz sentir, porque, sem dor, não se vive no amor.^[4]

Quem não está disposto a padecer tudo e a permanecer de pé ante a vontade do Amado não é digno de chamar-se alguém que ama. Cumpre que quem ama abraça de bom grado tudo o que é penoso e amargo pelo Amado e que d'Ele não se afaste em presença de eventuais contrariedades.

CAPÍTULO 6

A PROVA DO VERDADEIRO AMADOR

Filho, não és ainda um forte e prudente amador.

Por que, Senhor?

Porque, por causa de pequena contrariedade, decais do começado e mui avidamente vais atrás de consolação. O amador forte permanece firme nas tentações e não dá crédito às astutas persuasórias do inimigo. Assim como sou de seu agrado em meio às prosperidades, tampouco lhe desagradou nas adversidades.

O amador prudente não considera tanto o dom de quem ama, e sim quem o dá. Dá mais atenção ao afeto do que aos bens, e abaixo do Amado coloca tudo o que lhe foi dado. O amador nobre não descansa sobre o dom, mas em mim, sobre todo dom. Nem por isso está tudo perdido se, algumas vezes, experimentas a meu respeito ou a respeito dos meus santos um sentimento não tão bom como gostarias.

O afeto que então experimentas é bom e suave, um efeito da graça presente e, portanto, um antegozo da pátria celeste, sobre o qual não te deves apoiar muito, pois vai e vem. Combater, no entanto, os maus movimentos do espírito que sobrevêm e desprezar a sugestão do diabo, isso sim é sinal insigne de virtude e de grande merecimento. Não te perturbem, pois, estranhas imaginações, seja qual for o caráter de que se revistam. Conserva o firme propósito e a intenção reta diante de Deus.

Não é ilusão que sejas algumas vezes arrebatado de repente para fora de ti e retournes, num instante, às costumeiras inépcias do coração. Pois mais as padeces tu contra a vontade do que as ocasionas; e enquanto te desagradam e as rejeitas, mérito é, e não perdição. Hás de saber que o antigo inimigo se empenha de todas as formas em impedir que teu desejo se coloque no que é bom; em que abandones todo exercício devoto, o culto dos santos, a piedosa memória da minha Paixão, a útil recordação dos pecados, a guarda do próprio coração e o firme propósito de progredir na virtude.

Apresenta-te muitos pensamentos maus para ocasionar-te tédio e

repugnância, e para afastar-te da oração e da sagrada leitura. A humilde confissão lhe desagrada e, se pudesse, faria com que deixasses a santa comunhão. Não lhe dê crédito nem te preocupes com ele, por mais que com muita frequência te tenha armado laços de engano. Atribui-lhe a culpa quando te sugerir pensamentos maus e imundos.

Dize-lhe: Vai-te, espírito imundo! Envergonha-te, miserável! Muito imundo és tu, que trazes tais coisas a meus ouvidos! (cf. Mt 4,10; Mc 5,8). Afasta-te de mim, péssimo sedutor! Não terás em mim parte alguma, mas Jesus estará comigo qual forte guerreiro, enquanto tu ficarás confundido. Prefiro morrer e padecer todas as penas a dar-te consentimento. Cala-te e emudece! Já não te ouça eu, ainda que maquines mais estorvos contra mim (cf. Mt 4,39). “O Senhor é minha luz e minha salvação, a quem temerei?” (Sl 26,1). “Se um exército acampar contra mim, não temerá meu coração” (*ibid.*, 3). “O Senhor é meu auxílio e meu Redentor” (Sl 18,15).

Combate como bom soldado (cf. 2Tm 2,3). Se, enquanto isso, caíres por fragilidade, recobra forças ainda mais vigorosas que as de antes, confiando em graça maior de minha parte, e cuida-te muito da vã complacência e da soberba. Por não fazê-lo, muitos são levados ao erro e resvalam por vezes numa cegueira quase incurável. Essa ruína dos soberbos e dos que estultamente presumem de si mesmos sirva-te para fomentar a cautela e uma perpétua humildade.

CAPÍTULO 7

HÁ DE SE OCULTAR A GRAÇA SOB A CUSTÓDIA DA HUMILDADE

Filho, é para ti mais útil e mais seguro esconder a graça da devoção e não dirigir-te para o alto, nem falar muito disso, nem estimá-lo demais; mas, antes, desprezar-te a ti mesmo e temê-la como coisa dada a alguém indigno. Não se há de apegar com muita tenacidade a uma disposição que depressa pode mudar-se em seu contrário. Pensa, quando estiveres em graça, em quão miserável e pobre costumavas ser sem a graça.

O proveito da vida espiritual não está tanto em teres a graça da consolação, mas em suportares humilde, abnegada e pacientemente a sua subtração de modo tal que, então, não afrouxes no empenho da oração, nem consintas que tuas outras obras que de ordinário se hão de fazer sejam de algum modo deixadas de lado, mas faças de bom grado, como melhor puderes e entenderes, o que estiver em tua capacidade, e não te negligencies totalmente em razão da aridez ou da ansiedade que sentes.

Muitos há, com efeito, que, quando as coisas não lhes vão bem, tornam-se logo impacientes ou desidiosos. Pois nem sempre está em poder do homem o seu caminho, mas a Deus corresponde dar e consolar quando quer, e quanto quer, a quem quer, tal como Lhe apraz e não mais (cf. Jr 10,23).

Certos incautos destruíram a si mesmos por causa da graça da devoção, porque quiseram fazer mais do que puderam, sem pensar na medida de sua pequenez, porém seguindo mais o afeto do coração do que o juízo da razão.^[5] E porque ousaram coisas maiores do que aquilo que foi do agrado de Deus, eles perderam rapidamente, por isso, a graça, e os que no céu puseram seu ninho tornaram-se indigentes e abandonados como coisa vil, para que, humilhados e depauperados, aprendam não a voar com suas próprias asas, mas a esperar sob as minhas (cf. Ab 4; Sl 90,4).

Os que são ainda novos e imperitos no caminho do Senhor, se não se dirigirem pelo conselho dos que têm discernimento, podem enganar-se facilmente e iludir-se. Pois, se mais quiserem seguir o

seu próprio parecer do que dar crédito a outros já exercitados, haverá para eles perigoso desenlace, caso não consigam retroceder da resolução que tomaram. É raro que os sábios segundo o próprio juízo tolerem humildemente ser dirigidos por outros (cf. Rm 11,25).

Melhor é saber pouco, com humildade e pequeno entendimento, do que os grandes tesouros das ciências acompanhados de vã complacência. Melhor é ter menos do que muito, do qual te possas ensoberbecer. Não age com suficiente discrição quem se entrega totalmente à alegria, esquecendo-se de sua prístina escassez e do casto temor do Senhor, quem não teme perder a graça que lhe foi oferecida. Nem tampouco discerne de modo suficientemente virtuoso quem, em tempo de adversidade e de qualquer dificuldade, mui desesperadamente se comporta e, fiando-se menos de mim do que convém, pensa e sente. Quem quiser estar muito seguro em tempo de paz com frequência se encontrará abatido por demais e temeroso, em tempo de guerra.

Se soubesses permanecer sempre humilde e pequeno em ti mesmo, assim como moderar bem e reger o teu espírito, não incidirias tão depressa em perigo e em pecado. Bom conselho é que, quanto tomado pelo espírito de fervor, medites no que hás de ser, uma vez que se afaste de ti essa luz. E quando isso acontecer, pensa que pode retornar outra vez a luz que, para cautela tua, mas para glória minha, por um momento te subtraí (cf. Jó 17,12). É amiúde mais útil, com efeito, essa provação do que se sempre tivesses prosperidades ao gosto da tua vontade.

Pois os méritos não se hão de estimar pelas muitas visões ou consolações que se tiverem, nem pelo fato de ser alguém um perito nas Escrituras ou de colocar-se em mais alto grau de dignidade; mas sim por achar-se firmado em verdadeira humildade, cheio da divina caridade, por buscar sempre a honra de Deus, de modo puro e íntegro, reputar-se em nada e, de verdade, desprezar-se, regozijando-se mais em ser desprezado e humilhado, também por outros, do que honrado.

CAPÍTULO 8

A VIL ESTIMAÇÃO DE SI MESMO AOS OLHOS DE DEUS

“Falarei ao meu Senhor, conquanto seja eu pó e cinza” (Gn 18,27). Se me reputasse em mais, eis que estás de pé contra mim, também minhas iniquidades dão um testemunho verdadeiro e eu não posso contradizer (cf. Nm 22,34). Se, porém, me envilecer e na conta de nada me tiver, se me despojar de toda reputação própria e, tal como sou, me reduzir a pó, tua graça ser-me-á propícia e tua luz estará próxima ao meu coração; e toda estimação, por menor que ela seja, se submergirá no vale da minha nulidade e perecerá para sempre. Mostrar-me-ás então o que sou, o que fui e de que vim, pois nada sou e não o soube (cf. Sl 72,22).

Se eu for deixado a mim mesmo, eis o nada, a fraqueza total. Se, porém, de repente, me olhares, eis que me torno forte, enchendo-me de um novo gozo. E é coisa por demais admirável que tão de repente me reerga e tão benignamente seja por ti abraçado eu, que, por meu próprio peso, sempre para baixo sou levado. Faz isso o teu amor, que de graça se me antecipa, vindo em meu socorro entre tantas necessidades, guardando-me também de graves perigos e libertando-me, para dizê-lo com verdade, de inúmeros males.

Perdi-me, certamente, amando mal, mas, procurando-te a ti somente e amando-te de modo puro, encontrei tanto a mim como, igualmente, a ti e, pelo amor, reconduzi-me mais profundamente ao nada (cf. Jo 12,25). Pois, tu, ó dulcíssimo, tudo fazes comigo para além do merecimento e de tudo o que ouse esperar ou rogar.

Bendito sejas, meu Deus, porque, embora indigno seja eu de todos os bens, tua nobreza e infinita bondade jamais cessam de fazer o bem, até mesmo a ingratos e a quem se acha afastado, longe de ti (cf. Sl 17,47; Mt 5,45). Converte-nos a ti para que sejamos gratos, humildes, devotos, porque és a nossa salvação, nossa virtude e fortaleza (cf. Sl 79,4).

CAPÍTULO 9

HÁ DE SE REFERIR TUDO A DEUS COMO A SEU ÚLTIMO FIM^[6]

Filho, eu devo ser teu supremo fim. Por meio dessa intenção, purificar-se-á o teu afeto, mui amiúde recurvado defeituosamente para si mesmo e as criaturas. Pois se, nalguma coisa, te buscares a ti mesmo, em seguida desfalecerás em ti e ficarás árido. Refere tudo, então, principalmente a mim, pois sou eu que tudo dei. Considera, assim, cada uma das coisas como que a manar do Bem supremo e, por conseguinte, todas elas se hão de referir a mim como à sua origem.

De mim, como de viva fonte, o pequeno e o grande, o pobre e o rico haurem água viva; e quem me servir espontaneamente e de bom grado, graça por graça receberá (cf. Ap 13,16; 21,6; Jo 1,16; 4,10). Quem, porém, quiser gloriar-se fora de mim, ou deleitar-se em algum bem particular, não será estabelecido na verdadeira alegria, nem dilatado em seu coração, mas de muitos modos se há de ver impedido e estreito ficará (cf. 2Cor 6,11-12). Nada de bom, portanto, debes atribuir a ti, nem atribuas virtude a homem algum, mas dá tudo a Deus, sem O qual nada tem o homem.

Eu dei tudo, quero reaver tudo e, com grande rigor, procuro ações de graças. Esta é a verdade com a qual se põe em fuga a vaidade da glória. E se tiverem entrado a graça celeste e a verdadeira caridade, não haverá lugar para inveja alguma nem aperto do coração, tampouco um amor particular o ocupará. Pois a divina caridade a tudo vence e dilata todas as forças da alma.^[7]

Se retamente estimares, só em mim te alegrarás, só em mim esperarás, porque “ninguém é bom, a não ser somente Deus” (Lc 18,19), que há de ser louvado sobre todas as coisas e em todas elas bendito.

CAPÍTULO 10

DOCE É SERVIR A DEUS, DESPREZANDO-SE O MUNDO

Outra vez falarei, Senhor, e não silenciarei. Direi aos ouvidos do meu Deus, do meu Rei, que está no alto: Oh, quão grande é, Senhor, tua doçura, que reservaste para os que vos temem (cf. Sl 67,25; 30,20)! Mas o que és para os que te amam? O que és para os que de todo o coração te servem? Verdadeiramente inefável é a doçura da tua contemplação, que concedeis aos que te amam.

Nisto mostraste mais a doçura da tua caridade, a saber, em que, quando eu não existia, me fizeste e, quando errava longe de ti, de volta me trouxeste para servir-te, mandando-me que te amasse (cf. Dt 19,9). Ó fonte de amor perpétuo, o que direi de ti? Como poderei esquecer-me de ti, que te dignaste lembrar-te de mim? E depois que me consumi e pereci, usaste de misericórdia para com teu servo, para além de toda esperança e, para além de todo merecimento, mostraste graça e amizade (cf. Sl 118,65).

O que te retribuirei por essa graça? A todos, com efeito, não foi dado que, tendo abdicado de tudo, renunciem ao mundo e assumam a vida monástica. Por acaso pouca coisa seria que eu servisse a ti, a quem toda criatura é obrigada a servir (Jt 16,17, antiga Vulgata)? Deve parecer-me pouca coisa? Antes, pelo contrário, parece-me coisa grande e admirável que te tenhas dignado tomar como servo e reunir a teus servos amados alguém tão pobre e indigno.

Eis que tudo o que tenho e com que te sirvo é teu (cf. 1Cr 29,14). E, no entanto, em sentido inverso, mais me serves tu do que eu a ti. Eis que o céu e a terra, que criaste para serviço do homem, estão à tua disposição e fazem diariamente o que lhes ordenaste. E é ainda pouco que também tenhas criado e ordenado os anjos para serviço do homem.^[8] Vai além de tudo isso, todavia, que te tenhas dignado servir ao homem e prometido que lhe haverias de dar-te a ti mesmo (cf. Lc 1,73).

O que hei de dar-te por esses milhares de bens? Oxalá pudesse servir-te por todos os dias da minha vida! Oxalá, ao menos por um

só dia, tivesse força de apresentar-te um digno serviço! Tu és verdadeiramente digno de todo serviço, de toda honra e de eterno louvor (cf. Ap 4,11). És verdadeiramente o meu Senhor e eu, um pobre servo teu, que devo servir-te com todas as forças e jamais provar fastio nos teus louvores. Assim o quero, assim o desejo; e que te dignes suprir tudo o que me falta.

Grande honra, grande glória é servir-te e a tudo desprezar por tua causa (cf. Eclo 23,38). Grande graça terão, de fato, os que se submeterem espontaneamente à tua santíssima servidão, e a suavíssima consolação do Espírito Santo encontrarão. Alcançarão grande liberdade de coração os que, por teu nome, entrarem pela senda estreita, tendo negligenciado todos os cuidados mundanos (cf. Mt 7,14).

Ó agradável e deliciosa servidão de Deus, por meio da qual se torna o homem verdadeiramente livre e santo (cf. Mt 11,29-30)! Ó sagrado estado do religioso famulato, que torna o homem igual aos anjos, aprazível a Deus, terrível aos demônios e recomendável a todos os fiéis! Ó serviço que há de ser abraçado e sempre desejado, com o qual se granjeia o Bem supremo e se adquire o gozo que permanecerá sem fim!

CAPÍTULO 11

OS DESEJOS DO CORAÇÃO HÃO DE SER EXAMINADOS E MODERADOS

Filho, convém-te aprender ainda muitas coisas, que até agora não aprendeste bem.

Que coisas são essas, Senhor?

A pores o teu desejo totalmente de acordo com o meu beneplácito e a não seres amador de ti mesmo, mas ávido amador e imitador da minha vontade (cf. Ef 1,9). Os desejos com frequência te inflamam e de forma veemente te impelem, mas considera se te moves mais por tua honra ou comodidade. Se eu estou em causa, bem contente estarás, seja qual for a maneira em que eu dispuser. Se, porém, algo de benefício próprio se oculta, eis o que te serve de impedimento e de peso.

Cuida-te, portanto, de te apoiares demais num desejo preconcebido, sem consultar-me; não aconteça que, depois, te arrependas e te desagrade o que, num primeiro momento, agradou e tu amaste como se fosse o melhor. Pois nem toda afeição que parece boa há de seguir-se no mesmo instante, como tampouco se há de fugir, logo de entrada, de toda e qualquer afeição contrária.

Convém, por vezes, usar de moderação até mesmo em se tratando de bons afetos e desejos; não aconteça que, pela intempestividade, incorras em distração da mente ou que, pela indisciplina, geres escândalo para outros ou até que, pela resistência de outros, te perturbes e caias. Convém até, vez por outra, usar de violência e ir virilmente contra o apetite sensitivo, sem prestar tanta atenção no que quer a carne ou deixa de querer, mas empenhando-se, isso sim, em que esteja ela sujeita, ainda que não o queira, ao espírito.

E deve ser castigada, durante tanto tempo quanto baste, e coagida a submeter-se à servidão, até que esteja preparada para tudo, aprenda a contentar-se com pouco, a deleitar-se com coisas simples e a não murmurar contra algo inconveniente (cf. 1Cor 9,27).

CAPÍTULO 12

A FORMAÇÃO DA PACIÊNCIA E O COMBATE CONTRA AS CONCUPISCÊNCIAS

Senhor Deus, tal como ouço, a paciência me é muito necessária, pois muitas contrariedades ocorrem nesta vida (cf. Hb 10,36). E, portanto, seja qual for o modo pelo qual tenha eu disposto a respeito da minha paz, a minha vida não pode transcorrer sem dor e sem luta (cf. Sl 30,11; Jó 7,1).

É assim mesmo, filho. Não quero que busques uma paz tal que careça de tentações ou não sinta contrariedades, mas que estimes ter encontrado a paz também quando fores exercitado pelas tribulações e provado em meio a muitas contrariedades. Se disseses que não podes padecer muito, como então suportarás o fogo do purgatório? Entre os dois males, há de se escolher, contudo, o menor.

Para que possas evadir os futuros suplícios eternos, hás de empenhar-te em tolerar por Deus, de bom ânimo, os males presentes. Ou pensas que os homens deste século nada ou muito pouco padecem? Não encontrarás isso, ainda que tenhas procurado os mais delicados.

Mas estes têm – dirás tu – muitos deleites e vão atrás das próprias vontades, por isso consideram pouco as suas tribulações. Seja assim, que tenham eles o que quer que desejem. Mas por quanto tempo pensas que isso durará? Eis que os que abundam [em riquezas] no mundo como fumaça se dissiparão, e não haverá lembrança alguma das pretéritas alegrias (cf. Sl 36,20; 72,12). Mesmo, porém, quando ainda vivem, nelas não descansam sem amargura, tédio e temor. Da mesma realidade, com efeito, de que concebem o deleite, recebem frequentemente para si a pena da dor (cf. Sb 11,16). E com justiça lhes ocorre que, por procurarem desordenadamente os deleites e os seguirem, não os desfrutem senão com amargura e confusão.

Oh, quão breves, quão falsos, quão desordenados e torpes são todos eles! No entanto, ante a sua ebriedade e cegueira, não o entendem; mas, como animais mudos, por causa de um pequeno deleite da vida corruptível, incorrem na morte da alma (cf. Jd 10; 2Mc 6,25). Tu, portanto, filho, não sigas em pós de tuas

concupiscências e desvia-te da tua vontade. “Deleita-te no Senhor, e Ele te dará o que pedir teu coração” (Sl 36,4; cf. Eclo 18,30, antiga Vulgata).

Ora, se de verdade queres deleitar-te e ser mais abundantemente consolado por mim, eis que a tua bênção há de encontrar-se no desprezo de todas as realidades mundanas e no distanciamento de todos os ínfimos deleites, e copiosa consolação te será dada (cf. Gn 27,40, antiga Vulgata). E quanto mais te subtraíres de todo consolo das criaturas, consolações tanto mais suaves e poderosas acharás em mim. Mas, de começo, a elas não chegarás sem certa tristeza e fadiga de combate.

O costume enraizado oferece resistência, mas será vencido por um costume melhor. A carne há de insistir em suas murmurações, mas será refreada pelo fervor do espírito. A antiga serpente instigará e irritará, mas pôr-se-á em fuga com a oração; além disso, também por meio de um trabalho proveitoso, grande porta se lhe fechará (cf. Ap 12,9; Mt 17,20, antiga Vulgata).

CAPÍTULO 13

A OBEDIÊNCIA DE UM SÚDITO HUMILDE A EXEMPLO DE JESUS CRISTO

Filho, aquele que se esforça para subtrair-se à obediência subtrai-se, ele mesmo, à graça; e quem procura possuir bens particulares perde os comuns.

Quem não se submete de bom grado e espontaneamente ao seu superior dá mostras de que sua carne ainda não lhe obedece perfeitamente, mas amiúde se obstina e murmura. Aprende, portanto, a submeter-te celeremente ao teu superior, se desejas subjugar tua própria carne. Com efeito, mais rapidamente se vence um inimigo externo se o homem interior não se tiver debilitado.

Não há pior e mais danoso inimigo da alma do que tu mesmo, se com o espírito não estás de acordo (cf. Tb 12,10). Cumpre-te, pois, assumir um verdadeiro desprezo de ti mesmo, se quiseses prevalecer contra a carne e o sangue. Porquanto ainda te amas de modo bastante desordenado, tens medo, por isso, de abandonar-te por completo à vontade de outros.

Mas o que tem de grande que tu, que és pó e nada, te submetas a um homem por causa de Deus, quando eu, Onipotente e Altíssimo, que do nada todas as coisas criei, me submeti humildemente ao homem por causa de ti (cf. Gn 3,19)? Fiz-me o mais humilde e o mais baixo de todos, para que, com a minha humildade, vencesse a tua soberba.

Aprende a obedecer, pó! Aprende a humilhar-te, terra e barro!^[9] Aprende a quebrantar as tuas vontades e a dar-te em toda a submissão. Inflama-te contra ti, e não tolere que viva em ti um inchaço; mas mostra-te de tal modo submisso e pó, que todos possam caminhar sobre ti e pisar-te como o barro das ruas (cf. Sl 17,43).

O que tens, homem inane, de que te possas queixar (cf. Tg 2,20)? Em que podes contradizer, sórdido pecador, os que repreendem a ti, que tantas vezes ofendeste a Deus e tantas vezes mereceste o inferno? Mas meu olho te poupou, porque preciosa foi tua alma ante a minha presença, para que conhecesses meu amor, sempre te

mostrasses agradecido a meus benefícios, constantemente te entregasses a uma verdadeira submissão e humildade, e com paciência tolerasses teu próprio desprezo (cf. Ez 20,17; 1Sm 26,21).

CAPÍTULO 14

HÃO DE CONSIDERAR-SE OS OCULTOS JUÍZOS DE DEUS PARA NÃO NOS ORGULHARMOS DAS VIRTUDES

Trovejas sobre mim os teus juízos, Senhor, e fazes estremecer fortemente todos os meus ossos com temor e tremor (cf. Sl 118,120; Jó 4,14). Detenho-me atônito e considero que os céus não são puros na tua presença.

Se até nos anjos encontraste perversidade, e nem por isso os poupaste, o que será de mim (cf. Jó 4,18; 2Pd 2,4)? Caíram as estrelas do céu, e de que me presumo eu (cf. Ap 6,13)? Aqueles cujas obras pareciam louváveis precipitaram-se nos mais baixos abismos, e quem comia o pão dos anjos vi deleitar-se com as vagens dos porcos (cf. Sl 77,25; Lc 15,16).

Não existe santidade alguma, Senhor, se retiras a tua mão. Sabedoria alguma tem proveito, se desistes de governá-la. Fortaleza alguma ajuda, se a deixas de conservar. [Não há] castidade alguma que seja segura, se não a proteges. Nenhuma guarda de si tem qualquer serventia, se não se faz presente a tua santa vigilância. Pois, uma vez abandonados, afundamos e perecemos (cf. Mt 8,25). Quando somos, porém, visitados, vivemos e soerguemo-nos.

Somos, por certo, instáveis, mas por tua causa recobramos firmeza. Entibiamo-nos, mas somos por ti inflamados. Oh, quão humilde e abjetamente hei de opinar a meu respeito! Em quão pouco se há de estimar se pareço ter algo de bom! Oh, quão profundamente me devo submeter aos teus juízos abissais, Senhor, nos quais encontro que outra coisa não sou senão nada e nada (cf. Sl 35,7)! Oh, imenso peso! Oh, mar intransponível, onde nada encontro de mim senão apenas, e completamente, nada!

Onde está, então, o esconderijo da glória? Onde a confiança de ter desprezado a glória? Toda glória vã foi absorvida na profundidade dos teus juízos sobre mim. O que é toda carne na tua presença? Por acaso se gloriará o barro contra quem lhe dá forma (cf. Is 45,9; Rm 9,20)? Como pode erigir-se com palavrório vão aquele cujo coração está de verdade submetido a Deus? Nem o mundo inteiro erigiria,

pois, quem a Verdade submeteu a Si; e não se deixará comover pela boca de todos os que lhe tecem louvores quem toda a sua esperança apoiou em Deus. Pois até mesmo esses que falam, eis que todos eles nada são e, com o som das palavras, extinguir-se-ão. Mas “a Verdade do Senhor permanece para sempre” (Sl 116,2).

CAPÍTULO 15

COMO SE HÁ DE CONDUZIR ALGUÉM E DE FALAR EM TODA COISA QUE DESEJAR

Filho, assim hás de dizer em todo momento: Senhor, se isso for do teu agrado, que assim se faça. Senhor, se for para tua honra, faça-se isso em teu nome. Senhor, se vires que tal coisa me convém e julgares que me é proveitosa, dá-me então que dela use para honra tua. Mas se conheceres que me há de ser nociva e que não é proveitosa à salvação da minha alma, tira de mim tal desejo.

Pois nem todo desejo provém do Espírito Santo, conquanto ao homem pareça justo, reto e bom. É difícil julgar com acerto se é um espírito bom ou mau que te impele a desejar isso ou aquilo, ou ainda se te moves por teu próprio espírito. Muitos que, no início, pareciam conduzidos por um espírito bom acabaram enganados no fim. Por isso, sempre com temor de Deus e humildade de coração se há de desejar e de pedir tudo o que à mente ocorrer como coisa desejável; principalmente porque, com tua própria resignação, tudo me há de ser confiado e há de dizer-se-me:

Senhor, tu sabes o que é melhor: fazes isto ou aquilo tal como quiseses. Dá-me o que quiseses, quanto quiseses e quando quiseses. Faze comigo tal como souberes e como mais te aprouver e maior honra tua for. Põe-me onde quiseses e age livremente comigo em tudo. Estou em tua mão, gira-me e torna-me a voltar em todas as direções. Eis que eu, servo teu, estou preparado para tudo, pois não desejo viver para mim mesmo, mas para ti: e oxalá o faça de modo digno e perfeito (cf. Fl 1,21)!

Oração para cumprir a vontade de Deus

Concede-me, benigníssimo Jesus, a tua graça,
para que esteja comigo e comigo trabalhe,
e comigo persevere até o fim (Sb 9,10).
Dá-me sempre desejar e querer
o que for mais do teu agrado
e mais estimadamente te aprouver.
Tua vontade seja a minha,

e a minha vontade siga sempre
a tua e com ela concorde de forma excelente.
Haja para mim um só querer
e um só não querer contigo,
e eu não possa querer ou não querer
outra coisa, a não ser o que tu queres
ou não queres.^[10]

Dá-me morrer para tudo aquilo
que está no mundo e, por causa de ti,
amar ser desprezado
e passar como desconhecido neste século.
Dá-me descansar em ti
antes que em tudo o que eu desejar,
e pacificar em ti o meu coração.
Tu és a verdadeira paz do coração;
tu, o único repouso. Fora de ti,
tudo é penoso e turbulento (cf. Ef 2,14).
Nesta mesma paz, isto é, em ti, único,
supremo e eterno Bem, hei de dormir
e repousar (Sl 4,9). Amém.

CAPÍTULO 16

O VERDADEIRO CONSOLO HÁ DE PROCURAR-SE SOMENTE EM DEUS

O que quer que eu possa desejar ou pensar para minha consolação, não o espero eu aqui, e sim no futuro. Porque, se eu tivesse todas as consolações deste mundo e de todas pudesse desfrutar, é certo que não poderiam elas durar por muito tempo. Daí que não possas consolar-te plenamente, ó minh'alma, nem perfeitamente recrear-te, a não ser em Deus, Consolador dos pobres e Defensor dos humildes (cf. Sl 76,3-4, antiga Vulgata).

Espera um pouco, minha alma; espera a promessa divina, e terás abundância de todos os bens no céu. Se apeteceres mui desordenadamente estes bens presentes, perderás os eternos e celestes. Estejam os bens temporais no teu uso, os eternos no teu desejo. Não podes saciar-te com bem temporal algum, pois não foste criada para fruir tais coisas (cf. Is 43,7). E se tivesses todos os bens criados, não poderias ser feliz e bem-aventurada. Mas em Deus, que criou todas as coisas, consiste toda a tua bem-aventurança e felicidade. Não como a que é vista e louvada pelos estultos amadores do mundo, mas como a que esperam os bons fiéis de Cristo e pregustam, enquanto isso, os espirituais e puros de coração, cuja morada está nos céus (cf. Fl 3,20).

Vão e breve é todo humano consolo. Bem-aventurado e verdadeiro consolo é o que se recebe interiormente da Verdade. O homem devoto leva consigo, por onde quer que vá, o seu consolador Jesus, e Lhe diz: “Fica comigo, Senhor Jesus, em todo tempo e lugar. Seja esta a minha consolação: querer carecer, de bom grado, de todo consolo humano (cf. Jó 6,10). E se me faltar a tua consolação, que a tua vontade e justa provação sejam para mim qual supremo consolo. Pois não ficarás irado para sempre, nem ameaçarás eternamente” (cf. Sl 102,9, antiga Vulgata; Is 57,16).

CAPÍTULO 17

TODA SOLICITUDE DEVE PÔR-SE EM DEUS

Filho, deixa-me fazer contigo o que eu quiser. Eu sei o que te convém. Tu pensas como homem; em muitas coisas, julgas como te persuade o humano afeto.

Senhor, é verdade o que dizes. Tua solicitude por mim é maior do que todo e qualquer cuidado que de mim eu poderia ter. Bem perto está, pois, de cair quem não põe toda a sua solicitude em ti (cf. Sl 54,23; 1Pd 5,7).

Senhor, contanto que minha vontade permaneça reta e firme em ti, faz de mim o que te aprouver. Pois não pode ser senão bom tudo o que de mim fizeres. Se quiseres que eu esteja em trevas, bendito sejas. Se te dignares consolar-me, bendito sejas; se quiseres que eu enfrente a tribulação, bendito sejas igualmente para sempre.

Filho, assim cumpre que estejas, se é que desejas caminhar comigo. Deves estar de tal modo pronto para padecer, como o estás para regozijar-te. Deves ser de tão boa vontade necessitado e pobre, como opulento e rico.

Senhor, padecerei de bom grado por ti tudo o que quiseres [que] me sobrevenha. Indiferentemente, quero receber tanto o bem como o mal que procedam da tua mão, tanto o doce como o amargo, tanto o prazenteiro como o triste, e dar graças por tudo aquilo que me acontecer. Guarda-me de todo pecado, e não temerei a morte nem o inferno. Contanto que não me lances fora, nem me apagues para sempre do livro da vida, toda e qualquer tribulação que me sobrevier não me há de prejudicar (cf. Sl 76,8; Ap 3,5).

CAPÍTULO 18

NÃO DE SUPORTAR-SE COM SERENIDADE DE ÂNIMO AS MISÉRIAS TEMPORAIS, A EXEMPLO DE CRISTO

Filho, eu desci do céu por tua salvação, recebi tuas misérias, sem que a isso me obrigasse a necessidade, mas sim a caridade, para que aprendesses a paciência e não suportasses as misérias temporais com indignação (cf. Jo 3,17). Com efeito, desde a hora do meu nascimento até a minha morte na cruz, não faltou em mim a paciência ante a dor (cf. Is 53,3). Grande privação de bens temporais eu passei; muitas queixas a meu respeito frequentemente ouvi, confusões e opróbrios benignamente suportei; em troca de benefícios, recebi ingratidão; em troca de milagres, blasfêmias; em troca do ensinamento, repreensões.

Senhor, porque foste paciente em tua vida, cumprindo nisso principalmente o preceito de teu Pai, justo é que eu, mísero pecador, me suporte pacientemente conforme a tua vontade e, enquanto tu mesmo o quiseses, carregue pela minha salvação o peso da vida corruptível (cf. 2Mc 6,25, antiga Vulgata). Pois, por mais que a vida presente se mostre onerosa, tornou-se, todavia, por graça tua, assaz meritória e, graças a teu exemplo e aos testemunhos dos vossos santos, mais suportável e esclarecida para os fracos. Mas também se tornou muito mais consoladora do que outrora o fora no Antigo Testamento, quando a porta do céu se mantinha fechada e mais escuro se via, igualmente, o caminho, e tão poucos tratavam de buscar o Reino dos céus. Nem mesmo os que então eram justos e haveriam de salvar-se, no entanto, puderam entrar no Reino celeste antes da tua Paixão e da execução da tua sagrada morte.

Oh, quantas graças devo dar-te por te dignares mostrar, tanto a mim como a todos os fiéis, o reto e bom caminho que conduz ao Reino eterno! Pois o teu caminho é o nosso caminho; e pela santa paciência caminhamos em direção a ti, que és a nossa coroa (cf. Jo 14,6). Se não tivesses ido à nossa frente e não nos tivesses ensinado, quem trataria de seguir-te? Ah, quantos retrocederiam se não tivessem ante os olhos os teus preclaros exemplos! Eis que ainda

estamos tÍbios, depois de ouvidos tantos sinais e ensinamentos teus.
O que aconteceria se tão grande luz não tivéssemos para seguir-te?

CAPÍTULO 19

A TOLERÂNCIA ANTE AS INJÚRIAS E QUEM SE DESIGNA COMO VERDADEIRO PACIENTE

Que é isso que falas, ó filho? Deixa de queixar-te, uma vez considerada a minha Paixão, bem como a de outros santos. Ainda não tens resistido até o sangue (cf. Hb 12,4). Pouco é o que padeces tu em comparação com aqueles que tanto padeceram, foram tão fortemente tentados, tão gravemente atribulados, por tão diversos modos provados e exercitados (cf. *ibid.* 11,37-39). Cumpre, portanto, que tragas à mente os mais graves padecimentos dos outros, a fim de que suportes mais levemente os teus trabalhos tão pequenos. E se estes te parecem excessivos, cuida que não seja a tua impaciência a torná-los tais.

Quer sejam pequenos, no entanto, quer sejam grandes, aplica-te a tudo sofrer pacientemente. Quanto melhor te dispões a padecer, tanto mais sabiamente ages e tanto mais mereces e mais levemente o suportas, ao achar-te não indolentemente preparado para isso pela disposição do ânimo e pelo costume.

E não digas: não consigo padecer tais coisas da parte de um homem, nem tais coisas, para mim, hão de ser suportadas; infligiu-me, com efeito, grave dano e lança-me em rosto coisas que jamais pensei. Mas padecerei de bom grado o que vier da parte de outro, e conforme eu vir que isso se haja de sofrer. Tal pensamento é insensato, não considera a virtude da paciência, nem Aquele por quem será ela coroada; mas leva em conta, antes, as pessoas e as ofensas que se lhe infligem.

Não é verdadeiro paciente quem não quer sofrer senão quanto lhe parece, e da parte de quem lhe apraz. O verdadeiro paciente, pelo contrário, não presta atenção no homem por meio de quem é exercitado, se o é por parte de seu prelado, ou de um igual, ou de um inferior, se o é por parte de um varão bom e santo, ou de um perverso e indigno; mas, tanto quanto algo de adverso lhe ocorrer e todas as vezes que ocorrer, vindo indiferentemente de qualquer criatura, recebe agradecido tudo isso da mão de Deus, tendo-o na

conta de lucro ingente, porque nada, por menor que seja, desde que sofrido por Deus, poderá ser negligenciado junto a Ele.

Fica, portanto, preparado para a batalha, se quiseres conquistar a vitória. Sem o certame, não podes chegar à coroa da paciência. Se não queres padecer, recusas ser coroado. Se, porém, desejas sê-lo, luta virilmente, sofre pacientemente (cf. 2Tm 2,5). Sem trabalho, não se vai ao descanso; nem se chega, sem peleja, à vitória.

Faze-me, Senhor, possível por graça o que me parece impossível por natureza (cf. Lc 18,27). Tu sabes que pouco posso padecer e que depressa desfaleço ao levantar-se uma leve adversidade. Qualquer exercício de tribulação torne-se para mim amável e aceitável pelo teu nome. Pois padecer e ser atormentado por tua causa é muito salutar para a minha alma.

CAPÍTULO 20

A CONFISSÃO DA PRÓPRIA DEBILIDADE E AS MISÉRIAS DESTA VIDA

Confesso contra mim a minha injustiça; confesso-te, Senhor, a minha debilidade (cf. Sl 31,5, antiga Vulgata). Com frequência, uma pequena coisa é o que me abate e contrista. Proponho-me agir firmemente, mas, quando vem uma pequena tentação, produz-se para mim grande angústia. Às vezes, é de coisa muito vil que uma grave tentação provém, e enquanto penso que estou algum tanto seguro ao não senti-la, encontro-me por vezes praticamente derrotado em consequência de um leve sopro.

“Vê”, pois, “minha humildade e minha fragilidade”, que te é conhecida por todas as partes (Sl 24,18). Tem piedade de mim e “tira-me do lodo, para que não me afunde” (cf. Sl 68,15), e não permaneça vencido para sempre. Eis o que de contínuo me golpeia e me confunde diante de ti, a saber, sou tão instável, fraco em resistir às paixões. E conquanto não chegue a consentir de todo nelas, o assédio que me fazem é, todavia, incômodo e penoso, e muito me entedia viver assim, em cotidiana luta. Daí se faz mais conhecida para mim a minha debilidade, porque irrompem sempre abomináveis fantasias muito mais facilmente do que se afastam.

Oxalá, fortíssimo Deus de Israel, zelador das almas fiéis, contemples a fadiga e a dor do teu servo e lhe prestes teu auxílio em todas as coisas que ele empreender (cf. Gn 33,20, antiga Vulgata; Sl 9,14; Js 1,9). Robustece-me com a celeste fortaleza, para que o velho homem – a mísera carne que ainda não se sujeitou bem ao espírito – possa ser dominado, realidade contra a qual será preciso combater por todo o tempo em que se respirar nesta misérrima vida (cf. 1Sm 2,9; Rm 6,6).

Ai, que vida é esta, em que não faltam tribulações e misérias! Em que tudo está cheio de laços e de inimigos! Com efeito, ao afastar-se uma tribulação ou tentação, acerca-se outra; e, mesmo enquanto ainda dura o primeiro conflito, outras várias e inesperadas sobrevêm. E como pode ser amada a vida do homem, ao contar com tantas amarguras, estando sujeita a tantas calamidades e misérias (cf.

Ecl 2,23)? Como é, também, que se chama vida, ao gerar tantas mortes e pestíferos contágios?^[11] E, contudo, é amada por muitos, e nela deleitar-se é coisa por muitos procurada. Repreende-se o mundo com certa frequência por ser falaz e vão, mas ele não é facilmente abandonado enquanto dominam os apetites da carne. Mas umas coisas nos atraem a amar o mundo, outras a desprezá-lo.

Ao amor do mundo arrastam o desejo da carne, o desejo dos olhos e a soberba da vida, mas as penas e as misérias que os seguem dão à luz o ódio do mundo e o tédio (cf. 1Jo 2,16, antiga Vulgata). O perverso deleite vence, porém – oh, pena! –, aquele espírito entregue ao mundo, que tem na conta de delícias o viver submetido aos sentidos, uma vez que não viu nem provou as suavidades de Deus e a interior amenidade da virtude (cf. Jó 30,7, antiga Vulgata; Sl 33,9). Os que, por outro lado, desprezam perfeitamente o mundo e tratam de viver para Deus, submetidos a uma santa disciplina, não ignoram a doçura divina, prometida aos verdadeiros renunciantes, e veem quão gravemente o mundo erra e de diversas maneiras se engana.

CAPÍTULO 21

EM DEUS SE HÁ DE DESCANSAR, POR SOBRE TODOS OS BENS E DONS

Sobre todas as coisas, minh'alma, hás de descansar sempre no Senhor, porque Ele é o eterno descanso dos santos.

Dá-me, ó dulcíssimo e amantíssimo Jesus, descansar em ti mais do que em toda criatura, do que em toda saúde e beleza, do que em toda glória e honra, do que em todo poder e dignidade, do que em toda ciência e sutileza, do que em todas as riquezas e as artes, do que em toda alegria e exultação, do que em toda fama e louvor, do que em toda suavidade e consolação, do que em toda esperança e promessa, do que em todo mérito e desejo, do que em todos os dons e as graças que podes dar ou infundir, do que em todo gozo e júbilo que a mente pode compreender e experimentar, e, por fim, mais do que em todos os anjos e arcanjos, do que em todo o exército do céu, do que em todas as coisas visíveis e invisíveis, e do que em tudo aquilo, meu Deus, que não és: porque tu, meu Deus, és infinitamente bom.

Só tu és altíssimo, só tu potentíssimo, só tu sufficientíssimo e pleníssimo, só tu suavíssimo e mui consolador, só tu belíssimo e amantíssimo, só tu nobilíssimo e gloriosíssimo sobre todas as coisas: em quem todos os bens são, foram e serão perfeitos em seu conjunto; e, por isso, menor e insuficiente é tudo aquilo que, fora de ti, tu mesmo me dás ou a respeito de ti revelas ou prometes, sem que sejas visto ou plenamente alcançado; pois, por certo, não pode o meu coração descansar verdadeiramente nem contentar-se de todo, a menos que descanse em ti e transcenda todos os dons e toda criatura.^[12]

Ó meu diletíssimo esposo Jesus Cristo, puríssimo amador, dominador de toda criatura, quem há que me dê asas de verdadeira liberdade para voar e repousar em ti (cf. Sl 54,7)? Oh, quando me será dado estar por completo desocupado e ver quão suave és, Senhor meu Deus (cf. Sl 33,9)? Quando me hei de recolher totalmente em ti, de modo a não sentir-me mais a mim mesmo em presença do teu amor, mas tão somente a ti, para além de todo

sentido e medida, de modo não conhecido para todos?

Agora, no entanto, gemo com frequência e com dor carrego a minha infelicidade, pois, neste vale de misérias, ocorrem muitos males que amiúde me perturbam, contristam e obnubilam, que muitas vezes me impedem o passo e me distraem, seduzem e envolvem, para que não tenha livre acesso a ti e não desfrute dos aprazíveis amplexos, [fazendo-me] sempre presente com os espíritos bem-aventurados.^[13]

Comova-te o meu suspiro, a múltipla desolação [que há] na terra. Ó Jesus, “esplendor da glória eterna” (Hb 1,3), alívio da peregrinação da alma, diante de ti se encontra minha boca sem voz e meu silêncio te fala. Até quando tarda em vir o meu Deus? Venha a mim, pobrezinho Seu, e faça-me alegre, estenda Sua mão e arranque o mísero de toda angústia (cf. Sl 143,7). Vem, vem, pois sem ti não haverá dia tranquilo nem hora, pois és tu minha alegria, e vazia está sem ti a minha mesa.

Miserável sou e, de certo modo, encarcerado e carregado de grilhões, até que, com a luz da tua presença, me restaures e restituas à liberdade, e tornes e mostres amigável o teu semblante. Procurem outros, em vez de ti, outra realidade qualquer que lhes agrade, mas a mim, enquanto isso, coisa alguma agrada nem agradará a não ser tu, meu Deus, minha esperança e “eterna salvação” (Is 45,17). Não calarei nem deixarei de suplicar, até que retorne a mim a tua graça e me fales tu em meu interior.

“Eis-me aqui!” (Is 58,9). Eis que estou diante de ti, pois me invocaste (cf. 1Sm 3,6). Tuas lágrimas e o desejo da tua alma, tua humilhação e a contrição do teu coração inclinaram-me e trouxeram-me a ti.

E eu disse: “Senhor, invoquei-te e desejei gozar de ti, disposto a tudo rechaçar por tua causa. Tu, com efeito, excitaste-me primeiro a que eu te procurasse. Sê, pois, bendito, Senhor, que fizeste essa bondade com o teu servo, segundo a tua grande misericórdia” (cf. Sl 118,65; 50,3). O que tem a dizer, Senhor, o teu servo na tua presença, a não ser que se humilhe muito diante de ti, sempre lembrado de sua própria iniquidade e vileza?

Não há, de fato, quem te assemelhe em todas as maravilhas do céu e da terra (cf. Sl 39,6). Tuas obras são muito boas, Senhor, teus juízos verdadeiros, e todas as coisas são regidas por tua providência (cf. Eclo 39,21; Sl 18,10). Louvor, portanto, e glória a ti, Pai da Sabedoria! Louvem-te e bendigam-te a minha boca, a minha alma e todas as criaturas em conjunto.

CAPÍTULO 22

A LEMBRANÇA DOS MÚLTIPLES BENEFÍCIOS DE DEUS

Abre, Senhor, o meu coração à tua lei, e ensina-me a caminhar nos teus preceitos (cf. 2Mc 1,4; Ez 20,19). Dá-me entender a tua vontade e, com grande reverência e diligente consideração, recordar-me dos teus benefícios, tanto em geral como em particular, para que possa por eles dar-te graças dignamente (cf. Ef 5,17.20).

Sei, na verdade, e confesso que não posso render-te sequer as devidas ações de graças pelo menor benefício. Sou menor do que todos os bens a mim concedidos e, quando me detenho em tua nobreza, desfalece ante a grandeza dela o meu espírito (cf. Gn 32,10).

Tudo o que temos n'alma e no corpo, e o que quer que possuamos exterior ou interiormente, natural ou sobrenaturalmente, são benefícios teus e louvam o Benfazejo, Piedoso e Bom, de quem recebemos todos os bens (cf. Tg 1,17). E, se um recebe muitos [bens] e outro menos, todos são, no entanto, teus, e o que há de menor não poderia obter-se sem ti (cf. 1Cor 7,7).

Quem recebeu maiores benefícios não pode gloriar-se de seu merecimento, nem exaltar-se sobre os outros ou insultar quem é menor, porque maior e melhor é aquele que menos presume de si e mais humilde e devoto se mostra em agradecer (cf. 1Cor 4,7). E quem se estima como o mais desprezível, e como o mais indigno de todos se julga, mais apto está a receber maiores [bens].

Quem, porém, menos benefícios recebeu não deve contristar-se nem portar-se com indignação ou invejar quem é mais rico, mas, antes, dirigir a ti sua atenção e louvar grandemente a tua bondade por concederes os teus dons de modo tão copioso, tão gratuito, tão liberal e “sem acepção de pessoas” (Rm 2,11).

Tudo provém de ti e, por isso, hás de ser louvado em todas as circunstâncias (cf. Rm 11,36). Tu sabes o que convém dar a cada um e pertence a ti, junto a quem se acham determinados os méritos de cada um, e não a nós, discernir por que deve este ter menos e aquele mais (cf. Mt 6,8). Por conseguinte, Senhor Deus, eu

considero também um benefício grande não ter muitas coisas, a partir das quais se podem manifestar um louvor e uma glória exteriores e segundo os homens. De modo que alguém, uma vez considerada a pobreza e a vileza de sua pessoa, não só não deve experimentar, por isso, pesadume, tristeza ou abatimento, mas, pelo contrário, grande consolação e alegria, porque tu, Deus, escolheste os pobres e humildes, bem como os desprezados aos olhos deste mundo, quais familiares e íntimos teus (cf. Tg 2,5).

Disso são testemunhas os teus próprios apóstolos, que constituíste príncipes sobre toda a terra (cf. Sl 44,17). Viveram, pois, sem lamentar-se no mundo, tão humildes como simples, sem qualquer malícia ou dolo, a ponto de se alegrarem até mesmo com padecer afrontas pelo teu nome e de abraçarem eles próprios, com grande afeto, o que o mundo abomina (cf. Fl 3,6; 1Pd 2,1; At 6,41).

Nada, portanto, há de alegrar tanto um amador teu e conhecedor dos teus benefícios como a tua vontade sobre ele e o beneplácito da tua eterna disposição, com a qual tão somente deve contentar-se e consolar-se, de sorte que queira ser o menor de tão bom grado como alguém desejaria ser o maior, e tão pacífico e contente esteja no último como no primeiro lugar, e se veja desprezível e abjeto de tão bom grado, dotado de nome algum ou fama, como se mais honrado fosse e maior que os outros no mundo (cf. Lc 14,10). Pois a tua vontade e o amor da tua honra devem superar tudo, e consolá-lo mais, e comprazê-lo mais do que todos os benefícios que lhe foram concedidos ou se lhe hão de conceder.

CAPÍTULO 23

QUATRO REALIDADES QUE SUSCITAM GRANDE PAZ

Filho, ensinar-te-ei agora o caminho da paz e da verdadeira liberdade.

Faze, Senhor, o que dizes, porque me é grato ouvir isso.

Aplica-te, filho, a fazer a vontade de outrem antes que a tua. Escolhe sempre ter menos, antes que ter mais. Procura sempre o lugar mais baixo, e estar submetido a todos. Deseja sempre e roga que a vontade de Deus se faça plenamente em ti. Eis que um homem tal entra nos confins da paz e da tranquilidade.

Senhor, esta tua breve palavra muito contém de perfeição. É pequena quanto ao que se diz, mas cheia de sentido e rica em fruto. Com efeito, se pudesse ser por mim fielmente guardada, não deveria originar-se facilmente em mim uma perturbação. Pois, todas as vezes que me sinto irrequieto e acabrunhado, reconheço que me apartei dessa doutrina. Mas tu, que podes tudo e amas o aproveitamento da alma, acrescenta maior graça, para que eu possa cumprir a tua palavra e levar a efeito a minha salvação.

Oração contra os maus pensamentos

Senhor meu Deus, não te afastes de mim;
meu Deus, ocupa-te de meu auxílio,
pois se levantaram em mim
pensamentos vãos e grandes temores
que afligem a minha alma
(cf. Sl 70,12; 26,12).

Como passarei ileso por eles?

Como os hei de vencer?^[14]

Eu, diz [o Senhor], irei à tua frente
e humilharei os gloriosos da terra;
abrirei a porta do cárcere e revelar-te-ei
os arcanos do santuário (cf. Is 45,1-3).^[15]

Faze, Senhor, como falas,
e fujam de tua face

todos os pensamentos iníquos.

Esta é minha esperança

e consolação única:

refugiar-me junto a ti

em toda tribulação,

confiar em ti, invocar-te

a partir do meu íntimo

e esperar pacientemente

a tua consolação.

Oração para a iluminação da mente

Ilumina-me, bom Jesus, com a claridade

da luz eterna; arranca todas as trevas

da morada do meu coração (cf. Jo 17,5).

Coíbe as muitas divagações

e quebranta as tentações

que me dão combate.

Luta por mim fortemente

e afugenta as bestas más,

digo, as concupiscências lisonjeiras,

para que se produza a paz

segundo o teu poder e a abundância

do teu louvor no adro, isto é,

na consciência pura (cf. Sl 121,7,

antiga Vulgata; 1Tm 3,9).^[16]

Impera sobre os ventos e as tempestades.

Dize ao mar: – Quietos!

Dize ao vento norte: – Não sopres!

E grande tranquilidade haverá (cf. Mt 8,26).

“Envia tua luz e [tua] verdade”,

para que reluzam sobre a terra,

pois “terra informe e vazia” sou, até

que me ilumines (Sl 42,3; Gn 1,2).

Derrama do alto a tua graça,

rega meu coração com a graça celeste,

ministra as águas da devoção
para irrigar a face da terra,
para produzir um fruto bom e excelente
(cf. Lc 8,15).

Eleva a mente oprimida
pelo volume dos pecados
e ergue todo o meu desejo
aos bens celestes, de sorte que,
uma vez provada a suavidade
da superna felicidade,
não possa sem desgosto pensar
no que é terreno.

Arrebata-me e soergue-me
de toda consolação impermanente
das criaturas, porque coisa criada alguma
é capaz de aquietar e consolar
plenamente o meu apetite.

Une-me a ti pelo inseparável vínculo do amor,
porque só tu bastas a quem te ama e,
sem ti, tudo é frívolo.

CAPÍTULO 24

EVITAR A CURIOSA INQUIRIÇÃO DA VIDA ALHEIA

Filho, não sejas curioso, nem te ocupes de solitudes vazias. O que te importa isso ou aquilo? “Segue-me tu” (Jo 21,22). O que te importa, pois, se aquele é tal coisa ou outra, ou se este age ou fala assim? Não precisas responder por outros, mas de ti mesmo darás razões (cf. Rm 14,12). Por que, então, te envolves? Eis que eu a todos conheço e vejo todas as coisas “que se fazem sob o sol” (Ecl 1,14), e o que se passa com cada um, em que pensa, o que quer e a que fim se orienta sua intenção.

A mim, portanto, se hão de confiar todas as coisas; por tua parte, mantém-te na boa paz e deixa que quem se agita se agite quanto quiser. Sobre ele recairá tudo o que tiver feito ou dito, uma vez que não me pode enganar. Não te ocupes dessa sombra que é um grande nome, nem da familiaridade de muitos, nem da amizade particular dos homens.^[17] Tais coisas geram, pois, distrações e grandes obscuridades no coração. De bom grado, falar-te-ia minha palavra e realidades abscônditas te revelaria, se diligentemente esperasses minha chegada e me abrisses a porta do coração.

Sê prudente, vigilante nas orações e humilha-te em tudo (cf. 1Pd 4,7; Eclo 3,20).

CAPÍTULO 25

EM QUE CONSISTE A SÓLIDA PAZ DO CORAÇÃO E O VERDADEIRO APROVEITAMENTO

Filho, eu disse: “Deixo-vos a paz, eu vos dou a minha paz; não vo-la dou como o mundo a dá” (Jo 14,27). Todos desejam a paz, mas nem todos se ocupam daquilo que diz respeito à verdadeira paz. Minha paz se acha com os humildes e mansos de coração (cf. Mt 11,29). A tua paz estará na grande paciência. Se me ouvires e seguires a minha voz, poderás desfrutar de muita paz.

Que hei de fazer, pois, em cada situação?

Presta bem atenção em ti, no que fazes, no que dizes; dirige toda a tua intenção a agradares somente a mim, e nada desejes ou procures fora de mim (cf. 1Cor 10,31). Mas nada julgues temerariamente dos ditos ou feitos de outros, nem te envolvas em coisas que não te foram confiadas: pode dar-se, com isso, que pouco ou raramente te venhas a perturbar.

Nunca sentir, porém, perturbação alguma e não padecer qualquer incômodo do coração ou do corpo não é próprio do tempo presente, mas da condição do eterno repouso. Não consideres, pois, que encontres a verdadeira paz se não sentires aflição alguma, nem que todo o teu bem consiste em não teres de sofrer qualquer adversário, nem que tudo é perfeito se acontecer à medida da tua afeição. Nem então te tenhas na conta de grande coisa, tampouco te consideres especialmente favorecido, caso experimentes grande devoção ou suavidade, porque em meio a essas realidades não se conhece o verdadeiro amor da virtude, nem consiste nelas o aproveitamento e a perfeição do homem.

Em que consiste, então, Senhor?

Em oferecer-te de todo o teu coração à vontade divina, não procurando o que é teu (cf. 1Cor 13,5), nem no que é pequeno, nem no que é grande, nem no tempo, nem na eternidade, de sorte que, com o mesmo semblante, te mantenhas em ação de graças, entre prosperidades e adversidades, pesando tudo com igual balança.

Se fores tão forte e longânime na esperança, a ponto de, uma vez subtraída a consolação interior, preparares o teu coração para suportar coisa ainda maior e não te justificares, mas louvares o Santo, caminharás então no caminho reto e verdadeiro da paz e mui certa será a esperança de que verás de novo a minha face com alegria (cf. Jó 33,26). Pois se tiveres chegado ao pleno desprezo de ti mesmo, hás de saber que, então, gozarás da “abundância da paz” (cf. Sl 71,7), de acordo com a possibilidade do teu exílio.

CAPÍTULO 26

A EMINÊNCIA DA MENTE LIVRE, QUE A SÚPLICE ORAÇÃO MERECE MAIS DO QUE A LEITURA

Senhor, esta é a obra do perfeito varão: nunca liberar o espírito da contemplação das realidades celestes e passar por entre muitas preocupações quase sem preocupação, e não ao modo de um torpe, mas por certa prerrogativa da mente livre, que não se adere por afeição desordenada a criatura alguma. Suplico-te, piíssimo Senhor, meu Deus: preserva-me dos cuidados desta vida, para que neles não me envolva em demasia; das muitas necessidades do corpo, para que não me torne presa do prazer, e de todos os obstáculos da alma, para que não me abata, quebrantado pelas aflições.

Não digo [que me preserves] dessas coisas que a vaidade mundana ambiciona com todo o seu afeto, mas daquelas misérias que penalmente acabrunham a alma do teu servo, retardando-lhe o passo, em consequência da maldição da mortalidade, para que ela não consiga entrar, todas as vezes que quiser, na liberdade do espírito. Ó meu Deus, doçura inefável, converte para mim em amargura toda consolação carnal que me separa do amor às eternas realidades e me atrai perversamente a si pela consideração de certo bem deleitável presente.

Não me vença, meu Deus, não me vença a carne, nem o sangue; não me engane o mundo, nem sua breve glória; não me suplante o diabo com sua astúcia (cf. Sl 16,2). Dá-me a fortaleza de resistir, a paciência de tolerar, a constância de perseverar. Dá-me, em vez de todas as consolações do mundo, a suavíssima unção do teu Espírito, e, em vez do amor carnal, infunde [em mim] o amor do teu nome. Eis que o alimento, a bebida, o vestuário e outras coisas úteis que dizem respeito ao sustento do corpo onerosas são a um espírito fervoroso (cf. Sb 9,15).

Concede-me usar temperadamente de tais auxílios e que não me envolva nisso com excessivo desejo. Rejeitá-los a todos não convém, porque a natureza há de sustentar-se. Procurar, no entanto, o que é supérfluo e o que mais deleita, proíbe-o a santa lei. Pois, do

contrário, a carne se rebelaria contra o espírito (cf. Gl 5,17). Em meio a tais coisas, peço, guie-me a tua mão e ensine-me, para que não se cometa algum excesso.

CAPÍTULO 27

O AMOR-PRÓPRIO IMPEDE GRANDEMENTE QUE SE CHEGUE AO SUMO BEM

Filho, é preciso que dê tudo para tudo alcançar, e que nada reste de próprio em ti. Hás de saber que o amor de ti mesmo é para ti mais nocivo do que alguma outra coisa deste mundo. De acordo com o amor e o afeto que lhe tiveres, qualquer coisa se te aderirá mais ou menos. Se o teu amor for puro, simples e bem ordenado, não estarás sob a escravidão das coisas.

Não desejes o que não te é lícito ter. Não tenhas o que te pode ser de impedimento e privar da liberdade interior. É admirável que não te entregues a mim do mais profundo do teu coração com tudo aquilo que podes desejar ou ter. Por que te consomes numa vã tristeza? Por que te afadigas em cuidados supérfluos (cf. Mq 4,9 antiga Vulgata; Ex 18,18)? Permanece firme no meu beneplácito e detrimento algum padecerás.

Se procurares isto ou aquilo, e quiseses estar aqui ou ali para conseguir, antes, a tua comodidade e teu próprio beneplácito, jamais estarás em tranquilidade ou livre de cuidados, pois, em toda situação, algum defeito se encontrará e haverá, em todo lugar, quem te contrarie. O que ajuda, portanto, não é qualquer coisa que se adquire ou se multiplica externamente, mas, antes, o que se despreza e extirpa radicalmente do coração. E não o entendas tão somente a respeito do dinheiro ou das riquezas, mas também da ambição de honra e do desejo de vão louvor, coisas que passam todas com o mundo (cf. 1Jo 2,17).

Um lugar pouco protege se falta o espírito de fervor. Nem permanecerá firme por muito tempo aquela paz que procuraste exteriormente se lhe faltar o verdadeiro fundamento da disposição do coração, isto é, se não te firmares em mim, poderás mudar, mas não melhorar. Pois, quando surgir a ocasião e a aceitares, encontrarás aquilo mesmo de que fugiste, e até mais (cf. Rm 7,8).

Oração para a purificação do coração e a aquisição da sabedoria celeste

Confirma-me, ó Deus,
pela graça do Espírito Santo (cf. Jt 13,7).
Dá que se me robusteça a virtude
no homem interior (cf. Ef 3,16)
e o meu coração se esvazie
de todo cuidado inútil e inquietude,
e não seja arrastado por vários desejos
de qualquer coisa, seja ela vil ou preciosa,
mas eu olhe tudo como realidades
que passam e a mim mesmo, igualmente,
como quem há de passar com elas,
pois não há o que permaneça sob o sol,
a não ser tudo o que é “ vaidade e aflição
do espírito ” (Ecl 1,14).
Oh, quão sábio é quem assim pensa!
Dá-me, Senhor, a sabedoria celeste,
para que aprenda a buscar-te
sobre todas as coisas e a encontrar-te,
a saborear-te e a amar-te
sobre todas as coisas, e a entender
as demais realidades tal como são,
segundo a ordem da tua sabedoria (cf. Sb 9,4).
Dá que me desvie prudentemente
de quem me lisonjeia,
e tolere pacientemente
a quem me contraria,
pois esta é a grande sabedoria:
não mover-se por qualquer vento de palavras
nem prestar ouvidos à sereia
que enganosamente adula.
Assim se avança, pois, de modo seguro,
pelo caminho empreendido (cf. Eclo 5,11).

CAPÍTULO 28

CONTRA AS LÍNGUAS DOS DETRATORES

Filho, não leves a mal se alguns pensam mal de ti, ou se tiverem dito o que não ouves de bom grado. Deves pensar a teu próprio respeito coisas piores e considerar que ninguém é mais fraco do que tu. Se caminhares a partir de teu interior, não hás de dar demasiada importância a palavras que voam.

Prudência não pequena é silenciar “num momento desfavorável” (Sl 36,19) e dirigir-se interiormente a mim, sem deixar-se perturbar pelo humano juízo. Que a tua paz não esteja na boca dos homens. Quer te interpretem bem, quer te interpretem mal, não és outro homem por causa disso. Onde estão a verdadeira paz e a verdadeira glória? Não estarão porventura em mim (cf. Jo 16,33)? E quem não almeja comprazer aos homens, nem teme desagradar-lhes, de muita paz fruirá.

De um amor desordenado e de um vão temor, toda inquietude do coração e toda distração dos sentidos se originam.

CAPÍTULO 29

DE QUE MODO DEVE SER INVOCADO DEUS AO SOBREVIR A TRIBULAÇÃO

Que o teu nome seja bendito para sempre, Senhor, que quiseste viesse sobre mim esta tentação e tribulação (cf. Sl 112,2)! Não posso fugir dela, mas necessário me é refugiar-me em ti, para que me ajudes e me convertas em bem.

Senhor, encontro-me por ora em tribulação, e não é isso um bem para meu coração, mas muito angustiado estou pela presente paixão. E agora, Pai amado, “o que direi” (Jo 12,27)? Rodeado estou por angústias (cf. Lm 1,3). “Salva-me nesta hora” (Jo 12,27). Mas para isto cheguei a esta hora, para que sejas glorificado quando eu tiver sido por demais humilhado e por ti libertado (cf. Jo 12,27-28).

Seja do teu agrado, Senhor, libertar-me. Pois o que posso fazer eu que sou pobre? E aonde irei sem ti (cf. Sl 39,14)? Dá-me paciência, Senhor, ainda desta vez. “Ajuda-me” (Sl 108,26), meu Deus, e não temerei, por mais acabrunhado que eu esteja. E agora, em meio a esta situação, o que direi? Senhor, “seja feita a tua vontade!” (Mt 6,10).

Bem tenho merecido eu vir a ser atribulado e oprimido. Cumpre, pois, que o tolere: e oxalá o faça de forma paciente, até que a tempestade passe e o tempo melhore. Poderosa é, porém, “a tua mão onipotente” (Sb 11,17), também para tirar de mim esta tentação e mitigar-lhe o ímpeto, para que eu não sucumba por completo, tal como anteriormente agiste comigo amiúde, “ó meu Deus, misericórdia minha” (Sl 58,18). E quanto mais difícil para mim, tanto mais fácil para ti é essa mudança da “destra do Excelso” (Sl 76,11).

CAPÍTULO 30

O DIVINO AUXÍLIO, QUE SE HÁ DE PEDIR, E A CONFIANÇA EM RECUPERAR A GRAÇA

“Filho, eu sou o Senhor que [te] conforta no dia da tribulação” (Na 1,7, antiga Vulgata). Vem a mim quando não te encontrares bem. Eis o que mais impede a celeste consolação, a saber, o fato de muito tarde te voltares à oração. Pois, antes de rogares a mim com atenção, procuras, enquanto isso, muitas consolações e te recreias em realidades exteriores.

Por isso se dá que tudo te sirva pouco até perceberes que sou eu quem liberta os que em mim esperam e que, fora de mim, não há conselho eficaz nem útil, nem sequer um remédio duradouro (cf. Sl 16,7, antiga Vulgata).

Mas, uma vez que recobraste o espírito, depois de passada a tempestade, anima-te à luz das minhas misericórdias, pois a teu lado estou, diz o Senhor, para restaurar todas as coisas, e não apenas em sua integridade, mas também de forma abundante e profusa (cf. Eclo 36,1). Por acaso é algo difícil para mim? Ou me assemelho a quem diz e não faz (cf. Jr 32,27)? Onde está tua fé?

Permanece firme e perseverantemente de pé! Sê longânime e forte varão! Virá a ti a consolação a seu tempo. Espera-me, espera. Virei e curar-te-ei (cf. Mt 8,7). Uma tentação é o que te abate, e vão temor o que te aterroriza. O que traz o cuidado de contingências futuras, senão que tenhas tristeza sobre tristeza (cf. 2Cor 2,3, antiga Vulgata)? “Ao dia basta a sua malícia” (Mt 6,34). É vão e inútil perturbar-se ou congratular-se por realidades futuras que, quiçá, jamais acontecerão. Próprio do ser humano é, no entanto, iludir-se por imaginações desse tipo, e sinal de um espírito ainda pequeno é arrastar-se tão facilmente pela sugestão do inimigo. Ele próprio, com efeito, não se preocupa se ilude ou engana com pensamentos verdadeiros ou falsos, se abate pelo amor das realidades presentes ou pelo temor das futuras.

Não se perturbe, pois, o teu coração, nem tema (cf. Jo 14,27). Crê em mim, e tem confiança na minha misericórdia. Quando te

consideras afastado de mim, com frequência estou mais próximo. Quando te julgas de todo perdido, é então que mais iminente se faz, amiúde, o ganho do mérito. Não está tudo perdido quando te ocorre uma coisa contrária. Não debes julgar conforme o presente sentir, nem entregar-te de tal modo a algum abatimento e acolhê-lo, de onde quer que ele venha, como se toda esperança de merecer tivesse sido eliminada. Não penses que foste de todo abandonado, conquanto tenha eu permitido, por um tempo, que te sobreviesse alguma tribulação. É assim, pois, que se vai ao Reino dos céus.

E isto, sem dúvida, convém a ti e aos meus outros servos, a saber, que sejais exercitados pelas adversidades, mais que se tudo tivésseis à medida do vosso agrado. Eu conheço os pensamentos ocultos (cf. Sl 43,22): pois muito convém à tua salvação que sejas deixado, por ora, sem deleite, para que não te eleves, talvez, em meio ao bom sucesso nem queiras comprazer-te a ti mesmo no que não és. O que dei, posso tirar e restituir quando me aprouver. Quando o dei, é meu; ao subtraí-lo, não tirei o que é teu, pois coisa minha é “toda dádiva excelente e todo dom perfeito” (Tg 1,17).

Se te enviar uma angústia ou qualquer contrariedade, não fiques indignado, nem desfaleça o teu coração, pois eu a posso retirar depressa e transformar todo peso em alegria. Sou justo, no entanto, e mui digno de louvor quando ajo assim contigo. Se retamente discernires e olhares segundo a verdade, jamais deverás contristar-te tão profundamente por causa das adversidades, mas, pelo contrário, hás de regozijar-te e dar graças; aliás, hás de ter na conta de gáudio ímpar que, ao afligir-te com dores, eu te poupe^[18] (cf. Jó 6,10, antiga Vulgata; Sl 88,33-34).

Como o Pai me amou, eu vos amo (cf. Jo 15,9), disse eu a meus amados discípulos, os quais, por certo, não enviei a desfrutar de alegrias temporais, mas, antes, a grandes combates; não às honras, mas aos desprezos; não ao ócio, mas aos trabalhos; não ao repouso, mas a carregar consigo muita paciência (cf. Lc 8,15). Lembra-te dessas palavras, filho meu (cf. Jo 15,20).

CAPÍTULO 31

A NEGLIGÊNCIA ANTE TODA CRIATURA PARA QUE SE POSSA ENCONTRAR O CRIADOR

Meu Senhor, ainda careço de graça maior se devo chegar ao estado em que ninguém nem criatura alguma me poderá ser de impedimento. Pois, enquanto alguma coisa me retém, não posso voar livremente a ti.

Desejava voar livremente o que dizia: “Quem me há de dar asas como as da pomba, para eu voar e encontrar repouso?” (Sl 54,7). O que há de mais tranquilo que um olho simples? E quem mais livremente vive do que quem nada deseja na terra (cf. Mt 6,22; Lc 11,34)? Cumpre, portanto, passar além de toda criatura e desapegar-se perfeitamente de si mesmo, permanecendo firme na elevação da mente (cf. Sl 67,28, antiga Vulgata), e ver que tu, o Criador de tudo, nada tens de semelhante com as criaturas. E não poderá ocupar-se livremente das realidades divinas a não ser quem se tiver desembaraçado de todas as criaturas.

Por isso, poucos contemplativos se encontram, porque poucos sabem desapegar-se por completo de perecedouras criaturas. Para tanto, faz-se necessária grande graça, que eleve a alma e a arrebate acima de si mesma. E a menos que o homem seja elevado no Espírito acima de si mesmo e libertado de todas as criaturas, unindo-se totalmente a Deus, não será de grande valia quanto sabe e mesmo quanto tem. Será pequeno por longo tempo e baixo jazerá quem tem na conta de algo grande o que quer que não seja tão somente o único e imenso Bem eterno. E o que quer que não seja Deus, nada é, e em nada se há de reputar.

Há, por certo, grande diferença entre a sabedoria de um varão iluminado e devoto e a ciência de um clérigo literato e estudioso. Muito mais nobre é aquela doutrina que mana do alto por influência divina, do que a que se adquire laboriosamente pelo humano engenho.

Encontram-se muitos que desejam a contemplação, mas não se aplicam a exercitar o que para ela se requer. Grande impedimento é

que se esteja apoiado sobre sinais e realidades sensíveis e pouco se tenha de perfeita mortificação. Não sei o que é isso, nem por que espírito somos nós conduzidos ou o que pretendemos os que parecemos dizer-nos espirituais, quando empenhamos todo o trabalho e mais abundante solicitude em coisas transitórias e vis, e raramente pensamos, quando o fazemos, em nossas realidades interiores depois de termos recolhido plenamente os sentidos.

Oh, pena! Depois de nos recolhermos um pouco, logo irrompemos fora e não ponderamos as nossas obras com exame estrito. Não observamos com atenção onde jazem as nossas afeições, nem deploramos quão impuro é tudo o que há em nós. Toda a carne, certamente, corrompera o seu caminho e por isso se seguia o grande dilúvio (cf. Gn 6,12.17).

Por ter-se corrompido, portanto, o nosso afeto interior, é necessário que a ação que o segue, num indício da carência de interna robustez, se corrompa. De um coração puro procede o fruto de uma vida boa (cf. 1Tm 1,5). Pergunta-se o que terá feito alguém, mas não se considera com tanta aplicação por quanta virtude ele age. Investiga-se se terá sido forte, rico, belo, hábil, ou bom escritor, ou bom cantor, ou bom trabalhador, mas coisa que por muitos se cala é quão pobre é de espírito, quão paciente e manso, quão devoto e recolhido.

A natureza olha para o exterior do homem, a graça para o interior. Aquela com frequência se engana, esta espera em Deus para que não se engane.

CAPÍTULO 32

A ABNEGAÇÃO DE SI MESMO E A ABDICAÇÃO DE TODO DESEJO

Filho, não podes possuir perfeitamente a liberdade, a menos que te abnegues totalmente de ti mesmo.

Agrilhoados estão todos os possuidores de bens e amadores de si mesmos, os cobiçosos, os curiosos, os que andam daqui para ali, sempre em busca do que excita a curiosidade e adula os sentidos, não do que é de Jesus Cristo; mas amiúde fingindo tal coisa e compondo quimeras que não hão de subsistir (cf. 2Tm 3,2; Fl 2,21). Perecerá, com efeito, tudo aquilo que não tem origem em Deus.

Guarda bem esta breve e perfeita palavra: Deixa tudo e encontrarás tudo; deixa a cobiça e encontrarás descanso. Considera com a mente esse preceito e, quando o tiveres cumprido, entenderás tudo.

Senhor, isso “não é obra de um só dia” (Esd 10,13), nem brinquedo de crianças; antes, nesse breve compêndio, encerra-se toda a perfeição dos religiosos.

Filho, não debes tornar atrás, nem perder de uma vez o ânimo, assim que ouves qual é o caminho da perfeição, mas, antes, debes sentir-te provocado às realidades mais sublimes ou, pelo menos, aspirar a isso com o teu desejo. Oxalá te portasses assim contigo e chegasses a não ser um amator de ti mesmo, mas permanecesses puramente submetido à minha vontade e à vontade desse que pus à tua frente como pai. Então em muito me agradarias, e toda a tua vida transcorreria com regozijo e paz.

Tens ainda muitas coisas a deixar; e se por mim não renunciasses integralmente a elas, não adquirirás o que suplicas. Aconselho-te a comprar de mim ouro passado pelo fogo, para que te faças rico, isto é, da sabedoria celeste, que aos pés calca todas as realidades mais baixas (cf. Ap 3,18). [A ela] pospõe toda a sabedoria terrena e toda a complacência humana e própria.

Eu te disse que as coisas mais vis dentre as realidades humanas se devem comprar com as mais preciosas e caras. Pois vil, pequena e quase entregue ao esquecimento parece, de fato, a sabedoria celeste,

que não é sábia aos próprios olhos, nem procura engrandecer-se na terra (cf. Rm 12,16); que muitos apregoam só de boca, mas da qual discrepam e muito com a vida. Ela é, no entanto, a pérola preciosa, a tantos escondida (cf. Mt 13,46).

CAPÍTULO 33

A INSTABILIDADE DO CORAÇÃO E A INTENÇÃO FINAL QUE A DEUS SE HÁ DE DIRIGIR

Filho, não te fies do teu afeto: o que agora experimentas converte-se noutro depressa. Enquanto viveres, estarás submetido à mutabilidade, por mais que não o queiras; de sorte que, ora te encontras alegre, ora triste; ora em paz, ora perturbado; ora movido pela devoção, ora sem devoção alguma; ora fervoroso, ora indolente; ora circunspecto, ora animoso (cf. Rm 8,20). Mas o sábio e bem instruído em seu espírito permanece sobre essas circunstâncias mutáveis, sem fazer caso do que sente, nem da parte de que sopra o vento da instabilidade; mas de que toda a intenção de sua mente avance para o devido e excelente fim.

É assim, pois, que poderá permanecer inabalável, sempre o mesmo, com o olho simples da intenção, por entre tão diversos acontecimentos, incessantemente dirigido a mim (cf. Mt 6,22; Lc 11,34). Quanto mais puro for, por outro lado, o olho da intenção, tanto mais constantemente se avança entre procelas diversas.

Mas, em muitos, o olho da pura intenção se acha obscurecido. Dirige-se depressa, com efeito, a algo deleitável que se lhe apresenta, e raramente se encontra alguém que de todo livre seja do defeito da busca de si próprio. Assim, pois, vieram outrora os judeus a Betânia, à casa de Marta e de Maria, não apenas por Jesus, mas para verem Lázaro (cf. Jo 11,29; 12,9).

O olho da intenção há de ser, portanto, purificado, de modo a tornar-se simples e reto, e há de dirigir-se a mim, para além de todas as várias realidades que entre mim e ele se encontram.

CAPÍTULO 34

PARA QUEM O AMA, DEUS É MAIS SABOROSO DO QUE TUDO E DENTRE TUDO

Eis o meu Deus, [meu] tudo (cf. 1Cor 15, 28)! O que mais quero eu? E o que de mais feliz posso desejar? Oh, palavra saborosa e doce! Mas para quem ama o Verbo, não o mundo, nem o que está no mundo (cf. 1Jo 2,15). Meu Deus e [meu] tudo! Para quem o entende, já se disse o suficiente; repeti-lo amiúde é delicioso para quem ama!

Quando estás presente, por certo, deliciosas são todas as coisas; quando, porém, te ausentas, tudo enfastia. Tu proporcionas um coração tranquilo, grande paz e alegria festiva. Tu fazes que de tudo se tenha um bom conceito e em tudo se te louve; não pode algo de bom agradar sem ti. Mas para que tal coisa agrade e tenha bom sabor, é preciso que se faça presente a tua graça, e se condimente com o tempero da tua sabedoria. Para aquele a cujo paladar és saboroso, o que pode haver que não tenha bom sabor? Para aquele a cujo paladar não tens tu um bom sabor, o que poderá servir adequadamente de deleite?

Desfalecem, porém, com relação à tua sabedoria, os sábios conforme o mundo e os que julgam segundo a carne, pois ali vaidade em excesso, e aqui a morte se encontra (cf. Jr 8,8-9; 1Cor 1,19; Rm 8,5). Os que te seguem, porém, por meio do desprezo das mundanas realidades e da mortificação da carne, revelam-se verdadeiramente sábios, pois passam da vaidade para a verdade, da carne para o espírito. Para esses, Deus tem um bom sabor, e o que quer que se encontre nas criaturas, tudo referem ao louvor do seu Criador. Diferentes, no entanto, e muito, são o sabor do Criador e o da criatura, o da eternidade e o do tempo, o da luz incriada e o da luz iluminada.

Ó Luz perpétua, que transcendes a todas as luzes criadas, despede do alto um raio que penetre em todas as profundezas do meu coração (cf. Sl 143,6). Purifica, alegra, ilumina e vivifica o meu espírito com as suas faculdades para unir-se a ti em transportes jubilosos. Oh, quando virá aquela vida bem-aventurada e desejável,

para que me sacies com a tua presença e sejas para mim “tudo em todos” (1Cor 15,28)! Enquanto isso não [me] for dado, tampouco o [meu] gáudio será pleno. Ainda – oh, pena! – vive em mim o velho homem, não está de todo crucificado, não morreu por completo (cf. Rm 6,6.10-11). Ainda “nutre” fortemente “desejos contra o espírito” (Gl 5,17), move guerras interiores, e não tolera que esteja em paz o reino da alma.

Mas tu, que “dominas o poder do mar e mitigas o movimento de suas ondas” (Sl 88,10), levanta-te, ajuda-me (cf. Sl 43,26)! “Dissipa os povos que desejam a guerra” (Sl 67,31), “abate-os com o teu poder” (Sl 58,12). Mostra, eu te peço, os teus prodígios (cf. Eclo 17,7) e seja glorificada a tua destra, porque não há outra esperança nem refúgio para mim, a não ser em ti, Senhor meu Deus (cf. Sl 30,1.4).

CAPÍTULO 35

NÃO HÁ SEGURANÇA ANTE A TENTACÃO NESTA VIDA

Filho, nunca estás seguro nesta vida, mas, por todo o tempo em que viveres, sempre te serão necessárias armas espirituais.

Entre inimigos te moves; és assaltado à direita e à esquerda (cf. 2Cor 6,7). Se, portanto, não fizeres uso, em toda parte, do escudo da paciência, não ficarás por muito tempo sem feridas. E mais, se não puseres o teu coração fixamente em mim, munido de uma vontade verdadeira de tudo padecer por minha causa, não poderás suportar esse ardor, nem alcançar a palma dos bem-aventurados.

Convém, pois, que passes por tudo virilmente e que te valhas de poderosa mão contra o que se te opuser. Pois, ao vencedor, dá-se o maná, enquanto, ao que se prostra, grande miséria se reserva (cf. Ap 2,17 antiga Vulgata). Se buscas repouso nesta vida, como chegarás então ao repouso eterno? Não te disponhas a muito repouso, mas a grande paciência. Procura a verdadeira paz, não na terra, mas no céu; não entre os homens, nem noutras criaturas, mas somente em Deus.

Por amor a Deus, deves tudo sofrer de bom grado, a saber, fadigas e dores, tentações e tribulações, ansiedades e necessidades, enfermidades, injúrias, objeções de palavra, repreensões, humilhações, confusões, correções e desprezos. Essas coisas ajudam as virtudes, elas provam o recruta de Cristo, elas fabricam a celeste coroa. Eu lhe retribuirei a recompensa eterna por um breve trabalho, a glória infinita por uma confusão passageira. Pensas que sempre terás, conforme a tua vontade, consolações espirituais? Os meus santos não as tiveram, mas sim muitas penas, várias tentações e grandes desolações, mas pacientemente se mantiveram em tudo isso e confiaram mais em Deus do que em si, cientes de que “os sofrimentos do tempo presente não têm proporção alguma com a glória futura” com que hão de ser recompensados (Rm 8,18).

Queres tu, de uma vez, ter o que muitos, depois de muitas lágrimas e muitos trabalhos, mal obtiveram? “Espera [n]o Senhor, procede varonilmente” e conforta-te (cf. Sl 26,14). Não percas a

confiança, não volte atrás, mas expõe constantemente o corpo e a alma pela glória de Deus. Eu retribuirei mui abundantemente; estarei contigo em toda tribulação (cf. Sl 90,15).

CAPÍTULO 36

CONTRA OS VÃOS JUÍZOS DOS HOMENS

Filho, lança o teu coração firmemente no Senhor e não temas o humano juízo naquilo em que a consciência te mostra piedoso e inocente. Bom e ditoso é que desse modo padeças, e não será pesada tal situação a um coração humilde e que confia mais em Deus do que em si próprio (cf. 2Cor 1,9). Muitos falam muito, por isso pouco crédito se há de dar. Tampouco é possível satisfazer a todos.

Conquanto Paulo se tenha esforçado para comprazer a todos no Senhor e se tenha feito tudo para todos, pouco se lhe deu, todavia, que fosse julgado por juízo humano (cf. 1Cor 10,33; 9,22; 4,3). Fez o bastante pela edificação e salvação dos outros, dentro de suas possibilidades, mas não pôde impedir que fosse vez por outra julgado por outrem ou desprezado. Confiou tudo, por isso, a Deus, que tudo sabia, e defendeu-se, com paciência e humildade, contra “as bocas dos que proferiam iniquidades” (Sl 62,12), bem como contra os vãos e mundanos pensamentos dos que os nutriam e proferiam a seu bel-prazer. Algumas vezes, no entanto, respondeu [às acusações], para que não se ocasionasse, por seu silêncio, um escândalo para os mais fracos.

“Quem és tu para temeres um homem mortal?” (Is 51,12) Hoje está aí e amanhã já não se vê (cf. 1Mc 2,63). Teme a Deus, e não te atemorizes ante as ameaças dos homens (cf. Ecl 12,13; Eclo 34,16). Quem pode fazer algo contra ti, quer por palavras, quer por injúrias? Prejudica antes a si mesmo do que a ti; não poderá, quem quer que seja ele, escapar ao juízo de Deus (cf. Rm 2,3). Mantém tu a Deus ante os olhos, e não litigues com palavras queixosas. Porque, se em dado momento pareceres sucumbir e padecer uma confissão que não mereceste, não fiques por isso indignado nem diminuas pela impaciência a tua coroa, mas olha, antes, para mim no céu, que sou poderoso para livrar de toda confusão e injúria, e para retribuir a cada um segundo as suas obras (cf. Mt 16,27; Rm 2,6).

CAPÍTULO 37

A PURA E ÍNTEGRA RENÚNCIA DE SI PARA OBTER A LIBERDADE DE CORAÇÃO

Filho, abandona-te e me encontrarás. Permanece firme, sem escolha e sem qualquer propriedade, e sempre ganharás. Pois também se te acrescentará uma graça maior, tão logo tenhas renunciado a ti mesmo para não mais retomar-te.

Senhor, quantas vezes hei de renunciar e em que situações hei de abandonar-me?

Sempre e a toda hora, tanto no que é pequeno como no que é grande. Não faço exceção alguma, mas quero [que] te mostres em tudo despojado. Do contrário, como poderás ser meu, e eu teu, se não te tiveres despojado, por dentro e por fora, de toda vontade própria? Quanto mais rapidamente o fizeres, tanto melhor te irá; e quanto mais plena e sinceramente [o fizeres], tanto mais me agradarás e mais amplamente lucrarás.

Há certas pessoas que renunciam a si mesmas, mas com alguma exceção. Pois não confiam plenamente em Deus e, por isso, ocupam-se em providenciar para si. Há também alguns que oferecem tudo primeiro, mas depois, quando a tentação lhes bate à porta, voltam para o que lhes é próprio e, por conseguinte, não progridem absolutamente na virtude. Esses tais não alcançam a verdadeira liberdade de um coração puro, nem a graça da minha deliciosa familiaridade, a menos que primeiro façam uma renúncia integral e a cotidiana imolação de si mesmos, sem a qual não subsiste nem subsistirá a união frutiva.

Já te disse muitíssimo amiúde e digo-o novamente agora: abandona-te, renuncia a ti mesmo, e desfrutarás de grande paz interior. Dá tudo para obteres tudo; nada procures, nada peças, permanece puramente em mim, sem hesitação, e me terás; livre serás no coração e não te conculcarão as trevas (cf. Sl 138,11, antiga Vulgata). A isso dirige os teus anelos, roga-o, esforça-te em desejá-lo, a saber, que possas despojar-te de toda propriedade e, assim, seguir nu a um Jesus nu, morrer para ti e viver eternamente para mim. Então se desvanecerão todas as fantasias, iníquas perturbações e

supérfluos cuidados. Afastar-se-á, então, o temor imoderado, e o amor desordenado morrerá.

CAPÍTULO 38

A BOA MANEIRA DE CONDUZIR-SE NAS REALIDADES EXTERIORES E O RECURSO A DEUS NOS PERIGOS

Filho, deves orientar-te diligentemente, em qualquer lugar que estejas, em qualquer ação ou ocupação externa a que te dediques, a ser interiormente livre e senhor de ti mesmo; a que todas as coisas estejam sujeitas a ti, e não tu a elas, e sejas tu o senhor de tuas ações, aquele que as dirige, e não o servo delas ou seu escravo, qual livre e verdadeiro hebreu que passa à herança e à liberdade dos filhos de Deus (cf. Cl 1,12; Rm 8,21), os quais, elevados sobre as realidades presentes, contemplam as eternas, olham para as transitórias com o olho esquerdo e para as celestes com o direito, não se deixam arrastar pelos bens temporais a fim de unir-se a eles, mas os arrastam, eles próprios, levando-os a bem servir, tal como ordenados foram por Deus e instituídos pelo supremo Artífice, que nada de desordenado deixa em Sua criação.

Se, porém, em todo e qualquer acontecimento, não te fundares na aparência exterior e não considerares com olho carnal o que vês e ouves, mas se entrares logo, com Moisés, no tabernáculo para consultar o Senhor, ouvirás também vez por outra a divina resposta e te tornarás instruído em muitas coisas presentes e futuras.

Com efeito, Moisés recorreu sempre ao tabernáculo em ocasião de dúvida e quando tinha de solucionar questões, e buscou refúgio no auxílio da oração ante a necessidade de livrar-se dos perigos e das improbidades dos homens. Assim também tu deves refugiar-te no recesso do teu coração, implorando mui instantemente o auxílio divino.

Por isso se lê, com efeito, que Josué e os filhos de Israel foram enganados pelos gabaonitas ao não terem, primeiro, interrogado a boca do Senhor, mas, crédulos por demais em palavras lisonjeiras, deixaram-se lograr por uma piedade falsa (cf. Js 9,14).

CAPÍTULO 39

NÃO SE IMPORTUNE O HOMEM EM SEUS AFAZERES

Filho, confia-me sempre a tua causa. Bem hei de dispô-la a seu devido tempo. Espera o que eu ordenar e tirarás daí proveito.

Senhor, confio-te de mui bom grado todas as coisas, porque de pouco pode servir o meu cuidado. Oxalá não me ocupasse muito dos futuros acontecimentos, mas me oferecesse sem hesitação ao teu beneplácito!

Filho meu, o homem frequentemente persegue o que deseja, mas, quando a isso chega, começa a pensar de outro modo, pois não são duráveis as afeições relativas à mesma realidade, antes, pelo contrário, nos impelem de uma coisa a outra. De fato, não é de pouca monta abandonar-se, até mesmo nas pequenas coisas. O verdadeiro aperfeiçoamento do homem é a negação de si mesmo; e o homem abnegado é muito livre e seguro.

Mas o antigo inimigo, adversário de todos os bons, não deixa de tentar nem de armar dia e noite pesadas insídias para ver se consegue, quiçá, precipitar o incauto no laço do engano (cf. 1Pd 5,8). “Vigiai e orai, diz o Senhor, para não entrardes em tentação” (Mt 26,41).

CAPÍTULO 40

O HOMEM NÃO TEM DE SI MESMO NADA DE BOM E EM NADA HÁ DE GLORiar-SE

“Senhor, que é o homem para dele te lembrares? E o filho do homem para que o visites?” (Sl 8,5). O que mereceu o homem para que lhe desses a tua graça? Senhor, de que me posso queixar se me abandonas? Ou o que posso alegar justamente se não fazes o que te peço? (cf. Gn 44,16). Por certo, posso na verdade meditar e dizer-te isto: Senhor, nada sou, nada de bom tenho eu de mim mesmo, mas de todas as coisas me vejo desprovido e sempre tendo em direção ao nada.

A menos que venha a ser por ti ajudado e interiormente fortalecido, torno-me de todo túbio e dissoluto. Tu, porém, Senhor, és sempre o mesmo e permaneces para sempre, sempre bom, justo e santo, fazendo bem, justa e santamente todas as coisas e dispondo-as com sabedoria (Sl 101,28.13; Sb 12,15). Mas eu, que mais propenso sou ao defeito que ao proveito, não perduro sempre na mesma condição e sete tempos passam sobre mim (cf. Dn 4,13).

No entanto, logo a situação melhora assim que te apraz estender-me auxiliadora mão, porque só tu, sem ajuda humana, poderás prestar auxílio e fortalecer, de sorte que meu semblante não mais se mude em diversas emoções, mas meu coração se converta unicamente para ti e somente em ti descanse (cf. 1Sm 1,18 antiga Vulgata).

Daí que, se eu soubesse manter afastada toda humana consolação – quer para adquirir devoção, quer pela necessidade por que me vejo obrigado a buscar-te, ao não haver homem que me possa consolar –, com razão poderia esperar da tua graça e exultar pelo dom duma nova consolação. Graças a ti, de quem dimana tudo quanto me acontece de bom. Eu, porém, sou vaidade e nada diante de ti, homem inconstante e débil (cf. Sl 38, 6-7).

Em que me posso gloriar, ou por que nutro desejos de reputação? Será que o faço por ser um nada? Isso seria por demais vão! Peste detestável é, na verdade, a glória inane, uma vaidade muito grande, porque afasta da verdadeira glória e despoja da graça celeste. Pois,

enquanto o homem se compraz em si, desagrada-te; enquanto anseia por humanos louvores, privado se vê de verdadeiras virtudes. Gloriar-se em ti, e não em si mesmo, é, pois, a glória verdadeira, uma exultação santa; regozijar-se no teu nome, não na própria virtude, e não deleitar-se noutra criatura, a não ser por tua causa.

Louvado seja o teu nome, não o meu; seja bendito o teu santo nome, não o meu. Nada se me atribua, porém, de parte dos louvores dos homens (cf. Sl 112,2). Tu [és] minha glória, a exultação do meu coração (cf. Sl 3,4; 118,111). Em ti me gloriarei e exultarei o dia inteiro; de minha parte, porém, nada tenho em que me gloriar, a não ser em minhas fraquezas (cf. Sl 88,17; 2Cor 12,5). Busquem os judeus a glória que uns se dão aos outros; eu buscarei a que vem só de Deus (cf. Jo 5,44). Toda glória humana, por certo, toda honra temporal, toda altura mundana, se à tua glória comparada, vaidade é, e estultícia.

Ó minha verdade, minha misericórdia, meu Deus, bem-aventurada Trindade, a ti somente o louvor, o poder, a honra e a glória pelos séculos dos séculos sem fim (cf. Sl 58,18; 1Tm 1,17).

CAPÍTULO 41

O DESPREZO DE TODA HONRA TEMPORAL

Filho, não te impressiones se vês que outros são honrados e elevados, e tu, porém, és desprezado e humilhado. Ergue o teu coração até mim, no céu, e não te contristará o desprezo dos homens sobre a terra.

Senhor, estamos em meio à cegueira e logo nos vemos seduzidos pela vaidade (cf. Ne 1,7, antiga Vulgata). Se corretamente me observo, percebo que jamais me foi feita injúria por parte de criatura alguma, por isso tampouco tenho de que queixar-me justamente contra ti. Uma vez, no entanto, que pequei frequente e gravemente contra ti, toda criatura com razão se arma contra mim (cf. Sb 5,17).

A mim, portanto, cabem justamente a confusão e o desprezo; mas a ti o louvor, a honra, o poder e a glória (cf. Dn 9,7; Br 1,15). E a menos que me prepare para querer ser de bom grado desprezado, abandonado e tido por completo na conta de nada, não poderei ser interiormente pacificado e consolidado, nem espiritualmente iluminado, tampouco unir-me plenamente a ti.

CAPÍTULO 42

A PAZ NÃO HÁ DE DEPENDER DOS HOMENS

Filho, se fazes tua paz depender de alguma pessoa, por ser esta do teu sentir ou por conviver contigo, instável e agitado serás. Mas se recorrerres à Verdade que sempre vive e permanece, não te contristará o amigo que se vai ou que morre (cf. Hb 7,24-25).

Em mim há de apoiar-se o amor do amigo, e por minha causa há de amar-se quem quer que te pareça bom, amigo e muito querido nesta vida. Sem mim, a amizade não tem valor nem há de durar, e não é verdadeira nem pura a dileção que eu não uno. De tal modo hás de estar morto a tais afeições de homens amados que, no que depender de ti, desejes permanecer sem trato humano algum.

Tanto mais se aproxima o homem de Deus, quanto mais longe se afasta de toda consolação terrena. Tanto mais alto se eleva, também, para Deus, quanto mais profundamente se abaixa em si mesmo e se tem por mais vil. Quem, porém, se atribui algo de bom, impede que a graça de Deus venha a si, porque a graça do Espírito Santo procura sempre um coração humilde (cf. 1Pd 5,5).

Se soubesses aniquilar-te perfeitamente e esvaziar-te de todo amor criado, haveria eu então de fluir em ti com grande graça. Quando diriges teu olhar às criaturas, subtrai-se a ti a vista do Criador. Aprende a vencer-te em tudo por causa do Criador, então poderás alcançar o divino conhecimento. Por menor que seja algo, se for amado e olhado desordenadamente, impede de chegar ao Sumo Bem e vicia [a alma].

CAPÍTULO 43

CONTRA A CIÊNCIA VÃ E MUNDANA

Filho, não te comovam os belos ditos dos homens, “pois não está o Reino de Deus na palavra, mas na virtude” (1Cor 4,20). Presta atenção às minhas palavras, que inflamam os corações e iluminam as mentes, induzem à compunção e trazem várias formas de consolação.

Jamais leias uma palavra para pareceres mais douto ou mais sábio, mas empenha-te na mortificação dos vícios, pois isso te servirá mais do que teres conhecimento de muitas questões difíceis. Depois que tiveres lido e conhecido muitas coisas, cumpre que te voltes ao único princípio.^[19] Sou eu que ao homem ensino a ciência e concedo aos pequenos uma inteligência mais iluminada do que a que se pode ilustrar por um homem (cf. Sl 93,10; 118,130). Aquele a quem eu falar será, pois, sábio e muito adiantará no espírito.

Ai daqueles que andam em busca de aprender muitas coisas curiosas dos homens, mas pouco se preocupam com os meios de se servir. Virá o tempo em que aparecerá Cristo, o Mestre dos mestres e Senhor dos anjos, que há de ouvir a lição de todos e examinar a consciência de cada um; então, “Jerusalém será esquadrinhada com lanternas” (Sf 1,12), “far-se-á manifesto o que nas trevas se escondia” (1Cor 4,5) e silenciarão os argumentos das línguas.

Eu sou quem eleva num instante a mente humilde, de sorte que entenda mais razões da verdade eterna do que alguém que, por dez anos, tivesse estudado nas escolas. Eu ensino sem rumor de palavras, sem confusão de opiniões, sem fausto de honra, sem conflito de argumentos.

Sou eu que ensino a desprezar as terrenas realidades, a provar fastio pelas presentes e a buscar as eternas; a fugir das honrarias, a suportar escândalos, a depositar em mim toda esperança, a nada desejar fora de mim e a amar-me ardentemente sobre todas as coisas. Pois há quem, amando-me intimamente, aprendeu coisas divinas e falava maravilhas. Mais progrediu abandonando tudo que estudando sutilezas. Mas a alguns falo de realidades comuns, a

outros de espirituais. Para uns, apareço suavemente em sinais e figuras; para outros, porém, em meio a grandes luzes, revelo mistérios (cf. Dn 2,28).

Uma só é a voz dos livros, mas não ensina a todos igualmente, pois dentro me encontro eu, Doutor da Verdade, perscrutador do coração (cf. 1Cr 28,9), entendedor dos pensamentos, promotor das ações, que a cada um distribuo como julgar oportuno (cf. 1Cor 12,11).

CAPÍTULO 44

NÃO SE HÃO DE ARRASTAR AS COISAS EXTERIORES

Filho, cumpre que sejas ignorante em muitas coisas, que te estimes como morto sobre a terra, para quem o mundo todo está crucificado (cf. Eclo 32,12; Cl 3,3; Gl 6,4). Convém passar também por muitas coisas com ouvidos surdos e meditar mais no que à tua paz diz respeito. É mais útil desviar os olhos do que desagrada e deixar a cada um seu próprio parecer que dar-se a discursos contenciosos. Se te encontrares bem com Deus e tiveres em vista o Seu juízo, mais facilmente tolerarás que sejas vencido.

Ó Senhor, a que ponto viemos? Eis que se chora por uma perda temporal, trabalha-se e corre-se por pequeno ganho, enquanto um detrimento espiritual passa ao esquecimento e mal se tem dele lembrança tardia. Presta-se atenção ao que de pouco ou nada serve, enquanto se deixa negligentemente de lado o que é sumamente necessário, porque se derrama o homem todo sobre as coisas exteriores e, a menos que recapacite rápido, jaz de bom grado no meio delas.

CAPÍTULO 45

NÃO SE HÁ DE DAR CRÉDITO A TODOS E COMO SE CAI FACILMENTE POR PALAVRAS

Dá-me auxílio, Senhor, na tribulação, pois “vã é a salvação que vem dos homens” (Sl 59,12). Quão amiúde acabei por não encontrar fidelidade onde pensei que a teria! Quantas vezes, também, a encontrei ali onde menos presumi que estivesse! É vã, portanto, a esperança depositada nos homens, mas a salvação dos justos está em ti, Deus (cf. Sl 36,39).

Bendito sejas, Senhor Deus, em tudo o que acontece (cf. Sl 143,1). Débeis e instáveis somos, depressa nos deixamos enganar e mudamos. Qual é o homem que consegue guardar-se em tudo de forma tão cauta e circunspecta que não caia, vez por outra, nalgum engano ou perplexidade? Mas quem confia em ti, Senhor, e com simples coração te busca, não resvala tão facilmente (cf. Pr 10,9). E se tiver caído em alguma tribulação, como quer que esteja envolvido nela, será rapidamente libertado por ti ou consolado por ti, pois tu não abandonas a quem espera em ti até o fim (cf. Jt 13,17, antiga Vulgata).

Raro é o amigo fiel, o amigo que persevera em meio a todas as aflições. Tu, Senhor, só tu és fidelíssimo em tudo e, fora de ti, não há quem seja tal. Oh, como o soube bem aquela alma que disse: “Seguro está o meu espírito e fundado sobre Cristo”.^[20] Se assim estivesse eu, não me perturbaria tão facilmente o temor humano, nem me comoveriam os dardos das palavras. Quem tem capacidade suficiente para prever tudo? Para precaver-se contra futuros males? Se amiúde os males previstos também causam dano, o que dizer dos imprevistos, senão que ferem gravemente?^[21] Mas por que, mísero que sou, não tratei de melhor prevenir-me? Por que dei também, tão facilmente, crédito a outros? Mas somos homens, não somos senão homens frágeis, ainda que por muitos sejamos tidos na conta de anjos e ditos tais.

A quem darei crédito, Senhor? Em quem hei de crer senão em ti? Tu és a Verdade, tu que não enganas nem podes enganar-te. E

ainda: “todo homem é mentiroso” (Sl 115,11; Rm 3,4), fraco, instável e, sobretudo, escorrega facilmente nas palavras, de modo que mal se lhe pode dar logo crédito naquilo que à simples vista parece reto. Quão prudentemente avisaste que se haveria de ter cuidado com os homens, que os inimigos do homem seriam os de sua casa e que não se haveria de dar crédito a quem dissesse: Ei-lo aqui, ei-lo ali (cf. Mt 10,17.36; 24,23).

Fui ensinado por um dano, e oxalá para que adote cautela maior, não me sirva para a insipiência (cf. Sl 21,3 antiga Vulgata)! “Sê cauto” – diz alguém – “sê cauto, guarda para ti o que digo”. E, enquanto permaneço em silêncio e creio que a coisa está em segredo, vejo que não pode silenciá-la aquele que me pediu silêncio; antes, delata tanto a mim como a si próprio, e vai embora.

Protege-me, Senhor, desses homens falastrões e incautos, não caia eu em suas mãos e jamais cometa tais coisas. Concede à minha boca uma palavra verdadeira e estável, e afasta de mim a língua ardilosa (cf. Pr 30,8). Daquilo que não quero padecer, devo de modo absoluto guardar-me.

Oh, quão bom e pacífico é silenciar a respeito de outros e não dar crédito indistintamente a tudo, nem passá-lo adiante com ligeireza, revelar-se a poucos, buscar-te sempre a ti, que “sondas o coração” (Pr 24,12, antiga Vulgata), e não deixar-se rodear “por todo vento de palavras” (Ef 4,14, antiga Vulgata), mas desejar que todas as realidades interiores e exteriores sejam levadas à perfeição segundo o beneplácito da tua vontade! Quão seguro é, pela conservação da graça celeste, fugir a toda aparência humana e não apetecer o que parece suscitar externamente admiração, mas, com todo o zelo, correr atrás do que suscita emenda de vida e fervor!

A quantos homens tem prejudicado uma virtude conhecida e especialmente louvada! Como tem aproveitado, pelo contrário, a graça conservada no silêncio nesta frágil vida, que se passa toda ela em tentação e luta! (cf. Jó 7,1)

CAPÍTULO 46

A CONFIANÇA QUE SE HÁ DE TER EM DEUS QUANDO IRROMPEM OS DARDOS DAS PALAVRAS

Filho, permanece firme e espera em mim. O que são, pois, as palavras, a não ser palavras? Voam pelo ar, mas não ferem uma pedra. Se és culpado, pensa em querer emendar-te de bom grado. Se não tens consciência de pecado algum, pensa em querer suportá-lo de bom grado por Deus. É bem pouco que suportes, por ora, ao menos algumas palavras, quando ainda não tens condição de tolerar fortes golpes.

E por que motivo coisas tão insignificantes te chegam ao coração, senão porque ainda és carnal e dás mais atenção aos homens do que convém? Ora, porque temes ser desprezado, não queres ser repreendido por tuas faltas e procuras o abrigo das escusas. Mas examina-te melhor, e reconhecerás que o mundo ainda vive em ti, bem como o vão amor de comprazer aos homens. Como foges, pois, de rebaixar-te e de ver-te confundido até mesmo por teus defeitos, consta certamente que não és um verdadeiro humilde, não estás morto de verdade para o mundo, nem o mundo crucificado para ti (cf. Gl 6,14). Mas ouve as minhas palavras, e não farás caso de dez mil palavras de homens.

Vê, caso fossem ditas contra ti todas as coisas que podem os homens, com muita malícia, inventar, em que te prejudicaria isso se inteiramente o deixasses passar e não o tivesses mais que na conta de palha? Porventura te poderiam arrancar ao menos um só fio de cabelo? Mas quem não tem o coração interiormente [recolhido] nem a Deus diante dos olhos, deixa-se abalar mui facilmente por uma palavra de vituperação. Quem, porém, confia em mim e não deseja apoiar-se sobre o próprio parecer permanecerá sem temor humano (Pr 28,1, antiga Vulgata). Pois eu sou o Juiz, conhecedor de todos os segredos (cf. Jr 29,23, antiga Vulgata; Dn 13,42).

Eu sei como se passam as coisas; conheço quem injuria e quem o suporta. De mim proveio esta palavra: – tal coisa aconteceu porque o permiti, “a fim de serem revelados os pensamentos de muitos

corações” (Lc 2,35). Eu julgarei o culpado e o inocente, mas quis provar a ambos antes, por um oculto desígnio. O testemunho dos homens muitas vezes se mostra enganoso; o meu juízo é verdadeiro, ficará firme e não será revogado (cf. Sl 18,10).

Acha-se ele o mais das vezes oculto e a poucos se revela em suas singulares particularidades. Nunca erra, porém, nem pode errar, ainda que pareça incorreto aos olhos dos insipientes. A mim, portanto, se há de recorrer em todo juízo, e não se há de confiar no próprio arbítrio. O justo não será, pois, perturbado, seja o que lhe vier a acontecer da parte de Deus (cf. Pr 12,21, antiga Vulgata). E se algo for cometido injustamente contra ele, não lhe dará muita atenção; mas tampouco exultará de modo vão, caso seja razoavelmente defendido por outros. Considera ele, com efeito, que sou eu quem sonda corações e rins (Sl 7,10), e não julgo segundo o aspecto externo e a humana aparência (cf. Jo 7,24). Pois também se constata que é muitas vezes culpado a meus olhos o que, segundo o parecer dos homens, se crê louvável.

Senhor Deus, Juiz justo, forte e paciente (cf. Sl 7,12), que conheces a fragilidade e a perversidade dos homens, sê minha força e toda a minha confiança. Não me basta, pois, a minha consciência. Tu conheces o que eu não sei e, por isso, em toda repreensão, devi humilhar-me e tolerá-lo com mansidão. Perdoa-me propício, portanto, por todas as vezes que não agi assim, e concede-me, para nova ocasião, a graça de maior sofrimento.

Melhor é, para mim, a tua copiosa misericórdia para alcançar o perdão, do que a minha presumida justiça para defender uma consciência que mal conheço (cf. Sl 62,4). E se não tenho consciência de nada, não posso, contudo, justificar-me por isso, porque, uma vez removida a tua misericórdia, vivente algum se justificará na tua presença (cf. 1Cor 4,4; Sl 142,2).

CAPÍTULO 47

TODAS AS PENAS SE HÃO DE TOLERAR PELA VIDA ETERNA

Filho, não te quebrem os trabalhos que assumiste por causa de mim, nem te abatam de todo as tribulações; mas, em tudo o que acontecer, a minha promessa te robusteça e console. Eu posso recompensar suficientemente, acima de toda maneira e medida. Não trabalharás aqui por muito tempo, nem te verás para sempre acabrunhado pelas dores. Espera um pouco, e verás o rápido fim dos maus. Virá uma hora em que cessará todo trabalho, todo tumulto.

Pouca coisa é, e breve, tudo aquilo que passa com o tempo. Faze, pois, o que tens de fazer, trabalha fielmente na minha vinha: serei eu a tua recompensa (cf. Mt 21,28; Gn 15,1, antiga Vulgata). Escreve, lê, canta, geme, cala-te, ora, suporta varonilmente as contrariedades: a vida eterna bem merece todos esses combates, e ainda maiores. A paz há de vir num dia que pelo Senhor é conhecido (cf. Mt 24,36).

Não haverá, pois, dia ou noite como neste tempo, mas a luz perpétua, a infinita claridade, a paz inabalável e o tranquilo repouso. Não dirás então: “Quem me livrará do corpo desta morte?” (Rm 7,24). Nem clamarás: “Ai de mim, prolongou-se o meu exílio!” (Sl 119,5, antiga Vulgata). Porque a morte será precipitada e a salvação já não faltará, não haverá ansiedade alguma, mas uma bem-aventurada alegria, suave e formosa sociedade (cf. Is 25,8).

Oh, se tivesses visto as perpétuas coroas dos santos no céu, e com quanta glória exultam agora os que outrora eram tidos como desprezíveis para este mundo e como que indignos da própria vida (cf. Sb 5,4), sem dúvida te humilharias em seguida até a terra e desejarias submeter-te a todos, antes que estar à frente de um só, e não almejarias os dias alegres desta vida, mas te regozijarias, pelo contrário, em padecer tribulações por Deus, e terias na conta de máximo lucro que como nada te considerassem entre os homens.

Oh, se essas coisas te fossem saborosas e te entrassem profundamente no coração, como ousarias lamentar-te sequer uma

só vez? Não se hão de tolerar, pela vida eterna, todas as realidades trabalhosas? Não há o que seja pouco, em se tratando de ganhar ou perder o Reino de Deus. Eleva, pois, o teu rosto ao céu! Eis que aí estou com todos os meus santos que, neste mundo, grande combate travaram e agora se deleitam, agora são consolados, agora estão seguros e agora repousam, e permanecerão comigo para sempre no Reino do meu Pai (cf. Hb 10,32; Ap 14,13; Mt 26,29).

CAPÍTULO 48

O DIA DA ETERNIDADE E AS ANGÚSTIAS DESTA VIDA

Oh, bem-aventurada mansão da cidade do alto! Oh, claríssimo dia da eternidade que a noite não escurece, mas em que a suprema Verdade sempre irradia; dia sempre alegre, sempre seguro, sem jamais mudar-se no contrário! Oh, oxalá aquele dia brilhasse e todas estas coisas temporais recebessem o seu fim!

Reluz, por certo, para os santos uma esplêndida e perpétua claridade; o que não se dá senão de longe, como por um espelho, para os que peregrinam na terra (cf. Hb 11,13; 1Cor 13,12).

Bem sabem os cidadãos do céu quão jubilosa é aquela claridade; gemem os exilados filhos de Eva, porque amarga e tediosa é esta sua condição. Os dias deste tempo são pequenos e maus, cheios de dores e de angústias (cf. Gn 47,9; Ecl 2,23, antiga Vulgata), em que o homem com muitos pecados se mancha, a muitas paixões se vê ligado, por muitos temores constrangido, em muitos cuidados ocupado, por muitas curiosidades distraído, em muitas vaidades envolvido, por muitos erros circundado, por muitos trabalhos quebrantado, por muitas tentações oprimido, enlanguescido pelas delícias e atormentado pela privação.

Oh, quando será o fim desses muitos trabalhos? Quando serei libertado da mísera servidão dos vícios (cf. Rm 8,21)? Quando me lembrarei, Senhor, apenas de ti? Quando me alegrarei plenamente em ti (cf. Sl 70,16)? Quando viverei sem impedimento algum em verdadeira liberdade, sem qualquer gravame de alma ou de corpo? Quando haverá uma paz sólida, uma paz imperturbável e segura, interior e exterior, uma paz de todo firme? Bom Jesus, quando me porei de pé para ver-te? Quando contemplarei a glória do teu Reino? Quando serás para mim tudo em todos (cf. 1Cor 15,28)? Oh, quando estarei contigo no teu Reino, que para os teus amados preparaste desde sempre (cf. Mt 25,34)?

Fui deixado pobre e exilado em terra hostil, onde há cotidianas guerras e grandíssimos infortúnios. Consola meu exílio, mitiga minha dor, porque todo meu desejo suspira por ti. Pois é um peso

para mim tudo o que este mundo oferece aqui a título de consolo. Desejo fruir de ti intimamente, mas não posso apreender-te. Anseio unir-me às realidades celestes, mas oprimem-me as terrestres e as paixões não mortificadas. Anseio elevar-me com a mente sobre todas as coisas, constrangido sou, porém, a submeter-me contrariado à carne. Assim, homem infeliz que sou, luto comigo e tornei-me pesado para mim mesmo, enquanto o espírito procura estar no alto e a carne embaixo (cf. Rm 7,24; Jó 7,20).

Oh, o que não padeço interiormente quando revolvo com a mente as celestes realidades e, em seguida, se me apresenta, durante a oração, multidão de pensamentos e de tentações carnavais. “Deus meu, não te afastes de mim” (Sl 70,12), “nem abandones com ira o teu servo” (Sl 26,9). “Fulmina o raio e dispersa-os, lança tuas setas” (Sl 143,6) e se perturbem todas as fantasias do inimigo.

Chama a ti todos os meus sentidos, faze-me esquecido de tudo o que é mundano, dá que eu logo afaste e despreze os fantasmas dos vícios. Socorre-me, Verdade eterna, para que não me mova vaidade alguma. Vem, Suavidade celeste, e fuja da tua face toda impureza. Perdoa-me também, e misericordiosamente apieda-te por todas as vezes que revolvo na oração outra coisa fora de ti. Confesso, pois, na verdade, que mui distraidamente estive de ordinário. Muitas vezes, com efeito, não estou ali onde me ponho corporalmente de pé ou me sento, mas, antes, vou aonde sou levado pelos pensamentos.

Estou onde está meu pensamento; e o meu pensamento frequentemente está onde se encontra o que amo. O que mais facilmente me ocorre é o que naturalmente deleita ou agrada por costume. Por isso tu, Verdade eterna, disseste de modo claro: “Onde está o teu tesouro, aí está também teu coração” (Mt 6,21, antiga Vulgata). Se amo o céu, penso com agrado no que é do céu. Se amo o mundo, regozijo-me com as felicidades do mundo e contristo-me com suas adversidades. Se amo a carne, imagino com muita frequência o que é da carne. Se amo o espírito, deleito-me em meditar sobre realidades espirituais. Pois de todas aquelas coisas que amo, falo e ouço de bom grado, e levo comigo as imagens delas para casa.

Mas bem-aventurado aquele homem que por causa de ti, Senhor,

permite que todas as criaturas dele se afastem, que faz violência à natureza e crucifica as concupiscências da carne com o fervor do espírito (cf. Gl 5,24), a fim de que sua serenada consciência te ofereça uma oração pura e seja ele digno de tomar parte nos coros angélicos, uma vez desembaraçado por dentro e por fora de tudo o que é terreno.

CAPÍTULO 49

O DESEJO DA VIDA ETERNA E QUANTOS PRÊMIOS SE PROMETERAM AOS QUE LUTAM

Filho meu, quando sentires que o desejo da eterna bem-aventurança te é infundido do alto e desejares sair da tenda do teu corpo para poderes contemplar a minha claridade sem qualquer sombra de vicissitude, dilata o teu coração e acolhe com todo o teu desejo esta santa inspiração (cf. 2Pd 1,13; Jo 17,24; Tg 1,17).

Muitíssimas graças dá à superna Bondade, que age contigo tão afavelmente, que com clemência te visita, com ardor te move e com poder te levanta, para que não te resvales por teu próprio peso em direção ao que é terreno. Pois não recebes essa inspiração por teu pensamento ou por teu desejo, mas tão somente por dignação da superna graça e do olhar divino, de sorte que progridas nas virtudes e em maior humildade, e te prepares para os futuros combates, esforçando-te para unir-te a mim com todo o afeto do coração e para servir-me com fervorosa vontade.

Filho, o fogo arde amiúde, mas não se acende a chama sem fumaça. Assim também os desejos de alguns se inflamam pelas realidades celestiais e, não obstante, livres não estão da tentação do afeto carnal. Por isso não fazem de um modo absolutamente puro pela honra de Deus o que com tanto desejo Lhe pedem. Tal é frequentemente o teu desejo, que insinuaste manifestar-se de forma tão inoportuna. Pois não é puro, nem perfeito o que se encontra viciado pela própria comodidade.

Pede-me não o que te é deleitável e cômodo, mas o que me é aceitável e honroso, porque, se julgares retamente, deves seguir o meu desígnio, antepondo-o ao teu desejo e a tudo aquilo que desejas. Conheço o teu desejo e tenho ouvido os teus frequentes suspiros (cf. Sl 37,10). Quiseras estar já na “liberdade da glória dos filhos de Deus” (Rm 8,21), já te deleita a morada eterna, a pátria celeste cheia de alegria; mas essa hora ainda não veio, tens ainda pela frente outro tempo de guerra, ou seja, tempo de trabalho e provação.

Almejas ver-te saciado pelo Sumo Bem, mas não podes alcançar isso agora. Sou eu, espera-me – diz o Senhor –, até que venha o Reino de Deus (cf. Sf 3,8; Lc 22,18). Tens de ser provado ainda na terra e exercitado em muitas coisas. Enquanto isso, consolação te será dada, mas não te será concedida a copiosa saciedade. Conforta-te, pois, e “sê forte” (Js 1,6), tanto no agir como no padecer o que à natureza se opõe.

Convém que te revistas do homem novo e que noutro homem te mudes (cf. Ef 4,24; Cl 3,9-10; 1Sm 10,6). Cumpre que faças sempre o que não queres e que deixes de lado o que queres. O que a outros agrada terá êxito, o que te agrada não irá longe. O que outros dizem será ouvido, o que dizes tu na conta de nada se terá. Pedem outros e recebem, pedes tu, e não impetrarás. Serão os outros grandes na boca dos homens, a teu respeito, porém, se calará. A outros isso ou aquilo se confiará, tu, porém, útil para nada serás considerado. Por causa disso, pois, a natureza por vezes se contristará, mas, calando-o, grande fruto colherás.

Nessas situações e noutras muitas semelhantes, o servo fiel do Senhor costuma ser provado, para que se veja de que modo procura abnegar-se em tudo e em tudo quebrantar-se. Mal se encontra alguma situação em que tanto tenhas de morrer como quando vês ou padeces o que é contrário à tua vontade, máxime, porém, quando se te ordena sejam feitas coisas inconvenientes e que menos úteis te parecem. E porque não ousas resistir a um poder mais alto, uma vez que foste constituído em submissão, duro te parece, por isso mesmo, andar pendente da vontade de outrem e renunciar de todo a teu próprio parecer. Mas considera, filho, o fruto desses trabalhos, o seu rápido fim e muito grande recompensa, e não experimentarás peso então, mas o fortíssimo consolo da tua paciência (cf. Gn 15,1; Hb 6,18). E no lugar dessa pequena vontade que agora espontaneamente abandonas, terás sempre a tua vontade no céu.

Ali, por certo, encontrarás tudo o que quiseses, tudo quanto podes desejar. Ali todo o bem terás em teu poder, sem o temor de perdê-lo. Ali tua vontade será sempre uma só com a minha: nada desejarás que seja exterior ou particular. Ninguém ali te fará resistência,

ninguém se queixará de ti, ninguém te servirá de impedimento, nada será obstáculo para ti, mas tudo quanto desejares estará simultaneamente em tua presença,^[22] brindando satisfação a todo afeto teu e cumulando-te em plenitude. Ali retribuirei a glória pela contumélia sofrida, o pálido do louvor pela tristeza e, pelo último lugar, o trono do Reino para sempre (cf. Is 61,3; 1Mc 2,57). Ali aparecerá o fruto da obediência, a fadiga da penitência se regozijará e gloriosamente se coroará a humilde submissão.

Inclina-te, pois, agora, humildemente sob as mãos de todos e não cuides em saber quem teria dito ou mandado isso [que te é ordenado], mas hás de cuidar, sobretudo – quer o prelado, quer alguém mais jovem ou igual a ti te tenha pedido ou mandado algo –, em considerar tudo como um bem e em esforçar-te para cumpri-lo de bom grado.^[23] Procure este uma coisa, aquele procure outra; glorie-se este em tal coisa, aquele em tal outra e milhares de vezes seja louvado; tu, porém, não te regozijes nisto nem naquilo, mas no desprezo de ti mesmo, e só no meu beneplácito e na minha honra.

Isto há de ser desejável para ti, a saber, que seja Deus glorificado sempre em ti, quer pela vida, quer pela morte (cf. Fl 1,20).

CAPÍTULO 50

COMO O HOMEM DESOLADO DEVE ENTREGAR-SE NAS MÃOS DE DEUS

Senhor Deus, Pai santo, bendito sejas agora e para sempre, porque, como queres, assim se fez, e o que fazes é bom.

Alegre-se o teu servo em ti, não em si mesmo nem em qualquer outra coisa, porque tu somente és a alegria verdadeira, tu és minha esperança e minha coroa, meu gáudio e minha honra, Senhor. O que o teu servo tem, a não ser o que de ti recebeu, ainda que sem mérito seu (cf. 1Cor 4,7)? Tuas são todas as coisas que deste e que fizeste. Eu sou pobre e vejo-me em fadigas desde a minha juventude, minh'alma se contrista por vezes até chegar às lágrimas; vendo-se também, de vez em quando, conturbada por si mesma em decorrência das paixões que a oprimem (cf. Sl 87,16, antiga Vulgata).

Desejo o gozo da paz, imploro a paz dos teus filhos que são, na luz da consolação, por ti apascentados. Se lhe deres a paz, se nela infundires um gáudio santo, a alma do teu servo estará cheia de harmonia e devota será em teu louvor. Mas se a ela te subtraíres, como mui amiúde costumás fazer, não poderá percorrer a senda dos teus mandamentos, mas, antes, se dobram seus joelhos para que bata no peito, já que não lhe vão as coisas como ontem e anteontem, quando reluzia a tua lâmpada sobre a sua cabeça e se via protegida à sombra das tuas asas ante as tentações que irrompiam (cf. Sl 118,32; Gn 31,5; Jó 29,3; Sl 16,8).

Pai justo e que sempre hás de ser louvado, veio a hora em que deve ser provado o teu servo (cf. Jo 17,1). Pai que hás de ser amado, justo é que, nesta hora, teu servo padeça algo por ti. Pai que hás de ser para sempre venerado, veio a hora que desde sempre previras que havia de vir, para que, por pouco tempo, o teu servo sucumba exteriormente, mas viva sempre interiormente junto a ti, que seja por um pouco de tempo vilipendiado, que se humilhe e se abata diante dos homens, que seja oprimido por paixões e angústias, para que de novo ressurja contigo na aurora da nova luz e seja iluminado no céu. Pai santo, assim o ordenaste e quiseste, e foi feito o que

mandaste (cf. Jt 9,4, antiga Vulgata). Pois esta é a graça que fazes a teu amigo: padecer e ser atribulado no mundo por amor de ti, todas as vezes e por qualquer pessoa que permitires venha isso a ocorrer. Sem o teu conselho e providência, nada se faz na terra.

É bom para mim, Senhor, que me tenhas humilhado, para que aprenda vossos decretos e afaste todas as elevações do coração e todas as presunções (cf. Sl 118,71, antiga Vulgata). “Útil é para mim que a confusão me tenha coberto o rosto” (Sl 68,8), a fim de que eu te busque, antes que aos homens, para consolar-me. Aprendi com isso, pois, a temer o teu imperscrutável juízo, ó tu que afliges o justo com o ímpio, mas não sem equidade e justiça. Graças a ti, que não me poupaste males, mas me consumiste com golpes de amor, infligindo-me dores e enviando-me angústias externa e internamente.

Não há quem me console de tudo o que existe debaixo do céu, senão tu, Senhor meu Deus, celeste médico das almas, que golpeias e curas, conduzes aos abismos e de lá fazes voltar (cf. Lm 1,2; Dt 32,39; Tb 13,2; 1Sm 2,6; Sb 16,13). Está sobre mim a vossa doutrina e teu próprio cajado me ensinará (cf. Sl 17,36, antiga Vulgata). Eis que estou, Pai amado, em tua mão, inclino-me sob o bastão da tua correção; golpeia meu dorso e meu pescoço, para que à tua vontade curve minha tortuosidade.

Faze-me discípulo piedoso e humilde, como bem costumas fazer, para que caminhe segundo cada aceno teu. A ti confio tanto a mim mesmo como tudo o que é meu, para que se corrija. Melhor é emendar-se aqui do que no futuro. Tu conheces todas e cada uma das coisas, e nada te está oculto na consciência humana (cf. Jó 42,1). Conheces as realidades vindouras antes que aconteçam, e não tens necessidade de que alguém te ensine ou admoeste acerca daquilo que se faz na terra (cf. Dn 13,42; Jo 16,30). Tu sabes o que convém ao meu aproveitamento e quanto serve a tribulação para purgar a ferrugem dos vícios.

Faze comigo segundo o teu desejado beneplácito e não desprezes a minha vida pecaminosa, que por ninguém é mais claramente e bem conhecida do que por ti somente. Dá-me, Senhor, conhecer o que se deve conhecer, amar o que se deve amar, louvar o que mais te

agrada, considerar o que é precioso aos teus olhos, vituperar o que é sujo para ti. Não me deixes julgar conforme a visão dos olhos exteriores, nem sentenciar conforme a audição dos ouvidos de homens imperitos; mas [faze-me] discernir num juízo verdadeiro acerca do que é visível e do que é espiritual, e procurar sempre e acima de tudo a vontade do teu beneplácito (cf. Is 11,3).

Enganam-se amiúde os sentidos do homem quando julga, enganam-se também os amadores do mundo quando amam tão somente o que é visível. É, por acaso, melhor um homem a partir do momento em que por outro homem é reputado grande? O falaz ao falaz engana, o vão ao vão, o cego ao cego e o débil ao débil, quando o exalta, e, na verdade, mais o confunde quando em vão o louva. Pois quanto é cada um diante dos teus olhos, isso tão somente ele é, e não mais, diz o humilde São Francisco.^[24]

CAPÍTULO 51

A OBRAS HUMILDES SE HÁ DE DEDICAR O HOMEM QUANDO NÃO É CAPAZ DAS ELEVADAS

Filho meu, nem sempre consegues permanecer firme no mais fervoroso desejo das virtudes, nem no mais alto grau da contemplação; tens necessidade por um tempo, em decorrência da original corrupção, de descer às realidades inferiores e levar, ainda que contra a vontade e com tédio, o peso da vida corruptível (cf. 2Mc 6,25, antiga Vulgata). Pelo tempo em que lebares um corpo mortal, hás de experimentar tédio e angústia de coração. É preciso, pois, que, na carne, gemas amiúde com o peso da carne, uma vez que não consegues dedicar-te constantemente aos empenhos espirituais e à divina contemplação.

Convém, então, que te refugies nas obras humildes e externas, e busques recreio nas boas ações; que esperes com firme confiança a minha vinda e superna visitação, que sofras com paciência o teu exílio e aridez de mente, até que sejas visitado por mim outra vez e livrado de toda ansiedade. Pois farei que te esqueças dos trabalhos e gozes de interior repouso.

Exporei   tua vista os prados das Escrituras, para que comeces a percorrer com dilatado cora o a senda dos meus mandamentos (cf. Sl 118,32). E dirás: “Os sofrimentos do tempo presente não têm propor o com a glória futura, que nos deve ser manifestada” (Rm 8,18).

CAPÍTULO 52

O HOMEM NÃO SE ESTIME DIGNO DE CONSOLAÇÃO, MAS SIM DE FLAGELOS

Senhor, não sou digno da tua consolação, nem de qualquer visitação espiritual e, por isso, procedes com justiça em relação a mim quando pobre e desolado me deixas. Se eu pudesse derramar lágrimas como um mar, ainda assim não seria digno da tua consolação. Daí que não seja eu digno senão de ser flagelado e punido, pois gravemente e com muita frequência te ofendi e grandemente pequei em muitas coisas. Por conseguinte, considerando-o bem, nem sequer sou digno da menor consolação.

Mas tu, clemente e misericordioso, que não queres que tua obra pereça, para com isso mostrar as riquezas da tua bondade nos vasos da tua misericórdia, ainda que fora de todo mérito próprio, te dignas consolar o teu servo acima da humana medida (cf. Rm 9,23). As tuas consolações não são, pois, conforme as confabulações humanas. O que fiz eu, Senhor, para que me concedesses alguma consolação celeste? Não me recordo de ter feito o que quer que seja de bom, mas de sempre me encontrar inclinado aos vícios e preguiçoso para corrigir-me. É verdade, não o posso negar. Se outra coisa dissesse, estarias contra mim e não haveria quem me defendesse. O que mereci pelos meus pecados a não ser o inferno e o fogo eterno (cf. Mt 18,8)?

Confesso, na verdade, que sou digno de todo ludíbrio e desprezo; e que não me cabe habitar entre os teus devotos. E, conquanto me seja penoso ouvi-lo, acusarei em prol da verdade os meus pecados, para que mais facilmente consiga impetrar a tua misericórdia. O que direi, culpado que sou e cheio de todo tipo de confusão? Não tenho boca senão para dizer esta palavra: “Pequei, Senhor, pequei: tem misericórdia de mim, perdoa-me! Deixa-me chorar um pouco a minha dor, antes que me vá à terra tenebrosa e coberta pela escuridão da morte” (Jó 10,20-21, antiga Vulgata). O que mais requeres de um culpado e mísero pecador, a não ser que por seus delitos se abata e se humilhe?

Na verdadeira contrição e na humilhação do coração, nasce a

esperança do perdão, reconcilia-se a perturbada consciência, recupera-se a graça perdida; mantém-se o homem ao abrigo da ira vindoura e nele se encontram, num santo ósculo mútuo, Deus e a alma penitente (cf. Sb 17,10; Mt 3,7). A humilde contrição dos pecados é sacrifício aceitável para ti, que exala, na tua presença, um odor mais suave, de longe, que o do incenso (cf. Sl 50,19; Ex 29,25). É também unguento agradável que quiseste se derramasse nos teus pés (cf. Lc 7,46), pois “um coração contrito e humilhado tu nunca desprezas” (Sl 50,19). Aí se encontra o refúgio ante a face do inimigo. Aí se corrige e se lava o que quer que se tenha contraído alhures e tenha manchado.

CAPÍTULO 53

A GRAÇA NÃO SE UNE AOS QUE GOSTAM DO QUE É TERRENO

Filho, preciosa é a minha graça; não tolera unir-se ao que lhe é estranho, nem a consolações terrenas. Convém, pois, lançar longe todos os impedimentos à graça, se desejas receber sua infusão.

Procura retirar-te, ama habitar a sós contigo; de ninguém procures a conversação, mas derrama, antes, na presença de Deus uma prece devota para maneres a mente compungida e a consciência pura.^[25] Por nada reputa o mundo inteiro. Antepõe o ocupar-te de Deus a tudo o que é exterior. Não poderás, com efeito, ocupar-te de mim e deleitar-te, igualmente, em realidades transitórias. Cumpre que te afastes de conhecidos e amigos, e que mantendas a mente privada de todo consolo temporal. Assim roga encarecidamente o bem-aventurado apóstolo Pedro, a saber, que, “como estrangeiros e peregrinos” neste mundo, os fiéis de Cristo se mantenham (1Pd 2,11).

Oh, quanta confiança terá, quando estiver para morrer, aquele a quem afeto de coisa alguma detém no mundo! Mas um espírito enfermo ainda não entende que se tenha o coração de tal modo desapegado em todas as coisas, nem o homem animal conhece a liberdade do homem interior (cf. 1Cor 2,14). Se, no entanto, quiser ser verdadeiramente espiritual, convém que renuncie tanto aos estranhos, como aos próximos, e que de ninguém se guarde mais que de si mesmo.

Se a ti mesmo te vences perfeitamente, com muita facilidade subjugarás outras coisas. Pois a vitória perfeita é triunfar sobre si mesmo. Quem se mantém a si mesmo submetido, de sorte que a sensualidade em tudo obedeça à razão, e a razão, por sua vez, a mim, este é verdadeiramente vencedor de si mesmo e senhor do mundo. Se ardes no desejo de subir a esse píncaro, cumpre começar varonilmente a pôr o machado à raiz da árvore, para arrancares e destruíres a inclinação oculta e desordenada a ti mesmo, e a todo bem particular e material (cf. Mt 3,10; Lc 3,9; Jr 1,10).

Desse vício que consiste em amar-se o homem a si mesmo de

forma mui desordenada depende quase tudo o que há de ser radicalmente vencido. Quando dito mal se encontrar vencido e subjugado, grande paz e tranquilidade haverá em seguida. Mas porque poucos trabalham em morrer perfeitamente para si mesmos e em orientar-se de todo para fora de si, permanecem, por causa disso, envoltos ao redor de si e não podem elevar-se em espírito acima de si. Quem deseja, porém, caminhar comigo livremente, é necessário que mortifique todas as suas perversas e desordenadas afeições, e não se apegue cupidamente a criatura alguma com um amor possessivo.

CAPÍTULO 54

OS DIVERSOS MOVIMENTOS DA NATUREZA E DA GRAÇA

Filho, cuida em discernir os movimentos da natureza e da graça, porque de modo assaz contrário e mui sutilmente se movem a ponto de mal se distinguirem, a não ser por um homem espiritual e interiormente iluminado.

Todos desejam, por certo, o bem e tendem a algum bem em seus ditos e gestos, por isso muitos se enganam sob uma aparência de bem.^[26] A natureza é ardilosa e a muitos arrasta, enreda e seduz, tendo-se tão somente a si mesma por fim. Mas a graça caminha na simplicidade e de toda aparência de mal se desvia, não tende a construir falácias e em tudo procede puramente por causa de Deus, em quem também, como em seu fim, repousa (cf. Pr 10,9; 1Ts 5,22).

A natureza não aceita de bom grado o morrer, nem quer ser oprimida ou superar-se, tampouco ser espontaneamente submetida ou subjugada. A graça, por sua vez, aplica-se à própria mortificação, resiste à sensualidade, procura submeter-se, almeja ser vencida e não quer usar de sua própria liberdade, ama manter-se sob a disciplina e não deseja dominar alguém, mas sim viver, permanecer e estar sempre submetida a Deus e, por Deus, está pronta a abaixar-se humildemente ante toda criatura humana (cf. 1Pd 2,13). A natureza trabalha por sua própria comodidade e preocupa-se com o que quer que lhe provenha de ganho da parte de outrem. A graça, porém, não considera o que é útil ou cômodo para si, mas, antes, o que a muitos aproveita (cf. 1Cor 10,33).

A natureza recebe de bom grado honras e reverência. A graça, por sua vez, atribui fielmente a Deus toda honra e glória. A natureza teme a confusão e o desprezo. A graça, porém, se alegra “em sofrer injúria pelo nome de Jesus” (At 5,41). A natureza ama o ócio e o repouso corporal. A graça, por outro lado, não pode estar à toa e de bom grado abraça o trabalho. A natureza procura ter coisas pitorescas e belas, e aborrece o que é vil e grosseiro. A graça, por sua vez, deleita-se com o que é simples e humilde, não desdenha as asperezas nem se recusa a vestir-se de trapos velhos. A natureza

olha para o que é temporal, regozija-se ante os terrenos ganhos, contrista-se pelo prejuízo, irrita-se com uma leve palavra de injúria. Mas a graça tem em mente o que é eterno, não almeja o temporal nem se perturba ante a perda dos bens, não se entristece com palavras mais duras, porque pôs seu tesouro e regozijo no céu, onde nada se perde (cf. Mt 6,20).

A natureza é cobiçosa e de mais boa vontade recebe do que dá, ama o que lhe é próprio e particular. A graça, porém, é piedosa e comum, evita o singular, contenta-se com pouco “e mais feliz estima o dar que o receber” (At 20,35). A natureza pende para as criaturas, para a própria carne, a vaidade e as dispersões. Mas a graça arrasta para Deus e para as virtudes, renuncia às criaturas, foge do mundo, odeia os desejos da carne, restringe as evagações e enrubesce-se ao aparecer em público. Folga a natureza com ter algum consolo exterior, no qual se deleita conforme os sentidos. Mas a graça procura consolar-se tão somente em Deus e deleitar-se no Sumo Bem, sobre todas as coisas visíveis.

Tudo faz a natureza por causa do lucro e da própria comodidade, nada pode fazer gratuitamente, mas espera alcançar pelo bem que fez outro bem equivalente ou até melhor, ou o louvor, ou um favor, desejando que em muito se estimem os seus gestos e dons. A graça, porém, não anda atrás de bem temporal algum, nem postula outra recompensa por seu dom, a não ser somente Deus, e mais não deseja dos necessários bens temporais do que quanto deles lhe pode servir para alcançar os eternos.

A natureza alegra-se com muitos amigos e achegados, gloria-se da nobre posição e da nobreza de nascença, adula os poderosos, lisonjeia os ricos, aplaude os que lhe são semelhantes. Já a graça ama até mesmo os inimigos e não se ensoberbece com a multidão de amigos, nem tem em alguma conta a posição ou o nascimento natural, a não ser onde maior virtude houver; favorece mais o pobre do que o rico, mais se compadece do desvalido que do poderoso, regozija-se com quem é veraz, não falaz, exorta sempre os bons a aspirar a carismas melhores e a assemelhar-se pelas virtudes ao Filho de Deus (cf. Lc 6,27; 1Cor 13,6; 12,31, antiga Vulgata).

A natureza queixa-se depressa de uma privação ou moléstia. A

graça suporta com constância a pobreza. A natureza dirige tudo a si mesma, por si mesma combate e porfia. A graça, porém, tudo refere a Deus, de quem originalmente tudo dimana; bem algum atribui a si, nem presume de si com arrogância; não entra em contenda, nem prefere sua opinião à de outros, mas submete-se em toda impressão e entendimento à eterna sabedoria e ao divino juízo. A natureza almeja conhecer segredos e ouvir novidades, quer aparecer exteriormente e muita coisa experimentar pelos sentidos, deseja ser reconhecida e agir ali de onde lhe provêm louvor e admiração. Mas a graça não cuida de ouvir coisas novas e curiosas, pois tudo isso nasceu da velhice da corrupção, uma vez que nada há de novo ou duradouro sobre a terra (cf. Ecl 1,10).

A graça ensina, portanto, a refrear os sentidos, a evitar a complacência vã e a ostentação, a esconder humildemente feitos dignamente merecedores de louvor e de admiração, e a procurar em todas as coisas e em toda a ciência um fruto de utilidade, bem como o louvor e a honra de Deus; não quer louvar-se a si mesma, nem seus próprios feitos, mas deseja bendizer em Seus dons a Deus, que tudo dá por mera caridade. Essa graça é uma luz sobrenatural e certo dom espiritual de Deus, é propriamente um distintivo dos eleitos e penhor de eterna salvação, que eleva o homem das realidades terrenas a amar as celestes, e o faz, de carnal que era, espiritual (cf. Ef 2,8; Rm 4,11; Ef 1,14, antiga Vulgata).

Assim, quanto mais oprimida e vencida é a natureza, graça tanto maior se infunde, e o homem interior, com novas visitações, tanto mais se reforma cotidianamente segundo a imagem de Deus (cf. 2Cor 4,16; Cl 3,10).

CAPÍTULO 55

A CORRUPÇÃO DA NATUREZA E A EFICÁCIA DA GRAÇA DIVINA

Senhor Deus, que me criaste à tua imagem e semelhança, concede-me essa graça que mostraste ser tão grande e necessária para a salvação, para que eu vença minha tão perversa natureza, que me arrasta ao pecado e à perdição (cf. Gn 1,26; Sb 2,23). “Experimento, pois, em minha carne, a lei do pecado, contrária à lei do meu espírito” (Rm 7,23) e que me leva, cativo, a obedecer à sensualidade em muitas coisas, e não posso resistir às suas paixões, a menos que se faça presente a tua santíssima graça ardentemente derramada no meu coração. Faz-se necessária a tua graça, e grande graça, para que se vença a natureza, “sempre inclinada ao mal desde a sua adolescência” (Gn 8,21).

Decaída [a natureza], com efeito, por meio de Adão, primeiro homem, e viciada pelo pecado, a pena dessa mancha passou a todos os homens, de sorte que a própria natureza, que por ti foi criada em bondade e retidão, já se toma pelo vício e pela fraqueza de uma natureza corrompida, uma vez que o seu movimento, se abandonado a si mesmo, arrasta ao mal e às realidades inferiores (cf. Ecl 7,27). A pouca força que lhe restou é como uma centelha escondida na cinza.^[27]

Essa é a própria razão natural, circundada de grande escuridão, ainda tendo o discernimento do bem e do mal, a distinção do verdadeiro e do falso, conquanto seja impotente para levar a cabo o que aprova^[28] ao não gozar já da plena luz da verdade, nem da sanidade de suas afeições (cf. 2Mc 3,27; Ecl 6,5, antiga Vulgata; Hb 5,14).

Em decorrência disso, meu Deus, deleito-me com tua lei segundo o homem interior, sabendo que teu mandamento é bom, justo e santo (cf. Rm 7,22.12), que condena todo mal e o pecado, de que se há de fugir. Sirvo, porém, à carne pela lei do pecado, na medida em que obedeco mais à sensualidade do que à razão (cf. Rm 7,25). É por isso que está em mim querer o bem, mas não encontro meio de levá-lo a cumprimento (cf. Rm 7,18). Daí que amiúde eu conceba

muitos bons propósitos, mas, porque me falta a graça que vem em socorro da minha debilidade, ante uma pequena resistência, acabe por voltar atrás e desfalecer. Daí que eu conheça o caminho dos perfeitos e veja muito claramente de que modo devo agir, mas, oprimido pelo peso da minha própria corrupção, não me eleve às mais perfeitas realizações.

Oh, como me é absolutamente necessária a tua graça, Senhor, para começar o bem, para nele progredir e para levá-lo à perfeição. Pois, sem ti, nada posso fazer; tudo posso em ti, porém, ao confortar-me a tua graça (cf. Jo 15,5; Fl 4,13). Ó graça verdadeiramente celeste, sem a qual nada são os próprios méritos, e em nada também se hão de estimar os dons da natureza! Nada valem as artes, nada as riquezas, nada a beleza ou a fortaleza, nada o engenho ou a eloquência junto a ti, Senhor, sem a tua graça. Pois os dons da natureza são comuns aos bons e aos maus; o dom próprio dos eleitos, porém, é a graça ou caridade, e os que com ela se distinguem são considerados dignos da vida eterna.

Essa graça tem uma excelência tão grande, que nem o dom da profecia, nem a realização de prodígios, nem a mais alta especulação em algo se estimam sem ela (cf. 1Cor 13,1). Mas, nem mesmo a fé, a esperança ou as outras virtudes te são agradáveis sem a caridade e a graça.

Ó beatíssima graça, que fazes o pobre de espírito rico em virtude, e ao rico de bens tornas humilde de coração. Vem, desce até mim, “enche-me de manhã com a tua misericórdia” (cf. Sl 89,14) e a tua consolação, que minha alma não desfaleça pelo cansaço e aridez do espírito! Suplico, Senhor, “que eu encontre graça aos teus olhos” (Gn 18,3). Basta-me, pois, a graça, ainda que me falem outras coisas que a natureza deseja (cf. 2Cor 12,9).

Se eu for abatido e tentado por muitas tribulações, “não temerei os males” (Sl 22,4), enquanto estiver comigo a tua graça. Ela é minha fortaleza, ela me brinda conselho e auxílio. É mais poderosa que todos os inimigos e mais sábia que todos os sábios. É mestra de verdade, “doutora da disciplina” (Sb 8,4), luz do coração, alívio na angústia, põe em fuga a tristeza, arranca o temor, nutre a devoção e produz as lágrimas. O que sou eu sem ela, “senão um lenho seco,

tronco inútil a ser jogado fora?” (Eclo 6,3).

Que a tua graça, portanto, me previna e acompanhe sempre, e me traga solícito na prática das boas obras,^[29] por teu Filho, Jesus Cristo. Amém.

CAPÍTULO 56

DEVEMOS NEGAR-NOS A NÓS MESMOS E IMITAR A CRISTO PELA CRUZ

Filho, quanto mais puderes sair de ti, tanto mais poderás chegar-te a mim. Tal como o não desejar coisa alguma externamente produz a paz interior, assim também renunciar-se interiormente a si mesmo une a Deus.

Quero que aprendas a perfeita abnegação de ti na minha vontade, sem réplica nem queixa. “Segue-me!” (Mt 9,9). “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). Sem caminho não se vai, sem verdade não se conhece, sem vida não se vive. Eu sou o caminho que deves seguir, a verdade em que deves crer, a vida que deves esperar. Eu sou o caminho inviolável, a verdade infalível, a vida interminável. Eu sou o caminho retíssimo, a verdade suprema, “a vida verdadeira” (1Tm 6,19), a vida bem-aventurada, a vida incriada.

Se permaneceres no meu caminho, “conhecerás a verdade, e a verdade te libertará”, e alcançarás a vida eterna (cf. Jo 8,32). “Se queres entrar na vida, observa os mandamentos” (Mt 19,17). Se queres conhecer a verdade, crê em mim. Se queres ser perfeito, vende tudo (cf. Mt 19,21). Se queres ser meu discípulo, nega-te a ti mesmo (cf. Mt 16,24). Se queres possuir a vida bem-aventurada, despreza a vida presente. Se queres ser exaltado no céu, humilha-te no mundo. Se queres reinar comigo, toma comigo a cruz (cf. Mt 16,24), pois apenas os servos da cruz encontram a vida de bem-aventurança e de verdadeira luz.

Senhor Jesus Cristo, pois que tua vida era estreita e desprezada no mundo, dá-me que te imite com o desprezo do mundo. Não é, com efeito, o servo maior que o seu senhor, nem está o discípulo acima do mestre (cf. Jo 13,16; 15,20; Mt 10,24). Exercite-se o teu servo na tua vida, pois aí está a minha salvação e a santidade verdadeira. Tudo o que leio e ouço fora dela não me recreia, nem me deleita plenamente.

Filho, pois que sabes e leste todas essas coisas, serás feliz se as praticares (cf. Jo 13,17). Quem guarda os meus mandamentos e os observa é quem me ama; “eu o amarei e me manifestarei a ele”, e fá-

lo-ei sentar-se comigo no Reino de meu Pai (Jo 14,21; cf. Ap 3,21).

Então, Senhor, tal como disseste e prometeste, aconteça-me, pois, de vir a merecê-lo. Recebi de tua mão a cruz; levá-la-ei até a morte, tal como ma impuseste.

A vida de um bom monge é verdadeiramente a cruz, guia que ao paraíso conduz. Eis que o caminho foi começado; não é permitido retroceder, nem convém abandoná-lo. Eia, irmãos, avancemos juntos; Jesus estará conosco. Recebemos essa cruz por causa de Jesus; perseveremos na cruz. Será nosso auxiliador quem é nosso guia e precursor. Eis que avança ante nós o nosso Rei, “que por nós há de lutar” (Ne 4,20, antiga Vulgata).

Sigamos virilmente! Ninguém tema os terrores, estejamos fortemente preparados para morrer na guerra, não inflijamos uma afronta à nossa glória (cf. 1Mc 9,10), a ponto de fugirmos da cruz.

CAPÍTULO 57

NÃO SE ABATA DEMAIS O HOMEM QUANDO RESVALA EM ALGUNS DEFEITOS

Filho, mais me agradam a paciência e a humildade nas adversidades do que muita consolação e devoção na prosperidade. Por que te entristece um pequeno fato que se alega contra ti? Ainda que fosse coisa mais grave, não deverias abalar-te. Mas, por ora, deixa-a passar. Não é a primeira vez nem algo inusitado, tampouco será a última se por mais tempo viveres.

És bastante esforçado enquanto nada de adverso se te opõe; aconselhas bem a outros e sabes robustecê-los com palavras. Mas, quando chega à tua porta uma tribulação repentina, desfaleces em teu conselho e robustez. Considera a tua grande fragilidade, que mui amiúde experimentas em pequenas ocasiões. Não obstante, isso ocorre para a tua salvação. Quando acontecerem essas coisas e outras semelhantes, põe-te à parte, como melhor souberes, do coração; e se te tocar a tribulação, não te deixes abater, nem te envolvas por muito tempo. Tolerá-a pelo menos com paciência, se não o podes fazer gozosamente.

E se ouvires o que não te agrada, e sentires indignação, reprime-te, e não toleres que algo desordenado saia de tua boca, dando ensejo a que os pequenos se escandalizem. A comoção excitada aquieta-se em breve, e a dor interior será suavizada tão logo retorne a graça. Ainda vivo eu – diz o Senhor^[30] – e preparado estou para ajudar-te e consolar-te ainda mais do que de costume, contanto que confies em mim e devotamente me invoques. Mantém o espírito ainda mais tranquilo, e prepara-te para maior padecimento. Não está tudo perdido se, com muita frequência, te percebes atribulado ou gravemente tentado.

Homem és, e não Deus; carne és, e não anjo. Como poderias permanecer sempre no mesmo estado de virtude, quando dele decaíram o anjo no céu e o primeiro homem no paraíso, que não permaneceram por muito tempo de pé?^[31] Eu sou quem ergue os tristes, trazendo-lhes salvação, e à minha divindade chamo os que conhecem sua debilidade (cf. Jó 5,11).

Senhor, seja bendita a tua palavra, mais doce do que o mel, do que um favo em minha boca (cf. Sl 18,11; 118,103). Que faria eu em minhas tão grandes tribulações e angústias, se não me confortasses com tuas santas palavras? Desde, porém, que eu chegue ao porto da salvação, que me importará o que e o quanto tiver padecido? Dá-me um bom fim, dá-me um feliz trânsito deste mundo. “Lembra-te de mim, meu Deus” (Ne 13,22), e dirige-me por um caminho reto em direção ao teu Reino. Amém.

CAPÍTULO 58

NÃO SE HÃO DE PERSCRUTAR AS REALIDADES MAIS ALTAS, NEM OS OCULTOS JUÍZOS DE DEUS

Filho, guarda-te de disputar acerca de matérias elevadas e dos ocultos juízos de Deus: por que este é abandonado enquanto aquele é elevado a tão grande graça, e também por que este se vê afligido enquanto aquele é tão destacadamente exaltado. Esses assuntos excedem toda a capacidade humana, e razão alguma ou disputa tem condições de investigar o juízo divino. Quando, portanto, o inimigo te sugerir isso, ou mesmo certos homens curiosos o indagarem de ti, responde com aquela palavra do profeta: “Justo és, Senhor, e justo o teu juízo” (Sl 118,137). E com a outra: “Os juízos do Senhor são verdadeiros, em si mesmos justificados” (Sl 18,10, antiga Vulgata).

Meus juízos hão de ser temidos, não discutidos, pois são incompreensíveis para o humano entendimento (cf. Rm 11,33). Não indagues tampouco, nem discutas acerca dos merecimentos dos santos, sobre quem é mais santo do que outro, ou quem é maior no Reino dos céus. Tais discussões geram com frequência litígios e inúteis contendas, nutrem ainda a soberba e a vanglória, de que se originam invejas e dissensões, na medida em que este se empenha em preferir soberbamente tal santo, e aquele, tal outro (cf. Tt 3,9; 2Tm 2,23). Querer conhecer e investigar tais coisas, por outro lado, não produz fruto algum, mas, pelo contrário, desagrade aos santos, já que não sou o Deus da dissensão, e sim da paz: paz que consiste antes na verdadeira humildade que na própria exaltação (cf. 1Cor 14,33).

Alguns se sentem, por um zelo de dileção,^[32] atraídos com maior afeto a estes ou àqueles santos, mas trata-se de afeto antes humano que divino. Sou eu que criei todos os santos; dei-lhes eu a graça e concedi-lhes a glória (cf. Sl 83,12). Eu conheço os merecimentos de cada um, eu os preveni com as bênçãos da minha doçura (cf. Sl 20,4). Eu conheci previamente os que amei, antes dos séculos. Eu os escolhi do mundo, não me escolheram eles próprios (cf. Jo 15,16). Eu os chamei por graça, atraí-os por misericórdia (cf. Gl 1,15; Jr

31,6). Eu os conduzi por entre várias tentações, infundi-lhes consolações magníficas. Eu lhes dei perseverança, eu lhes coroei a paciência. Eu conheço tanto o primeiro como o último deles, os quais eu abraço com inestimável caridade.

Eu hei de ser louvado em todos os meus santos, sobre todas as coisas hei de ser bendito e honrado em cada um deles, que tão gloriosamente engrandeci e predestinei sem quaisquer méritos próprios precedentes (Sl 150,1, antiga Vulgata). Quem desprezou, pois, a um só de meus pequeninos, tampouco honra a quem é grande, pois, pequenos ou grandes, a todos eu fiz (cf. Mt 18,10; Sb 6,7). Quem rebaixa algum dos santos rebaixa-me a mim também e a todos os outros no Reino dos céus.

Todos eles são um só, pelo vínculo da caridade: têm um mesmo sentir, um mesmo querer, e todos se amam na unidade (cf. Jo 17,21). E ainda, e isto é muito mais elevado, amam-me a mim, mais que a si e a seus merecimentos. Pois, arrebatados acima de si e arrastados para fora da própria dileção, lançam-se por inteiro no meu amor, no qual também repousam com fruição. Nada há que os possa separar [desse amor], nem, por certo, rebaixar, cumulados como estão da eterna Verdade, pois ardem com o fogo de uma caridade inextinguível.

Calem-se, pois, os homens carnais e animais, deixem de discorrer sobre a condição dos santos os que não sabem senão amar os gozos particulares, que tiram e põem segundo sua própria inclinação, e não como agrada à eterna Verdade. Em muitos há ignorância, e dentre esses, principalmente nos que, pouco iluminados, rara vez sabem amar alguém com perfeita dileção espiritual. Muitos, ainda, por natural afeto ou humana amizade, são atraídos a estes ou àqueles santos; e tal como se portam entre as realidades inferiores, assim o fazem em se tratando das celestes. Mas há uma distância incomparável entre o que os imperfeitos meditam e o que de superior contemplam e divisam, por revelação, os varões iluminados.

Cuida-te, portanto, filho, de tratar curiosamente dessas matérias que excedem a tua ciência; trabalha, antes, e almeja seres capaz de, ao menos como o menor, estar no Reino de Deus. E se alguém

soubesse qual seria mais santo que outro, ou qual seria tido como o maior no Reino dos céus, de que lhe serviria tal conhecimento, senão para que, em virtude dele, se humilhasse diante de mim e se elevasse para maior louvor do meu nome? Faz algo muito mais agradável a Deus quem medita na magnitude de seus próprios pecados e na pequenez de suas virtudes, considerando assim quão longe se encontra da perfeição dos santos, do que quem discute acerca da grandeza ou da pequenez deles.

É melhor orar aos santos, com devotas preces e lágrimas, e implorar humildemente os seus gloriosos sufrágios, do que perscrutar os segredos deles numa vã investigação. Bem contentes estariam eles, e sobremaneira, se os homens soubessem contentar-se e refrear seus vanilóquios. Não se gloriam dos próprios méritos os que, por certo, nada de bondade se atribuem, mas tudo atribuem a mim, pois tudo lhes dei por minha infinita caridade. Estão repletos de tão grande amor da divindade e de tão superabundante gozo, que nada de glória lhes falta, nada de felicidade. Todos os santos, quanto mais altos se encontram na glória, tanto mais humildes são em si mesmos e a mim mais unidos e mais caros. Por isso sabes estar escrito que atiravam suas coroas diante de Deus, prostraram-se com o rosto em terra na presença do Cordeiro e adoraram O que vive pelos séculos dos séculos (cf. Ap 4,10).

Muitos procuram quem é o maior no Reino de Deus e não sabem se serão dignos de contar-se com os menores. Grande é ser, pelo menos, o menor no céu, onde todos são grandes, porque todos “serão chamados filhos de Deus” e o serão (cf. Mt 5,9). [O menor será um milheiro, e o pecador com cem anos morrerá.]^[33] Com efeito, ao procurarem os discípulos quem seria o maior no Reino dos céus, ouviram a seguinte resposta: “Se não vos converterdes e vos tornardes como criancinhas, não entrareis no Reino dos céus” (Mt 18,3). “Todo aquele, portanto, que se humilhar como esta criança, será o maior no Reino dos céus” (*ibid.*, 4).

Ai daqueles que não se dignam a humilhar-se espontaneamente com os pequeninos, porque a porta baixa do Reino celeste não os deixará entrar. Ai também dos ricos que encontram aqui as suas

consolações, porque, enquanto entrarem os pobres no Reino de Deus, eles ficarão a lamentar-se do lado de fora (cf. Lc 6,24). Alegrai-vos, humildes; exultai, pobres, porque vosso é o Reino de Deus, desde que caminheis na verdade (cf. Lc 6,20; 3Jo 4).

CAPÍTULO 59

TODA ESPERANÇA E CONFIANÇA HÃO DE PÔR-SE EM DEUS SOMENTE

Senhor, que confiança tenho eu nesta vida, ou qual é o meu maior consolo dentre tudo aquilo que se vê debaixo do céu? Não és tu, Senhor meu Deus, cujas misericórdias não têm medida? Onde é que me foi bem sem ti, ou quando me pôde ir mal ao estares presente tu?

Prefiro ser pobre por tua causa a ser rico sem ti. Escolho antes peregrinar contigo na terra, que possuir o céu sem ti. Onde estás tu, aí se encontra o céu; e a morte e o inferno estão ali onde tu não estás. Tu me estás no desejo e, por isso, é-me necessário gemer, clamar e suplicar detrás de ti. Em ninguém, enfim, posso confiar, para que me auxilie nas necessidades a que estou sujeito, a não ser somente em ti, meu Deus.

“Tu és minha esperança” (Sl 141,6, antiga Vulgata) e confiança, meu consolador em tudo fidelíssimo. “Todos procuram seus próprios interesses” (Fl 2,21); tu, porém, andas em busca tão somente da minha salvação e do meu aproveitamento, e tudo convertes em bem para mim. Ainda que me exponhas a várias tentações e adversidades, tudo isso dispões para a minha utilidade, tu que costumavas provar de mil maneiras os teus amados. E nessa provação, não hás de ser menos amado nem menos louvado, do que se me cumulasses de consolações celestes. Em ti, portanto, Senhor meu Deus, ponho toda minha esperança e refúgio, em tuas mãos entrego toda minha tribulação e angústia, porque encontro de todo fraco e instável o que quer que eu veja fora de ti.

Não me serão, pois, de valia os muitos amigos, nem me poderão ajudar os fortes auxiliares, nem resposta útil me poderão dar os prudentes conselheiros, nem os livros dos doutos consolar-me, nem coisa alguma preciosa libertar-me, nem qualquer lugar secreto defender-me, se tu mesmo não me assistires, não me ajudares, não me confortares, não me consolares, não me instruíres e não me guardares. Tudo o que parece conduzir-nos, pois, à posse da paz e da felicidade nada é, se tu estás ausente, e não dá, na verdade,

felicidade alguma. Pois tu és o fim de todos os bens, a altitude da vida e a profundidade dos discursos, e esperar em ti, sobre todas as coisas, é a mais forte consolação de todas para os teus servos (cf. Hb 6,18).

A ti se voltam os meus olhos, em ti confio, Deus meu, Pai das misericórdias (cf. Sl 140,8; 24,2; 2Cor 1,3). Abençoa e santifica a minh'alma com uma bênção celeste, para que se torne tua santa morada e trono da tua eterna glória, e nada se encontre no templo da tua dignidade que ofenda os olhos da tua majestade. “Segundo a multidão das tuas misericórdias” (Sl 50,3) e a grandeza da tua bondade, dirige a mim o teu olhar e “ouve a oração do teu pobre servo” (Dn 9,17), que se encontra exilado bem longe, “na região da sombra da morte” (Is 9,2).

Protege e conserva a alma do teu pequeno servo em meio a tantos perigos “da vida corruptível” (2Mc 6,25, antiga Vulgata) e, acompanhando-o a tua graça, dirige-o pelo caminho da paz à pátria da perpétua felicidade e claridade. Amém.

LIVRO IV

EXORTAÇÃO DEVOTA À SAGRADA COMUNHÃO
DO CORPO DE CRISTO^[1]

PROÊMIO

Diz a voz de Cristo: “Vinde a mim, vós todos que estais cansados e oprimidos sob o fardo, e eu vos aliviarei” (Mt 11,28). “O Pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo” (Jo 6,51). “Tomai e comei, isto é o meu Corpo que é entregue por vós; fazei isto em memória de mim” (Mt 26,26; Lc 22,19; 1Cor 11,24, antiga Vulgata). “Quem come a minha Carne e bebe o meu Sangue permanece em mim e eu nele” (Jo 6,56). “As palavras que vos tenho dito são espírito e vida” (Jo 6,63).

CAPÍTULO I

COM QUANTA DEVOÇÃO SE HÁ DE RECEBER O CRISTO

Essas são palavras tuas, Cristo, eterna Verdade, ainda que não tenham sido pronunciadas num único momento, nem escritas num só lugar. E porque são palavras tuas, hão de ser acolhidas agradecida e fielmente por mim. São tuas e tu as pronunciaste, e são minhas também, porque por minha salvação as disseste. Recebo-as de bom grado de tua boca, para que mais convenientemente se insiram no meu coração. Animam-me palavras de tão grande piedade, cheias de doçura e caridade; aterram-me, porém, meus próprios delitos, e afasta-me uma consciência impura de receber tão grandes mistérios.

A doçura das tuas palavras convida-me, mas a multidão dos meus vícios pesa sobre mim. Mandas que me aproxime de ti com confiança, se eu quiser ter parte contigo (cf. Jo 13,8) e receber o alimento da imortalidade, se eu almejar obter a vida eterna e a glória. “Vinde”, dizes, “a mim, vós todos que estais cansados e oprimidos sob o fardo, e eu vos aliviarei” (Mt 11,28). Oh, palavra doce e amigável no ouvido do pecador, pela qual, Senhor meu Deus, convidas o mendigo e o pobre à comunhão do teu santíssimo Corpo.

Mas quem sou eu, Senhor, para que ouse chegar-me a ti? “Eis que os céus dos céus não te contêm” (1Rs 8,27), e tu dizes: “Vinde a mim, vós todos”. O que quer dizer essa tão piedosa dignação, esse tão amigável convite? Como ousarei ir, eu que consciente sou de não ter seja o que for de bom, de que possa presumir? Como te introduzirei em minha casa (cf. Ct 3,4), eu que tão amiúde ofendi a tua benigníssima face? Anjos e arcanjos reverenciam, santos e justos temem, e tu dizes: “Vinde a mim, vós todos”? Com efeito, se não dissesse isso tu, Senhor, quem creria que fosse verdadeiro? E se não o mandasses, quem tentaria aproximar-se?

Eis que o justo varão Noé trabalhou por cem anos na construção da arca (cf. Gn 6,9; 7,7; 1Pd 3,20), para que com poucos se salvasse, e como poderei eu preparar-me por uma só hora para tomar com

reverência o Construtor do mundo?

Moisés, grande servo teu e especial amigo, fez uma arca de madeiras incorruptíveis, que revestiu ainda de ouro puríssimo, para nela depositar as tábuas da Lei; e eu, pútrida criatura, com tanta facilidade ousou receber-te a ti, Criador da Lei e Doador de vida (cf. Eclo 45,1; Ex 25,10.11.16)?

Salomão, o mais sábio dos reis de Israel, edificou em sete anos um magnífico templo para louvor do teu nome e celebrou a festa da sua dedicação por oito dias; ofereceu mil vítimas pacíficas e instalou solenemente a arca da Aliança, ao som da trombeta e em meio ao júbilo, no lugar que lhe fora preparado; e como te introduzirei eu em minha casa, infeliz que sou e o mais pobre dos homens, eu que mal sei passar devotamente meia hora? E oxalá, pelo menos uma vez, passasse dignamente meia hora (cf. 1Rs 5,9-11; 3,4; 8,6)!

Ó meu Deus, quanto se empenharam eles para agir de modo a comprazer-te! Ai, quão pequeno é o que faço! Que breve tempo eu gasto quando me disponho a comungar! Raras vezes me encontro de todo recolhido, raríssimas vezes purificado de toda distração. E, certamente, na tua salutar presença de Divindade, não deveria ocorrer-me pensamento algum que fosse indecente, nem criatura alguma deveria ocupar-me, pois hei de receber em hospedagem não um anjo, mas o Senhor dos anjos.

Existe, porém, grande distância entre a arca da Aliança do Senhor, com suas relíquias, e o teu puríssimo Corpo, com suas inefáveis virtudes, entre aqueles sacrifícios legais, prefigurativos dos bens futuros, e a verdadeira hóstia do teu Corpo, completa de todos os antigos sacrifícios. Por que, então, não me inflamo mais ante a tua venerável presença? Por que não me preparo com maior solicitude para receber teus santos (mistérios), quando aqueles santos patriarcas antigos, e também os reis e príncipes com todo o povo, demonstraram tão grande afeto de devoção com relação ao culto divino?^[2]

O devotíssimo rei Davi saltou diante da arca de Deus com todas as forças, recordando os benefícios outrora concedidos aos pais (cf. 2Sm 6,14). Fez diversos instrumentos musicais, compôs salmos e

mandou que se cantasse com alegria; ele próprio cantou, com frequência, ao som da cítara, por graça da inspiração do Espírito Santo, ensinou o povo de Israel a louvar a Deus de todo o coração e, com voz harmoniosa, bendizê-l'O e celebrá-l'O a cada dia (cf. 2Cr 20,21; 23,13). Se tão grande era então a devoção e se a recordação do divino louvor se fez presente ante a arca do Testamento, quanta reverência e devoção não devo eu ter agora, juntamente com todo o povo cristão, na presença do Sacramento, na recepção do excelentíssimo Corpo de Cristo?

Muitos correm a diversos lugares para visitar as relíquias dos santos e admiram-se ao ouvir seus feitos, observam com atenção os amplos edifícios dos seus templos e beijam seus sagrados ossos envoltos em ouro e seda; e eis que tu estás presente aqui junto a mim, no altar, meu Deus, Santo dos santos, Criador dos homens e Senhor dos anjos. É amiúde a curiosidade dos homens que os leva a ver tais coisas e a novidade do que ainda não foi visto, mas pouco fruto de emenda se colhe, mormente quando se anda de lá para cá de forma tão ligeira, sem verdadeira contrição. Aqui, porém, no Sacramento do altar, estás todo presente, meu Deus, “homem Cristo Jesus” (1Tm 2,5), e nele se recebe copioso fruto de salvação eterna toda vez que és digna e devotamente recebido. A isso, na verdade, não leva ligeireza alguma, nem curiosidade ou sensualidade, mas uma fé firme, uma esperança devota e uma caridade sincera.

Ó Deus, Criador invisível do mundo, quão admiravelmente ages conosco! Quão suave e graciosamente dispondes tudo em favor dos teus eleitos, aos quais te ofereces a ti mesmo para que te recebam no Sacramento. Isso é coisa que, de fato, supera todo entendimento, atrai especialmente o coração dos devotos, inflamando-lhes o afeto. Fiéis servos teus são, verdadeiramente, aqueles que dispõem toda a sua vida a emendar-se e recebem frequentemente desse Sacramento digníssimo grande graça de devoção e o amor da virtude.

Ó graça admirável e escondida do Sacramento, que tão somente conhecem os fiéis de Cristo e que, por outro lado, não podem experimentar os infiéis, nem os que servem aos pecados! Nesse Sacramento, confere-se a graça espiritual e repara-se, na alma, a virtude que se perdera, restituindo-se a beleza deformada pelo

pecado. E tão grande é, por vezes, essa graça que, pela plenitude da devoção que se confere, não só a mente, mas até o frágil corpo experimenta que lhe foram concedidas maiores forças.

Sinta-se dor, no entanto, e lamente-se muito ante a nossa tibieza e negligência, por não sermos atraídos com maior afeto a receber o Cristo, em quem repousa toda a esperança e todo o mérito dos que se hão de salvar. Pois Ele é a nossa santificação e redenção; Ele é a consolação dos viajantes e a eterna fruição dos santos (cf. 1Cor 1,30). Sinta-se, pois, muita dor, porque são muitos os que tão pouco caso fazem desse mistério salutar que alegra o céu e conserva o mundo inteiro.

Ah, cegueira e dureza do coração humano, que mais atenção não dá a dom tão inefável e, pelo uso frequente, chega mesmo a passar-lhe ao largo por inadvertência. Se, com efeito, esse Santíssimo Sacramento fosse celebrado num único lugar e consagrado por um único sacerdote no mundo, com quanto desejo pensas que acudiriam os homens àquele lugar e àquele sacerdote de Deus para ouvirem celebrar-se os divinos mistérios? E agora, no entanto, muitos foram constituídos sacerdotes e em muitos lugares Cristo é oferecido, para que tanto mais apareçam a graça e o amor de Deus ao homem, quanto mais largamente se difunde a sagrada comunhão pelo mundo inteiro (cf. Hb 7,23; Ml 1,11).

Graças a ti, bom Jesus, Pastor eterno, que te dignaste restaurar-nos a nós, pobres e exilados, com teu precioso Corpo e Sangue, e convidar-nos a receber esses Mistérios com palavras de tua própria boca, dizendo: “Vinde a mim, vós todos que estais cansados e oprimidos sob o fardo, e eu vos aliviarei” (Mt 11,28).

CAPÍTULO 2

A GRANDE CARIDADE E A BONDADE DE DEUS MANIFESTAM-SE AO HOMEM NO SACRAMENTO

Confiado na tua bondade e na tua grande misericórdia, Senhor, acerco-me como enfermo ao Salvador, como faminto e sedento à fonte da vida, como pobre ao Rei do céu, como servo ao Senhor, como criatura ao Criador, como desolado a meu piedoso Consolador (cf. Sl 35,10; Jo 7,37).

Mas donde me vem a graça de que venhas a mim (cf. Lc 1,43)? Quem sou eu para que tu mesmo te dês a mim? Como ousa o pecador aparecer diante de ti? E como te dignas vir ao pecador? Conheces o teu servo e sabes que nada de bom tem ele em si, que o faça merecer um benefício teu. Confesso, portanto, minha vileza, reconheço a tua bondade, louvo a tua piedade e dou graças por tua imensa caridade (cf. Ef 2,4). Fazes isso por ti mesmo, e não por meus méritos, para que a tua bondade se me faça ainda mais conhecida, maior caridade se me infunda e mais perfeitamente se me recomende a humildade.

E porque isso é do teu agrado e mandaste que assim se fizesse, é também do meu agrado a tua dignação, e oxalá não lhe sirva de obstáculo a minha iniquidade! Ó dulcíssimo e benigníssimo Jesus, quanta reverência e quanta ação de graças te são devidas, com um perene louvor, pela recepção do teu sagrado Corpo, cuja dignidade não se acha homem algum que a possa explicar!

Mas o que hei de pensar nesta comunhão, ao aproximar-me do meu Senhor, a quem não posso venerar devidamente e que, não obstante, desejo receber devotamente? Que melhor e mais salutar pensamento hei de ter, senão humilhar-me totalmente a mim mesmo diante de ti e exaltar a tua infinita bondade sobre mim?

Louvo-te, meu Deus, e exalto-te para sempre. Desprezo-me e submeto-me a ti até o profundo da minha vileza. Eis que és o Santo dos santos e eu, o refugio dos pecadores; e te inclinas a mim, que não sou digno de dirigir a ti o meu olhar. Eis que vens a mim, queres estar comigo, convidas-me ao teu convívio. Tu queres dar-me

a comer o alimento celeste e o Pão dos anjos, que outro não é, por certo, que tu mesmo, Pão vivo que desceste do céu e dás a vida ao mundo (cf. Sl 77,25; Jo 6,33.51). Eis, pois, donde procede o amor! E que dignação resplandece! Quão grandes ações de graças e louvores não se te devem por isso!

Oh, quão salutar e útil desígnio o teu, quando estabeleceste tal realidade! Quão suave e aprazível convívio [instituíste] quando a ti mesmo te deste em alimento! Oh, quão admirável a tua obra, Senhor, quão poderosa a tua virtude, quão inefável a tua verdade! Disseste, pois, e todas as coisas foram feitas (cf. Sl 148,5, antiga Vulgata), e fez-se isso que mandaste. Coisa admirável, digna de fé e que vence o humano entendimento é estares tu, Senhor meu Deus, verdadeiro Deus e homem, contido inteiramente sob uma pequena aparência de pão e de vinho, e seres comido por quem te recebe, sem que te consumas.

Tu, Senhor de todas as coisas, que de nada tens necessidade, quiseste habitar entre nós por meio do teu Sacramento, conserva imaculados meu coração e meu corpo, para que, com uma consciência alegre e pura, possa celebrar mais amiúde os teus mistérios e receber para minha eterna salvação o que estabeleceste e instituíste principalmente para a tua honra e memorial perene (cf. 2Mc 14,35).

Alegra-te, minh'alma, e dá graças a Deus por tão nobre dom e tão singular consolação que te foi deixada neste vale de lágrimas. Pois, toda vez que fazes memória desse mistério e recebes o Corpo de Cristo, realizas a obra da tua redenção e te tornas partícipe de todos os merecimentos de Cristo. A caridade de Cristo, com efeito, nunca diminui e a magnitude da Sua propiciação nunca se exaure (cf. 1Jo 2,2). Por isso, debes dispor-te a celebrá-lo com constante renovação da mente e considerar atentamente o grande mistério da salvação. De tal modo há de parecer-te ele grande, novo e jucundo, quando celebras ou ouves Missa, como se, no mesmo dia, Cristo, ao descer primeiro ao útero da Virgem, Se fizesse homem, ou então padecesse e morresse, ao pender da cruz, pela salvação dos homens.

CAPÍTULO 3

É ÚTIL COMUNGAR COM FREQUÊNCIA

Eis que venho a ti, Senhor, para regozijar-me no teu dom e alegrar-me em teu convívio, que, em tua doçura, preparaste para o pobre, ó Deus (cf. Sl 67,11, antiga Vulgata). Eis que em ti se encontra tudo o que posso e devo desejar. Tu és minha salvação e redenção, esperança e fortaleza, honra e glória. Alegra hoje, pois, a alma do teu servo, porque “a ti, Senhor meu Deus, elevei a minh’alma” (Sl 85,4).

Desejo receber-te agora devota e reverentemente, almejo introduzir-te em minha casa, para que, com Zaqueu, mereça ser abençoado por ti e contado entre os filhos de Abraão (cf. Lc 19,9). A minha alma e o meu corpo te almejam, meu coração deseja unir-se a ti (cf. Is 26,9). Entrega-te a mim, e isso basta. Pois não há consolação alguma fora de ti.

Sem ti, não posso estar e, sem a tua visitação, não consigo viver. Por isso, convém que me aproxime mais frequentemente de ti e te receba como remédio da minha salva o; para não vir, quem sabe, a desfalecer pelo caminho ao ver-me privado do celeste alimento. Assim, pois, disseste tu certa vez, misericordios ssimo Jesus, quando pregavas aos povos e curavas diversas enfermidades (cf. Mt 9,35): “Não quero despedi-los em jejum, para que não desfale am no caminho” (Mt 15,32). Faze, pois, assim comigo, tu que, para consolo dos fiéis, te deixaste ficar no Sacramento. Tu  s, pois, suave refei o da alma, e quem te comer de modo digno será partícipe e herdeiro da glória eterna.

  para mim, portanto, necessário, uma vez que tantas vezes caio e peco, tão depressa me entorpe o e desfale o, que me renove, me purifique e me inflame por frequentes ora es e confissões, e pela sagrada recep o do teu Corpo, para que não venha, talvez, abstendo-me [de comungar] por muito tempo, a decair do santo propósito. Os sentidos do homem são, pois, propensos ao mal desde a sua adolescência e, se a divina medicina não lhe vem em socorro, mais resvala ele em dire o ao que há de pior (cf. Gn 8,21, antiga

Vulgata). A santa comunhão aparta, portanto, do mal e conforta no bem.

E se agora sou tantas vezes negligente e túbio quando comungo ou celebro, o que aconteceria se não tomasse o remédio e não procurasse tão grande socorro? Mesmo que não esteja preparado e bem-disposto a celebrar a cada dia, terei, contudo, o cuidado de receber os divinos mistérios nos tempos convenientes e de tornar-me participante de tão grande graça. Pois uma só é a consolação da alma fiel, enquanto peregrina longe de ti no corpo mortal, a saber, lembrando-se mui amiúde de seu Deus, receber devotamente o seu Amado (cf. 2Cor 5,6).

Ó admirável dignação da tua piedade em relação a nós,^[3] que tu, Senhor Deus criador e vivificador de todos os espíritos, te dignes vir à alma pobrezinha e saciar a sua fome^[4] com toda a tua divindade e humanidade! Ó mente feliz e bem-aventurada alma que merece receber-te a ti, Senhor seu Deus, e ver-se cumulada de alegria espiritual em tua recepção! Oh, que grande Senhor acolhe, que dileto hóspede aloja, que agradável companheiro recebe, que fiel amigo aceita, que formoso e nobre Esposo abraça, que há de ser amado ante tudo o que se pode amar, acima de tudo o que se pode desejar!

Emudeçam diante da tua face, dulcíssimo Amado meu, o céu, a terra e todo o seu ornato, porque receberam tudo quanto têm de louvor e formosura da dignação da tua largueza, e não chegarão à formosura do teu nome, cuja sabedoria não conhece medida (cf. Hab 2,20; Gn 2,1; Sl 146,5).

CAPÍTULO 4

MUITOS BENS SE CONCEDEM AOS QUE COMUNGAM DEVOTAMENTE

Senhor meu Deus, previne o teu servo com a bênção da tua doçura (cf. Sl 20,4), para que mereça acercar-se digna e devotamente do teu magnífico Sacramento. Chama a ti o meu coração e despoja-me do profundo torpor. Visita-me com a tua salvação (cf. Sl 105,4), para que eu prove em meu espírito a tua suavidade, que neste Sacramento se acha plenamente escondida, tal como numa fonte.^[5] Ilumina também os meus olhos (cf. Sl 12,4), para que eu veja tão grande mistério e robustece-me para nele crer com uma fé que não duvida.

É, pois, obra tua, não poder humano; sagrada instituição tua, não invenção de homem. Ninguém se imagina por si mesmo capaz de compreender e entender essas realidades, que transcendem inclusive a sutileza angélica. Que poderei, então, investigar e compreender de tão profundo e secreto Sacramento, eu que sou pecador indigno, “terra e cinza” (cf. Eclo 17,31)? Senhor, na simplicidade do coração (cf. 1Cr 29,17), em boa e firme fé e seguindo o teu mandato, acerco-me de ti com esperança e reverência, e creio verdadeiramente que estás presente neste Sacramento, Deus e homem. Queres, pois, que eu o receba e a ti me una em caridade.

Suplico, portanto, a tua clemência e imploro que, para isso, me seja dada uma graça especial, de sorte que todo inteiro me funda em ti e transborde de amor, e não me ocupe mais de qualquer outra consolação. Pois esse altíssimo e digníssimo Sacramento é a salvação da alma e do corpo, remédio para toda doença espiritual, em que meus vícios são curados, minhas paixões refreadas, minhas tentações são vencidas e minoram, maior graça se infunde, a virtude adquirida aumenta, a fé se confirma, a esperança se robustece e a caridade se inflama e se dilata.

Muitos bens, com efeito, concedeste e ainda concedes mui amiúde, no Sacramento, aos teus fiéis que devotamente comungam, meu Deus, “sustentáculo da minha alma” (Sl 53,6), reparador da minha

fraqueza e doador de toda consolação interior. Pois neles infundes muita consolação contra várias tribulações e os ergues do profundo de seu próprio abatimento à esperança da tua proteção, recreando-os e iluminando-os interiormente com certa graça nova, de modo que os que primeiro se sentiam ansiosos e sem qualquer afeição antes de comungarem, bem melhor se encontrem depois, uma vez refeitos pelo alimento e pela bebida celestes.

Assim procedes em tua dispensação com relação aos teus escolhidos, para que reconheçam verdadeiramente e claramente experimentem que nada têm de si mesmos e o quanto de bondade e de graça recebem de ti. Porque, por si mesmos, são frios, duros e indevotos; graças a ti, porém, merecem tornar-se fervorosos, alegres e devotos. Quem é, pois, que, acercando-se humildemente à fonte da suavidade, um pouco de suavidade não leva dali consigo? Ou quem é que, estando junto a um copioso fogo, dele não recebe um pouco de calor?

E tu és a fonte sempre cheia e superabundante, o fogo sempre ardente e que jamais se apaga (cf. Hb 12,29; Lv 6,5). Daí que, se não me for dado haurir da plenitude da fonte, nem beber até a saciedade, chegarei minha boca, contudo, ao orifício do celeste cano, de modo a, pelo menos, tomar dele uma pequena gota a fim de refocilar a minha sede e não exaurir-me por completo.

E se ainda não posso ser todo celeste e tão inflamado como um Serafim e um Querubim, esforçar-me-ei, no entanto, para dedicar-me à devoção e preparar o meu coração, a fim de recolher ao menos, pela humilde recepção deste Sacramento vivificante, uma pequena chama do divino incêndio. Tudo aquilo que, por outro lado, me falta, ó bom Jesus, santíssimo Salvador, supre-o tu por mim, benigna e graciosamente, pois houveste por bem chamar todos a ti por pura graça, dizendo: “Vinde a mim, vós todos que estais cansados e oprimidos sob o fardo, e eu vos aliviarei” (Mt 11,28).

Eu trabalho, por certo, com o suor do meu rosto, sou atormentado pela dor do coração, sobrecarregado de pecados, inquietado pelas tentações, cercado e oprimido por muitas paixões más, e não há quem me ajude, não há quem me liberte e me salve, a não ser tu,

Senhor Deus, meu Salvador, a quem me confio a mim e tudo o que é meu, para que me guardes e me conduzas à vida eterna (cf. Gn 3,19; Sl 21,12; 24,5, antiga Vulgata). Para louvor e glória do teu nome, acolhe-me tu, que preparaste o teu Corpo e Sangue como alimento e bebida para mim. Concede-me, Senhor Deus, Salvador meu, que, por frequentar o teu mistério, cresça o afeto da minha devoção.^[6]

CAPÍTULO 5

A DIGNIDADE DO SACRAMENTO E O ESTADO SACERDOTAL

Se tivesses a pureza angélica e a santidade de São João Batista, não serias digno de receber, nem de tocar neste Sacramento. Não se deve aos merecimentos dos homens que um homem consagre e toque no Sacramento de Cristo, nem que tome “como alimento o Pão dos anjos” (Sl 77,25). Grande é esse mistério, e excelsa é a dignidade dos sacerdotes, aos quais foi dado o que aos anjos não se concedeu. Com efeito, tão somente os sacerdotes validamente ordenados na Igreja têm a potestade de celebrar e de consagrar o Corpo de Cristo.

O sacerdote é, certamente, ministro de Deus, ao fazer uso da Palavra de Deus por mandato e instituição de Deus. Deus, porém, a cuja vontade se submete tudo e a cuja ordem tudo obedece, é ali o principal autor, que invisivelmente obra. Mais deves crer, portanto, em Deus todo-poderoso, ante esse excelentíssimo Sacramento, do que nos teus próprios sentidos ou noutra sinal visível. E por isso, é necessário chegar-se a ele com temor e reverência. Presta atenção, portanto, e vê de quem é o ministério que te foi entregue pela imposição da mão do bispo (cf. 1Tm 4,14).

Eis que foste constituído sacerdote e consagrado para celebrar. Cuida, agora, em oferecer a Deus o sacrifício, fiel e devotamente, a seu devido tempo e em mostrar-te irrepreensível (cf. Nm 9,13; Tb 10,13, antiga Vulgata). Não aliviaste o teu peso, mas foste atado com o vínculo ainda mais estreito da disciplina e a maior perfeição de santidade te obrigaste.^[7]

O sacerdote deve estar ornado com todas as virtudes, e dar aos outros o exemplo de uma vida santa (cf. Tt 2,7). Não há de ter familiaridade com os homens comuns, mas com os anjos no céu ou com os varões perfeitos na terra (cf. Fl 3,20, antiga Vulgata). O sacerdote, revestido das sagradas vestes, faz as vezes de Cristo para rogar súplice e humildemente a Deus por si e por todo o seu^[8] povo (cf. Hb 5,3; 7,27). Tem diante e detrás de si o sinal da cruz do Senhor, para recordar-se sempre da Paixão de Cristo.

Traz diante de si a cruz na casula, a fim de dirigir seu olhar com diligência aos vestígios de Cristo e empenhar-se frequentemente para segui-l'O^[9] (cf. 1Pd 2,21). Está marcado com a cruz detrás de si, para suportar com clemência e por Deus qualquer contrariedade que por outrem lhe for infligida. Leva a cruz diante de si para chorar pelos próprios pecados; detrás de si, para prantear também, por compaixão, os que se cometem pelos outros, e ter a consciência de que foi constituído mediador entre Deus e o pecador, e não cesse de orar, nem de oferecer a santa Oblação, enquanto não merecer impetrar a graça e a misericórdia.

Quando o sacerdote celebra, honra a Deus, alegra os anjos, edifica a Igreja, ajuda os vivos, dá descanso aos defuntos e faz-se partícipe de todos os bens.

CAPÍTULO 6

INTERROGAÇÃO SOBRE UM EXERCÍCIO PREPARATÓRIO ANTES DA COMUNHÃO

Quando considero, Senhor, a tua dignidade e a minha vileza, tremo muito e sinto-me em mim mesmo confundido. Se, pois, não me acerco, fujo da vida; e se indignamente me adianto, incorro em ofensa. O que farei, então, ó Deus, “meu auxiliador” (Is 50,7.9) e meu conselheiro nas necessidades?

Ensina-me tu o caminho reto, propõe-me algum exercício breve, adequado [para preparar-me] à sagrada comunhão. É útil, com efeito, saber de que maneira, ou seja, devota e reverentemente, devo preparar o meu coração para ti, a fim de receber salutarmente o teu Sacramento ou, também, a fim de celebrar tão grande e divino Sacrifício.

CAPÍTULO 7

O EXAME DA PRÓPRIA CONSCIÊNCIA E O PROPÓSITO DE EMENDA

Acima de tudo, é necessário que o sacerdote de Deus se acerque a celebrar e a tocar este Sacramento com profunda humildade de coração e súplice reverência, com íntegra fé e piedosa intenção de dar honra a Deus.

Examina diligentemente a tua consciência e, dentro de tuas possibilidades, desnuda-a e orna-a com uma verdadeira contrição e uma humilde confissão, de sorte que não tenhas nem reconheças peso algum que te produza remorsos e impeça teu livre acesso [ao Sacramento]. Hás de experimentar aborrecimento por todos os teus pecados em geral, e de lamentar-te mais e gemer especialmente pelas faltas cotidianas; e, se o tempo o permite, confessa a Deus no segredo do coração todas as misérias de tuas paixões (cf. Sl 31,5).

Geme e deplora que sejas ainda tão carnal e mundano, tão pouco mortificado nas paixões, tão cheio dos movimentos das concupiscências, tão pouco diligente na guarda dos sentidos exteriores, tão enredado amiúde em muitas e diversas fantasias, tão inclinado às realidades exteriores, tão negligente com relação à vida interior, tão facilmente propenso ao riso e à dissolução, tão insensível às lágrimas e à compunção, tão pronto a entregar-se às lassidões e comodidades da carne, tão indolente para o rigor e o fervor, tão curioso para aprender e ouvir novidades, assim como para dirigir o olhar às coisas belas, tão remisso em abraçar o que é mais humilde e abjeto, tão desejoso de possuir muitos bens, tão parco em dar, tão tenaz em reter, tão inconsiderado no falar, tão incontinente no calar, tão desregrado nos costumes, tão inoportuno nos atos, tão intemperado no tocante ao alimento, tão surdo à Palavra de Deus, tão rápido quando pretende descansar, tão lento quando é hora de pôr-se a trabalhar, tão atento para ouvir fábulas, tão sonolento nas sagradas vigílias, tão apressado em acabar, tão falho de atenção, tão negligente em recitar as Horas, tão túbio ao celebrar, tão árido ao comungar, tão depressa distraído, tão raras vezes plenamente recolhido, tão subitamente levado à ira, tão fácil

em desagradar os outros, tão inclinado a julgar, tão rígido em repreender, tão alegre na prosperidade, tão debilitado na adversidade, tantas vezes a propor-se muitas coisas boas e tão poucas levando-as a efeito.

Uma vez que tiveres confessado e deplorado esses e outros defeitos teus com dor e grande aborrecimento por tua própria fraqueza, farás um propósito firme de sempre emendar a tua vida e de mudar-te para melhor. Então, com plena resignação e vontade íntegra, oferece-te a ti mesmo em honra do meu nome, no altar do teu coração, como holocausto perpétuo, ou seja, entregando-me fielmente o teu corpo e a tua alma, para que assim mereças acercar-te dignamente a oferecer a Deus o sacrifício e receber salutarmente o Sacramento do meu Corpo. Não há, com efeito, oblação mais digna e maior satisfação para apagar os pecados do que oferecer-se a si mesmo pura e integralmente a Deus, juntamente com a oblação do Corpo de Cristo na Missa e na comunhão.

Se o homem fizer o que estiver ao seu alcance, arrependendo-se de verdade, todas as vezes que vier pedir-me perdão e graça: “Por minha vida, diz o Senhor, não quero a morte do pecador, mas, antes, que se converta e viva” (Ez 33,11), “dos seus pecados já não mais me lembrarei” (Hb 10,17; cf. Ez 18,22), mas todos lhe serão perdoados.

CAPÍTULO 8

A OBLAÇÃO DE CRISTO NA CRUZ E A PRÓPRIA RESIGNAÇÃO

Tal como a mim mesmo me ofereci espontaneamente a Deus Pai, com as mãos estendidas sobre a cruz e o corpo nu, pelos teus pecados, de modo que nada tenha ficado em mim que não entrasse totalmente naquele sacrifício da divina reconciliação, assim também deves tu oferecer-te a ti mesmo voluntariamente a mim todos os dias na Missa, qual pura e santa oblação, com todas as tuas forças e afetos, quanto mais entranhavelmente possas (cf. Is 53,7, antiga Vulgata; Hb 9,28).

O que mais peço de ti, senão que, do íntimo do teu ser, te apliques a abandonar-te a mim? Não faço caso do que quer que me dê fora de ti, porque não quero um dom teu, quero-te a ti (cf. 2Cor 12,14; Fl 4,17). Assim como não te bastaria que tivesses todas as coisas fora de mim, tampouco me poderá agradar o que me deres, se a ti mesmo não te ofereceres. Oferece-te a mim e entrega-te todo por Deus, e a tua oferta será aceita. Eis que eu me ofereci todo ao Pai por ti, dei também todo o meu Corpo e Sangue em alimento, para que fosse todo teu e tu permanecesses meu.

Se, no entanto, permaneceres em ti mesmo e não te ofereceres espontaneamente à minha vontade, a oblação não será total, nem íntegra será a união entre nós. Por isso, a todas as tuas obras deve preceder a oferta espontânea de ti mesmo às mãos de Deus, se quiseres adquirir a liberdade e a graça. Por isso são tão poucos os que se deixam iluminar e libertar interiormente, pois [os mais] não sabem negar-se de todo a si mesmos. Esta é minha sentença firme: meu discípulo não pode ser senão quem tiver renunciado a tudo o que possui (cf. Lc 14,33).

Se tu, então, almejas ser meu discípulo, oferece-te a ti mesmo a mim com todos os teus afetos.

CAPÍTULO 9

DEVEMOS OFERECER-NOS A DEUS COM TUDO O QUE É NOSSO E POR TODOS ORAR

Senhor, tudo é teu, o que há no céu e na terra (cf. 1Cr 29,11). Desejo oferecer-me a mim mesmo a ti em espontânea oblação e permanecer para sempre teu (cf. Dt 16,10). Senhor, na simplicidade do meu coração, ofereço-me a ti hoje, qual escravo para sempre, obséquio e sacrifício de perpétuo louvor (cf. 1Cr 29,17; Tb 8,19, antiga Vulgata). Recebe-me com esta santa oblação do teu precioso Corpo, que hoje te ofereço na presença dos anjos que invisivelmente a ela assistem, de modo que seja para a salvação tanto minha como de todo o teu povo.

Senhor, ofereço-te todos os meus pecados e delitos, que cometi diante de ti e dos santos anjos desde o dia em que pela primeira vez pude pecar até hoje, “sobre o teu pacífico altar” (Is 60,7), para que os abraseis todos juntos e os queimeis com o fogo da tua caridade, apagues todas as manchas dos meus pecados, purifiques a minha consciência de todo delito e me restituas a tua graça, que, ao pecar, perdi, perdando-me tudo de um modo pleno e recebendo-me misericordiosamente no ósculo da paz. O que posso fazer pelos meus pecados, a não ser confessá-los humildemente e deplorá-los, suplicando sem cessar a tua propiciação?

Suplico-te: escuta-me propício quando compareço diante de ti, meu Deus. Todos os meus pecados desagradam-me sobremaneira, proponho nunca mais cometê-los; mas por eles me aflijo e afligir-me-ei enquanto viver, disposto a fazer penitência e a satisfazer, dentro de minhas possibilidades. Perdoa-me, Deus, perdoa os meus pecados pelo teu santo nome; salva a minha alma, que remiste com o teu precioso Sangue (cf. Sl 24,11; 1Pd 1,18-19). Eis que me confio à tua misericórdia, abandono-me em tuas mãos. Trata-me segundo a tua bondade, não segundo a minha malícia e iniquidade (cf. 1Mc 13,46).

Ofereço-te também todo bem que há em mim, embora pequeno e imperfeito, para que tu o emendes e santifiques, para que o tenhas

por coisa grata e o faças aceitável a ti, para que sempre o tornes melhor e a mim, homenzinho preguiçoso e inútil que sou, me conduzas, Senhor, a ditoso e louvável fim.

Ofereço-te ainda todos os desejos dos devotos, as necessidades de meus pais, amigos, irmãos, irmãs, de todos os meus mais caros e daqueles que têm feito o bem tanto a mim, como a outros, por amor teu, daqueles que me pediram e desejaram fossem ditas orações e Missas por si e por todos os seus, quer ainda vivam na carne, quer sejam já defuntos para o mundo, a fim de que todos eles experimentem chegar-lhes a ajuda da tua graça, o auxílio da consolação, a proteção dos perigos, a libertação das penas e, livres de todos os males, rendam alegres magníficas ações de graças.

Ofereço-te também preces de propiciação especialmente por aqueles que em algo me ofenderam, contristaram ou vituperaram, ou me infligiram algum dano ou agravo; igualmente por todos aqueles que eu, alguma vez, contristei, perturbei, agravei e escandalizei com palavras ou gestos, conscientemente ou não, para que a todos nós nos perdoes conjuntamente todos os nossos pecados, injúrias e ofensas.

Tira, Senhor, do nosso coração toda desconfiança, indignação, ira, discrepância e tudo aquilo que pode ofender a caridade e diminuir o amor fraterno. Apieda-te, Senhor, apieda-te dos que suplicam a tua misericórdia, dá tua graça aos que dela necessitam, faze-nos tais que sejamos dignos de gozar da tua graça e avancemos em direção à vida eterna (cf. Sl 122,3).

CAPÍTULO 10

NÃO SE DEVE DEIXAR FACILMENTE A SAGRADA COMUNHÃO

Tens de recorrer com frequência à fonte da graça e da divina misericórdia, à fonte da bondade e de toda a pureza, para que possas curar-te das tuas paixões e dos teus vícios, e mereças tornar-te mais forte e vigilante contra todas as tentações e as falácias do diabo.

O inimigo, sabendo que fruto e que tão grande remédio se depositou na sagrada comunhão, esforça-se de todo modo e em qualquer circunstância para dela afastar os fiéis e devotos, impedindo-os o quanto pode de acercar-se. Quando, pois, algumas pessoas se dispõem a preparar-se para a sagrada comunhão, padecem as piores investidas e ilusões de Satanás (cf. Sl 77,49).

Esse espírito, com efeito – tal como está escrito em Jó –, vem entre os filhos de Deus para, com sua acostumada malícia, perturbá-los ou fazê-los excessivamente tímidos ou escrupulosos, e desse modo minorar seu afeto ou arrancar-lhes a fé com suas impugnações, a fim de tentar, quem sabe, que abandonem de todo a comunhão ou que dela se acerquem com tibieza (cf. Jó 1,6; 2,1).

Mas não se há de ter preocupação alguma com suas astúcias e fantasias, por mais torpes e horrendas que sejam, e sim rechaçar contra ele próprio todas as suas ilusões. Há de ser desprezado o miserável e ridicularizado, e não se deve deixar a comunhão em razão dos seus insultos, nem das perturbações que ele suscita.

Impedem-nos também de comungar, muitas vezes, a excessiva solicitude por fazê-lo com devoção e certa ansiedade por confessar-se. Procede segundo o conselho dos sábios e deixa de lado a ansiedade e o escrúpulo, pois impedem estes a graça de Deus e destroem a devoção da mente. Por causa de alguma tribulação pequena ou angústia, não te prives da sagrada comunhão, mas vai depressa confessar-te e perdoa aos outros de bom grado todas as suas ofensas (cf. Cl 3,13). Se, porém, tiveres ofendido alguém, pede-lhe tu humildemente perdão; e Deus te perdoará de boa vontade (cf. Mt 5,23-24).

De que serve retardar por muito tempo a confissão, ou diferir a sagrada comunhão? Purifica-te quanto antes, deita fora o veneno com rapidez, apressa-te em receber o remédio, e te sentirás melhor do que se, por mais tempo, o tivesses diferido. Se hoje diferes a comunhão por um motivo, amanhã, quem sabe, outro motivo sobrevirá e, assim, poderias ver-te impedido de comungar por um longo período e tornar-te mais inepto a recebê-la. O mais rápido que puderes, livra-te da presente angústia e da inércia, pois de nada serve angustiar-se por muito tempo, viver em demorada perturbação, apartar-se dos divinos [mistérios] por cotidianos impedimentos e adiar sempre a comunhão; pois tal prática costuma acarretar também grande entorpecimento.

Oh, pena! Certos homens tíbios e dissolutos diferem de bom grado a confissão e desejam retardar a sagrada comunhão, para não se verem obrigados a aplicar-se a um maior cuidado de si. Ai, quão pequena caridade e fraca devoção têm os que tão facilmente deixam a sagrada comunhão para depois! Quão feliz e agradável a Deus é aquele que vive de tal modo, e em tal pureza guarda a sua consciência, que se acharia preparado para comungar e com boa disposição de afeto até mesmo a cada dia, caso lhe fosse lícito e o pudesse fazer sem ser notado!

Se alguém, vez por outra, se abstém de comungar por motivo de humildade ou por causa legítima que o impeça, há de ser louvado por sua reverência. Se, no entanto, o torpor se tiver insinuado nele, deve despertar-se a si mesmo e fazer o que estiver a seu alcance; e o Senhor há de assistir o seu desejo por causa de sua boa vontade, que é o que Ele especialmente considera. Quando, porém, estiver legitimamente impedido de comungar, terá sempre a boa vontade e a piedosa intenção de fazê-lo e, assim, não carecerá do fruto do Sacramento.

Pode, com efeito, qualquer devoto ter acesso salutarmente, a cada dia e a cada hora, à comunhão espiritual de Cristo sem proibição alguma; mas, em determinados dias e no tempo estabelecido,^[10] deve receber sacramentalmente o Corpo do seu Redentor com afetuosa reverência e buscar nisso antes o louvor e a honra de Deus

que sua própria consolação. Pois tantas vezes comunga misticamente e refaz-se de modo invisível, quantas medita devotamente o mistério da Encarnação de Cristo e Sua Paixão, inflamando-se no Seu amor. Quem, pelo contrário, não se prepara a não ser levado pela iminente festa ou pelo costume está mui amiúde despreparado.

Bem-aventurado quem se oferece ao Senhor em holocausto toda vez que celebra ou comunga. Não sejas vagaroso nem apressado ao celebrar, mas observa a boa medida comum daqueles com quem vives. Não debes aos outros ocasionar incômodo nem tédio, mas observar o caminho ordinário, segundo a instituição dos maiores, e procurar servir antes à utilidade dos outros que à própria devoção ou afeto.

CAPÍTULO 11

O CORPO DE CRISTO E A SAGRADA ESCRITURA SÃO NECESSÁRIOS À ALMA FIEL

Ó dulcíssimo Senhor Jesus, quão grande é a doçura que experimenta contigo a alma devota, banquetecendo-se à tua mesa, na qual não se lhe oferece outro alimento a comer a não ser tu mesmo, seu único Amado, desejável por sobre todos os desejos do coração. E doce seria para mim, certamente, derramar lágrimas de íntimo afeto na tua presença e, com a piedosa Madalena, banhar com tais lágrimas os teus pés (cf. Lc 7,38). Mas onde está essa devoção? Onde a copiosa efusão das santas lágrimas?

Deveria arder, por certo, o meu coração na tua presença e na dos teus santos anjos, e chorar de alegria (cf. Ap 14,10; Tb 11,11, antiga Vulgata). Tenho-te, pois, verdadeiramente presente no Sacramento, ainda que oculto por alheia aparência. Pois meus olhos não podem tolerar olhar-te em tua própria e divina claridade, e nem mesmo o mundo inteiro subsistiria no fulgor da glória da tua majestade. Nisto, portanto, vens em auxílio da minha debilidade, pois te escondes sob o Sacramento.

Tenho verdadeiramente e adoro Aquele a quem os anjos adoram no céu (cf. Hb 1,6). Mas eu o faço ainda na fé; eles, porém, o fazem na visão e sem véu (cf. 2Cor 5,7). Devo viver contente à luz da verdadeira fé e nela caminhar, enquanto não soprar a brisa do dia da eterna claridade e não declinarem as sombras das figuras (cf. Ct 4,6). Quando se apresentar o que é perfeito (1Cor 13,10), cessará o uso dos sacramentos, porque os bem-aventurados, na glória celeste, não têm necessidade do remédio do Sacramento. Alegram-se, pois, sem fim na presença de Deus, contemplando a Sua glória face a face e, transformados de claridade em claridade no abismo da divindade, provam o Verbo de Deus feito carne tal como foi desde o início e permanece para sempre (cf. 1Cor 13,12; 2Cor 3,18; 1Jo 1,1; 1Pd 1,25).

Ao lembrar-me dessas maravilhas, até mesmo qualquer consolação espiritual se faz para mim pesado tédio e, enquanto não vejo abertamente o meu Senhor na Sua glória, tenho por nada tudo o

que no mundo vejo e ouço. “És testemunha” (Rm 1,9), Deus, de que coisa alguma me pode consolar, criatura alguma me pode aquietar, a não ser tu, meu Deus, a quem desejo contemplar eternamente. Mas isso não é possível enquanto vivo eu nesta mortalidade e, por isso, convém que me exercite em grande paciência e me submeta a ti em todo e qualquer desejo. Pois também os teus santos, Senhor, que exultam já contigo no Reino dos céus, esperavam com fé e grande paciência, enquanto viviam, o advento da tua glória (cf. Hb 6,12; Tt 2,13). Em quem eles creram creio eu, o que esperaram espero eu, aonde eles chegaram confio que, por tua graça, hei de chegar.

Caminharei, enquanto isso, na fé, confortado pelos exemplos dos santos (cf. 2Cor 5,7; 1Mc 12,9, antiga Vulgata). Terei também os livros santos por consolação e espelho de vida e, sobre tudo isso, o teu sacratíssimo Corpo por singular remédio e refrigério. Percebo que duas coisas me são, pois, sobremaneira necessárias nesta vida, sem as quais insuportável me seria essa vida miserável. Detido no cárcere deste corpo, confesso carecer de duas coisas, a saber, de alimento e de luz. Deste, pois, a mim, que sou fraco, o teu sagrado Corpo para alimento da mente e do corpo, e me proporcionaste a tua palavra, que é lâmpada para os meus pés (cf. Sl 118,105). Sem essas duas realidades, eu não poderia viver bem. Pois a Palavra de Deus é luz para a minha alma, e o teu Sacramento é pão de vida (cf. Jo 6,48).

Também podemos considerar essas realidades como sendo duas mesas, colocadas de um lado e de outro no tesouro da tua Igreja (cf. Ez 40,39). Uma mesa é a do sagrado altar, que tem o santo Pão, isto é, o precioso Corpo de Cristo (cf. 1Sm 21,5). A outra é a divina Lei, que contém a santa doutrina, ensina a reta fé e conduz com segurança, até o interior do véu, onde se acha o Santo dos Santos (cf. Hb 6,19; 9,3).

Graças a ti, bom Jesus, luz da luz eterna, pela mesa da santa doutrina que nos ministraste por teus servos, os profetas, pelos apóstolos e outros doutores (cf. Ef 4,11). Graças a ti, Criador e Redentor dos homens, que, para declarar ao mundo todo a tua caridade, preparaste grande ceia, na qual deste a comer não o cordeiro figurativo, mas o teu santíssimo Corpo e Sangue,

alegando a todos os fiéis no banquete sagrado e inebriando-os com o cálice da salvação, em que se contêm todas as delícias do paraíso e conosco se banqueteiam os anjos, embora com mais ditosa suavidade (cf. Lc 14,16; Sl 115,13).

Oh, quão grande e admirável é o ofício dos sacerdotes, aos quais foi dado consagrar com palavras sagradas o Senhor de majestade, bendizê-l'O com os lábios, segurá-l'O com as mãos, tomá-l'O com a própria boca e aos outros ministrá-l'O (cf. Sl 28,3)! Oh, quão puras hão de ser aquelas mãos, quão pura há de ser a boca, quão santo o corpo, quão imaculado o coração do sacerdote, em que tantas vezes entra o Autor da pureza!

Da boca do sacerdote, que com tanta frequência recebe o Sacramento de Cristo, não há de proceder senão uma palavra santa, honesta e útil. Seus olhos, que costumam fitar o Corpo de Cristo, [hão de ser] simples e pudicos. E puras [hão de ser], e elevadas ao céu, as mãos que costumam tocar o Criador do céu e da terra (cf. 1Tm 2,8). Aos sacerdotes, diz-se especialmente na Lei: “Sede santos, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo” (cf. Lv 11,44).

Ajude-nos a tua graça, Deus todo-poderoso, para que nós, que recebemos o ofício sacerdotal, te possamos servir digna e devotamente, com toda pureza e uma boa consciência (cf. 1Tm 1,5). E se não podemos viver com tão grande inocência de vida como devemos, concede-nos, não obstante, chorar dignamente os males que praticamos, para podermos servir-te doravante com mais fervor, imbuídos de um espírito de humildade e do propósito de uma vontade sincera.

CAPÍTULO 12

COM GRANDE DILIGÊNCIA SE DEVE PREPARAR QUEM VAI RECEBER O CRISTO NA COMUNHÃO

Eu sou amante da pureza e doador de toda santidade. Procuro um puro coração, nele está o lugar do meu repouso (cf. At 7,49).

Prepara-me um cenáculo grande, adornado, e farei junto a ti a Páscoa com os meus discípulos (cf. Mc 14,14-15; Lc 22,11-12). Se queres que eu vá a ti e contigo permaneça, purifica-te do velho fermento e limpa a morada do teu coração (cf. 1Cor 5,7). Desterra tudo o que é do mundo e todo o tumulto dos vícios.

Senta-te “como pássaro solitário no telhado” (Sl 101,8) e pensa em tuas faltas na amargura da tua alma (cf. Is 38,15). Pois todo aquele que ama prepara para seu dileto amante o melhor e o mais belo lugar, já que nisso se conhece o afeto de quem recebe o amado.

Hás de saber, contudo, que não podes satisfazer a essa preparação pelo mérito da tua obra, ainda que por um ano inteiro de tal modo te preparasses, que nada mais tivesses em mente. Mas só por minha piedade e minha graça te é concedido que te acerques à minha mesa, como um mendigo que é chamado à refeição do rico sem que tenha ele próprio nada com que retribuir os benefícios do outro, a não ser humilhando-se e dando-lhe graças (cf. Lc 14,13-14).

Faze o que está ao teu alcance, e faze-o com diligência, não por força do costume, nem por necessidade, mas com temor, reverência e afeto, recebe o Corpo do teu dileto Senhor Deus, que Se digna vir a ti.

Sou eu que chamei, eu mandei que assim se fizesse, eu suprirei o que te falta. Vem e recebe-me! Quando concedo a graça da devoção, dá graças ao teu Deus, não por seres digno, mas porque “me apiede de ti” (Mt 18,33).

Se não a tens, mas te sentes, pelo contrário, em aridez, insiste na oração, geme, bate à porta e não desistas até mereceres receber uma migalha ou uma gota da graça salutar. Tu tens necessidade de mim, e não eu de ti (cf. 2Mc 14,35). E não vens tu a santificar-me, mas venho eu a santificar-te e a tornar-te melhor.

Vens a ser por mim santificado e a unir-te a mim, para que nova graça recebas e te inflames, mais uma vez, a fim de emendar-te. “Não negligencies essa graça” (1Tm 4,14, antiga Vulgata); prepara sempre o teu coração, com toda a diligência, e acolhe dentro de ti o teu Amado (cf. 1Sm 7,3).

Convém, todavia, que não apenas te prepares para a devoção antes da comunhão, mas também que te conserves sollicitamente nela depois da recepção do Sacramento. Nem é menos exigida depois a vigilância, do que antes o foi a devota preparação.

Com efeito, a boa vigilância que depois se guarda é a melhor preparação para se obter, noutra ocasião, graça maior. Por isso, com certeza, muito indisposto para ela se torna alguém se, logo em seguida, se debruça em excesso sobre as consolações exteriores.

Cuida-te do muito falar, permanece em lugar retirado e desfruta do teu Deus (cf. Pr 10,19). Pois tens Aquele que o mundo inteiro não pode subtrair-te.

Eu sou Aquele a quem todo te deves dar, de tal sorte que, de todo o cuidado desembaraçado, não vivas mais em ti, mas em mim (cf. Gl 2,20).

CAPÍTULO 13

A ALMA DEVOTA DEVE ALMEJAR DE TODO O CORAÇÃO UNIR-SE A CRISTO NO SACRAMENTO

Quem me dera, Senhor, encontrar-me a sós contigo para abrir-te todo o meu coração e gozar de ti como deseja a minha alma, e que já ninguém me despreze, mas que só tu me fales e eu a ti, como costuma falar o amado à sua amada, e sentar-se à mesa o amigo com seu amigo (cf. Ct 8,1; Ex 33,11)?

Isto eu suplico, isto desejo, a saber, unir-me todo a ti, apartar meu coração de todas as coisas criadas e aprender a saborear sempre mais, por meio da sagrada comunhão e da sua frequente celebração, as realidades celestes e eternas. No entanto, Senhor Deus, quando estarei todo unido a ti e absorvido em ti, totalmente esquecido de mim? Tu em mim e eu em ti, e, assim, concede que permaneçamos unidos um ao outro.

Tu és verdadeiramente o meu Amado, escolhido entre mil, em quem comprouve a minh'alma habitar por todos os dias da sua vida (cf. Ct 5,10; Is 42,1; Mt 12,18). Tu és verdadeiramente o meu Pacífico, em quem se acha a suprema paz e o verdadeiro repouso, fora de quem só há trabalho, dor e infinita miséria. Tu és verdadeiramente “o Deus escondido” (Is 45,15), e teu conselho não se acha com os ímpios, mas tua palavra está com os humildes e simples (Pr 3,32, antiga Vulgata). Oh, quão suave é, Senhor, o teu Espírito, pois, para manifestares a doçura que tens para com teus filhos, te dignaste restaurá-los com o suavíssimo Pão que desce do céu (cf. Sb 12,1; 16,21, antiga Vulgata; Jo 6,50).^[11]

Verdadeiramente “não há nação tão grande, que tenha deuses tão próximos a si” (Dt 4,7), como tu, nosso Deus, estás ao lado de todos os teus fiéis, aos quais, em vista de seu cotidiano consolo e para elevar-lhes ao céu o coração, te dás em alimento e a que gozem de ti. Qual é, pois, a outra nação tão ínclita como o povo cristão? Ou que criatura debaixo do céu é tão amada como a alma devota, em cujo seio entra Deus para apascentá-la com Sua gloriosa Carne? (cf. Dt 4,8) Ó graça inefável! Ó admirável dignação! Ó amor imenso,

consagrado singularmente ao homem! Mas, “que hei de retribuir ao Senhor” (Sl 115,12) por essa graça, por caridade tão exímia?

Não há coisa mais grata que eu seja capaz de dar, a não ser que entregue totalmente o meu coração ao meu Deus, unindo-me intimamente a Ele. Então exultarão todas as minhas entranhas, quando estiver minh'alma perfeitamente unida ao meu Deus. Então me dirá [Ele]: se queres estar comigo, eu quero estar contigo. E eu Lhe responderei: digna-te permanecer comigo, Senhor; quero estar contigo de bom grado.

CAPÍTULO 14

O ARDENTE DESEJO DE ALGUNS DEVOTOS PELO CORPO DE CRISTO

“Quão grande é, Senhor, tua infinita doçura, que reservaste para os que te temem!” (Sl 30,20)

Quando me recordo de alguns devotos, Senhor, que se acercam ao teu Sacramento com grande devoção e afeto, fico então muitas vezes confundido em mim mesmo e enrubesço, porque me abeiro tão tibia e friamente do teu altar e da mesa da sagrada comunhão, porque permaneço tão árido, sem devoção nem afeto do coração, porque não estou totalmente inflamado diante de ti, que és o meu Deus, nem me sinto tão veementemente atraído e cheio de afeição, como se sentiram muitos devotos que, ante o seu excessivo desejo da comunhão e o amor sensível do seu coração, não puderam conter o pranto; mas tanto com a boca do coração como com a do corpo, aspiravam intimamente por ti, fonte viva (cf. Jr 2,13), sem conseguir temperar nem saciar sua fome de outro modo, a não ser depois de terem recebido o teu Corpo com todo gosto e avidez espiritual.

Oh, verdadeiramente ardente fé a deles, que se manifesta como argumento credível da tua sagrada presença! Reconhecem, na verdade, o seu Senhor na fração do pão, aqueles cujo coração tanto se abrasa por caminhar com eles Jesus (cf. Lc 24,32.35). Com frequência, longe de mim está esse afeto e devoção, e tão veemente ardor. “Sê-me propício”, bom Jesus, doce e benigno (Lc 18,13). Concede ao teu pobre mendigo, ao menos alguma vez, experimentar um pouco do entranhável afeto do teu amor na sagrada comunhão, para que minha fé se fortaleça mais, a esperança progrida na tua bondade e a caridade, uma vez perfeitamente acesa e tendo provado do maná celeste, jamais desfaleça.

Poderosa é, por outro lado, a tua misericórdia para conceder-me também a graça desejada e, no espírito de ardor, visitar-me em tua clemência quando vier o dia que houveres por bem designar (cf. 2Cor 9,8; Is 4,4). E conquanto eu não arda no tão grande desejo dos teus especiais devotos, tenho por vossa graça o desejo do grande e

ardente desejo deles, ao suplicar e almejar ter parte com todos aqueles fervorosos amadores teus, e ser contado na santa companhia deles.

CAPÍTULO 15

A GRAÇA DA DEVOÇÃO ADQUIRE-SE COM A HUMILDADE E A ABNEGAÇÃO DE SI MESMO

Convém que procures instantemente a graça da devoção, que a peças desejoso, que paciente e confiantemente a esperes, agradecido a recebas, humildemente a conserves, aplicadamente coopes com ela e deixes a Deus o tempo e o modo em que te há de visitar, enquanto não o faz.

Deves humilhar-te, sobretudo, quando só um pouco ou mesmo nada sentes de devoção interior, mas não abater-te em demasia nem contristar-te desordenadamente. Deus dá, amiúde, num breve instante, o que por longo tempo negou. Dá, por vezes, no fim da oração o que no princípio havia diferido.

Se a graça fosse sempre concedida depressa e se fizesse presente tão somente por força do desejo, não poderia ser bem suportada pelo homem fraco. Por isso, a graça da devoção há de ser esperada com boa esperança e humilde paciência. Atribui a culpa, contudo, a ti mesmo e aos teus pecados, quando ela não é dada ou é ocultamente tirada.

Às vezes, algo pequeno é o que impede a graça e a esconde, se é que se pode chamar pequeno e não, pelo contrário, grande, o que priva de tão grande bem. Mas se removeres esse pequeno ou grande obstáculo e perfeitamente o venceres, será tal como pediste. Pois, assim que te entregares de todo o coração a Deus e não procurares nem ao menos querer isso ou aquilo segundo a tua vontade, mas te puseres integralmente n'Ele, tu te encontrarás unificado e em paz, pois nada terá para ti melhor sabor nem te agradará tanto como o beneplácito da divina vontade.

Aquele, portanto, que tiver elevado a sua intenção a Deus com um coração simples, esvaziando-se de todo amor desordenado ou desagrado ante qualquer coisa criada, muito apto estará para receber a graça e digno será do dom da devoção. Pois o Senhor dá Sua bênção ali onde encontra vasos vazios (cf. 2Rs 4,3).

E quanto mais perfeitamente tiver alguém renunciado ao que é

ínfimo, e quanto mais morrer para si mesmo pelo desprezo de si, tanto mais rapidamente vem a graça, tanto mais copiosamente entra e tanto mais alto eleva o coração liberto. Então verá e estará na abundância, e admirado ficará e seu coração se dilatará dentro de si (Is 60,5, antiga Vulgata), porque “a mão do Senhor está com ele” (Lc 1,66) e ele próprio se pôs totalmente na Sua mão para sempre.

Eis que “será assim abençoado” (Sl 127,4) o homem que “procura a Deus de todo o coração” (Sl 118,2) e que não recebe em vão a sua alma (Sl 23,4, antiga Vulgata). Este, ao receber a sagrada Eucaristia, merece a grande graça da divina união, porque não tem em vista a própria devoção e consolação, mas a glória e a honra de Deus.

CAPÍTULO 16

DEVEMOS MANIFESTAR A CRISTO AS NOSSAS NECESSIDADES E SUPLICAR-LHE SUA GRAÇA

Ó dulcíssimo e amantíssimo Senhor, a quem desejo agora devotamente receber, tu conheces minha fraqueza e a necessidade que padeço, bem como em quantos males e vícios estou abismado; sabes quão frequentemente estou acabrunhado, tentado, perturbado e manchado por minhas culpas.

Venho a ti para buscar remédio, dirijo-te minha súplica para encontrar consolação e alívio. Falo a ti que conheces tudo, a quem são manifestos todos os recônditos do meu ser, que és o único que pode consolar-me e ajudar-me perfeitamente (cf. Jo 18,4). Tu sabes de que bens eu careço principalmente, e quão pobre sou em virtudes.

Eis que me encontro diante de ti, pobre e nu, a suplicar graça e a implorar misericórdia. Dá de comer ao teu faminto mendigo, inflama a minha frialdade com o fogo do teu amor, ilumina a minha cegueira com a claridade da tua presença.

Converte para mim todas as terrenas realidades em amargura, todas as penas e contrariedades em paciência, todas as coisas ínfimas e criadas em desprezo e esquecimento. Ergue o meu coração a ti, no céu, e não deixes que eu ande errante pela terra. Que, desde agora e para sempre, só tu tenhas um doce sabor para mim, porque só tu és meu alimento e minha bebida, meu amor e regozijo, minha doçura e todo o meu bem.

Oxalá me inflames totalmente na tua presença, me queimes e em ti me transformes, para que eu me torne um só espírito contigo pela graça da união interior e pela fusão do ardente amor (cf. 1Cor 6,17)! Não consintas que de ti me afaste em jejum e árido, mas age misericordiosamente comigo, tal como muitas vezes admiravelmente agiste com os teus santos.

O que haveria de admirável se me abrasasse inteiramente em ti e em mim mesmo me eclipsasse, sendo tu fogo que arde sempre “sem jamais se apagar” (Lv 6,5-6), amor que purifica os corações e

ilumina o entendimento?

CAPÍTULO 17

O AMOR ARDENTE E O VEEMENTE DESEJO DE RECEBER A CRISTO

Com grande devoção e ardente amor, com todo o afeto e o fervor do coração, desejo-te, Senhor, como te desejaram ao comungar muitos santos e pessoas devotas, que te agradaram, sobretudo, na santidade de vida, tendo vivido em ardentíssima devoção.

Ó meu Deus, amor eterno, todo o meu bem, felicidade interminável, almejo receber-te com veementíssimo desejo e digníssima reverência, qual jamais teve ou pôde experimentar algum dos santos. E conquanto seja eu indigno de ter todos aqueles sentimentos de devoção, ofereço-te todo o afeto do meu coração, como se só tivesse mui gratamente todos aqueles inflamados desejos. Mas, quanto pode conceber ou desejar a piedosa mente, tudo isso te apresento e ofereço com suprema veneração e íntimo fervor. Não desejo reservar coisa alguma para mim, mas imolar-me a mim mesmo e tudo o que é meu espontaneamente e de mui bom grado a ti.

Senhor meu Deus, meu Criador e Redentor, desejo receber-te hoje com tal gratidão, dignidade e amor, com tal fé, esperança e pureza, como te recebeu e desejou a tua Mãe Santíssima, a gloriosa Virgem Maria, quando humilde e devotamente respondeu ao anjo que lhe anunciava o mistério da tua Encarnação: “Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38). E como o teu bem-aventurado Precursor, o mais excelente dentre os santos, João Batista, exultou cheio de alegria no regozijo do Espírito Santo, enquanto ainda se ocultava nas maternas entranhas (cf. Lc 1,44) e, mais tarde, divisando Jesus a caminhar entre os homens (cf. Jo 1,36), com devoto afeto dizia, humilhando-se sobremaneira: “O amigo do Esposo, porém, que está presente e O ouve, regozija-se sobremodo com a voz do Esposo” (Jo 3,29), assim anseio eu inflamar-me em grandes e santos desejos e apresentar-me a ti com todo o [afeto do] meu coração.

Ofereço-te, por isso, e apresento-te os transportes de júbilo de todos os devotos corações, seus afetos ardentes, êxtases espirituais,

iluminações do alto e visões celestes, juntamente com todas as virtudes e os louvores a ti tributados e que hão de tributar-se de parte de toda a criatura no céu e na terra, por minha intenção e pela de todos os que a mim se encomendaram em oração, para que por todos sejas dignamente louvado e glorificado para sempre.

Recebe, Senhor meu Deus, os meus votos e desejos de louvar-te infinitamente e de bendizer-te imensamente, que se te devem com razão conforme a multidão da tua inefável grandeza (Sl 150,2). Isso te ofereço e desejo oferecer-te a cada dia, a cada momento; e, a que comigo te rendam graças e louvores, convido todos os espíritos celestes e todos os teus fiéis, rogando-lhes com pedidos afetuosos. Louvem-te “todos os povos, tribos e línguas” (Dn 7,14), e engrandeçam o teu santo e melífluo nome com grande júbilo e ardente devoção (cf. At 19,17).

E todos quantos celebram reverente e devotamente o teu altíssimo Sacramento e com íntegra fé o recebem, mereçam encontrar junto a ti graça e misericórdia (cf. Dn 3,39; Hb 4,16) e suplicantemente roguem por mim, pecador. E quando, tendo gozado da ansiada devoção e da fruitiva união, se retirarem da sagrada mesa bem consolados e admiravelmente refeitos, eles se dignem recordar-se de mim, pobre que sou.

CAPÍTULO 18

NÃO SEJA O HOMEM UM CURIOSO PERSCRUTADOR DO SACRAMENTO, MAS HUMILDE IMITADOR DE CRISTO, SUJEITANDO SEU PARECER À SAGRADA FÉ

Deves guardar-te de uma curiosa e inútil perscrutação desse profundíssimo Sacramento, se não quiseses ver-te mergulhado num abismo de dúvida. “Quem se faz perscrutador da Majestade, pela Glória há de ser oprimido” (Pr 25,27, antiga Vulgata). Mais pode Deus obrar do que o homem entender.

É tolerável uma investigação piedosa e humilde da verdade, sempre disposta a instruir-se e aplicada a caminhar pelas salutares sentenças dos Padres. Bem-aventurada a simplicidade, que abandona os caminhos difíceis das questões e põe-se a andar pela senda plana e segura dos mandamentos de Deus (cf. Sl 118,35, antiga Vulgata). Muitos perderam a devoção quando quiseram perscrutar mistérios mais profundos (cf. Eclo 3,22).

De ti se exige a fé, bem como uma vida sincera, não a altura do entendimento, nem a penetração dos mistérios de Deus. Se não entendes nem podes compreender realidades que estão abaixo de ti, como hás de compreender o que acima de ti se encontra? Submete-te a Deus e humilha o teu parecer ante a fé, e a luz da ciência te será dada segundo te for útil e necessária.

Certas pessoas são gravemente tentadas a respeito da fé e do Sacramento, mas isso não lhes há de ser imputado, e sim ao inimigo. Não te perturbes, nem discutas com os teus pensamentos, tampouco respondas aos questionamentos e dúvidas que te lança o diabo, mas crê nas palavras de Deus. Crê nos Seus santos e profetas, e fugirá de ti o malvado inimigo (cf. 2Cr 20,20; Tg 4,7). Muito útil é, amiúde, que o servo de Deus padeça essas tentações. Pois ele não tenta infieis e pecadores, os quais já possui em segurança, mas tenta e atormenta de vários modos os fiéis devotos.

Avança, portanto, com uma fé simples e indubitada, e acerca-te com reverência ao Sacramento. Encomenda a Deus, com segurança, tudo aquilo que não és capaz de entender. Deus não te engana; engana-se quem crê demais em si mesmo. Deus caminha com os

simples, revela-Se aos humildes, dá entendimento aos pequenos, às mentes puras esclarece a percepção, ocultando a graça aos curiosos e soberbos (cf. Pr 2,7; 3,32; Mt 11,25; Sl 118,130; Lc 24,45). A razão humana é fraca e pode enganar-se; mas a verdadeira fé não se pode enganar. Toda razão e natural investigação deve seguir a fé, não precedê-la nem infringi-la.

Porque fé e amor mostram-se grandes especialmente aí, e obram ocultamente neste santíssimo e mais que excelentíssimo Sacramento. O Deus eterno e imenso, de poder infinito, “faz grandes e imperscrutáveis coisas” (Jó 5,9) no céu e na terra, e não há quem investigue Suas obras admiráveis (cf. Eclo 11,4; Is 40,28). Se as obras de Deus fossem tais que facilmente se compreendessem pela razão humana, não se haveriam de dizer admiráveis, nem imperscrutáveis. Amém.

Direção editorial:

Claudio Avelino dos Santos

Coordenação de revisão:

Tiago José Risi Leme

Capa:

Karine Pereira dos Santos

Imagem da capa:

Cristo carregando a cruz, El Greco

Coordenação de desenvolvimento digital:

Alexandre Carvalho

Desenvolvimento digital:

Daniela Kovacs

Conversão EPUB:

PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Thomas, à Kempis, 1380-1471

Imitação de Cristo [livro eletrônico] / Tomás de Kempis; tradução e notas de Luciano Rouanet Bastos. - São Paulo: Paulus, 2019.

2,6 Mb

ISBN 978-85-349-4991-0 (e-book)

Título original: *De Imitatione Christi*

1. Jesus Cristo - Meditações 2. Jesus Cristo - Obras anteriores a 1800 3. Vida cristã I. Título II. Bastos, Luciano Rouanet

CDD 242.72

19-0790

CDU 27-42

Índices para catálogo sistemático:

1. Jesus Cristo - Literatura devocional

1ª edição, 2019

© PAULUS - 2019

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

[Facebook] • [Twitter] • [Youtube] • [Instagram]

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções:

paulus.com.br/cadastro



NOTAS

INTRODUÇÃO

[1] M.Y. SORDET, “Formes éditoriales et usages de l’*Imitatio Christi*, xv^e-xix^e siècles”, *Comptes Rendus de l’Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 2012, vol. 2, p. 869-895, p. 872, calcula, de modo “excessivamente prudente”, que, entre os séculos XV e XVIII, circularam na Europa cerca de 2,3 milhões de exemplares. Já no século XV metade das edições era em latim, metade em traduções, como ao catalão (1482), ao alemão (1486), italiano e francês (1488) (*ibid.*, p. 875), e em 1650 já circulava também, além de em outras línguas, em chinês, tcheco, grego, húngaro, japonês e polonês (M. von HABSBURG, *The Devotional Life: Catholic and Protestant Translations of Thomas a Kempis’ Imitatio Christi, c. 1420-c.1620*, tese, University of Saint Andrews, 2002, p. 146-147, publicado como *Catholic and Protestant Translations of the Imitatio Christi, 1425-1650. From Late Medieval Classic to Early Modern Bestseller*, Farnham/Burlington: Ashgate, 2011). Da tradução ao polonês, a *Imitação* entra no mundo ortodoxo (cf. A. LAMBRECHTS, “Thomas a Kempis parmi les Saints Pères de Russie”, em M.-A. VANNIER [dir.], *Renouveau Patristique et Oecuménisme*, Paris: Beauchesne, 2017, p. 155-168, p. 156). Para os manuscritos, veja-se bibliografia abaixo, p. 41, n. 10.

[2] T. LUPO (ed.), *De imitatione Christi*, Libreria Editrice Vaticana, 1982, p. viii-ix. A edição de Lupo é comentada por G. MUCCI, “L’edizione critica dell’*Imitazione di Cristo*”, *La Civiltà Cattolica* 3 [1983] 397-401; e por M. degli INNOCENTI, “Una edizione critica del *De imitatione Christi*? Analisi del testo del I libro”, *Cristianesimo nella storia* 6 [1985] 275-297). Quanto à mística da *Imitação*, ela é mais prática, algo distinta de como a concebemos normalmente (cf. I. R. NETTON, *Islam, Christianity and the Mystic Journey. A comparative Exploration*, Edinburgh University Press, 2011, p. 119-124, particularmente p. 120-121).

[3] Por um lado, basicamente, a fundamentação bíblica da obra (cf., abaixo, p. 52, e sua n. 54), a insistência numa experiência religiosa íntima com o divino (cf., abaixo, p. 28) e seu cristocentrismo calhavam com as intenções da Reforma, por isso a *Imitação* recebeu atenção de alguns reformadores. Por outro, como a Reforma rejeitava a teologia católica da eucaristia, houve reformadores que se distanciaram da *Imitação*. Edições protestantes, no séc. XVIII, suprimiam do texto pontos sobre vida monástica, intercessão dos santos e purgatório. Sobre tais questões, vejam-se M. von HABSBURG, *op. cit.*; D.A. HARRAP, *The Phenomena of Prayer: The Reception of the Imitatio Christi in England (1438-c.1600)*, tese, Queen Mary University of London,

2016; J. MAGILL, Jr., “Turn Away the World: How a Curious Fifteenth-Century Spiritual Guidebook Shaped the Contours of the Reformation and Taught Readers to Turn Inward”, *Christianity & Literature* 67/1 (2017), 34-49.

[4] No início do século XVI, a obra muçulmana “El mancebo de Arévalo” – um jovem em busca de conhecimento e ciência – contém, embora com adaptações, inegável influência da *Imitação*; cf. G. FONSECA ANTUÑA, *Sumario de la relación y ejercicio espiritual sacado y declamado por El Mancebo de Arévalo en nuestra lengua castellana*, Madrid: Fundación Menéndez y Pidal, 2003, p. 26-36; e L. P. HARVEY, *Muslims in Spain, 1500-1614*, University of Chicago Press, 2005, p. 174ss. Sobre a relação de imitação entre muçulmanos e modelos cristãos, em geral, veja-se Y. PATEL, *Muslim Distinction: Imitation and the Anxiety of Jewish, Christian, and Other influences*, tese, Duke University, 2012.

[5] Swami VIVEKANANDA, *Ishânusharana*, tradução, do inglês, da *Imitação*, com notas do tradutor, publicada na revista mensal bengali calcutaense, ora extinta, *Sāhitya Kalpadruma*, 1889, reimpressa em *Complete Works of Swami Vivekananda*, Calcutá, 1ª ed. bengali, vol. 6, p. 16-28; Eknath EASWARAN, *Seeing with the Eyes of Love: On the Imitation of Christ*, Tomales, CA: Nilgiri Press, 1996.

[6] Em L. TOLSTOI, *Guerra e paz*, livro 5 (1806-1807), capítulo 3, é dito que o conde Pierre Bezoukov passava dias inteiros lendo Tomás Kempis, livro que lhe fora enviado por um desconhecido. É presumível que se tratasse da *Imitação*.

[7] A esse respeito, veja-se, abaixo, *Estrutura e espiritualidade*, p. 26.

[8] Cf. R. LOVATT, “The *Imitation of Christ* in late medieval England”, *Royal Historical Society* (5th series) 18 (1968), 97-121, p. 101.

[9] Cf. abaixo, p. 8ss.

[10] Quanto aos manuscritos da *Imitação*, vejam-se P. E. PUYOL, *Descriptions des manuscrits et des principales éditions du livre De Imitatione Christi*, Paris: Retaux, 1898; T. LUPO (ed.), *op. cit.*, p. xiii-xix; S. G. AXTERS, *De imitatione Christi: een handschriften-inventaris bij het vijfhonderdste verjaren van Thomas Hemerken van Kempen 1471*, Kempen/Niederrhein: Kempen/Thomas-Druckerei (Schriftenreihe des Landkreises Kempen-Krefeld 27), 1971.

[11] Cf. A. A. BARBIER, *Dissertation sur soixante traductions françaises de l’Imitation de Jesus-Christ*, Paris: Lefèvre, 1812, 170-172 e 174-175.

[12] Embora no século passado tenha surgido uma nova proposta para a questão da autoria. Nessa, Geert Groote, pai da *Devotio moderna* (cf., abaixo, p. 11ss.), teria tido uma espécie de diário espiritual, redigido em vernáculo e reescrito em latim. Esse texto teria sido modificado por um de seus discípulos,

Geert Zerbolt († 1398; que, para A. HYMA, “The Original Version of *De Imitatione Christi* by Gerard Zerbolt of Zutphen”, *Archief voor de Geschiedenis van het Aartsbisdom Utrecht* [1950] 1-41, seria, de fato, o autor da obra), e, posteriormente, Tomás de Kempis ter-lhe-ia dado a forma definitiva. Essa hipótese, recusada, com a de Hyma, pelos imitacionistas – designação comum para os estudiosos da *Imitação* –, tem três defeitos básicos: a comparação entre estilo e conteúdo das obras de Groote com a *Imitação* aponta grandes diferenças, carece de documentação e o estema dos manuscritos – com sérios problemas de datação e supressões aparentemente premeditadas – parece ter seguido critérios extremamente subjetivos. Para formulação e defensores dessa hipótese, vejam-se as considerações de M.A. LÜCKER, em *Geist und Leben* 20 (1949), 228-232. Não é impossível que essa formulação tenha tido base em propostas anteriores, como, por exemplo, a de José Maria Suarez, publicada em 1667, segundo a cronologia de A. A. BARBIER, *op. cit.*, p. 178-179. Para Suarez, 1) os três primeiros livros da *Imitação* são obras de três autores diferentes: Giovanni Gersen, Ubertino de Casal e Pedro de Corbario, respectivamente; mais tarde, 2) Tomás de Kempis ordenou esses livros e, por fim, 3) o último livro da *Imitação* foi composto por Jean Gerson, chanceler da Universidade de Paris.

[13] Para a argumentação a favor da autoria gerseniana, vejam-se C. WOLFSGRUBER, *Giovanni Gersen, sein Leben und sein Werk De Imitatione Christi*, Augsburg: Druck & Verlag des Literarischen Institut, 1880; P. BONARDI e T. LUPO, *L'Imitazione di Cristo e il suo autore*, 2 vols., Torino: SEI: 1964; M. OGLIARO, *L'Imitazione di Cristo e il suo autore nelle ricerche in Italia e in Francia di Gaspare De Gregory: studio storico-bibliografico*, Vercelli: Società Storica Vercellese, 2004.

[14] Para a argumentação a favor da autoria gersoniana, vejam-se D.G. BARRON, *Jean Charlier de Gerson the Author of De Imitatione Christi*, London: Blackwood & Sons, 1936; B. McNEILL, *L'Imitazione di Cristo*, trad. S. Orsi, Milano: Jaca Book (Per una storia d'Occidente. Chiesa e società), 2004.

[15] Para a argumentação a favor da autoria kempista, vejam-se L. M. J. DÉLAISSÉ, *Le Manuscrit autographe de Thomas a Kempis et l'Imitation de Jésus-Christ. Examen archéologique et édition diplomatique du Buxellensis 5855-61*, 2 vols., Paris/Antwerpen: Érasme/Standaard-Boekhandel (Publications de Scriptorium 2), 1956, com detalhes considerados por H. SILVESTRE, em *Scriptorium* 12/2 (1958) 313-314; J. HUIJBEN e P. DEBONGNIE, *L'Auteur ou les auteurs de l'Imitation*, Louvain: Publications Universitaires, 1957, cujas conclusões são discutidas por A. COMBES, em *Revue d'Histoire de l'Église de France* 141 (1958) 141-146; A. AMPE, SJ, *L'Imitation de Jésus-Christ et son auteur. Réflexion critiques*, Roma: Edizioni di Storia e Letteratura (Sussidi

Eruditi 25), 1973, comentado por E. VALENTINI, em *Salesianum* 35 (1973), 667-676.

[16] Ver possível biografia em C. WOLFSGRUBER, *op. cit.*

[17] J. B. M. GENCE, “Considérations sur la question relative à l’auteur de l’*Imitation*, et sur les discussions qui la reproduisent”, em A. A. BARBIER, *op. cit.*, 213-260, que igualmente defende a autoria gersoniana da *Imitação*.

[18] Sabe-se que Tomás copiou missais, livros de coro e Bíblias inteiras; compôs hinos, uma crônica de seu mosteiro, biografias e tratados; cf. edição crítica de M. J. POHL (ed.), *Thomae Hemerken a Kempis, Opera omnia*, 7 vol., Freiburg i.B.: Herder, 1902-1922.

[19] Trata-se do Ms 5855-62, conservado na Biblioteca Real da Bélgica, em Bruxelas, cujo colofão diz: “Finitus et completus anno domini m.cccc.xli per manus fratris thome kempis”. *Finitus* referir-se-ia à conclusão da cópia e *completus*, à edição final, realizada não por um copista, mas pelo próprio autor. Mas se Tomás é o autor, por que *per manus* (pelas mãos)? Talvez essa edição realizada por Tomás não faça dele um autor propriamente dito, mas um compilador de textos de autores não identificados (cf. B. SPAAPEN, “Der heutige Stand der Forschung über den Verfasser der ‘Nachfolge Christi’”, em *Geist und Leben* 31 [1958] 303-308; S.G. AXTERS, *op. cit.*; N. STAUBACH, “Von der persönlichen Erfahrung zur Gemeinschaftsliteratur. Entstehungsund Rezeptionsbedingungen geistlicher Reformtexte im Spätmittelalter”, *Ons Geestelijk Erf* 68 [1994] 200-228, p. 211).

[20] Sobre essa ordem dos livros, veja-se, abaixo, *Estrutura e espiritualidade*, p. 26ss.

[21] Por isso, seguindo algumas edições contemporâneas – mesmo havendo quem prefira seguir a tradição da autoria kempista da *Imitação*, como a edição crítica, ainda em preparação, do *Corpus Christianorum Continuatio Mediaevalis* –, pareceu-nos mais apropriado apresentá-la como obra anônima. Além disso, a edição crítica, da qual foi feita esta tradução, de T. Lupo (cf. acima, p. 39, n. 2), que considerara a obra fruto do trabalho de Giovanni Gersen, não contém qualquer menção a seu autor: estranhamente, Lupo nem nomina Gersen nem a diz anônima. Veja-se também, a respeito da autoria, N. STAUBACH, “Eine unendliche Geschichte? Der Streit um die Autorschaft der *Imitatio Christi*”, em U. BODEMANN e N. STAUBACH (eds.), *Aus dem Winkel in die Welt*, Frankfurt: Peter Lang, 2006, p. 9-35.

[22] Contudo, é preciso notar que expressões desse tipo são comuns a uma espiritualidade monástico-sacerdotal precedente, propagada particularmente por Bernardo de Claraval e a tradição cisterciense. Não é por acaso que se tenha considerado São Bernardo como fonte do autor da *Imitação* (cf. J.

HUIZINGA, *O outono da Idade Média*, São Paulo: Cosac & Naify, 2010, p. 370). É preciso, todavia, ter presente que S. Bernardo, e a tradição monástica da Alta Idade Média, deve algo a Santo Agostinho quanto às disposições interiores em relação a Cristo (L. ANDERSON, “Bernardo de Claraval”, em A. FITZGERALD [coord. geral], *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia*, São Paulo: Paulus, 2019). Assim, não é totalmente desprovida de sentido a remissão também a uma fonte agostiniana para o autor da *Imitação*. Mas um estudo que demonstre de modo suficiente e nítido essas bases – distinguindo-as o quanto possível – na *Imitação* ainda deve ser feito.

[23] Para sua biografia, veja-se T. P. van ZIJL, *Gerard Groote, Ascetic and Reformer (1340-1384)*, Catholic University of America Press (Studies in Medieval History. New series), 1963. Recentemente, teve início a publicação de sua *Opera omnia* em edição crítica. Até o momento, foram publicados quatro tomos; cf. GERARDUS MAGNUS, *Opera Omnia*, Turnhout: Brepols (*Corpus Christianorum. Continuatio Mediaevalis*).

[24] Sobre a *Devotio moderna*, em geral, vejam-se R. R. POST, *The Modern Devotion: Confrontation with Reformation and Humanism*, Leiden, 1968; F. VANDENBROUCKE, *La spiritualità del Medioevo*, Bologna: EDB, 1991, vol. 2, p. 351ss.; J. van ENGEL, *Sisters and Brothers of the Common Life: The Devotio Moderna, Self-made societies, and the World of the Later Middle Ages*. University of Pennsylvania Press, 2008.

[25] Jan van Ruysbroek representa a forte espiritualidade mística de caráter eckhartiano, então bastante difusa no vale do Reno. A respeito dessa espiritualidade, veja-se A. de LIBERA, *Meister Eckhart e la mistica renana*, Milano: Jaca Book, 1998. Para as relações entre a mística renana e a *Devotio moderna*, veja-se M.-A. VANNIER (dir.), *Mistique rhénane et Devotio moderna*, Paris: Beauchesne, 2017.

[26] A seu respeito, veja-se H. HYMA, *The Brethren of the Common Life*, Eugene, OR: Wipf & Stock, 2004.

[27] A atividade copista, seu meio de sustento, era considerada uma boa e edificante atividade. As antologias refletiam passagens meditadas, normalmente interiorizadas, que passavam a integrar suas discussões espirituais e, possivelmente, também sua pregação. A esse respeito, cf. J. HULS, “The Use of Scripture in *The Imitation of Christ* by Thomas a Kempis”, *Acta Theologica Supplementum* 8 (2006), 63-83, p. 64; e N. STAUBACH, *art. cit.*, 212-228.

[28] Por exemplo, na península Itálica, Catarina de Sena claramente pede uma reforma das instituições eclesiásticas (cf. nosso “Catarina de Sena e suas cartas”, em SANTA CATARINA DE SENA, *Cartas completas*, São Paulo: Paulus, 2016, p. 10-11).

[29] Vale assinalar que, embora procissões e peregrinações, não poucas vezes então ligadas a indulgências – não raramente dispendiosas em seu preço terreno –, tenham recebido fortes críticas por parte de membros do movimento, não se questionava a teologia subjacente a tais práticas, mas seu efetivo valor espiritual para o indivíduo sem efetivo envolvimento interior. Isso não significa que tal valor não existisse – ou não exista –, mas, comparativamente, é compreensível que, para um movimento cuja característica é a espiritualidade da intimidade pessoal, atos exteriores coletivos de devoção sejam considerados inferiores.

[30] Os séculos XIV e XV são marcados por guerras, cismas, a peste negra... Circunstâncias em meio às quais ritos para aplacar a ira divina e “vencer” medos humanos multiplicavam-se, não raramente sem grande envolvimento interior – o que era perceptível na decadência moral. O leitor encontrará considerações sobre o contexto histórico da *Devotio moderna* na literatura indicada acerca desta última (acima, p. 45, n. 24).

[31] Paris: Les Éditions de Minuit (Paradoxe), 2017.

[32] Ver p. 24.

[33] “Na realidade, o conceito [de imitação] – que naturalmente não remonta a Platão, mas é muito mais antigo, e remonta, talvez, às primeiras reflexões sobre a origem e a essência da música – pertence à mentalidade do homem grego da idade clássica, onde o homem, sujeito à natureza, é sua expressão e não seu criador, e, assim, longe de ser emanção da consciência humana, a natureza não pode senão ser imitada” (G. VALE, “La rappresentazione oltre la realtà. Mimesis e conoscenza teoretica nella teoria poetica aristotelica”, *Metábasis: Filosofia e Comunicazione* 17 (2014), 89-121, p. 91, n. 6, tradução nossa).

[34] Cf. *Republica* X. “[A] *mimesis* é condenada [por Platão] não enquanto *mimesis*, mas enquanto *mimesis* distante do verdadeiro” (L. PALUMBO, Μίμησις: *rapresentazione, teatro e mondo nei Dialoghi di Platone e nella Poetica di Aristotele*, Napoli: Loffredo [Skepsis], 2008, 262). Ainda que as omitamos – não é o caso de apresentá-las aqui –, não ignoramos uma série de questões implicadas na interpretação da *mimesis* em Platão e em Aristóteles, nem a discussão da tradução do termo em representação, em vez de imitação, e outras questões de estética, que os interessados facilmente encontrarão em bons dicionários e enciclopédias de filosofia.

[35] Cf. L. PALUMBO, *op. cit.*, particularmente p. 263-279, 356-364 e 413-432. Especificamente quanto à educação, veja-se M. C. S. SCALDAFERRO, “Mímesis, Paideia e Política”, *Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação* 2/3 (2010), 31-48, particularmente p. 35-43.

[36] Cf. *Poetica* IV, 1448b 4-20. Diversamente de Platão, para Aristóteles a imitação é um modo de conhecer quando da imagem se conhece o original, do qual a imagem é identidade (cf. L. PALUMBO, *op. cit.*, p. 505-507, n. 57 e 58; para a *mímēsis* em Aristóteles, vejam-se p. 488-543). Sobre qual seja esse conhecimento, veja-se G. VALE, *art. cit.*, p. 93-115).

[37] Com, parece ser, uma única exceção para a psicanálise – Eugenio Gaddini –, que preferiu não tratar de imitação (cf. F. BELLOTTI, “Imitazione: una parola scomoda per la psicanalisi”, *Aperture: Rivista di cultura, arte e filosofia* 11-12 [2001] 75-79; todo o referido volume, intitulado *Mimesi. Imitazione, finzione, menzogna*, é, supérfluo dizê-lo, dedicado à questão da imitação). Veja-se também C. CATTANEO, “Imitazione e intersoggettività originaria”, *Metábasis: Filosofia e Comunicazione* 10 (2010) 1-16.

[38] M. E. GIERING e M. TEIXEIRA (orgs.), *Investigando a linguagem em uso: estudos em linguística aplicada*, UNISINOS, 2004; M. B. J. RAMOS e E. T. FARIA (orgs.), *Aprender e Ensinar. Diferentes olhares e práticas*, EdIPUCRS, 2011.

[39] Cf. N. LAWTOO, *The Phantom of the Ego. Modernism and the Mimetic Unconscious*, Michigan State University Press (Studies in Violence, Mimesis, & Culture), 2013, p. 233-247, *passim*. Veja-se também, concentrado na exposição do pensamento árabe, Y. PATEL, *Muslim Distinction: Imitation and the Anxiety of Jewish, Christian, and Other influences*, tese, Duke University, 2012, p. 1-54 (*Introduction: The Mimetic Self*).

[40] E. CHAGAS, “Aspectos do desenvolvimento neuropsicológico e a prática educativa”, em M. B. J. RAMOS e E. T. FARIA (orgs.), *op. cit.*, p. 58-75, p. 61-62. Cf. também C. CATTANEO, *art. cit.*, p. 7-10; M. E. GIERING e M. TEIXEIRA, *op. cit.*, p. 23ss.

[41] Cf. N. LAWTOO, “Violence and the Mimetic Unconscious (Part One). The Cathartic Hypothesis: Aristotle, Freud, Girard”, *Contagion: Journal of Violence, Mimesis, and Culture* 25 (2018), 159-192.

[42] Cf. C. CATTANEO, *art. cit.*, p. 1-3.

[43] Texto em que a comunidade é exortada a lembrar-se de seus líderes e a imitar sua fé.

[44] Mas também os Evangelhos parecem ser propostos para imitação de Cristo; cf. D. B. CAPES, “*Imitatio Christi* and the Gospel Genre”, *Bulletin for Biblical Research* 13/1 (2003), 1-19, p. 14-19.

[45] ⁴⁵ O texto, na verdade, propõe a forma negativa, o que não imitar, exortando a evitar qualquer tipo de mal: “μη μιμοῦ τὸ κακὸν ἀλλὰ τὸ ἀγαθόν”.

[46] Cf. P. E. PUYOL, *La doctrine du livre De Imitatione Christi*, Paris: V. Retaux, 1898²; P. DEBONGNIE, “Les thèmes de l’Imitation de Jésus-Christ”,

Revue d'Histoire Ecclésiastique 36 (1940), 289-344; A. AMPE, “Le livre et l’auteur”, *sub voce* “Imitatio Christi, I”, em *Dictionnaire de Spiritualité, Ascétique et Mystique*, vol. 7, 1971, 2338-2355; B. SPAAPEN, “Doctrine spirituelle”, *sub voce* “Imitatio Christi, II”, em *Ibid.*, 2355-2368. Vejam-se também J. HUIJBEN e P. DEBONGNIE, *op. cit.*; A. AMPE, SJ, *L’Imitation de Jésus-Christ et son auteur. Réflexions critiques*, Roma: Edizioni di Storia e Letteratura (Sussidi Eruditi 25), 1973, p. 16ss.

[47] Embora tenha tido outros títulos, como *A restauração do homem*, *Conselhos úteis para a vida espiritual*, *A perfeita filosofia da alma* e até mesmo *A música sacra* etc. (T. LUPO, *De imitatione Christi*, p. XX-XXI).

[48] F. BARBIER, “Quelques observations sur les origines d’un succès européen”, em M. DELAVEAU e Y. SORDET (dir.), *Édition et diffusion de l’Imitation de Jésus-Christ (1470-1800). Études et catalogue collectif des fonds conservés*, Paris: Bibliothèque nationale de France, 2011, p. 35-51, p. 42. Há, contudo, quem defenda sua circulação como texto unitário desde o início; cf. P. BONARDI e T. LUPO, *L’imitazione di Cristo e il suo autore*, 2 vol., Torino: SEI: 1964, vol. 1, p. 15-19.

[49] *Grosso modo*, as três vias são um percurso gradual de ascensão a Deus, em que a terceira corresponde à união mística. A via purgativa, fundamentalmente de oração e penitência, é, para os iniciantes na vida espiritual, de empenho de purificação do coração e mortificação das paixões. Via iluminativa é aquela em que, tendo feito progresso, a vida, fundamentalmente com a oração afetiva diligente, o começo da prática da perfeição moral e o desenvolvimento das virtudes teologais, reflete a luz do próprio Cristo. Via unitiva é aquela parte do percurso em que a união com Deus é tão habitual e íntima que amante e amado são um no mais elevado grau da caridade – não ainda, certamente, com a estabilidade própria da eternidade.

[50] G. SUBOTIC, “*De imitatione Christi*: Étude de l’édition de 1691”, *LuRens: Lumières et Renaissance. Littérature du XVII^e siècle*, 2010-2011, p. 1-17, sugere (p. 14) que a inversão entre os livros 3 e 4 tenha por objetivo preparar o ser humano unido ao Santíssimo sacramento para voltar à vida temporal, a seu dia a dia, onde, intimamente unido a Deus, deve continuar suas obrigações para com Deus, interrogando constantemente sua consciência, duvidando sempre de si mesmo, ouvindo-o sempre. Subotic parece depender de R. van DIJK, “De Navolging van Christus als concept voor de geestelijke weg. De relevante plaats van het derde en vierde boek”, *Ons Geestelijk Erf* 77 (2003) 43-92, que considerara que a eucaristia não é o fim da união com Deus, mas um meio para isso. A quem subscreve estas páginas, tal proposta não parece privada de sentido, se se considera a obra como unidade progressiva.

Corresponderia essa hipótese à intenção – editorial ou autoral? – de Kempis em seu autógrafo?

[51] Exemplar evidente de uma obra com tal origem é o *De imitatione Mariae*, composto das pregações marianas de Tomás Kempis, cuja primeira publicação completa e sistemática foi editada pelos padres montfortinos L. Locatelli e B. Ferragamo, THOMAS A KEMPIS, *De imitatione Mariae (ex operibus Thomae a Kempis)*, Roma: Editiones Montfortanae, 1955, preparada a partir da edição crítica de Pohl (*ibid.*, “Praefatio”, p. 5-10, p. 8, n. 1; a edição crítica de Pohl é indicada acima, p. 43s., n. 18). Seu precedente mais antigo, e talvez mais conhecido, parece ser de S. SAILER, *Kempensis Marianus sive Libelli duo De Imitatione Mariae Virginis*, Augsburg: Rieger, 1768, com cinquenta e dois capítulos (publicado como *libellus unicus*, e somente 24 capítulos, em 1764), realizado a partir de um manuscrito com tais textos, o que revela que a tentativa de compilação dos textos marianos de Tomás é bastante anterior. Sobre a *Imitação* como obra desse gênero, cf. bibliografia acima, p. 44, n. 19, e p. 46, n. 27. Na apresentação da estrutura da obra, consideramos que o progresso espiritual tenha sido admitido, além de por outros, pelo editor da edição crítica. Pois, mesmo que os livros tenham circulado como independentes um do outro, não é impossível que o autor assim os tivesse idealizado.

[52] Contudo, se o livro IV ocupar o lugar do III, como no caso do autógrafo (cf. acima, p. 10 e sua n. 19), então a eucaristia é o mais excelente “lugar” de união a Cristo para, nutrido dele, imitá-lo e retornar eucarístico ao mundo, onde a imitação continua (cf. p. 50, n. 50).

[53] Talvez por isso Maria seja mencionada uma única vez na obra (IV, 17). É nessa direção que se deve entender mesmo a devoção aos santos, imitadores de Cristo (cf. III, 58) e intercessores (III, 58). Cf. também, por exemplo, I, 18-19; II, 10; III, 47.

[54] No início deste século, suas fontes escriturísticas foram computadas em quase 4 mil; cf. K.M. BECKER, *From the Treasure-house of Scripture: An Analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi*, Turnhout: Brepols (Instrumenta Patristica et Mediaevalia 44), 2002. Para como a Escritura é usada na obra, veja-se J. HULS, *art. cit.* A obra contém referências a outras fontes literárias – de Aristóteles a Geert Groote –, mas, mesmo quando se trata de santos como Agostinho e Bernardo, por exemplo, são, em relação às fontes escriturísticas, de número extremamente menor.

[55] Cf., por exemplo, I, 10-11; II, 5-6; III, 1; III, 38; III, 45; IV, 11.

[56] Cf., por exemplo, I, 12-13; I, 21-22; II, 9-12; III, 18-20; IV, 8.

[57] Cujas vidas deveriam ser exemplares (cf. IV, 2; IV, 11; IV, 5).

[58] M. (Bernard le Bovier) de FONTENELLE, “Vie de P. Corneille”, em *Chefs-d’Oeuvre de P. Corneille*, 4 vol., Paris: Pougin (Nouvelle Bibliothèque des Classiques Français), 1837, vol. 1, p. 15.

[59] J. van ENGEN, *Devotio Moderna: Basic Writings*, New York: Paulist Press (Classics of Western Spirituality), 1988, p. 7, tradução nossa.

[60] F. VANDENBROUCKE, “Perché non si legge più l’Imitazione di Cristo?”, *Concilium* 7 (1971) 1794-1803, p. 1798-1803.

[61] G. MUCCI, “Il libro dell’Imitazione di Cristo”, *La Civiltà Cattolica* 2 (2009), 139-144, p. 143-144, retoma as considerações de Vandenbroucke (cf. nota imediatamente precedente). Aqui, embora dependente do original de Vandenbroucke, e da reevocação de Mucci, inverte a ordem de abordagem – que passa a ser psicológica, sociológica, eclesiológica – e reelaboro-o com muita liberdade, particularmente à luz da seção *Quem tem medo da imitação?*

LIVRO I - A VIDA ESPIRITUAL

CAPÍTULO 1 - A IMITAÇÃO DE CRISTO E O DESPREZO DO MUNDO E DE TODAS AS SUAS VAIDADES

[1] No sentido de “inteligência” ou entendimento capaz de penetrar-lhe o sentido.

[2] Ponto que falta nos principais manuscritos.

CAPÍTULO 2 - O HUMILDE CONHECIMENTO DE SI PRÓPRIO

[3] Aristóteles, *Metaph.* I, 1.

CAPÍTULO 3 - A DOCTRINA DA VERDADE

[4] O editor reconhece aqui um aceno à assim chamada controvérsia dos universais, que ocupou as várias correntes filosóficas dos séculos XI e XII, e cuja ressonância chegaria ao século XIII.

CAPÍTULO 5 - A LEITURA DAS SANTAS ESCRITURAS

[5] Cf. Guilherme de Saint-Thierry, *Epistola ad fratres de monte Dei*, cap. 10.

[6] As referências aos Salmos fazem-se, na presente tradução, de acordo com a numeração litúrgica tradicional da Igreja

Católica, tomada da antiga Vulgata, ainda que a Nova, seguida pelo editor, dê preferência à numeração hebraica.

CAPÍTULO 10 - A SUPERFLUIDADE DE PALAVRAS, ALGO A EVITAR-SE

[7] ... *devota spiritualium rerum collatio*. O editor observa que, no ambiente monástico medieval, eram muito lidas as *Collationes XXIV* de João Cassiano (ca. 360-435), fundador do mosteiro de São Vitor em Marselha. Tais textos se dedicavam à vida eremítica. Noutra de suas obras, *De institutis coenobiorum libri XII*, tratara, por sua vez, da vida cenobítica.

CAPÍTULO 13 - AS TENTAÇÕES, A QUE SE HÁ DE RESISTIR

[8] O editor encontra aqui um paralelo no texto de Eclo 9,11, segundo a versão da antiga Vulgata, em sua alusão aos “réprobos”.

[9] Ovídio, *Remedia amoris* II, 91: *Principiis obsta, sero medicina paratur*.

[10] São Gregório Magno, *Homilia XVI in Evangelia*.

CAPÍTULO 14 - O JUÍZO TEMERÁRIO, QUE SE HÁ DE EVITAR

[11] Cf. Aristóteles, *Ethica Nic.* III, 5; citado por Santo Tomás de Aquino, *S. Th.* I-II, 58, 5: *Qualis unusquisque est, talis finis videtur ei*.

CAPÍTULO 15 - AS OBRAS FEITAS POR CARIDADE

[12] Cf. São Gregório Magno, *Homilia V in Evangelia*: *Cor, non substantiam, Dominus pensat, nec quantum, sed ex quanto proferatur*.

CAPÍTULO 16 - O SOFRIMENTO DOS DEFEITOS DE OUTROS

[13] Cf. São Bento, *Regula monasteriorum* 28, 4-5.

CAPÍTULO 18 - OS EXEMPLOS DOS SANTOS PADRES

[14] Em referência aos assim chamados Padres do deserto, pioneiros da vida monástica.

[15] Cf. São Bento, *Regula monasteriorum* 73, 4-6.

CAPÍTULO 19 - OS EXERCÍCIOS DO BOM RELIGIOSO

[16] Cf. Guilherme de Saint-Thierry, *Epistola ad fratres de monte Dei* X, 29.

[17] Cf. São Bento, *Regula monasteriorum* 48, 1.

[18] *Ibid.*, *prologus*, 46.

CAPÍTULO 20 - O AMOR DA SOLIDÃO E DO SILÊNCIO

[19] Cf. Sêneca, *Ad Lucilium Epistolæ* I, 7; Pedro Cantor, *Verbum abbreviatum*, cap. 69: *Quoties inter homines fui, minor homo redii*. Trata-se, como observa o editor, de uma reminiscência de Sêneca colhida através de São Jerônimo, tal

como atesta Pedro Cantor e até mesmo um dos manuscritos da *Imitação*, que a atribui a um “dos santos Padres”.

CAPÍTULO 22 - A CONDIÇÃO DA MISÉRIA HUMANA

[20] Cf. São Bernardo, *De gratia et libero arbitrio* 9, 29.

CAPÍTULO 25 - A FERVOROSA EMENDA DE TODA A NOSSA VIDA

[21] Ordem monástica instituída por S. Bruno, no século XI.

[22] Ordem beneditina reformada, instituída no século XI.

[23] *De diversa religião*, isto é, de outras Ordens ou Congregações.

LIVRO II - A VIDA INTERIOR

CAPÍTULO 4 - A MENTE PURA E A INTENÇÃO SIMPLES

[1] Cf. Aristóteles, *Ethica Nic.* III, 5.

CAPÍTULO 6 - A ALEGRIA DA BOA CONSCIÊNCIA

[2] Cf. Santo Agostinho, *Confissões* X, 23, 33-34 *passim*.

[3] Ponto que falta nos principais manuscritos, sendo noutros anotado à margem, e cujo sentido aparecerá no terceiro livro desta obra (capítulo 50) em sentença atribuída a São Francisco de Assis.

CAPÍTULO 8 - A FAMILIAR AMIZADE DE JESUS

[4] Os exegetas modernos – observa o editor – distinguem Maria de Betânia de Maria Madalena.

[5] Cf. Santo Agostinho, *Cidade de Deus* XIX, 1.

CAPÍTULO 9 - A PRIVAÇÃO DE TODA CONSOLAÇÃO

[6] Cf. São Máximo de Turim, *Hom. I de S. Laurentio*.

[7] A palavra *temptatio*, na Bíblia, pode significar “prova” (cf. Gn 22,1). Os copistas que aqui a omitiram – conforme a conjectura do editor – teriam pensado que não se deve andar atrás de tentações no sentido estrito do termo.

[8] O editor observa que *gratiam et consolationem* funciona nesta passagem como hendíade – dois substantivos ligados por conjunção aditiva que expressam uma ideia só, no caso, a “graça da consolação”.

CAPÍTULO 10 - A GRATIDÃO PELA GRAÇA DE DEUS

[9] Os dois primeiros versos formam, na verdade, um só. O editor faz notar que alguns copistas os separaram, acrescentando neste ponto o imperativo *Pone te* (Dispõe-te...). Talvez tenham considerado excessivo – observa ele – afirmar que nascemos para carregar a cruz.

CAPÍTULO 11 - O PEQUENO NÚMERO DOS QUE AMAM A CRUZ

[10] Possível interpolação posterior.

CAPÍTULO 12 - O RÉGIO CAMINHO DA SANTA CRUZ

[11] Cf. Cícero, *De republica* VI, 3, 6; São Gregório Magno, *Hom. 37 in Evang.*

LIVRO III - A CONSOLAÇÃO INTERIOR

CAPÍTULO 4 - HÁ DE SE VIVER NA HUMILDADE E NA VERDADE DIANTE DE DEUS

[1] Cf. Oração pós-comunhão do segundo domingo do Advento, conforme a liturgia tradicional, dita hoje Forma extraordinária do Rito Romano: “...humildemente vos pedimos... que nos ensineis a desprezar as coisas terrenas e a amar as celestes” (*doceas nos terrena despiciere et amare caelestia*), cujo texto foi modificado e, na Forma ordinária, assim se apresenta atualmente, segundo a tradução oficial para o Brasil: “...nos ensineis a julgar com sabedoria os valores terrenos e colocar nossas esperanças nos bens eternos” e, segundo a tradução oficial para Portugal: “...nos ensineis a apreciar com sabedoria os bens da terra e a amar os bens do Céu” (*doceas nos terrena sapienter perpendere, et caelestibus inhaerere*).

CAPÍTULO 5 - O ADMIRÁVEL AFETO DO AMOR DIVINO

[2] Cf. Virgílio, *Ecloga* II, 68; Propércio, *Elegiae* II, 15^a, v. 30.

[3] Cf. Santo Agostinho, *Confissões* XII, 16, 23 (“Eu me retirarei ao santuário de minha alma para cantar a ti hinos de amor” – *et cantem tibi amatoria*).

[4] O editor observa que existe em Santa Catarina de Sena (*Diálogo*, 5) um pensamento semelhante à conclusão do presente verso: *Para quem cresce o amor, cresce a dor*.

CAPÍTULO 7 - HÁ DE SE OCULTAR A GRAÇA SOB A CUSTÓDIA DA HUMILDADE

[5] Cf. São Bento, *Regula monasteriorum*, prol., 46.

CAPÍTULO 9 - HÁ DE SE REFERIR TUDO A DEUS COMO A SEU ÚLTIMO FIM

[6] Cf. Santo Tomás de Aquino, *S. Th.* I-II, 21, 4, ad 3: *Totum quod homo est, et quod potest et habet, ordinandum est ad Deum* – é o que hoje se chama, como bem observa o editor, opção fundamental.

[7] Cf. Virgílio, *Ecloga* X, 69: *Omnia vincit amor*.

CAPÍTULO 10 - DOCE É SERVIR A DEUS, DESPREZANDO-SE O MUNDO

[8] O editor observa que algum manuscrito omitiu aqui o verbo “criar” porque, a rigor, não se pode dizer que Deus tenha criado os anjos para o serviço dos homens, por mais que os tenha ordenado a tal serviço na condição de anjos da guarda; no entanto, tendo-lhes confiado esse serviço, é possível dizer que os tenha criado também para isso.

CAPÍTULO 13 - A OBEDIÊNCIA DE UM SÚDITO HUMILDE A EXEMPLO DE JESUS CRISTO

[9] Cf. São Bernardo, *Homilia super «Missus est»*, 8.

CAPÍTULO 15 - COMO SE HÁ DE CONDUZIR ALGUÉM E DE FALAR EM TODA COISA QUE DESEJAR

[10] Cf. Salústio, *De coniuratione Catilinæ*, 20.

CAPÍTULO 20 - A CONFISSÃO DA PRÓPRIA DEBILIDADE E AS MISÉRIAS DESTA VIDA

[11] Cf. Cícero, *De re publica* VI, 3, 6.

CAPÍTULO 21 - EM DEUS SE HÁ DE DESCANSAR, POR SOBRE TODOS OS BENS E DONS

[12] Cf. Santo Agostinho, *Confissões* I, 1, 1.

[13] O editor opta pela lição: *præsto semper cum beatis spiritibus*, referida, como ele próprio observa, à pessoa que fala e deseja fazer-se presente à companhia dos espíritos bem-aventurados, sem deixar de ressaltar, no entanto, a lição mais comum, sem a preposição, *præsto semper beatis spiritibus*, referida aos deliciosos amplexos de que vinha falando e que estariam à disposição dos espíritos bem-aventurados.

CAPÍTULO 23 - QUATRO REALIDADES QUE SUSCITAM GRANDE PAZ

[14] *quomodo perfringam eas?* – Há manuscritos que, no lugar do objeto direto *eas*, feminino plural – em clara referência ao substantivo *cogitationes* (“pensamentos”) – que leva à tradução portuguesa aqui adotada, apresentam a variante *eam*, no singular, em referência à alma. Isso obrigaria a uma ligeira alteração na compreensão do valor semântico do verbo *perfringo*, aqui traduzido por “vencer” ou “superar”. Em se tratando do objeto direto “alma”, pois, a melhor tradução do verbo seria “quebrantar”, com as devidas adaptações textuais, “Como hei de quebrantar minh’alma?”, por exemplo.

[15] *et arcana sanctorum revelabo tibi* – O autor teve em mente, como observa o editor, o *Sancta Sanctorum* (o Santo dos Santos) do antigo Templo, que aqui se traduz por “santuário”. A variante *arcana secretorum* (“os arcanos/segredos dos segredos”) pode representar, sempre segundo o editor, uma tentativa de aproximação ao texto da antiga Vulgata, o qual, na nova Vulgata, foi modificado para *divitias occultas* (“riquezas escondidas”).

[16] *et abundantia laudis tuæ in sancta* – O editor tem a impressão de que aqui se faz referência à primeira parte do Templo, isto é, o Santo, tal como no verso 15 se aludira ao Santo dos Santos; e como ali se traduziu por “santuário”, optou-se aqui por “adro”. Há ainda a variante *aula*, que bem poderia traduzir-se por “pátio” ou “palácio”.

CAPÍTULO 24 - EVITAR A CURIOSA INQUIRIÇÃO DA VIDA ALHEIA

[17] Cf. Lucano, *Farsalia* I, 135.

CAPÍTULO 30 - O DIVINO AUXÍLIO, QUE SE HÁ DE PEDIR, E A CONFIANÇA EM RECUPERAR A GRAÇA

[18] No sentido de: *não te retire o meu favor*, segundo o teor do salmo.

CAPÍTULO 43 - CONTRA A CIÊNCIA VÃ E MUNDANA

[19] Cf. Oração sobre as oferendas, então chamada *Secreta*, do primeiro domingo do Advento, conforme a liturgia tradicional, dita hoje Forma extraordinária do Rito Romano: *Hæc sacra nos, Domine, potenti virtute mundatos, ad suum faciant puriores venire principium* (“Que estes dons sagrados, Senhor, façam-nos, uma vez purificados por poderosa virtude, chegar mais puros ao seu princípio”).

CAPÍTULO 45 - NÃO SE HÁ DE DAR CRÉDITO A TODOS E COMO SE CAI FACILMENTE POR PALAVRAS

[20] Ata do martírio de Santa Águeda. A referência a essa mártir siciliana faz

pensar, segundo as palavras do editor, na povoação de Santhià, comuna italiana da região do Piemonte, na província de Vercelli, cujo nome é uma contração de Sancta Agatha, padroeira do lugar.

[21] Cf. o provérbio *Iacula prævisa minus feriunt* (“os dardos previstos ferem menos”), já citado por São Gregório Magno (*XL Homiliarum in Evangelia* II, hom. 35, 1).

CAPÍTULO 49 - O DESEJO DA VIDA ETERNA E QUANTOS PRÊMIOS SE PROMETERAM AOS QUE LUTAM

[22] Cf. Severino Boécio, *De consolatione philosophiæ* III, prosa 2. Segundo a célebre definição deste autor, aqui recordada pelo editor, a bem-aventurança é *status omnium bonorum aggregatione perfectus*.

[23] Cf. São Bento, *Regula monasteriorum* 71, 1.

CAPÍTULO 50 - COMO O HOMEM DESOLADO DEVE ENTREGAR-SE NAS MÃOS DE DEUS

[24] Cf. São Boaventura, *Vita S. Francisci*, 6.

CAPÍTULO 53 - A GRAÇA NÃO SE UNE AOS QUE GOSTAM DO QUE É TERRENO

[25] Cf. São Gregório Magno, *Dialogi* II, 3.

CAPÍTULO 54 - OS DIVERSOS MOVIMENTOS DA NATUREZA E DA GRAÇA

[26] Cf. Aristóteles, *Ethica Nic.* I, 1; Horácio, *Ep. ad Pisones de arte poetica*, 25.

CAPÍTULO 55 - A CORRUPÇÃO DA NATUREZA E A EFICÁCIA DA GRAÇA DIVINA

[27] Cf. São Jerônimo, *Comment. in Ez.* I, 1, 10.

[28] Talvez uma reminiscência ovidiana (*Metamorfoses* VI, 20-21: *Video meliora proboque, deteriora sequor*), como aponta o editor.

[29] Cf. Coleta do décimo sexto domingo depois de Pentecostes, segundo a liturgia tradicional, dita hoje Forma extraordinária do Rito Romano, cujo texto foi recebido na íntegra pela liturgia pós-conciliar, dita Forma ordinária do Rito Romano, e figura como coleta do vigésimo oitavo domingo do Tempo Comum ou *per annum*.

CAPÍTULO 57 - NÃO SE ABATA DEMAIS O HOMEM QUANDO RESVALA EM ALGUNS DEFEITOS

[30] Parece que esta ênfase, ainda que a voz seja sempre a do Senhor e não

tenha mudado, se deva à solenização da fala ao modo de um juramento, no estilo bíblico, por exemplo, de Is 49,18.

[31] Segundo Dante Alighieri (*Paraíso* XXVI, 139-142), nossos primeiros pais permaneceram no paraíso terrestre por tão somente meia jornada. Quanto aos anjos seguidores de Lúcifer, não se sabe por quanto tempo tenham sido fiéis a Deus. Talvez por essa incerteza, observa o editor, um grupo de manuscritos teria omitido a frase: *que não permaneceram por muito tempo de pé*.

CAPÍTULO 58 - NÃO SE HÃO DE PERSCRUTAR AS REALIDADES MAIS ALTAS, NEM OS OCULTOS JUÍZOS DE DEUS

[32] Mero impulso de simpatia.

[33] Parece ser esta uma interpolação, desconectada quer do verso precedente, quer do subsequente, que combina em si, ao modo de um centão, o teor de duas passagens de Isaías (60,22 e 65,20), de caráter messiânico e escatológico.

LIVRO IV - EXORTAÇÃO DEVOTA À SAGRADA COMUNHÃO DO CORPO DE CRISTO

[1] Em palavras do editor, o título faz referência, antes de mais, ao proêmio, um mosaico de frases evangélicas que exortam à comunhão eucarística, mas também ao conteúdo geral de todo o presente livro, que, em grande medida, trata da comunhão eucarística. Enquanto o livro III falava da união mística da alma com Cristo por meio da oração, fala-se aqui da união mística que se obtém através da Eucaristia.

CAPÍTULO 1 - COM QUANTA DEVOÇÃO SE HÁ DE RECEBER O CRISTO

[2] Observa o editor que temos referências explícitas ao culto divino dos patriarcas (Gn 15,9-21; 28,16-19), às quais podemos acrescentar o código levítico de Moisés. Os profetas preocupavam-se mais com a ortodoxia do povo do que com o culto, que estava reservado aos sacerdotes.

CAPÍTULO 3 - É ÚTIL COMUNGAR COM FREQUÊNCIA

[3] Nesta frase, ressoa o Pregão pascal.

[4] *Impinguare esuriem* é imitação da expressão *spiritus pinguedinem* (a saciedade do espírito), que Santo Tomás emprega no Invitatório do ofício de *Corpus Christi*: *qui se manducantibus dat spiritus pinguedinem* (que dá aos que O comem a saciedade do espírito), segundo o texto que figura no breviário utilizado na assim chamada Forma extraordinária do Rito Romano.

CAPÍTULO 4 - MUITOS BENS SE CONCEDEM AOS QUE COMUNGAM DEVOTAMENTE

[5] Na terceira leitura do II Noturno de Matinas, no Ofício divino de *Corpus Christi*, segundo a Forma extraordinária do Rito Romano (segunda leitura do Ofício das Leituras da referida solenidade, na Forma ordinária), encontramos um vestígio do conceito aqui expresso: *Suavitatem denique huius Sacramenti nullus exprimere sufficit, per quod spiritualis dulcedo in suo fonte gustatur* – ou, na tradução oficial para o Brasil: “Ninguém seria capaz de expressar a suavidade deste Sacramento; nele se pode saborear a doçura espiritual em sua própria fonte”.

[6] O autor traz aqui a oração pós-comunhão do quarto domingo do Advento, retomada no domingo dentro da Oitava de *Corpus Christi* (segundo depois de Pentecostes), segundo a Forma extraordinária do Rito Romano (...*ut, cum frequentatione mysterii, crescat nostræ salutis effectus*). Na Forma ordinária, este texto se emprega como oração pós-comunhão do décimo quinto domingo do Tempo Comum ou *per annum*.

CAPÍTULO 5 - A DIGNIDADE DO SACRAMENTO E O ESTADO SACERDOTAL

[7] Cf. São Bento, *Regula monasteriorum* 62, 3.

[8] O editor nota aqui uma ressonância pastoral no pronome “seu”, omitido pela maioria dos copistas: o povo que lhe foi confiado.

[9] O autor aconselha o sacerdote a seguir os passos de Jesus, que carrega a cruz, meditando a *via crucis*, para caminhar com frequência sobre o rastro daquelas pegadas, ou seja, toda vez que tiver de enfrentar o sofrimento.

CAPÍTULO 10 - NÃO SE DEVE DEIXAR FACILMENTE A SAGRADA COMUNHÃO

[10] Pela regra religiosa.

CAPÍTULO 13 - A ALMA DEVOTA DEVE ALMEJAR DE TODO O CORAÇÃO UNIR-SE A CRISTO NO SACRAMENTO

[11] Ressonância da antífona ao *Magnificat* do ofício de *Corpus Christi*.